



SHADOWFAE

SHADOWFAE



ERICA HAYES

Em uma cidade infestada de fadas psicóticas e dirigida por um sádico vampiro mafioso, a vida como um súcubo sugador de almas raramente envolvia lingerie rendada, rapazes quentes ou sexo bom. Escravizada por um Lorde demônio, Jade deve gastar suas noites seduzindo gângsters vampiros e bandidos metamorfos. Após duzentos anos como um súcubo, ela almeja por liberdade e sonha em escapar de sua vida brutal de menina-troféu para os servos do inferno. Então, ela conhece Rajah, um íncubo que toca o seu coração e inebria os seus sentidos. Rajah divide o mesmo destino sombrio que ela, e anseia desesperadamente a liberdade. Mas a única maneira de Jade para romper seus vínculos é traindo Rajah – e amaldiçoar o único homem que ela amou numa vida de inferno.

1



A escura forma na cama não se mexeu. Eu movia devagar meus dedos formigantes sobre os lençóis de seda, tapetes macios e luxuosos debaixo de meus pés. Aspirei uma fresca colônia masculina e suor e isso me fez beber com empolgação. A janela francesa estava aberta, além das luzes brilhantes da cidade, uma cítrica brisa de verão provocou as cortinas de pálida renda. Elas foram levadas pela corrente de ar por sobre mim como o doce toque de um amante e eu queimei. Se eu não tivesse logo esse homem, eu ia passar a noite doente e arrependida. E eu nem sabia quem ele era.

Às vezes sentia-me tão barata.

Meu senhor demônio, Kane, chama isso de *arrebato*. Nossas vítimas, se vivessem tempo suficiente, chamariam isso de a coisa mais sexy que já viram, o que, naturalmente, é a questão. É mais fácil sugar a alma de alguém se sua atenção está em outro lugar. O único problema é que o *sucubus* é o equivalente a uma lavra de tesão e, francamente, é humilhante servir como um ghou¹ sedento de sexo para algum gordo gangster chauvinista ou sujo traficante de drogas de bastidores, apenas porque eles foram tolos o bastante para atravessar Kane e seus encantadores sócios, a família de crimes Valenti.

¹ O **ghoul** é um monstro folclórico associado com cemitérios e que consome carne humana, comumente classificado como morto-vivo. Geralmente é traduzido para o português brasileiro como carniçal. Resumindo para forma coloquial brasileira seria algo como Zumbi.

Mas é meu trabalho. Eu estou no encalço de Kane durante mil anos. Eu estava apenas feliz que ninguém poderia me ver neste momento.

Eu arrastei-me até ele, despertando minha essência para que ela fosse levada sobre ele como uma nuvem doce. O lençol escorregou de seu ombro maciço, exibindo o peito e inclinei-me para cheirar o pescoço mal barbeado, meu cabelo escovado seu rosto.

Ele não se mexeu.

O cheiro misterioso de sua pele fez-me gemer e passei minha língua ao longo de sua quente clavícula, desesperada para prová-lo. Meus peitos doíam quando os pressionei nele, só minha fina blusa nos separava.

Ele nem sequer piscou.

Eu arrastei meus dedos por seus cabelos lisos e sua cabeça caiu para o lado, flácida, nenhuma respiração forçando por sua boca frouxa.

Meu coração acelerado perdeu o ritmo. Eu atrapelei-me na mesa de cabeceira, ligando a luz ofuscante. Suas duras feições enterradas suavemente na morte, sua pele bronzeada já pálida.

Eu olhei. Eu conhecia aquele rabo de cavalo loiro, aquela boca implacável, os rígidos músculos construídos em uma academia. Eu dancei com ele, jantei com ele em Amatriciana e tomei vinho tinto no Valentino, tirei suas mãos grandes de minha bunda mais de uma vez. Nino Valenti. Gangster, chantagista, assassino múltiplo. Mão direita de Ange Valenti.

Kane enviou-me para matar um de seus próprios subordinados. E Nino já estava morto. Seus olhos vidrados brilhavam vazios, incolores, uma vez que seu estacionário azul estava drenado. Sem sangue, sem vômito, ou marcas em seu corpo.

Não foi um típico assassinato da máfia. Ele não estava drogado, baleado, estrangulado, envenenado. Alguém tinha sugado para fora sua alma. Eles derrotaram-me nisso.

Que diabos?

Sentei-me em meus joelhos, meu peito arfante, o desejo frustrado irradiando de mim como o calor do verão abafado. Morto. Mas ainda perfumado, ainda quente. O que significava... Minhas costas bateram com estrondo no colchão macio, o peso de um corpo rígido do sexo masculino entre minhas pernas pressionando-me para baixo. Fortes mãos agarraram meus pulsos, prendendo-os acima de minha cabeça, pedaços de meu cabelo puxados em suas garras.

— Lugar errado, hora errada, querida. — A voz era baixa, sem fôlego, uma pitada do exótico sotaque Hindi². Vislumbrei cabelos escuros emaranhados, um flash de olhos castanho-dourados, de pele marrom perfumada. Fresco desejo queimou em mim, minha respiração urgente queimando minha garganta, todo meu corpo tenso, desejando sexo.

O suor escorria em minha pele, correndo em meus cabelos e molhando minhas mãos. Eu não podia acreditar nisso. De tudo o que poderia acontecer comigo esta noite, eu nunca imaginei que eu iria acabar ofegante e com luxúria por Rajahni Seth.

Não que Rajah não fosse digno de algum grave ofego, junto com um grito e um *Oh Deus*, ou dois. Ele era o tipo de *incubus* que não precisava de encantamento para ter suas vítimas implorando para ele. Eu nunca tinha falado com ele antes. As palavras *fora de meu alcance* nem sequer se aproximavam.

² O **hindi** (ou **híndi**) é uma língua indo-ariana, derivada do sânscrito e falada por 70% dos indianos, principalmente no norte, centro e oeste da Índia. É parte de uma continuidade dialetal da família indo-ariana.

As palavras *você matou Nino Valenti*, no entanto, sim.

— Saia de cima de mim! — Eu chutei, contorcendo-me, mas só consegui pressioná-lo mais apertado entre minhas pernas, minha pequena saia subindo até o topo de minhas coxas. Ele não usava camisa e, à luz da lâmpada, sua tensa pele castanha brilhava, suor descendo pela curva dos músculos.

Ele torceu sua cabeça morena um pouco para trás então pôde me ver, escuros fios molhados caindo em seu rosto. A energia sexual fora dele brilhava em ondas, como uma névoa de calor, com os olhos brilhando de desejo, seus lábios entreabertos prontos e arrojados. Sua magia não me afetava, é claro. Um arrebatamento *incubus* não funciona em um *sucubus*³, ou vice versa, para esse assunto. Mas eu tinha trabalhado o suficiente já e também não poderia imaginar que a necessidade latente nos olhos dele e o bojo deliciosamente duro pressionando minha virilha não tinham nada a ver comigo.

— Jade? — Seus lábios pecaminosos formaram meu nome, acariciando como um beijo. — Jade do Kane?

Ele reconheceu-me. Minha boca encheu-se de água. Deus, ainda bem que eu estava de calcinha ou eu estaria fazendo uma bagunça em seu jeans. Então, novamente, se eu não estivesse usando, eu poderia abrir seu zíper, apertar-me sobre ele e fazer algo sobre este desperdício de arrebatamento que me fazia doer.

Por sua própria iniciativa, minha perna enrolou ao redor de suas coxas, forçando, prazer aflorando perante a pressão. — Bem observado, gênio. Você vai sair de cima de mim?

³ De acordo com a lenda medieval, **Incubus** são demônios masculinos que afetam as mulheres e **Sucubus** são demônios femininos que afetam os homens. Ambos sempre agem à noite enquanto suas vítimas dormem, sugando suas forças vitais através do ato sexual e possuem uma aparência sedutora de acordo com o padrão de beleza da época.

Seus dedos apertaram em meus pulsos e ele afundou-se contra mim com um pequeno gemido indefeso, mas seus olhos brilharam com divertimento, bem como a luxúria. — Tem certeza de que você quer isso? Eu poderia sair de você, se você quiser.

A raiva ferveu meu desejo, embora o pensamento dele empurrando-se dentro de mim, explodindo profundamente dentro de mim com os lábios nos meus, fez-me hesitar com o desejo. De jeito nenhum ele iria usar-me para seus joguinhos, mesmo que ele fosse uma merda de fantasia secreta guardada. — Dê um descanso, Seth. Aquilo é um corpo morto, no caso de você não ter notado.

Seus lábios pairaram sobre os meus por um instante de parar o coração, mas antes que eu pudesse deslizar minha língua para fora para prová-lo, ele rolou de cima de mim e levantou-se, andou, passando as tensas mãos através de seu cabelo.

Eu sentei-me, fúria substituindo meu pesar. — O que você está aprontando, usando um Valenti para seu sustento? Kane vai comer seu rabo.

Mas não pude deixar de assistir enquanto ele encontrava sua camisa e colocava-a. Com certeza construíram suas belezas em Lahore⁴ do século XVII, ou de qualquer inferno de onde ele fosse. Fechos escuros emaranhados em seu colar, a boca sensual trêmula, o nariz perfeito, o queixo forte, maçãs do rosto bem pronunciadas. Pernas longas e musculosas em um suave jeans preto, bunda dura implorando para ser apertada com as duas mãos, enquanto ele me fodia. Ampla pulseira dourada de escravo, mais espessa do que a minha, brilhando forte em seus braços. Ele moveu-se com uma graça bruta, seus movimentos rápidos e tensos, enquanto ele lutava para conter seu arrebatamento – encharcado de luxúria.

⁴ **Lahore** está situada às margens do Ravi, um afluente do Rio Indo e é a capital e maior província do Punjab, no Paquistão.

Ele recuperou sua garrafa gravada em bronze – interceptação de almas – do tapete e pendurou-a na frente de meus olhos, chacoalhando-a para que eu pudesse ver pelo peso que estava cheia. — Ordens de Kane. Não perguntei, eu apenas fodi.

O que explicava o estado em que ele estava. Ele não tinha consumido a energia de Nino, mas prendido-a e ele obviamente ignorava a regra número um de interceptação de almas: Não deixe que sua vítima venha em primeiro lugar. Eu nunca imaginei que Rajah atirasse para os dois lados. Talvez ele não fizesse, mas a palavra de Kane era lei. Eu simpatizava. Da mesma forma, meu sexo doía só de pensar em um triplo.

Eu mexi em cima da cama, puxando minha úmida saia para baixo, sobre minhas expostas coxas. — Sim, eu ouvi isso de você.

Ele deu um malicioso sorriso e sussurrou como um gato, imitando impressionantes garras. — Não há necessidade de ser desagradável. Eu ofereci. — Seu sorriso ficou abafado. — Certeza que você não está tentada?

Meu coração disparou. Oh, eu estava tentada, tudo bem.

Eu esforcei-me para manter minha mente nas perguntas. O que Kane quer com a alma de seu próprio subordinado? Ele tê-lo-ia logo de qualquer maneira. E por que ele mandou dois de nós para fazer a mesma coisa?

Mas Rajah era sombrio, o aroma picante envolveu-me como uma doce névoa, meu êxtase cegando-me a tudo, exceto ele, seus olhos, seus perversos cílios pretos, o pulso pulsando em sua garganta, aquela boca insultante feita para o prazer...

Eu aproximei-me. Ele aproximou-se. Deixou cair a garrafa de interceptação de almas, com uma batida suave, e passou os dedos em meus cabelos, torcendo, deslizando mais profundo. Meus seios

encostaram-se a seu peito, meus mamilos tão duros, o prazer doía. Eu deslizei minhas mãos sobre seus quadris para sua firme e linda bunda e puxei-o contra mim. Ele estava duro, pulsando, tão pronto e umidade deslizou de mim, manchando minha saia, pintando o interior de minhas coxas com a quente necessidade.

Nós dois gememos, o ar que nos rodeava cintilava. Rapidamente seus quentes dedos procuraram a bainha de minha saia, puxando-a para cima. Ele esfregou minha garganta, seus lábios firmes e insistentes, sua experiente língua fazendo-me tremer. — Jade, — ele respirou, sua voz grossa com luxúria, — Eu nunca soube que você era tão linda.

Uma fria humilhação tomou conta de mim, estragando sua gloriosa carícia. Ele nunca me viu antes. O que eu estava pensando? Ele era Rajahni Seth, o mais quente *incubus* em Melbourne, que tinha qualquer mulher que quisesse com um único olhar sensual desses encantadores olhos. E lá estava eu.

Magrela, cabelo desarrumado e que gagueja às vezes. Certamente nada bonita ou interessante. Não era como se nós pudéssemos ter um relacionamento, não na nossa linha de trabalho, mesmo que eu não fosse a mulher mais chata do mundo e muito abaixo de seus padrões que mesmo um olhar dele fosse uma caridade. Então faríamos sexo em uma nuvem de arrebatamento, o que seria magnífico, e eu seria infeliz pelos próximos seiscentos anos, ansiando por ele. E ele esqueceria-se de mim, nos encontraríamos na rua ou em um bar e sorriríamos constrangidos e desviaríamos o olhar e ele riria com seus amigos sobre como uma vez eu estava tão desesperada que ele teve que transar comigo.

— Isso é uma péssima ideia, — eu sussurrei, tentando afastá-lo embora meu corpo ainda doesse por ele libertar-me, minhas mãos

traíçoeras ainda querendo explorá-lo, agradá-lo. — Eu nem mesmo te conheço.

Ele parou, os lábios molhados em meu pescoço. — Você está falando sério? A maioria das mulheres não quer.

Agora eu o afastei de mim, minhas mãos tremendo, com mais fúria do que com desejo. — Eu deveria sentir pena por você? Só saia daqui antes...

Punhos bateram com estrondo na porta do apartamento. — Polícia, abra!

Antes que alguém nos encontre aqui.

Tarde demais.

Por alguns segundos, os lábios de Rajah estavam se esfregando nos meus, ferozmente, excitadamente, nossos dentes chocando-se em um beijo selvagem. — Alguma outra hora, princesa, — ele respirou e desapareceu.

Eu tropecei no espaço onde ele estava, o sabor picante de gengibre ainda ardendo em minha boca.

Jesus. Ele havia desaparecido. Eu não podia fazer isso. Como ele fez isso?

Xinguei e vasculhei o tapete, mas o frasco de interceptação de almas tinha ido embora. Ele tinha levado com ele. Deixando-me com os policiais e um corpo Valenti morto em um quarto que cheirava a sexo e um inexplicável trecho molhado em minha saia.

No telhado, Rajahni Seth inclina-se, enganchando o cotovelo em uma decoração de ferro forjado e assistindo aos policiais prendendo Jade na parte traseira de um Holden⁵ azul e branco

⁵ Holden – é uma marca de automóveis australiana pertencente à General Motors.

estacionado na fila dupla da rua abaixo. Outros motoristas reduziram a velocidade enquanto passavam, xeretando, e um bonde de prata reluzente passou fazendo barulho no meio da rua, fios brilhando, luzes brilhantes, vazando de janelas quadradas advertindo Internet de banda larga.

A quente brisa de verão sussurra através do cabelo escuro de Rajah, encharcando-o com o cheiro do trovão, traçando provocantes dedos sobre sua pele quente. Um milhão de luzes neon da cidade de arranha-céus bloqueavam as estrelas, elas refletiam um brilhante laranja nas nuvens de tempestade. A garrafa de bronze queimava em sua mão, a energia da alma fresca borbulhando em raiva dentro de seu novo confinamento e o pênis de Rajah apertava ainda mais enquanto ele pensava sobre o que isso significava. Um ponto, três para ir, e Rajah estará livre da escravidão de Kane para sempre. A lenda é verdadeira. Ele sabia disso. Ele até podia provar. Ele sentia isso na louca luta da alma em sua garrafa. Ele sentia isso queimando através de seu sangue.

Isso era absurdamente fácil de obter. Ele tinha visto a aura verde queimando, o que identificava Nino como seu alvo dias atrás e ele aguardou sua vez, contendo seu entusiasmo, ponderando suas chances. Nino queria desesperadamente ser hetero, isso era doloroso, e ter outro homem fazendo seu pênis ficar duro fê-lo brilhar com vergonha e ódio doentio. Uma vez que eles fizeram isso no apartamento esta noite depois de algumas horas observando Nino beber e olhando-o, Rajah fez o movimento e o rosto de Nino escureceu, ele puxou sua 45⁶, gritou que não era um gay fodido, que Seth poderia dar o fora de perto dele ou ele ia explodir sua bunda viada para o inferno.

⁶ 45 – arma calibre 45 (<http://www.topguntours.co.uk/Resources/Desert%20Eagle.jpg>)

Mas um pouco de fragrância de arrebatamento mudou tudo isso, arrastando o pobre garoto que chutava e xingava exatamente aonde ele queria ir. Nino tinha um cabelo bonito e um corpo esculpido profissionalmente, mesmo que ele fosse um homofóbico e um Neanderthal, Rajah apreciava a ideia de reclamar aquela bunda dura e longe de ser virgem, trabalhando dentro no calor e enfiando em Nino até o orgasmo. Mas Nino não podia esperar, ele começou a gozar antes de Rajah ter mais de um dedo dentro dele e depois já era tarde demais.

Mas isso não importava. Rajah tinha percebido que suas bolas doendo eram um pequeno preço a pagar por essa primeira alma especial. Talvez ele fosse até o Tribunal Unseelie na King Street e provocasse um desses graciosos e magros de cabelo azul que estavam sempre de olho nele, apenas para silenciar seus desenfreados arrebatamentos. E então Jade apareceu. Esbelta, olhos cor da pedra Jade, com sua boca sexy, lindos seios pequenos e estreitos, bunda perfeita. Sem maquiagem, unhas curtas, roupas simples, suaves cabelos escuros caindo em seu rosto como se ela não se incomodasse com isso.

Ele viu-a antes, ela é a garota troféu de Ange Valenti, mas ela sempre deixava cair seu olhar ou virara o rosto ou fingia não vê-lo. Suspeitou de sua boa aparência, tinha cuidado com sua reputação. Uma mulher de classe como esta, provavelmente pensou que ele fosse um puto e um artista de ocasião. Ele nunca imaginou que teria sorte o bastante para ter seu flexível corpo esticado abaixo dele, sua pequena fenda molhada, quente e tentadora contra seu duro pênis, mesmo através de seu jeans. Yeah, baby. Isso o fez querer enchê-la, esticá-la, ouvi-la gritar seu nome. Ele observou o carro da polícia descer pela rua arborizada em direção ao rio e St. Kilda Road, ainda

olhou por muito tempo depois que ele se fora. Ela não o queria. Não realmente. Era apenas o arrebatamento, certo? De jeito nenhum ela iria querer um menino festeiro.

Claro, ele tinha sua quota de mulheres que não eram negócios, homens também. A maioria era fácil, cabeça de vento procurando por um divertimento, ou um escuro sabor de perigo. Não igual a ela. *Eu nem mesmo te conheço*, ela disse. Como se ela algum dia quisesse. Ele imaginava como isso seria e alguma parte de seu coração, frio como um diamante amoleceu.

Mas ele não podia deixar nada distrai-lo, não agora. Ele esperou séculos por esta oportunidade e não a iria jogar fora porque uma pequena e sexy menininha deixou seu pau duro. Realmente duro. Não conseguia andar de tão duro. Talvez ele vá descobrir aquela Banshee⁷, afinal. Mas, primeiro, esconderia essa alma longe, onde nem mesmo ele pudesse alcançar apenas no caso.

Rajah afastou-se com um estiramento e um suspiro, seus dedos apertando ao redor da garrafa de interceptação de almas que tremia. Apenas arrebatamento. Apenas uma pequena e doce *sucubus* envergonhada por sua luxúria. Imagine isso.

2

⁷ Banshee é um ente fantástico da [mitologia celta \(Irlanda\)](#) que é conhecida como *Bean Nighe* na mitologia [escocesa](#). O termo origina-se do [irlandês](#) arcaico "*Ben Side*", pelo irlandês moderno "*Bean sídhe*" ou "*bean sí*", significando algo como "*fada mulher*" (onde *Bean* significa *mulher*, e *Sídhe*, que é a forma possessiva de *fada*). As **Banshee** provêm da família das fadas, e são a forma mais obscura delas. Quando alguém avistava uma Banshee sabia logo que seu fim estava próximo: os dias restantes de sua vida podiam ser contados pelos gritos da Banshee: cada grito era um dia de vida e, se apenas um grito fosse ouvido, naquela mesma noite estaria morto



— Isso é besteira. — Olhei para as fotos novamente, tragando meu cigarro. Fumaça de menta queimou minha garganta e eu tossi. Eu não fumo, não mais, mas alguma coisa sobre o posto policial de St. Kilda Road deixou-me nervosa.

Meu reflexo no espelho de uma via⁸ da sala de interrogatório mostrou-me debruçada sobre a cadeira de aço, meu cabelo desgrenhado, manchas escuras de suor manchando minha apertada blusa cinza, minha pequena saia branca manchada. Minha pele brilhava doentamente, meus lábios secos, a mão segurando o cigarro tremendo. Os círculos sob os olhos destacavam-se como maquiagem de palco, fazendo meus olhos azuis mais escuros do que eram. Eu acalmei-me uma hora atrás, mas todo esse arrebatamento não correspondido estava sendo um preço muito alto a pagar. Eu precisava de energia e eu parecia um viciado em situação crítica. Não é um ato de classe.

As luzes fluorescentes pareciam demasiadamente brilhantes e o ar-condicionado zumbia como um inseto enfurecido, enlouquecedor. Estremeci. Estava muito frio aqui e minha pegajosa pele estava arrepiada, o mau cheiro do arrebatamento que pulverizava o ar fazia arder meus olhos.

— Olhe para as malditas fotos, Jade. — O homem sentado a minha frente na mesa de alumínio trouxe seu próprio cigarro, a corrente de ouro brilhando em meio ao cabelo escuro em seu pulso forte. Ele deixou as cinzas caírem no chão enquanto escovava uma

⁸ Um espelho de duas vias (também, chamado de espelho ou vidro one-way) é um espelho que é parcialmente reflexivo e parcialmente transparente. Quando um lado do espelho é bem iluminado e outro escuro, ele permite a visualização do lado sombrio, mas não vice-versa.

mancha imaginária fora da manga do caro terno cinza. Sargento Detetive Killian Quinn, especialista em Homicídio paranormal de Melbourne. Camisa preta, sem gravata, o suor brilhando nos cachos castanhos, correntes de ouro entrelaçadas ao redor de seu grosso pescoço. Olhos marrom pálidos, inexpressivos e duros como um animal. Astuto, bonito, mais rápido do que uma picada de cobra.

Ele é também o policial corrupto mais sinuoso da cidade. Infelizmente, ele está na folha de pagamento do DiLuca, não do Valenti, e ele olhava para mim com um sorriso debochado, o ódio sexual de um homem que nunca sai com a mesma garota duas vezes. Se há uma coisa em especial que faz meus nervos ferverem sobre o St. Kilda Road é estar sozinha em uma sala fria e branca com Quinn.

— Isso não tem nada a ver comigo, — disse novamente, empurrando as fotos para longe, meu estômago virando. Eu não sabia por que ele mostrou-as para mim, a não ser para deixar-me desconfortável. Uma fada do fogo morta vista de perto, membros emaranhados erradamente no chão de algum fundo de beco, suas delicadas asas carmim flácidas e pisoteadas, cristais sujos de gelo em seu cabelo branco flutuante. Uma fada, sem vida, a cabeça flexível jogada para trás, pele pálida drenada, sangue azul gotejando do canto de sua boca morta. Ninguém que eu conhecesse. Aquele cabelo verde pálido, nariz agudo pareciam familiares. Talvez eu a vira nas festas da casa de Kane uma vez ou duas, uma daquelas tietes de demônio que flertam e batem os cílios de arco íris para ele e aprendem tarde demais no que elas estavam se metendo.

Eu conhecia a fada do fogo, também, agora que eu pensei a respeito. Uma noite dessas, no bar do outro lado do Valentino. Sylvain, Silver, algo assim, um dos mensageiros de Ange. Ele deslizou centelhas douradas de fadas dentro de minha bebida para

uma piada espertalhona e eu passei as próximas horas dando risadinhas e soprando bolhas em meu champanhe. Inofensivo o suficiente, eu não sabia por que alguém iria querer matá-lo.

Havia mais fotos, mas o desconforto dava pontadas em minha pulsação e eu não queria olhar. O Detetive Quinn estava somente me atiçando para ver se eu gritaria. Eu terminei o cigarro e joguei a ponta fora.

— Você está desperdiçando meu tempo, Quinn. Pergunte-me sobre Nino Valenti. Foi por isso que você me prendeu. Não para olhar para sua coleção pornô.

O policial de uniforme azul em pé à vontade na porta — presumidamente para ter certeza de que Quinn não arrancaria minhas tripas, ou talvez para ajudá-lo — escondeu um sorriso. A maioria dos outros tiras acha que Quinn está delirando, com seus contos de traficantes de drogas mágicos e gangsteres sugadores de sangue e *succubus* roubadores de alma. Por sorte nossa, eles não o levavam a sério.

Quinn inclinou-se para frente, os cotovelos na mesa, e eu senti o cheiro de tabaco e suor metálico. Ele ofereceu outra foto, esta de Nino nu na cama.

— Vamos olhar para a sua, então. Você fez esse cair no sono?
— Um arranhado de sotaque irlandês alongava suas vogais.

Segunda regra de interceptação de almas: não conte nada aos tiras. Se Kane queria Nino morto, aquilo era problema de Kane. E o constrangimento ainda me queimava quando eu pensava em Rajahni Seth. Não o mencionaria de jeito nenhum.

— Eu lhe disse, ele estava morto quando cheguei lá. Eu não vi ninguém. Eu nem mesmo o toquei. Pelo que você vai me prender, tentativa de trepada?

— Sem feridas, sem drogas, exceto álcool. Evidência de relações sexuais. Olhos drenados de cor. Algo familiar? — Quinn bufou, arrastou seu cigarro e soprou a fumaça para cima, tenso. Seu olhar brilhante tremeluziu, os dedos apertados tamborilando na beirada da mesa.

Ele era um louco viciado em anfetamina, mas ele não era burro. Ele sabia como o arrebatamento funcionava.

— Não fui eu. Eu falei-te. Jesus, eu pareço ser alguém que teve alguma ação quente esta noite? — Eu apontei para meu rosto pálido e lábios descascando.

— Não olhe como se alguma vez você já tivesse dado para mim, sua puta fria. — Ele disse com uma insolência estudada, saboreando-a. Eu não sei por que Quinn odiava-me. Agora, eu não me importava. Ele bateu em mim uma vez, meses atrás, e eu ri dele. Talvez ele simplesmente não estivesse transando o suficiente.

— Está escutando, Policial? O detetive Quinn fez-me uma proposta sexual. Isso não é ilegal?

Quinn não se virou, não moveu seu olhar faminto do meu. — Deixe-nos.

— O policial mexeu-se. — Chefe, talvez você deva...

—Eu disse para sair. — Os dedos grossos do Quinn amassaram o pacote de cigarros, amarrotando-o. Vontade e nojo fizeram um turbilhão em seus olhos. Um pequeno filete de sangue escapou de seu nariz. Suor gotejou de sua testa, seu queixo tremendo. O policial fez uma saída rápida e a porta de aço bateu. Merda. Era muito esperar que alguém assistisse por detrás desse espelho de via única?

— Olhe, Detetive, sinto muito que eu não possa te ajudar. Eu realmente não sei de nada...

— Cale a boca. — Ele empurrou-se aos pés e moveu-se rapidamente atrás de mim. Eu tentei virar, para segui-lo, mas ele fechou a mão enorme em meu ombro e empurrou-me para baixo em meu lugar, o metal afiado enterrando-se em minhas costas.

— Tire suas mãos sujas de cima de mim. — Eu tentei derrapar para fora, meus saltos escorregando no chão liso.

Ele segurou, contundindo minha clavícula. — Você é nojenta. Você e toda sua estúpida e estranha tripulação. Quanto tempo ele ficaria duro depois de bebê-lo? O suficiente para você sair?

— Você é um psicopata do caralho. — Eu contorci-me, mas ele segurou meu pescoço com ambas as mãos, apertando os polegares duros em minha espinha. Um fino fio gélido de medo pinicou-me.

Ele inclinou-se sobre mim, seu hálito quente e úmido em meu ombro, seu suor açucarado fedendo.

— Qual é a sensação de foder um homem morto? Eu acho que você já sabe, uma vez que você está fodendo Ange Valenti, também. Você está fazendo toda a família agora?

Meu estômago revirou e um calor horrível subiu sobre minha pele. Humilhação sacudiu-me. Eu queria um cigarro. Eu queria ficar longe de Quinn, seu hálito quente, olhos lascivos e sorriso odioso. Longe de todos os homens que assumiam que uma *succubus* não era melhor do que uma prostituta barata, homens que não sabiam nada de escuridão ou o arrebatamento ou o deslizar doce do comando de um lorde demônio em seu sangue.

Eu bati a perna da cadeira para trás em sua canela e ele gritou e deixou-me ir. Eu surgi para enfrentá-lo, raiva queimando em meu coração, brandindo a cadeira entre nós para defender-me dele. — Sim, — eu inventei para provocá-lo. — Todos eles. Eu abro minhas pernas na mesa da cozinha de Valentino e todo o lote deles me

comem um por um. Dois ou três de uma vez, se eles quiserem assim. Eu tomo em qualquer lugar.

— Puta suja. — Uma faísca doente acendeu em seus olhos e ele engoliu, o rosto retorcido em fúria. Seus dedos contorciam-se como se ele desejasse agarrar-me e um escudo verde escuro e sujo brilhava iluminado a seu redor, translúcido, como uma aura.

Eu hesitei. Que diabos era isso?

Mas eu não tinha espaço para preocupar-me com isso. Eu toquei a cadeira no chão e inclinei-me sobre ele, desafiando-o. — Inferno, eu vou foder todo mundo – mais morto, melhor. Mas eu nunca vou foder você, Killian. Eu não vou me rebaixar tanto.

Sangue brilhante escorria em seu lábio superior. Ele cheirou, rangendo os dentes, aquela aura verde estranha contorcendo-se. Ele puxou a 38 por debaixo de seu casaco e apontou-a, deslizando o dedo carinhosamente sobre o gatilho. — É mesmo? Talvez você devesse foder isso, sua puta tarada.

Meu coração parou, pedaços de um frio pavor pinicaram minhas veias. Eu imaginei o que ele gostaria de fazer com essa arma e afastei-me, meus nervos gritando para eu correr. Eu sou imortal, mais ou menos, mas eu não sou indestrutível. — Jesus, Quinn, não.

A porta entreabriu silenciosamente e antes que se abrisse totalmente, Quinn escondeu sua arma.

O alívio deslizou por mim como o álcool e eu detestei Quinn mais do que nunca. Virei-me, tremendo. — Eu estou satisfeito com ele, Constable. Ele nunca dura muito tempo...

Lábios vermelhos, enrolado em um sorriso vago. Rígidos olhos pretos emoldurados com cílios dourados, nítidos cabelos de coroinha da mesma cor metálica caindo em torno de uma mandíbula gentil e suave, bochechas arredondadas. Um terno preto com uma

gravata azul berrante, como se ele tivesse pisado dentro do escritório.

Minha pulseira de escravo formigava e calor picou até meus braços, enjoativo. Dentro de minha barriga, meu arrebatamento drogado e dormente enrolou-se contente e preguiçoso como uma cobra venenosa no sol. A pulseira sempre reconhece seu dono, não importa o quanto eu contorcesse-me e fugisse.

Kane olhou para mim, faíscas verdes dançavam divertidamente em seu cabelo. Meu coração ficou apertado, mas ao mesmo tempo, um calor, estranho e indesejável estremeceu através de meu sangue. Pela primeira vez, tive o prazer de vê-lo. Quinn voltou atrás, limpando uma mancha vermelha de seu nariz e olhou o guarda acoplado atrás de Kane com olhos ansiosos. — Desculpa, chefe, eu não pude...

— Killian Quinn. — A voz suave de Kane crepitava com frio e atrás dele uma lâmpada fluorescente quebrou, chovendo cacos de vidro. — Eu acredito que eu vou levar esta aqui.

— Claro. — Quinn engoliu, a estranha aura verde queimava. — Tudo o que você disser. Apenas trabalho, sem ressentimentos, ok?

Kane apenas olhou para ele, as unhas escurecidas.

O sangue do nariz de Quinn explodiu, pintando o peito da camisa de vermelho. Ele engasgou e cambaleou para trás, praguejando em bolhas de sangue. Inutilmente ele agachou-se, tentando parar o dilúvio com sua mão. Propagando uma poça escura no chão, gotas gordas pingando e o cheiro quente e acobreado emergiu, fresco e saboroso.

O guarda empalideceu, lançando um olhar para Kane. — Jesus. Vou pegar um pouco de gelo. Umm... Eespere aqui. — Ele saiu correndo, feliz pela desculpa para deixar-nos sozinhos.

Uma insignificante satisfação aqueceu meu coração e eu resisti a um impulso de correr para cima e chutar Quinn nas bolas, enquanto ele estava abaixado. Às vezes a justiça de Kane é cruel, mas sempre merecedora.

Kane caminhou até a mesa e folheou as fotos. Ele parou na foto do morto, arrastando seu dedo sobre o macio cabelo branco. — Eu gosto desse aqui, — ele observou e estendeu para mim como uma criança compartilhando um sorvete.

Eu peguei-a e ele deslizou sua mão gelada na minha e levou-me para fora.

3



Se eu fosse um senhor demônio, eu iria querer, pelo menos, um palácio, se não um castelo, com um fosso e uma masmorra lodosa infestada de ratos em que eu pudesse encarcerar bastardos misóginos como Killian Quinn. Eu teria salões de banquetes à luz de velas, salões de baile, bibliotecas empoeiradas cheias de livros de feitiço e romances perdidos pelos nobres. Meu quarto seria enfeitado com um luxuoso dossel e uma enorme banheira com pés de garra e eu teria cozinheiros, faxineiros, manicures e massagistas, pessoas para equipar meu guarda-roupa das melhores boutiques.

Kane vive em uma casa da cidade em Toorak. Sozinho, com uma TV de LCD de sessenta polegadas, um microondas e um futon personalizado.

Claro, é uma casa de cidade agradável e Toorak é um dos subúrbios mais elegantes em Melbourne. Mas Kane simplesmente não compreendia. Talvez ele esteja aborrecido com a imortalidade e de ter o que quiser. Ou talvez seja apenas que, se havia sequer um objetivo, Kane havia perdido.

Ele não falou o caminho inteiro para casa, apenas torceu os anéis nos dedos finos e olhou pela janela escura do carro, a centelha ocasional zincando de seu cabelo. Faróis de carros passando resplandeciam em seu rosto e brilhavam em seus olhos negros.

O corpo pesado do motorista bloqueava o pára-brisa, dedos verdes e gordos de troll⁹ segurando o volante. Eu mexi-me, tentando desgrudar o assento de couro perfumado de minhas coxas. Exaustão exauria meus membros, mas eu não tinha esperança de dormir. Minha cabeça doía de fome e do arrebatamento inibido e meu pescoço ainda doía onde Quinn enfiou seus dedos simiescos. Não ajudou eu não conseguir ler a expressão de Kane e eu não sabia se ele estava muito ofensivo comigo ou não.

O troll parou em frente ao portão de ferro forjado e segurou a porta de Kane aberta com um punho maciço verde. Arrastei-me para fora depois de Kane, minha saia colando em minhas pernas. O ar da noite emplastava quente e espesso em minha pele com a tempestade iminente. Morcegos batiam nas árvores na rua e eucalipto fresco ardia em meu nariz, acordando-me e ferrendo meus nervos com a trepidação.

Meus saltos batiam nas escorregadias lajotas de ardósia do pátio e a pesada porta da frente abriu-se à aproximação de Kane. Segui-o até o hall de entrada de arenito, onde luzes baixas já brilhavam, o assoalho de mogno polido brilhante em meus olhos. Ele deitou-se sobre o baixo sofá branco em seu saguão à luz de velas, elegante, arrumando seu terno para que não amarrotasse. Chamas refletiam na tela escura da TV tão brilhantemente como se elas brilhassem de seus olhos cintilantes.

— Sente-se, — ele ordenou suavemente, minúsculas chamas vermelhas lambendo seus dedos. Compulsão fria apertou minha alma e sentei-me depressa em frente a ele, meu coração em constrição. Estar ofensivo comigo, tudo bem. Ele é normalmente cuidadoso com seus imperativos. Uma ordem descuidada pode ser

⁹ Criatura nórdica lendária que vive em cavernas.

desastrosa quando você está escravizada. Nós não temos que obedecer todos seus caprichos e podemos até mesmo fazer coisas de propósito para irritá-lo se ele se atrever. Ele não nos pode impedir. Mas uma ordem direta, nós não podemos ignorar.

Kane olhou para mim, inclinando a cabeça para um lado e depois para o outro. — Diga-me o que aconteceu no apartamento.

— Nino já estava morto quando cheguei lá. Alguém... Alguém prendeu sua alma antes que eu pudesse. Eu vi-o... Ele agarrou-me, nós —

— Quem foi? Diga-me.

Engoli em seco. — Rajah. Rajahni Seth, quero dizer...

Os olhos de Kane estreitaram-se, um redemoinho de luz violeta desaparecendo em suas profundezas e dei-me conta. Kane não tinha ideia do que se tratava. Minha garganta pinicou com indignação. Rajah mentiu para mim. Kane não lhe tinha feito prender a alma de Nino. Ele havia feito isso para seus próprios propósitos sorrateiros e causou-me problemas com a polícia apenas por diversão.

Humilhação queimou-me pela centésima vez naquela noite quando eu lembrava-me de pressionar seu corpo no meu, absorvendo seu cheiro picante, desfrutando seu pênis rígido rangendo entre minhas pernas, querendo isso. Bastardo.

A boca de Kane torceu-se com tristeza, cristais de gelo brilhando em seus cílios. — Rajah, — ele murmurou pensativo antes de voltar a atenção para mim. — O que você estava fazendo no apartamento de Nino, Jade? Traindo Angelo pelas costas? — Ele abraçou os joelhos no peito e inclinou-se para frente, olhos brilhantes e fascinantes. Kane ama infidelidade e fofocas, contanto

que ele não seja o que está sendo traído. Ele lê *New Idea* e *Famous*¹⁰ de capa a capa toda semana.

— Não, claro que não. Eu estava... — Confusão enrugou minha testa. — O que você quer dizer? Você mandou-me lá.

— Segunda torre do Empire, Rua LaTrobe?

— Está c..., oh, merda. — Meu coração afundou-se. Os apartamentos Empire eram totalmente novos, ostentando torres gêmeas idênticas. Os policiais pegaram-me na Primeira torre do Empire.

Que luta de merda. Eu cambaleei para o apartamento errado. O que fez minha noite romântica com Quinn — para não mencionar minha quase selvagem e quase noite de sexo escaldante com Rajah — ainda mais irritante. Eu não deveria sequer ter estado lá.

— Sinto muito, Kane. Vou terminar isso, eu prometo...

— Não importa. Esqueça isso. Talvez você fosse gostar de mostrar-me essa foto?

Eu tinha esquecido que eu ainda a segurava e eu ofereci-a a ele manchada com meu suor. — Esta? O que é isso tudo?

Ele estudou, traçando a linha do queixo suave da fada. — Tão bonita, — ele murmurou, uma nuvem de fumaça em seu dedo. — Fada bonita e malcriada. Morta. Você já reparou que um monte de belezas foram mortas recentemente, Jade?

Dei de ombros, feliz por ter mudado o assunto. Os cafés e casas noturnas de Melbourne eram cheios de fadas, banshees, spriggans¹¹ e fae variadas, se você soubesse para onde olhar. Os fae

¹⁰ Revistas Australianas de variedades e fofocas.

¹¹ Spriggans eram descritos como sendo grotescamente feios, e são encontrados em antigas ruínas que guardam um tesouro enterrado e, em geral, atuam como guarda-costas de fadas. Também são ladrões bem ocupados. Embora geralmente pequenos, tinham a capacidade de inchar a um tamanho enorme (eram às vezes especulados como fantasmas dos velhos gigantes). Certamente suas disposições eram pobres e causavam mal a quem os ofendeu. Eles enviaram tempestades para as culturas e praga, por vezes roubavam filhos mortais, deixando sua feia

estavam em drinques e substâncias psicodélicas. Drogas de fadas eram mágicas, imprudentes, sombriamente aguçadas, uma experiência como nenhuma outra. Essas merdas eram tão boas que mal se podia distribuir drogas químicas agora. Negociantes fadas tinham praticamente tirado a família Valenti do negócio de festas e drogas, então naturalmente os Valentis pegaram pesado com eles e agora eles trabalhavam para nós.

Ou trabalharam, até que DiLuca começou a seduzi-los para longe e o boato em Carlton era que estava se formando uma guerra, um choque de metal e sangue para rivalizar qualquer coisa que havíamos visto nos anos noventa. Mas, por natureza, os fae viviam à beira do caos e era de se esperar que um ou dois iriam aparecer mortos de vez em quando. Agora que Kane mencionou isso, lembrei-me que tínhamos recentemente enganado um punhado na rua pelas costas de Valentino.

— Na verdade não. Algumas.

— Detetive Quinn reparou. Ele está fazendo perguntas. Eu não gosto das perguntas de Quinn. — A superfície da foto borbulhava sob o toque de Kane, uma chama escarlate piscando até seu pulso e desaparecendo em sua manga. — Essa criança trabalhava para Angelo, a banshee azul clara na foto de Quinn, também. Alguém está envenenando meus fae.

Eu fiz uma careta. — Envenenamento?

— Você vê o gelo no cabelo dessa criança? Gelo em uma fada do fogo, Jade. Não é normal.

Desassossego enrolou-se em meu estômago. Se ele estivesse certo, eram más notícias. Melbourne pertencia a Kane e o tribunal

changeling (criança muito feia ou defeituosa deixada por fadas no lugar de outra muito bonita) em seu lugar.

demônio geralmente respeitava os limites territoriais. O que significava que os bandidos do DiLuca estavam usando sua imaginação. Nada bom. — Talvez seja apenas um lote ruim. Excesso de flúor na água ou algo assim.

— Acho que não.

— Você acha que é DiLuca.

Kane encolheu os ombros, elegante.

Eu havia ouvido Angelo amaldiçoar a família DiLuca com bastante frequência, mas ultimamente eles jogaram um dente de alho totalmente novo na pizza de Ange. Salvatore DiLuca, o patriarca, tinha aparecido drenado de sangue em um container de lixo – um negócio selvagem que Ange alegou que não tinha nada a ver, embora se alguém me perguntasse, eu sei aonde eu estaria apontando meu dedo. Precisava de uma força viciosa para sugar a vida de uma dinastia antiga e, o que mais Ange fosse, ele tinha força e era perverso com espadas. De qualquer forma, Sal estava morto e o cara novo tinha saído do velho mundo supostamente para resolver as coisas. Ninguém sabia muito sobre Dante DiLuca, exceto que ele era jovem, poderoso e apaixonado, o que em livros de algumas pessoas eram três razões perfeitamente boas para já não gostar dele.

Eu percebi o que Kane queria e um desconforto gelado subiu por minha espinha.

— Não. De jeito nenhum. Eles descobrir-me-ão em cinco segundos...

— Não se você fizer isso corretamente. — O olhar negro de Kane era inócuo, mas furava no meu como uma furadeira, inelutável. — As notícias espalham-se. Você poderia encenar uma briga com Angelo, fazer Dante pensar que você está me evitando. Preciso saber qual é seu jogo, Jade, e você vai descobrir por mim.

E lá estava. Meu coração afundou, mas já a comichante necessidade de obedecer formigava em meus músculos enfraquecidos e agitava de forma doentia em meu sangue. O estreito bracelete de escravidão pinicava meus pulsos, frio e duro. Eu não teria nenhum descanso até que eu fizesse o que ele pediu. Homens. Sempre mais homens por quem eu me humilhava. Nunca acabava. E minha escravidão à Kane mal havia começado.

Uma brisa morna assobiou do nada, despenteando os cabelos dourados de Kane, gotejando as velas. A foto caiu esquecida de seus dedos no chão. — Venha aqui.

Eu não queria. Arrastei-me, meus membros doridos com fadiga, e sentei ao lado dele, afundando no sofá branco macio, perto o suficiente para ele tocar-me. Eu só queria enrolar-me e desmaiar, mas dormir não me iria ajudar. Meu corpo clamava por sustento, do tipo que eu não poderia obter de alimentos ou álcool ou drogas.

— Você parece cansada. — Kane acariciou um polegar suave em meus cabelos, sussurrando fios lisos sobre minha testa. Seu olhar prendeu-se no meu. — Minha pobre Jade. Tão faminta.

Kane não é um homem sutil e minha respiração acelerou, a necessidade esmagadora de energia fez meu pulso acelerar a seu toque, mesmo quando meu estômago afundou. Lembrei-me do sabor picante de gengibre, o prazer em brasas dos beijos de Rajah, seu corpo disposto em cima do meu e minha cabeça nadou com pesar. Se eu tivesse simplesmente engolido meu orgulho e aceitado-o, eu não teria de suportar isso.

Mas o eterno perfume de Kane de vento, trovão e calor da meia-noite deixava-me tonta. Não é a escravidão que faz Kane cheirar bem, mas o poder absoluto. Fogo esmeralda acendeu-se

dentro de sua íris e meus lábios separaram-se em seu próprio acordo, a garganta seca. — Foi uma longa noite.

— Deixe-me ajudá-la. — Ele segurou meu rosto em sua palma rígida, pressionando minha boca aberta com o polegar, inclinándose para mim tão dolorosamente devagar que eu choraminguei. Ele roçou seus lábios carmim nos meus, não gelados, mas quentes, lisos e sedutores, promissores e eu não tenho certeza se eu teria recuado mesmo que eu não estivesse encantada.

Ele tinha gosto de carvão, fogo e cinzas. Sua boca exigiu minha rendição, sua língua macia envolvendo ao redor da minha, mas ao mesmo tempo, ele entregou-se livremente e sua energia fluiu através de mim, afinal, estranha e desagradável, mas também agradável.

Calor e vigor surgiram em minha boca, em minha garganta, através de minhas veias, penetrando em meu mais profundo interior, alimentando minha exaustão, saciando-a. Minha pele relaxou e engrossou, meu pulso batendo mais forte. Meu cabelo esticou, surgindo com novo brilho, faíscas ondulando por cima de meu couro cabeludo. Senti-me forte, enérgica, viva, minha carne formigando.

Profunda satisfação inundou-me, não sexual, mas revigorante e eu escorreguei meus dedos em seus cabelos encaracolados faiscantes e segurei-o, acariciando seus lábios quentes e dispostos com os meus, tomando tanto quanto ele deixasse-me ter. Ele é um demônio, afinal. Não é como se eu pudesse sugar sua alma, nem nada.

Por fim, ele afastou-se, lambendo um remanescente de umidade de meus lábios. — Jade, — ele murmurou e sorriu inocente como uma criança. — Eu gosto quando você me beija. — Ele lambeu

o lábio inferior, saboreando-o e por um momento tremeu, seus duros olhos negros suavizando-se para um cinza líquido, traindo a solidão para a qual ele não tinha palavras.

Compaixão perfurou meu coração, perfurando o mal-estar que já se contorcia lá. Porque eu não deveria usá-lo? Ele usou-me. Eu não devo nada a ele.

Mas não era como se ele pudesse namorar como um cara comum. Cedo ou tarde, todos eles perguntam o que você faz para viver e eu sabia como era temer essa pergunta.

Simpatia indesejada aqueceu-me. Kane não é um cara tão ruim, na verdade, para um senhor demônio, e ele é um amante talentoso até onde a coisa física vai. Ele simplesmente não tem nenhuma ideia sobre o lado emocional.

Não quero dizer que ele é cruel, ou tem intenção de ferir você, embora muitas vezes ele faça sem querer, porque ele é muito forte. Você só não se perde em Kane. Não há substância para ele, não importa os séculos que ele vivera ou as incontáveis vidas que conheceria. Você vem rápido e forte, ofegante e depois de alguns minutos, uma vez que suas pernas param de tremer, você quer saber por que você se preocupou. E então ele pergunta se ele lhe agradou e você realmente não sabe o que dizer.

Eu não poderia lidar com Kane esta noite. Não depois de Quinn e Nino e Rajah. Apertei a mão dele, temendo que ele me ordenasse a ficar ainda que eu desejasse que ele tivesse alguém que não fosse eu.

Ele tirou uma mecha de meu cabelo recém brilhante do ombro, suas unhas brilhando um magenta hesitante. — Talvez... Isto é, se você...

— Não. — Eu inclinei-me levemente para longe. Culpa picou-me, enlouquecedora. Eu não devo isso a ele. — Eu não posso.

— Não. — Ele traçou os nós dos dedos sobre minha mandíbula, relutante. — Você está certa. Você pode ir agora. Você precisa de uma carona para casa?

— Eu vou pegar um bonde. — Fiquei sem jeito, não querendo parecer apressada, mas eu só queria distância, antes que pudesse mudar de ideia. No saguão, hálito quente umedeceu meu ombro e eu virei-me assustada. Mas Kane permaneceu sentado em seu sofá, tranquilo. Engoli, tremendo. — Kane?

Ele torceu uma elegante sobancelha dourada, uma lambida de chama curvando-se ao redor de sua orelha. — Quem eu deveria prender hoje à noite?

Kane deu um pequeno sorriso melancólico. — Não importa, — ele disse em voz baixa. — Eu acredito que não é mais a noite de sorte dele.



Invisível, Rajahni Seth observa Jade espreitar-se no saguão, a centímetros de distância. Compelido, ele levanta a mão para tocar seu cabelo brilhante, fazendo-a saltar. Ela está ainda mais bonita agora que ela está alimentada, sua pele brilhante, olhos vivos como um oceano tempestuoso. Assistir Kane beijá-la, a ávida língua sensual do demônio acariciando seus lábios, enviou espasmos de fúria através dele, mas valeu a pena vê-la assim. Gloriosa.

A coceira excessiva atacando sua pele havia abrandado agora que ele respondera à convocação silenciosa de Kane, mas ele esperou

e só quando a porta fechou-se com um clique e Jade foi-se que Rajah derrubou seu manto e reapareceu.

Dedos em chamas apertam sua garganta, batendo-o contra a parede. Arestas de arenito esmagam-se em sua coluna, dor queimando e a respiração quente de demônio acaricia seus lábios, o gosto de cinza cauterizando sua boca seca. — Rajahni Seth, — sibila Kane, há um centímetro do rosto de Rajah. Unhas afiadas afundam na garganta de Rajah, o sangue quente escorrendo. — Dê-me a alma de Nino.

O corpo de Kane ardeu, inflexível, seus dedos esmagando o pescoço de Rajah, imensamente forte. As pulseiras de escravidão de Rajah queimam, mas não adiantou. Rajah não pode engolir e saliva caía de sua boca, mas um divertimento sombrio fê-lo rir.

— Dê-me. — Os dentes de Kane afiam-se, brilhando, e ele bate a cabeça de Rajah na pedra para dar ênfase.

A visão de Rajah ficou dobrada brevemente, uma dor vertiginosa cobrindo seu crânio, mas ele sorriu, satisfação borbulhando sombriamente por dentro. — Eu não posso, — ele engasga.

— O quê? — Choque cora o rosto de Kane de vermelho e seu aperto afrouxa.

— Está em um lugar muito seguro. Seguro até mesmo de mim. Comande o tanto que quiser, isso não vai acontecer. E em breve eu terei os outros três.

Kane ri e chamas escarlates lambem seu cabelo, o vapor assobiando. Ele empurra Rajah, vendo-o cair. — Você realmente acha que pode escapar de mim?

Rajah tropeça e fica de joelhos, engasgando, resíduo de cinzas ainda áspero em sua língua. Ele toca sua pulseira quente, onde a

gravura ainda brilha claro, depois de quase quatro séculos. Ele não precisa ler para saber as palavras: odium, primordium, terminus, animus.

Quatro palavras, quatro almas. Beba-as, as pulseiras irão quebrar e ele estará livre. Livre para ir onde quiser, amar quando ele escolher e não a mando de um demônio. Livre para viver uma vida mortal.

Por 400 anos ele havia procurado e finalmente o destino trouxe-o aqui, para o novo mundo e Melbourne, onde as ruas e pontes gotejavam com energia mágica e auras sombrias de fae brilhavam cintilantes e livres sob as gordas estrelas do sul. Se a liberdade esconde-se em qualquer lugar, é aqui.

Ele luta para erguer-se do chão, mas a mão de Kane desce em seu ombro, inflexível. — Não. Fique de joelhos. Você fica bem aí.

Ódio irradia da pele de Rajah como queimaduras solares e ele olha feio para Kane, o piso duro sob seus joelhos. Kane traça um dedo pela mandíbula de Rajah e Rajah tem que cerrar os dentes para parar de ceder.

Kane ri. — Você gosta da palavra criado, Rajah? Eu sempre preferi escravo. Diga-me o que você é. — Rajah morde sua língua, jorrando sangue, mas a pulseira de escravidão queima e coça. Compulsão incha as palavras para estourar em sua laringe e ele deve falar ou sufocar.

— Eu sou... seu escravo.

— Mais uma vez. — As pontas dos dedos de Kane traçaram os lábios de Rajah, quentes, formigantes de estática azul crepitando.

— Eu sou seu escravo. — Salitre pinica a língua de Rajah e ele engole junto com sua humilhação, espessa, negra e podre.

— Sim, você é. Desafie-me e toda a agonia grotesca que eu posso sonhar vai tornar-se sua melhor amiga. E eu lhe asseguro, quando se trata de tormento, eu tenho uma imaginação muito grande.

Rajah engole novamente, lambendo os lábios ardentes. — Você não me pode impedir.

— Não. — Kane torce os dedos nas mechas escuras de Rajah, faminto, e sua voz torna-se áspera como lixa guinchando no vidro, fumaça sibilando entre seus dentes. — Mas eu posso me certificar que você passe os próximos 600 anos invisível assim as pessoas não vão correr gritando como você está horrível. Eu posso fazer você vomitar sangue cada vez que você sentir cheiro da essência de uma mulher. Eu posso fazer seu pau arder com o fogo de mil escorpiões cada vez que você transar. Isso é uma decisão difícil quando você precisa transar para viver. Como você gostaria disso?

Rajah olhou fixamente para ele, a centímetros de esfregar seu rosto no colo de Kane. Kane está sem fôlego e rígido, seu pau apertava contra suas calças, os dedos cerrados no cabelo de Rajah, forçando-o mais perto. O cheiro de sua excitação é forte e de fumaça, como um incêndio florestal, e o pau de Rajah desperta na memória. Ele já pode sentir o músculo liso e nu em suas mãos, a rigidez aveludada na boca, o gosto de carvão quente de carne pálida de demônio pressionando contra seu paladar, o jorro de sementes que queimam sua garganta como ácido.

Mas o desafio queima qualquer noção de desejo. — Diga, — ele sugere friamente. — Faça-me chupá-lo, se isso lhe dará uma risada. Você pode transar comigo, também, se quiser, já que você não teve coragem com Jade. Isso não me impedirá de deixar você.

Kane guincha em fúria como um abutre, um relâmpago verde estalando entre os dedos e sua palma bate no rosto de Rajah como um trovão. Sangue salpica e Rajah cai no chão polido, rindo em salgadas bolhas escarlate.

4



Eu inclinei minha cabeça contra a quente janela, postes com luzes laranja aproximando-se e desaparecendo à medida que o trem número oito do bonde sacudia ao longo de suas faixas. Altos edifícios de tijolos da universidade apagavam o céu tempestuoso e lançavam sombras sobre o asfalto molhado.

Era o último serviço da noite e o carro estava quase vazio, as luzes piscando. O fedor azedo de maconha picando no ar saturado e, no canto, uma magra banshee em calças de couro apertadas e um espartilho rendado, se pegando com um cara. Fumaça derivou do baseado que ela segurava frouxamente entre dois dedos, o cabelo branco-azulado deslizando sobre os ombros nus. Ela montou em seu colo no assento de vinil, cantando uma música misteriosa no fundo de sua garganta enquanto se beijavam, os lábios roxos colados ao dele. O suor escorria pela cabeça raspada dele, suas pálpebras piscando para mostrar os brancos dos olhos vermelhos, mãos com anéis de ouro firmemente plantadas na bunda dela.

Duas da manhã tinha ido e vindo e o ar engrossado com o cheiro de um trovão distante, quando desci do bonde na esquina da Rua Lygon e andei alguns blocos até meu apartamento. A brisa morna levantou meu cabelo, sensual e agradável em minha pele após o frio bonde. Vozes e música de algum bar ainda derivavam e eu passei por um bando de estudantes bêbados, um jamaicano de

dredes que se esgueirou ao passar e ofereceu-me algo torcido em um papel brilhante, uma adolescente com botas altas e apertadas e calças vermelhas sensuais argumentando em seu telefone. Contra as cercas de madeira na esquina de minha rua estava agachada uma Spriggan de cabelo espetado, rindo, cutucando uma figura curvada com suas garras amarelas, ela estreitou os olhos negros brilhando com alegria.

— Deixe-o. — Chutei-a. A desprezível peste assobiou e correu para longe, a coreacea pele negra reluzente, pontudos joelhos e cotovelos caídos como as pernas de um caranguejo. O mendigo gemeu e rolou na sarjeta, casaco gorduroso abrindo-se para liberar seu fedor de cerveja. Mesmo que ele não estivesse paralisado, ele provavelmente não podia ver através de seu encantamento e teria pensado que estava sendo humilhado por alguns adolescentes desboçados e insolentes.

A maioria dos mortais são presas fáceis para o encantamento fae e nunca veem o que está bem na frente deles. Alguns não são e eles vagam pelo mundo com um olhar vidrado em seus olhos, constantemente deslizando sobre a borda de uma realidade para outra. Nem todos os loucos ou pessoas com olhos vidrados são apenas drogados.

Eu pisei por cima do bêbado e dentro de meu pequeno e surrado território. Kane provavelmente não sabia ou não se importava com onde eu morava, mas eu sabia que Angelo não gostava de eu alugando um lugar batido e pequeno. É apenas um barato apartamento de estudante, apenas um quarto, uma cozinha e um chuveiro. Mas eu gostei daqui. Eu gostei do cheiro do soalho antigo e mobília polonesa, a árvore de pimenta rangendo acima do telhado de zinco. Eu gostava que fosse distante do tráfego, assim os

gatos vadios que disparavam pela rua não eram atropelados. Eu gostava que meus vizinhos fossem estudantes, garçonetes, músicos, artistas ruins e pequenos criminosos. Pessoas que não olham para mim de cima para baixo.

A hora que eu chegava, eles provavelmente pensavam que eu era uma prostituta, ou alguma namorada de traficante ou gangster, e eles estavam perto o suficiente da verdade que eu não me incomodei em corrigi-los. Eu tentei empregos reais em bares, cafés, livrarias de segunda mão, o que eu poderia começar, mas nunca durou muito tempo. Patrões não gostam quando você some de repente, porque sua pulseira de escravo começou a coçar e, agora, Ange não me deixará trabalhar. Ele diz que é indigno. Para ele, talvez. Não há muita dignidade para mim em pegar seu dinheiro.

Minha porta da frente escondia-se no final de um caminho de concreto, espremido em uma escada de incêndio de ferro. Cheguei a ele para encontrar uma fada verde sob o tubo do aquecedor balançando os joelhos, seu cabelo amarelo amarrado e sujo. Suas asas agitavam preguiçosamente, brilhantes cores peroladas e ele cantava para si mesmo enquanto balançava para frente e para trás, belo e ofegante como uma sereia.

Ele ouviu-me e capotou para ficar de pé, emaranhados de girassol selvagem surgindo como um ninho de pássaro. Seu rosto estreito e verde dividido em um sorriso cheio de dentes e seus olhos brilharam vermelhos com prazer.

— Jade-Jade, venha ver! O rio está cheio de ouro! — Eu suspirei, apesar de um sorriso puxado no canto de minha boca.

— Baby, são três horas da manhã...

— Mas o rio é dourado como o sol. Venha ver!

Ele puxou minha mão e girou-me ao redor, vibrando a poucos centímetros do chão, gotas de chuva brilhando em sua pele verde.

Eu ri, tropeçando, cabelo caindo em meu rosto. Nyx seria meu melhor amigo, se eu tivesse um. Eu o conheço há apenas alguns meses, mas parecia mais. Nós saíamos para cafés, filmes, compartilhávamos uma bebida ou duas. Quando ele não desaparecia por semanas a fio, esvoaçando-se depois de algum capricho fae, mas isso é o que as fadas fazem e você não pergunta ou censura.

Eu não o tinha visto desde que tínhamos bebido demasiadas doses juntos em uma festa há uma semana, mas ele tinha um talento especial para aparecer quando eu me sentia sem sorte. Uma vez, quando eu estava trabalhando como uma menina de café em Starbucks na Calçada Swanston, ele correu para dentro, pulou no balcão e arrastou-me para fora, insistindo que a cidade estava em chamas e eu deveria ir ver. Ele levou-me para o topo de uma torre de neon azul sobre o telhado do centro de artes e vimos o pôr do sol escarlate piscando no arranha-céu de vidro, vento fresco arrastando nosso cabelo para trás.

Eu perdi esse trabalho também, mas de alguma forma isso não importava. Agora, ele fez cócegas em minha bochecha com um dedo verde, suas garras vítreas brilhando. Usava calças magenta brilhante, uma faixa de seda vermelha e um top curto feito de nylon verde apertado que deixou a metade inferior de seu torso nu e ele parecia totalmente fabuloso, como só uma fada poderia.

— Jade-Jade? Venha ver? Rápido, Rápido, ou vai desaparecer! Sumir como a lua.

Eu tentei um sorriso adequado e o peso aliviou em meu coração. — Apenas um pouco, ok?

Nyx sorriu e balançou minha mão na sua, enquanto caminhávamos pela rua, seus afiados e verdes pés descalços pulando sobre as pedras da sarjeta. Suas orelhas pontudas contraíram.

— Só um pouquinho. Pouco, pouco, pouco, Tequila? — Ele acrescentou, esperança brilhando em seus olhos.

Eu estremei, meu estômago contraiu-se em uma memória triste.

— Não desta vez. De jeito nenhum. Sem chance.



A palidez antes do amanhecer desapareceu no horizonte da cidade irregular e eu oscilei na beira de concreto do rio, balançando as pernas sobre a borda. O calor sufocante brilhou, um cheiro quente aguçado subindo do rio. Nyx estava a meu lado de barriga para baixo com os pés balançando para cima, movendo suavemente a brisa salgada sobre nós com suas asas. Atrás de nós, decorativas luzes a gás queimavam, um a um em cima de obeliscos quadrados de metais, rajadas de calor queimavam minhas costas e a água do rio marrom refletia a queima dos pilares de fogo. De ouro, como o sol. Assim como ele disse.

Concreto quente raspava minhas coxas através de minha blusa apertada e eu assisti com um vidrado deleite enquanto uma formiguinha preta andava sobre a montanha de meu joelho.

Nyx definiu outra linha brilhante e azul em minha coxa e bufou, sua respiração fazendo cócegas. Ele apertou sua quente bochecha verde em minha pele, a água iluminando seus olhos.

— Pessegos, — ele declarou e lambeu os lábios macios e brancos.

A formiga desapareceu no cabelo de Nyx e eu segui-a com meu dedo, rindo.

Ele enfiou o nariz fino em minha palma. — Gosto quando você sorri, Jade-Jade. Ele estendeu o último dos cristais na parte traseira de sua mão ossuda e segurou-a debaixo de meu nariz.

Eu arrepiei-me por dentro, embora minha boca seca incomodasse e as quatro margaritas e três doses salgadas e seja lá o que mais percorriam minha cabeça e faziam cambalhotas felizes. Muito para não destruir a mim mesma. Dobrei e inalei, o sabor cítrico acentuado de azul girando com o suor de maçã doce de Nyx.

Pulsação batendo apressada em meus ouvidos. A superfície do rio brilhou e me senti lacrimejando. Senti-me clara e brilhante, como uma estrela fria e distante e lembrei-me vagamente que eu tinha algo que me fazia sentir infeliz, mas não era o foco e deixei-o afastar-se.

Eu ri, lambendo os restos de pó azul de seus dedos. Ele tinha um gosto agradável, açucarado e reconfortante, sua pele lisa em minha língua. Ele deu uma risadinha, contorcendo as delgadas pernas vestidas de rosa e pulou no rio com um esguicho.

Mais risos borbulharam dentro de mim e eu abracei minhas costelas doídas e deixei-o levar-me. Senti-me bem ao rir e quando ele apareceu na superfície com um spray de água marrom e um grito feliz, eu ri mais ainda. Nyx, doce bobo. Ele não tinha que estar aqui, animando a mulher mais determinadamente miserável em Melbourne. Não tinha que gastar tempo comigo ou comprar-me bebidas ou compartilhar seu senso maníaco de diversão. Ele só fez isso e, mesmo segura dentro de meu barato brilhante, eu estava amaldiçoada se soubesse o porquê.

Ele voou livre, asas arco-íris brilhando e balançou para o banco como uma borboleta bêbada. Ele sacudiu-se, como um cachorro molhado, molhando-me com a água fedorenta do rio que voava de seu cabelo amarelo. Eu empurrei-o, rindo, e juntos nós tropeçamos para longe, apoiando-nos um no outro para que não caíssemos.

A margem do rio estava quase deserta, apenas alguns bêbados jogando latas vazias para o outro e uma banshee solitária enrolada em cima de um pilar de concreto dormindo, sua crina azul brilhante balançando na brisa. À medida que cambaleamos no caminho escuro de concreto abaixo da torre, uma Spriggan marron, vestindo nada além de um chapéu de festa, arremessava-se sobre um skate, unhas pretas cavando no concreto para empurrá-la. Nyx apontou para ela com uma garra brilhante e riu como se ele tivesse quebrado suas asas, água pulverizando de seu cabelo para saturar-me novamente.

Limpei meu rosto, só para ficar mais úmido quando ele deixou cair o braço fino e verde em torno de meu ombro, rindo e esperando ficar em pé. Em vez disso, cambaleou contra a parede de seixos, membros pendurados e uma pitada de água de suas asas.

— Seu fodido idiota, você está encharcado.

Nesse momento seu cabelo sedoso estava tentando retornar a seu emaranhado vertical normal. Eu arrastei os punhos desajeitados através dele, e água quente caiu, derramando por meus braços para ser absorvida por meu top. Tentei o mesmo com sua camisa e meus dedos deslizaram por sua barriga esbelta e verde, em seguida para onde ele estava nu, seus músculos de fadas apertados e molhados.

Ele sentia-se agradável, suave, seguro. Eu queria deslizar minha mão dentro de sua camisa, acariciá-lo, absorver seu calor.

Calor acendeu dentro de mim quando meu arrebatamento murmurou e esticou, despertando...

Deus, o que eu estava pensando? Meu rosto aqueceu, mesmo que a luz fosse fraca e ele não fosse ver. A droga banshee deslizou por minha cabeça, elevando meus sentidos, atordoando-me. Constrangimento torceu minhas entranhas e eu puxei minha mão. — Desculpe.

Mas Nyx agarrou-a e apertou-a contra o peito, seus longos dedos dobrados sobre os meus. Sua respiração pulsada contra a palma da mão, lenta e precisa, e meu batimento cardíaco acelerou traiçoeiramente. Ele inclinou seu antebraço contra a parede úmida acima de mim, protegendo-me em um monte brilhante azul-esverdeado de asas e seu olhar tímido brilhou para mim.

— Jade-Jade? — O embaraço em sua voz musical rasgou meu coração, de modo semelhante minha própria dor pela solidão que me despia. Seus lábios verdes tremeram, brilhando, aproximando-se dos meus, e eu tentei não olhar para eles, não pensar em beijá-los, puxá-lo para perto e perder-me em seu corpo doce. Ele era meu melhor amigo, não só um cara. Eu nunca tinha ousado pensar nele assim antes, mas não queria estragar o que tínhamos. Ele merecia mais do que eu poderia dar, mais do que eu jamais poderia ser.

Sua respiração quente roçou meus lábios, provocando minha língua e tremeu por meu pescoço, perigoso. Desejo úmido lambeu meus nervos. Engoli em seco. Esta era uma péssima ideia.

— Nyx...

Tarde demais.

Ele beijou-me delicadamente, deslizando seus lábios nos meus hesitante como se não tivesse certeza se eu queria e parecia tão certo, eu sufoquei um soluço. Pobre fada tímida. É claro que eu o

queria. Quem não gostaria dele, com seu sorriso diabólico verde, imaginação ingênua e um coração sangrantemente bonito?

Eu apenas nunca sonhei que alguém como ele jamais iria querer-me.

Lágrimas incharam minhas pálpebras, com dor, e eu abri minha boca e beijei-o de volta.

Ele tinha gosto de laranja e licor de cereja, os dentes irregulares picavam minha língua. Ele explorou meu cabelo, enrolando-os em seus dedos, deslizando uma garra tentadora para baixo atrás de minha orelha para fazer-me tremer. Meu arrebatamento deslizou por minha barriga, murmurando promessas sombrias e eu pisei para fora com firmeza. Não desta vez. Não ele.

Eu deslizei minhas mãos em torno desse tentador diafragma, sua pele tão lisa e quente e ele balbuciou em prazer no nosso beijo, vibrando mais perto para que os nossos corpos pressionassem-se juntos. Nossas roupas encharcadas esmagadas entre nós, o atrito queimando-me. Eu podia sentir seu sexo inchado contra mim, outra grande dureza colocada sobre todos os músculos firmes de fadas e saudade picou minha pele, enviando uma dor, gentil e bem-vinda entre minhas pernas. Pela primeira vez, um homem sem a bagagem de Kane desejava-me, nenhum arrebatamento ou escravidão envolvidos, mesmo se estivéssemos impressionantemente bêbados e altos e tão sós, isso doeu.

Ele puxou-se para trás, as asas trêmulas. Seus olhos brilhavam vermelhos no escuro, loiros cílios cheios de jóias que brilhavam como lágrimas azuis.

— Mais, Jade-Jade. Segure-me.

Eu vou segurar tudo que você quiser, baby, eu queria dizer, mas nada saiu. Minha pulseira de escravo formigava, um aviso

gentil, mas eu ignorei. Eu escovei o pó azul de suas bochechas com o polegar e ele inclinou-se e beijou-me novamente, só que desta vez era urgente, profundo, duro, seus dentes afiados espetando o interior de meus lábios.

Necessidade queimando em cima de mim, confundindo com a droga. Apertei meus mamilos duros contra o tecido molhado, ansiando por suas carícias. Eu esperava, impaciente. Ele pegou com as duas mãos em minha bunda, pressionando nossos quadris juntos e levantou-nos do chão com uma batida forte de suas asas. Nós derivamos para cima, as membranas translúcidas de suas asas contorcendo-se e rapidamente eu envolvi minhas pernas em torno de sua cintura delgada, inalando seu cheiro tentador de café. Eu queria sentir seu pau duro contra meu sexo e sei que ele me queria e não apenas uma trepada, mas eu, Jade-Jade, porém muitas vezes ele quis dizer isso. Eu queria deslizá-lo dentro de mim e fazê-lo sentir-se bem para que eu pudesse fingir que estava tudo bem.

Agarrei-me, segurando meus braços em volta do pescoço, envolvendo minha língua em torno da dele e ele liberou-me por tempo suficiente para puxar suas roupas fora do caminho. Ele deslizou os dedos ossudos e verdes debaixo de minha saia para apoiar-me, acariciar-me, abrir-me para ele. Eu não estava totalmente pronta, eu podia sentir um pedaço de umidade quente dentro de mim, não o suficiente, mas eu não me importei. Ele deslizou um dedo profundamente em mim e depois para fora, espalhando-se na suavidade. Nervos provocaram e muito mais umidade espalhou-se. Quando ele fez o mesmo com dois dedos, meus músculos cerraram apertados com o desejo, pressionando suas garras em minha carne. Eu queria todo ele.

— Nyx, por favor, está tudo bem.

Ele sacudiu suas asas, prazer cintilando nas membranas e uma brisa quente soprava violetamente sobre nós enquanto flutuava na escuridão.

— Jade-Jade, — ele sussurrou com um sorriso sem fôlego, sua língua inteligente curvou-se acima de meu ouvido.

— Gostoso como chocolate. Eu amo chocolate. — E ele curvou os dedos lentamente para fora de mim e substituiu-os por seu pau, espalhando-me para que ele pudesse empurrar para dentro.

Ele era grande e doeu. Queimando minha pele como ácido e, antes que ele estivesse na metade, eu estremei, meus dentes rangeram.

— Oh, não é bom? Desculpe. — Nyx mordeu os lábios, as veias verdes em seu rosto ficaram azuis e ele começou a retirar-se.

— Não, tudo bem. — Parei-o com minha mão em seu quadril fino e verde, suportando a dor da melhor maneira possível. Eu não estava molhada o suficiente, eu acho, e ele era muito grande. Estaríamos bem em um momento.

Alcansei por baixo e ajustei com meus dedos, deslizando sua carne. Desta vez, quando ele empurrou, percorreu todo o caminho e eu engoli um grito, minhas coxas tremendo. Deus, ele era enorme, eu mal podia cobri-lo, mas isso não era nada comparado à agonia que queimava minha carne, queimando como se ele empurrasse ferro fundido. E eu estava molhada, eu sabia. Não era isso. Talvez alguma estranha química de fadas. Trêmula, levantei-me e sentei-me conta ele novamente, mais forte. As asas de Nyx estremeeceram e ele respirou afiado. Apertei meus olhos fechados. Deus, foi pior. Sentei-me e deslizei os dedos sobre ele para ter certeza de que não havia nada no caminho, mas eu encontrei apenas a pele lisa de fadas sobre o tecido firme.

Algo estava errado com a gente. Eu tentei novamente, mas quanto mais eu movia-me, mais doía e, finalmente, eu não pude deixar de gritar.

— Ow. Não, eu não posso.

As bochechas lindas de Nyx cheias de umidade, com os olhos vidrados.

— Jade-Jade, querida, eu acho que...

— Desculpe-me, baby. Eu não posso.

Puxei-o para fora de mim, pegajoso líquido em meus dedos e a queimação aliviou um pouco. Ele suavemente me colocou no chão e eu cambaleei, não querendo mover minhas coxas até que o ardor parasse. Tensão arranhou-me, meus nervos acenderam-se com vergonha.

Ele olhou para mim, cabelo amarelo ainda pingando, seus dedos ainda lisos e brilhantes com meus sucos. Suas asas contraíram-se desajeitadas.

— Eu sinto muito. Não era o que eu queria. Eu queria fazer você sorrir.

Lágrimas inundaram seus olhos e ele mordeu o lábio e balançou voando para longe no escuro com uma lufada de brisa quente. Eu tropecei alguns passos atrás dele, a agonia do ácido ainda fresco dentro de mim.

— Nyx, por favor, não é...

Não é sua culpa. Não é você, sou eu.

Mas ele já tinha ido.



Quando cheguei em casa, o branco sol da manhã pressionava contra minhas janelas, o calor já se espalhando e o lugar fedia com o óleo do ovo que eu tinha comido no jantar cerca de cem horas atrás. Passei pelos pratos sujos à espreita em hordas vorazes sobre a pia e caí em cima da cama em meu rio de roupas, muito exausta, perdida e chorosa para tomar banho ou escovar os dentes.

Fiquei ali, inquieta, longos minutos passaram em meu despertador neon, minha mente também trabalhou para dormir. A dor distante ainda ardia dentro de mim e minha carne parecia rasgada. Náuseas engatinhavam em minhas entranhas como uma cobra mutante e a dor em meu coração não aliviaria, não importava o quanto eu rolasse nos lençóis suados ou puxasse meu cabelo em frustração.

Que confusão. Eu não tinha apenas transado com meu melhor amigo e lamentado isso, alguns dias de desagradável tensão e então nós ríamos disso. Nada de inofensivo assim. Eu espetacularmente não fodi com ele e havia chances de eu ter quebrado seu coração e ele nunca falaria comigo novamente.

Eu contorci-me, o ar pegajoso e doente como um cobertor molhado em minha pele. O que eu estava pensando? Por que eu tenho que trazer sexo em tudo? Claro, eu queria um amante que cuidasse de mim. Mas eu queria mais um amigo, alguém que não se preocupasse com Kane ou Angelo ou como eu tinha que gastar meu tempo, que gostasse de mim por mim mesma e não por meu encantamento. Que não esperasse nada de mim. Nyx fez tudo isso, na verdade, tratou-me como uma pessoa e não uma boneca de sexo e eu tive que jogar isso de volta em seu rosto ao tentar transar com ele.

Talvez o que todos eles disseram fosse verdade e eu não seja boa para mais nada. Ou talvez se passou tanto tempo desde que tive

um relacionamento que não envolvia foder, que eu não sabia mais o que fazer.

Algo molhado e pesado bateu em minha porta como um saco de lama e eu gemi. Se isso for o spriggan vermelho mijando em minha caixa de correio de novo, eu rasgo seu nariz pontudo para fora. Arrastei-me até a porta e puxei-a aberta.

— Corta essa, seu merdinha...

O ferrolho arrancou de meus dedos e minha respiração parou. Não era um spriggan vermelho. Era Nyx, inconsciente, deitado, contorcendo-se em minha porta em uma poça molhada e azul.

— Baby? — Eu ajoelhei-me e fiz um berço para sua cabeça de ossatura fina. Sua bochecha úmida deslizou em meus dedos, lágrimas frias e azuis derramando-se sobre minhas mãos. Traças cintilavam e rastejavam em seu cabelo, seu pó marrom manchando sua bochecha verde. Suas belas asas estavam esmagadas, mole e úmidas. Sua cor desbotada, estrias iridescente de viridian e cobalto poluindo como se as cores fossem diluídas em água sobre um piso de concreto.

Meu coração apertou, as fotos de Quinn de fadas mortas piscavam em minha memória. — Nyx, acorde.

Ele murmurou algo ininteligível, os lábios pálidos e lisos como catarro azul. Eu pendurei um braço mole em cima de meu ombro e meio que arrastei-o, meio que levei-o para dentro. As tonalidades sangraram de suas asas para serem absorvidas por minhas roupas e fazendo uma sequência de faixas como um arco-íris molhado.

Eu ajudei-o a ir para meu quarto e deitei-o de lado na cama amarrotada, umidade brilhante encharcou o cremoso lençol de azul e verde. Eu acendi a lâmpada e tirei suas roupas pegajosas,

organizando suas asas danificadas por trás dele. Luz amarela brilhava em sua pele empalidecendo-o, veias pulsavam brilhando vagamente em sua delgada garganta verde maçã. Um leve cheiro azedo surgiu, como algo se tornando lentamente podre e sua respiração manchou meu travesseiro onde seus lábios macios pressionavam.

Engoli em seco. Eu perguntei-me como ele parecia-se em minha cama, mas isso não era o que eu tinha em mente. Eu examinei-o rapidamente onde ele tocou-me, dedos, boca, virilha. Nada foi queimado ou rasgado. Não era eu.

Ele mexeu-se, gemendo, e eu acariciei seus cabelos para trás suavemente. Em vez de um emaranhado selvagem de molas amarelas acima de sua cabeça, pendurava mole, liso e macio. Sua pele úmida chocou-me, fria. Deveria ser morna. Eu não sabia o que estava errado com ele. Eu nunca tinha visto uma droga como essa antes.

— Nyx? O que aconteceu? Você tomou alguma coisa?

Seus olhos piscavam abertos e vermelhos, seus loiros e encaracolados cílios coagulados. Ele tossiu.

— Jade-Jade?

— Eu estou aqui, baby. Acalme-se.

Apertei sua mão úmida, suas garras vítreas flexionadas fracamente. Eu arrastei a colcha de penas até cobri-lo, sem me importar com a bagunça gotejante. Eu sabia que Nyx era uma espécie de sprite¹² de ar. Talvez ele estivesse apenas com fome. Eu visualizei o conteúdo de minha geladeira: leite, iogurte, pão de

¹² O termo Sprite é um termo amplo referindo-se a uma série de criaturas sobrenaturais lendárias. O termo é geralmente usado em referência a elf – como criaturas, incluindo fadas e seres semelhantes (embora não os seres da terra), mas também pode significar vários seres espirituais, incluindo fantasmas.

sanduíche fatiado, bananas, Tim Tams... O que eu tenho com bolhas?

— Eu vou te dar um pouco de água mineral ou algo assim...

— Não... Não estou com fome...

Sua linda voz arranhada como se ele tivesse um caso podre de bronquite. Ele engoliu em seco, líquido azul derramando de seus lábios, suas orelhas pontudas torcendo molhadas quando ele tentou sorrir.

— Apenas doente... Eu vou ficar bem. Nenhum outro lugar para ir. Obrigado...

Eu balancei a cabeça, acariciando seus cabelos, o calor inchando minha garganta.

— Com certeza. Não se preocupe, baby. Só descanse agora.

Mas nós dois sabíamos que fadas não ficavam doentes.

Coloquei a colcha sob o queixo pontudo e minha mão ficou manchada de verde.

— Kane disse que havia veneno. Alguém atacou você? Foi o DiLucas?

Nyx riu e sufocou, tossiu um mar azul, suas asas quebradas balaçando debilmente.

— Fique longe dele, Jade-Jade. Prometa-me.

Suas pálpebras fecharam-se, apenas as membranas das asas tremiam e a respiração ofegante e pegajosa sobre o travesseiro traía qualquer vida. Lágrimas queimaram em meus olhos até mesmo quando minha pulseira de escravidão coçou e cantarolou. Isso era uma coisa que eu não podia prometer, frustração e tristeza apertaram meu coração.

Inclinei-me para ligar o aquecedor antigo, óleo gorgolejando no tubo pintado que revestia a parede e subia para a cama. Eu puxei

a colcha por cima de nós, puxando as bordas em torno dele e apertei seu corpo tremendo ao meu. Frio azedo e úmido encharcavam minha saia e blusa, colando o tecido a minha pele. Coloquei o topo de sua cabeça embaixo de meu queixo e segurei-o para mim, balançando suavemente, suas asas pulsando debilmente, cada vez mais fracas. Desespero embebeu meu coração, queimando. Se eu pudesse alimentá-lo, entregar minha energia para ajudá-lo, eu faria. Mas eu não podia. Tudo que eu podia fazer era matar.

Eu não queria dormir, mas devo ter caído no sono, meus braços ainda envoltos em torno dele, sua cabeça pingando em meu peito.

Quando acordei, ele tinha derretido.

Uma massa de gel aquoso azul, fria e pegajosa em minha pele, o colchão encharcado debaixo de mim com anil líquido como sangue e o fedor azedo de decadência.

Foi embora. O precioso, tonto e solitário Nyx, que ria e perseguia borboletas pelo ar em Carlton Gardens, que mergulhava no rio para divertir-se e ficava parado na rua à meia-noite quando chovia. Que não tinha ninguém melhor do que eu para recorrer quando ele sabia que estava morrendo.

Eu não tinha dito que o amava, como um melhor amigo deve fazer, ou que eu estava arrependida por nunca ter dado certo entre nós. Eu não tinha dito obrigada. Eu nem mesmo pude ficar acordada enquanto ele morria.

Eu estava sozinha embebida em uma bagunça azul e pegajosa, chorando, calor brilhante vazando das venezianas empoeiradas.

5



Valentino é um típico restaurante italiano na Lygon Street. Assentos em couro vermelho, macias toalhas de mesa brancas, um vaso pequeno de flores e uma grande vela branca em uma brilhante tigela de vidro em cada mesa, paredes pintadas drapeadas com cortinas, borlas¹³, imagens de cinema mudo, e fotografias em sépia de plantações de oliveiras na velha Sicília. Vito, o maître, veste um terno preto e um guardanapo dobrado no braço. E o cheiro é glorioso, como algo fora da cozinha do céu, cordeiro assado, molho de carne cozido lentamente gotejando com orégano, cebolas fritas na manteiga e tomate, sempre tomate, grelhado, refogado, frito, ensopado, de qualquer forma que você possa imaginar. O aroma flutua para a rua como uma nuvem quente e deliciosa, misturando-se com o mesmo aroma de uma dúzia de lugares naquele quarteirão.

Eu cheguei lá por volta das nove, tendo passado a tarde lavando lençóis e esfregando a sujeira. Fragmentos azuis de Nyx ainda manchavam minhas unhas, embora eu as tenha esfregado com a escova até minhas cutículas rasgarem e sangrarem e o fedor de decomposição ainda encharcava minhas narinas, azedo como culpa. A chama dentro de mim se foi, nem mesmo uma coceira restante,

¹³ http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Burles_Doradas.jpg

mas a injustiça queimou de forma pior do que qualquer química escaldante. Fosse o que fosse, ele não merecia isso.

O último suspiro do sol desapareceu do céu, as estrelas espiando e as placas do restaurante zumbiam em vermelho e verde néon, piscando sobre a lotada calçada escura onde as mesas de café derramavam-se para a rua. O quadro do Valentino's inclinado no balaústre de madeira pela rua indicava os especiais da noite, canela de carneiro à cassarole e fettuccini pescatore. Clientes tagarelavam, pratos brancos e escuras garrafas de vinho brilhavam.

Eu chequei meu reflexo na janela antes de entrar, secando meu nariz mais uma vez com um lenço seco. Eu parecia horrível, apesar de meu vestido novo terra-cota¹⁴ e os saltos com tiras. Eu deixei meu cabelo para baixo para alguma aparência de dignidade, mas você ainda pode ver meu rosto inchado e, apesar de me encher de rímel e sombra cinza escuro, como uma garota emo inútil, meus olhos ainda brilhavam vermelhos e inchados.

Eu não me importo. Deixe Ange achar que eu estou preocupada sobre Nino. Inferno, ele provavelmente nem notará mesmo.

Um formigamento desconfortável sussurrou até meus braços, levantando os cabelos, minha pulseira da escravidão pinicou e tensão rolou em meus intestinos. As palavras de Kane ecoaram em meu coração, uma insistente, sinistra ordem que eu não podia ignorar: *Você vai descobrir para mim. Você vai... Você vai...*

— Sim, sim, — eu murmurei, enfiando o lenço amassado novamente em minha bolsa de mão de cetim preto.

O restaurante estava cheio esta noite, apenas algumas mesas pequenas em volta estavam vazias e Vito fez-me uma pequena

¹⁴ sua cor natural, laranja acastanhado.

reverência quando passou correndo, virando-se lateralmente para encaixar-se entre as cadeiras. Como de costume, Ange e qualquer juiz corrupto ou político ganancioso que ele estivesse entretendo essa noite pegaram a mesa redonda junto à janela lateral. Pedi licença para as pessoas das mesas e cadeiras para chegar perto dele, uma oleosa sensação de desconforto deslizou na parte de trás de minha garganta.

Angelo Valenti parece um pouco do que ele é, um gangster durão com um monte de dinheiro e sem arrependimentos. Seus olhos são cinza e severos, a testa larga sem rugas, suas unhas cortadas sempre limpas. Em seus bolsos haveria as chaves de seu Monaro, um rolo grosso de cinquenta, um saco plástico com pó de cristal branco e uma calibre 38 prata brilhante. Hoje à noite ele vestia uma camisa vermelha escura sob uma jaqueta de couro preta, cachos negros cortados curtos na base do pescoço, um crucifixo de ouro em uma corrente caindo do pescoço.

Ele não parece tão inteligente. Ele também não parece ter 350 anos, então vai entender.

Seus sócios usavam ternos escuros, sem gravatas, armas sob os paletós. Um prato engordurado estava meio comido no meio da mesa, o marisco aberto ainda fumegante em montes de espaguete coberto de molho rosê. Caminhei em direção a eles, colocando um sorriso, mas congelei quando vi quem estava sentado lá e eu hesitei, meu estômago morno e apertado.

Fabian e Santino Valenti, dois gorilas com a marca Valenti de construção pesada, homens duros a quem Ange arrastava de debaixo da escada quando havia alguém para matar. Pior, Tony LaFaro, primo de Ange, nascido fada vindo do velho país, sádico e meio louco por seu sangue de fada, seus olhos amarelos com dupla

cobertura como um réptil. Nenhuma esposa. Nenhuma namorada. Este era um conselho de guerra e se as cinco garrafas de Merlot vazias sobre a mesa eram alguma dica, isso já estava num bom caminho.

Eu apertava minha bolsa no colo, de repente desejando que eu não tivesse vindo, não importando a pulseira da escravidão. Só porque Ange não precisa comer comida normal não significa que ele não é um bastardo quando está bebendo.

Ele viu-me e sorriu genial, acenando para mim com uma mão grossa e sinalização para o garçom do vinho com a outra. — Outro, Paolo. Jade, querida, sente-se.

Eu não sentei. — Apenas dizendo olá, Ange. Oi, Tony, Sonny, Fabe. Eu ouvi sobre Nino. Sinto muito.

Tony agitou sua língua bifurcada para mim, sorrindo. Os meninos Valenti acenaram com a cabeça, mas não levantaram. Eles eram da velha escola da Sicília e eu não era a esposa de ninguém.

Ange baixou a cabeça, solene. — Que ele descanse em paz. Escuta, amor, eu posso ter uma palavra com você? Só um minuto, rapazes. — Ele deslizou de seu assento, rápido e elegante para um corpo tão volumoso, e conduziu-me para o corredor pequeno onde ficam os banheiros, paredes de madeira iluminadas por uma única lâmpada branca.

Engoli em seco, meus nervos saltando. Isso pode ser difícil.

Ange encostou-se à parede, encurralando-me em sua ampla sombra. — Onde você estava? Você parece o inferno, garota. — Seu sotaque é italiano-australiano, engraçado. Ninguém ri.

— Lugar nenhum. Eu só...

A pesada palma de sua mão bateu em minha têmpora e faíscas coloridas dançaram em minha visão no meio segundo que o sinal levou para chegar em seu cérebro.

Jesus. Eu nunca vi isso chegando.

Dor passou através de meu crânio, minha pele queimando e minha visão nublando vagamente, enquanto eu cambaleava. Talvez convencê-lo que eu estava saindo seria mais fácil do que eu pensava. — Seu idiota.

— Você estava com Nino, Jade. Kane disse-me. O que aconteceu?

— Nada. Eu não sei, ok? Não tem nada a ver comigo. — Uma dor feroz latejava em minha cabeça, ameaçando cegar-me e eu piscava, uma lágrima ou duas emergiram em meus cílios pintados. Já pude sentir um crescente inchaço.

Ange suspirou, como se eu tivesse-o ofendido e ele estivesse realmente arrependido de ter ouvido. — Você fodeu com ele. Diga.

Era tudo com o que ele preocupava-se? — Não que isso seja algum de seus malditos negócios, Ange, mas eu não o fodi, ok? — Eu tentei empurrar para passar por ele, tremendo.

Ele agarrou meu ombro para deter-me, mostrando a raiva em sua boca tensa, a forma como seus dentes apertavam contra os lábios, esticando. — Sua putinha. Você condenou meu primo à morte e agora você mente sobre isso?

Como se esse fosse o pior de todos os pecados. A moral corrompida de Ange sempre picou amarga em minha boca e náusea queimando em minha garganta como bile subindo. Ele é insensível, violento, uma transa ruim. Gostaria de tê-lo deixado meses atrás, se a coisa toda não tivesse sido por ordem de Kane.

Eu retirei o braço sacudindo, tremendo, minha cabeça ainda latejando. — Nunca mais me bata de novo. Tire suas mãos sujas de cima de mim.

— O Senhor tem piedade de sua alma. Você precisa arrepender-se, ou você vai para o inferno. — Ele fechou os dedos ao redor de meu pulso, a íris cinza em espiral azul.

Eu recuei, vergonha quente ardendo em meu rosto do medo que atravessou meu coração. Um ódio doentio contorceu-se dentro de mim. — Não, Ange, não esta noite. Por favor.

Mas a parede de madeira bateu com um estrondo em minhas costas e eu não tinha para onde ir. Ele puxou meu braço esticado em direção a ele. Eu lutei, puxando para trás, meu bíceps destacando-se, mas ele era forte, facilmente forte, e o terror da mordida dos dentes gelados em meus ossos à medida que ele se inclinava e prendia os lábios na pele macia em meu cotovelo. Minha pele arrastando-se em horrível antecipação e eu não pude deixar de chorar.

Eu não tenho a mínima ideia de onde tiraram a romântica ideia de que ser mordido por um vampiro é sexy.

Dói pra caralho. A horrível lâmina metálica de seus dentes em minha pele, o desprezível estouro da veia arrebentando, a queimante agonia de meu sangue forçando para sair, mais rápido do que o buraco queria deixar porque ele estava sugando, bebendo, rasgando ainda mais o buraco. Dor espetou meu braço, os dedos arranhando. Calor doentio espalhando-se em meu abdômen e eu apertei meus dentes tão forte, meu maxilar doía. Eu queria vomitar, ou me mijar toda.

Eu agarrei o cabelo dele, tentando arrastá-lo para fora, rígidos cachos negros raspando meus dedos, mas ele não deixou ir até ter acabado.

Ele endireitou-se, sugando os restos carmesim de seus lábios, recuperando o fôlego. Um saudável rubor aquecendo sua pele, como se tivesse se exercitado ou passado algum tempo no sol. — Você está suja com o pecado, Jade. Confesse-se, seja absolvida.

— Vá para o inferno. — Agarrei a dobra de meu cotovelo, dobrando o braço para cima, já pingando sangue. Ele não tinha tomado muito. Não me senti fraca nem nada. Eu só queria chutar a cabeça dele para sentir-me melhor.

— Eu vou. Por que você acha que eu quero viver para sempre? — Ele lambeu os dentes pontiagudos limpando e secou a boca com as costas de sua mão pesada. Nem uma gota manchou sua roupa. — Saia de meu lugar, vagabunda. Não volte até estar limpa.

Eu ri, incrédula. — Você está ouvindo a si mesmo? Já ouviu falar de atirar a primeira pedra e tudo mais?

— Jesus era um homem bom. Eu não sou. Dê o fora daqui. — Seus lábios apertaram, maldosamente e forte, e o pulso acelerou em sua mandíbula.

Para Ange praguejar na frente de uma mulher, mesmo uma que ele desprezava, como eu, ele deveria estar mortalmente furioso. Hora de queimar minhas pontes. Eu levantei minha voz para que o restaurante inteiro ouvisse. Não era como se eles já não estivessem todos esticando as orelhas. — Você sabe o quê? Foda-se, Ange. Desculpe-me, eu tive que matar Nino. Ele fodia melhor do que você. Pelo menos eu pude sentir quando ele enfiou o pau em mim.

E saí, empurrando desajeitadamente clientes com minha mão ainda presa em meu cotovelo sangrando, meus saltos ressoando sobre os ladrilhos. Os meninos Valenti mantiveram cuidadosamente seus olhares para baixo, mas a macabra risada de Tony seguiu-me e, quando cheguei à rua, ouvi o estalo do esmagamento da madeira.



Do outro lado da rua, Kane estava sentado na calçada em uma brisa de ar quente, tamborilando indiferente as unhas pretas na mesa de café de plástico branco. Postes queimavam auréolas douradas sobre o pavimento, o tráfego arrastava-se em aromas de carbono e metal quente, morcegos batendo asas e ondulando em agradáveis correntes escuras com o mistério da cinética.

Uma noite de verão gloriosa, curta e frenética de uma maneira química, pronta para os jogos de poder e corrupção. Mas Kane move-se, descontentamento irritando sua pele. Ele suspira inquieto e um carro desvia, o motorista assustado por alguma flutuação cósmica.

A garçoneite aproxima-se, uma criança loira com quadris ossudos e tendões destacando-se em seu pescoço de cisne. Ela coloca uma bebida exageradamente espumante diante dele em um pires. — Um refrigerante de limão. São cinco e cinquenta.

Kane mergulha a colher, misturando a bola de sorvete na cremosa bebida verde. — Você não está gorda demais.

Ela pisca, indignada. — Desculpe?

— Para ser uma bailarina. Os diretores não ignoram você, porque está muito gorda. Você só não é boa o suficiente. — Ele escava uma nota do bolso e estende para ela, uma de cinquenta amarelada. — Fique com o troco.

Ela engole e pega a nota.

Mas o interesse perdeu-se de Kane. Suas unhas cortando a ponta da mesa, os nós dos dedos estalando fagulhas. Porque lá estava sua linda Jade do outro lado da rua, saindo do Valentino's em

seu adorável vestido vermelho, maquiagem preta riscada com lágrimas em suas bochechas. Sangrando, aquele quente cheiro metálico que ele ama, mas mais abaixo disso o real cheiro dela, delicado e fresco como as flores. Ele respira mais fundo, forçado, e suas unhas refletem azul com saudade.

Ele obriga-se a relaxar e engole um bocado do frescor sabor limão, sua garganta doendo. Tudo o que ele precisa fazer é sussurrar o nome dela e ela virá até ele, conversar com ele, talvez até sorria para ele. Isso parece importante. Kane não está certo do porquê. Igual a uma coisa frágil, um sorriso. Igual a uma mentira.

Ele sorri para si mesmo, apenas para provar, e bolhas de espuma verde pulam sobre sua mão, o cheiro azedo de leite pinicando seu nariz. Na mesa ao lado, uma mulher franze o nariz e abaixa seu chocolate, lambendo o interior de sua boca em desgosto.

Com seu sangue espirrado, Jade segue entre as mesas do restaurante e os garçons apressados, sua mandíbula tão apertada que pequenas rugas marcavam seu bonito queixo. Kane encara-a, chamas douradas lançando-se entre seus dedos e seu coração coagulado aquece-se, sangue demoníaco fluindo. Tão frágil. Tão quebrada. Só ele pode consertá-la. Ninguém a entende como ele. Ela deveria vir para ele.

O nome dela queima na ponta da língua dele como uma brasa, vacilando. Mas uma ideia choca-se fria em seus cabelos e sobre a mesa sua azeda bebida verde estala e congela, o canudo esmagando na vertical. E se...

Ele franze a testa, seus cílios com crosta de gelo. E se, em vez disso, ele fosse até ela? *Surpresa, Jade, não chore.* Talvez então ela sorria e ele sentir-se-á melhor.

Ele levanta em um pulo, mas pára, um respingo de sangue magenta em suas unhas. E se ela não quiser vê-lo? Às vezes ele é invisível para ela. Ele não sabe o porquê, mas às vezes ela não presta atenção às coisas que ele diz para ela. Normalmente é quando ele se sente assim, com coceira, desconfortável e rosa e ele gagueja algo louco e gentil e ela se cala e deixa de vê-lo por um tempo.

Ele assiste-lhe virar a esquina, fora de vista, e lentamente ele senta, a neve derretendo num rastro de água gelada em seus cabelos. Ele não quer ser invisível. Melhor se ele a deixar sozinha.

— Você está com frio, querido?

Kane pisca, sua boca formigando com a tristeza cinzenta. A mulher do chocolate coalhado foi-se e uma magra fae branca sorri para ele, chama escarlata lambendo em espirais através de seus longos cabelos pálidos. Um sorriso sensual e ganancioso. Não como o de Jade. As garras dele crescendo, um furioso mar de verde. — Não é aquele tipo de frio, criança.

O fogo da fae girando por sua espinha, seu fino vestido deslizando-se sobre as coxas, asas vítreas agitando quando ela se contorce em sua cadeira para mais perto. Faíscas saltam-lhe dos lábios, fresco e perfumado com o carbono. O calor de seu corpo brilhando no ar, convidando, mas o desespero amargo mancha seu ardor. — Você tem algum lugar para ir? Eu posso esquentar-te.

Gelo caindo de seus cílios como neve e a pele dele contorcendo-se, tentada. Mas eles nunca realmente quiseram isso, não quando ele está nesse tipo de humor. Eles só acham que querem. — Você não gostaria de esquentar-me.

— Acho que eu gostaria. Acho que eu realmente, realmente gostaria. Experimente? — Ela estica um braço branco com veias douradas, chamuscas voando pelo ar e estende a mão com o dedo

indicador para tocar sua garra na bebida congelada. Ela derrete, soprando uma nuvem de vapor verde.

A fada recua e agarra sua mão de volta, olhos amarelos iluminados com a dor. — Abelha, abelha! Abelha verde asquerosa.

Kane fareja o vapor, curioso. Nada, apenas creme estragado e água. — Isso doeu?

Ela coloca seu dedo machucado na boca, faíscas jorrando e sua unha rachando como o vidro, lascas perfurando seus lábios. Medo cobrindo seus olhos. — Não... não, não. Tenho que ir. — Ela arrasta-se de sua cadeira e sai, asas sacudindo.

Kane cuidadosamente empurra a bebida arruinada para longe com um dedo. Ele achava que ela cheirava mal. Mas fadas doentes apenas lembravam-no de Jade, e Jade fora-se para trabalhar seu próprio veneno sobre Dante DiLuca. Inveja cruel retorcendo-se em seu sangue, desconfortável.

A magra garçonete dançarina anda até ele novamente. — Você terminou com isso?

Ele olha para ela com severidade, os olhos cansados e sua boca apertada e apesar de seu descontentamento, o cheiro animal de alma roubada incita a fome demoníaca em seu coração. Ele dá seu sorriso humano e pisca para ela com um vento suave de compulsão infernal. — Sim, criança. Desculpe a bagunça.

Ela retira o pires sujo e hesita, seu olhar escorregando. — Você realmente acha... Merda. Não importa. Esqueça isso.

Kane agarra seu pulso para ela ficar e inala provando o nome dela. — Eu não me esqueci, Claire. Eu não vou te esquecer. Nunca. — Uma mentira. Mas assim é o esforço dela, seu desespero. Assim é a vida dela.

Ela engasga, seu pulso borbulha quente contra a palma dele. O copo sujo deslizando no pires e espuma verde leitosa salpicando seu avental preto. — Como você sabia?

— Eu sei. Você quer ser melhor?

— Eu treino e treino. Seis horas por dia. Mas—

Ele aperta os dedos, crescendo até que suas garras cortassem sua pele macia e permitissem que sua voz aprofundasse-se em um rosnado. — Você quer ser melhor?

A menina engole em seco, olhos arregalados, o suor brilhando de medo recobrando seu rosto. Ela vê. Ela sabe. Mas ela não pode parar. Seu corpo treme com desejo e seu sussurro flutua na respiração quente da alma encharcada. — Sim. Ah, sim. Por favor.

Kane deixa-a ir, satisfeito, o gosto pálido do fogo do inferno já torrado e despertando em sua boca. — Quando é sua próxima audição, criança?

Ela lambe os lábios, ávidos agora. — Domingo. No Palladium.

— Eu acredito que você vai conseguir o emprego. — Ele chama-a e, quando ela inclina-se, ele sussurra uma data, as chamas de sua boca lambendo a orelha dela.

Realização percorre-a e ela afasta-se, os olhos arregalados e úmidos. — Não. Eu só vou ser... Isso não é suficiente. Por favor.

Kane sorri, fraco. — Aproveite enquanto dura. Vejo você em breve.



Eu andei pela calçada, segurando meu cotovelo doído e as pessoas jantando sentadas debaixo da cobertura de lona

educadamente desviaram o olhar quando eu passei, ou rapidamente encontraram algo particularmente interessante para conversar com seus parceiros. Uma menina que sai do Valentino's coberta de sangue não é algo que você queira olhar. Você nunca sabe quem pode sair atrás dela.

Estúpidas lágrimas atormentavam meus olhos e eu andava cegamente pelo caminho de luzes amarelas e brancas, minha têmpora ainda doendo onde Ange tinha me atingido. Ele não me estava seguindo. Ele estava muito ocupado com sua guerra brutal para preocupar-se comigo agora, além de estar quebrando um pouco de móveis e tornando-se um bêbado vulgar. Mas minha pele queimava com vergonha, mais quente do que o sangue crescente quente e úmido em meu braço e eu fervia por dentro com raiva e nojo. Por Ange ter me tratado como merda, por Kane me fazer meter-me com as merdas de Ange, mas acima de tudo de mim mesma.

Eu virei a esquina – qualquer esquina, para colocar Valentino's fora de visão – e joguei-me contra a parede pintada de branco. Eu limpei meu rosto, sem importar-me com o rímel manchado e o sangue coagulado comprimido quando meu cotovelo desenrolou-se. — Porra, — eu murmurei e procurei em minha bolsa por mais lenços.

Quando eu tinha me transformado em algo tão ingênuo? Escravidão não significava que eu não deveria ficar de pé sozinha. Claro, eu tive que perder tempo com Ange, embonecar-me toda, parecer linda em seus braços. Em sua cama, também, ou onde quer que ele quisesse. Sexo é sempre determinante nas pequenas missões de Kane e desde que comecei a precisar de sexo para viver, eu não sou princesa o bastante que eu não possa fechar meus olhos e tolerar

isso quando eu preciso. A energia de Ange é fria e eriçada com raiva e dá-me arrepios, mas é comida.

Isso não quer dizer que eu tinha que deixá-lo bater em mim e beber a porra de meu sangue em público.

Linhas vermelhas manchavam a parte interna de meu braço enquanto eu tentava limpar, fragmentos de sangue aderindo no papel. O buraco era áspero, a pele macia rasgada entre duas marcas gordas de furo. Já estava cicatrizando e pela manhã estaria curado. Uma mordida de vampiro se cura rápido, a original e melhor violência doméstica. Ela vai-se antes de você ter que dizer que você atravessou uma porta.

Joguei os lenços encharcados na sarjeta e cuidadosamente toquei a massa em forma de ovo em minha testa. Esta não iria desaparecer tão cedo. Ok, então fisicamente ele era mais forte que eu. Ele é um vampiro; eu não posso evitar isso. Talvez eu tenha sido um pouco dura comigo mesma.

Ou talvez eu tenha escutado *prostituta, vagabunda e puta imprestável* tantas vezes, que eu comecei a acreditar.

Um caroço inchou em minha garganta, também, e eu engoli, fungando, meus olhos doendo novamente. Pelo menos eu não tinha mais que suportar Ange. Mas haveria outra vez e outra. Todas iguais. Todas violentas, raivosas, ruins. Caras legais não fazem negócios com Kane. E se um finalmente me bater até a morte, ou matar-me durante seus asquerosos joguinhos sexuais – mesmo que eu pule na frente de um trem ou engula um frasco de comprimidos – haveria Kane, respirando minha vida de volta, fazendo-me continuar. E continuar. Nada poderia fazê-lo parar.

Deixei meu cabelo cair para esconder minhas bochechas queimando. Eu não queria ir a um café, onde as pessoas bem

intencionadas inclinariam-se e arregalariam seus olhos e perguntariam se eu estava bem. Eu queria ir para casa, ficar debaixo do chuveiro sozinha no escuro e lavar com água quente o mau cheiro, mas o lugar ainda cheirava a Nyx, amargo e triste.

O pobre Nyx teria tentado animar-me. Ele cantaria para mim com aquela voz bonita e soprosa, trazendo-me um ninho de pássaro ou uma concha do mar, rolar na grama recém cortada no parque para que ele pudesse agitar em cima de mim seu cabelo amarelo. Doce, inocente fada. Morto.

Eu bati as palmas das mãos contra a parede, o concreto áspero picando minha pele, a raiva picando meu coração. Meus olhos encheram-se com névoa ardente e desta vez eu deixei as lágrimas virem.

— Jade?

Eu limpei meu rosto inutilmente, tentando engolir um soluço, minha garganta doendo.

— Jade. — Uma mão suave em meu ombro nu, morna, hesitante. Não era um Valenti.

Eu forcei meus olhos a abrirem, limpando-os novamente até que eu pudesse ver e meu estômago apertou ainda mais.

Preocupação escura sombreou os olhos chocolate manchados de dourado, a luz da rua brilhando suavemente sobre a pele morena e derramando um brilho fugaz de outono no cabelo cor de meia-noite. Ele usava uma camiseta preta com jeans desbotado, casual, mas elegante. Com um corpo como esse, ele seria elegante vestindo um saco de lixo. Mesmo em meu estado, não pude deixar de checá-lo. Maldição. Ele parecia tão quente sem o arrebatamento.

Sem dúvida ele sabia disso, também. Caras legais não se tornam escravos de Kane também. Eu empurrei a mão dele. — Vá embora, Rajah.

— Engraçado. Não até você parar de chorar, ou sangrar. Os dois seria bom.

— Eu não preciso de sua ajuda, está bem?

— Está bem. Que tal minha simpatia, então? Você pode ter isso por nada. — Mágoa refletia em seu tom. Ele lambeu seu exuberante lábio inferior e pela primeira vez percebi, ele inchou um pouco fora de forma, machucado.

Limpei meu nariz, arrependimento passando por mim. — O que aconteceu com seu rosto?

— Kane. Isso não importa. O que aconteceu com seu?

Talvez Rajah soubesse um pouco mais sobre meu tipo de escravidão do que eu pensava. Kane nunca me bateu nos 140 anos que eu o conheço. Então, novamente, eu nunca armei para um de seus sócios só para irritá-lo. Funguei e engoli, minha voz indistinta através de meu nariz entupido. — Angelo. Não importa de qualquer maneira. O que você quer? Estava procurando por mim?

Ele olhou para o inchaço em minha testa, meu vestido vermelho, o sangue coagulado em linhas em meu braço. — Não, mas você não é exatamente discreta. — Ele brincava com a borda de sua pulseira da escravidão, indeciso, e então ele estendeu sua mão para mim. — Vamos lá. Eu sei o que você precisa.

Eu ri, amarga. Claro que sim. Assim fez Ange. Assim fez Kane. Assim fizeram todos e nenhum deles tinha a menor ideia. — O mundo está cheio de homens que sabem do que eu preciso, Rajahni Seth. Não pense que você pode surpreender-me.

Suas sobrancelhas levantaram e ele enfiou a mão no bolso, sem jeito. — Eu estava pensando em rogan josh¹⁵ e um mango lassi¹⁶. É isso o que eles sempre dizem?

Corei, quente. Ele, desajeitado. Comigo. Imagine isso.

O pensamento de comida picante deu-me água na boca e eu tinha de admitir que a ideia de companhia, também. Distraidamente eu esfregava meus pulsos, onde as pulseiras da escravidão já coçavam e lamentavam. Eu deveria estar pensando em como eu iria enganar DiLuca. — Você não tem que estar em nenhum lugar?

Ele deu de ombros. — Angelo está procurando alguém para mim. Isso pode esperar.

Eu perguntava-me o que ele estava fazendo para Ange em troca e decidi que não queria saber. — Mas...

— Mas elas coçam? — Ele sorriu, insolente, deslumbrante. — Claro. Então faça de conta que é uma picada de mosquito. Não significa que você tem que coçar isso imediatamente.

Prazer brilhava em meu coração com a perspectiva de desafio, mesmo por uma hora ou duas. Exibi um sorriso em troca. — Ok, então. Você paga.

¹⁵ Molho curry com origem na Caxemira Popular na Índia, Paquistão, Singapura e Reino Unido. Leva carne e Kashmiri mirch que significa “pimenta da Caxemira”.

¹⁶ Bebida, popular na Índia, a base de iogurte misturada com água e leite e especiarias indianas. Alguns utilizam fruta em vez de especiarias. Neste caso é manga.

6



Deitei-me no chão forrado de almofadas brancas de franjas, meu estômago agradavelmente cheio, o cheirinho de comida indiana ainda encharcando minhas papilas gustativas. O óleo do pavio queimava em lamparinas de cobre no teto, as chamas cintilando suavemente com a brisa que vibrava com as portas abertas e nossa mesa baixa coberta com linho estava cheia de tigelas de cobre de arroz vazias e um *handi*¹⁷ de cerâmica manchada com os restos do nosso glorioso *rogan josh*. Nós tínhamos comido com os dedos, catando arroz amarelado por causa do açafrão misturado com sementes de cominho torradas e os pedaços de cordeiro temperado tão macio derretiam em minha boca, o sabor explodindo.

Já era tarde. Éramos os últimos aqui e o lugar estava fechado, o resto das almofadas arrumadas e as mesas limpas. O pequeno proprietário gordo parecia conhecer Rajah, que conversou muito com ele em Hindi ou Urdu, ou seja lá o que era e convenceu-o a deixar-nos ficar.

Eu tinha ido até o banheiro e lavei meu rosto, então pelo menos eu não tinha arruinado minha maquiagem com o rímel escorrendo em linhas pretas em meu rosto, mesmo que meu rosto ainda estivesse inchado como... Bem, como se meu melhor amigo tivesse acabado de morrer.

¹⁷ handi: vasilha funda de boca estreita usada na culinária indiana e paquistanesa.

Eu flexionei meus pés descalços, ciente de Rajah observando-me, escuro e impenetrável, suas longas pernas relaxadas quando ele se esticou a meu lado, como um grande gato magro. Ele não tentou me bater, ou me tocar. Tivemos uma conversa normal, engraçada e fascinante sobre a comida, a temporada de cricket, este verão interminável, os lugares que tínhamos vivido, e as épocas que tínhamos visto.

Ele conversou com uma deslumbrante animação sobre Lahore antes do Raj, quando o Império Mughal governou o mundo do brilhante palácio de mármore de Shah Jahan e os senhores demônios travaram batalhas espectrais em corredores aquecidos com lamparinas. Seus olhos escuros dançaram como se ele descrevesse intrigas com veneno de presas de *efrits* e coração negro de *djinn* e ele ria comigo enquanto eu recordava sobre Havana na década de cinqüenta, assistindo Sinatra no saguão do Hotel Nacional com Meyer Lansky e Luciano Charlie, de volta quando gangsteres destinados ao inferno ainda tinham boas maneiras e sabiam fazer uma menina ter um bom momento.

Eu não tinha mencionado Nyx e Rajah não perguntou, satisfeito por deixar-me dizer o que eu queria dizer. Ele não perguntou por que eu estava chorando. Ele nem sequer mencionou a noite passada, mas ele não pareceu constrangido ou esquivo. Era como se ele tivesse esquecido. Mas eu não tinha. Eu ainda o sentia em mim, o calor delicioso de seu corpo, seus dedos apertados em meus cabelos, seus lábios famintos em minha garganta. E eu ainda vi a interceptação de almas de bronze borbulhar com a energia raivosa de Valenti e a expressão em branco de Kane quando eu disse a ele sobre isso.

Eu drenei o resto de meu *lassi*, o líquido leitoso fresco e doce em minha garganta. — Você importa-se se eu fizer-lhe uma pergunta pessoal?

Rajah encolheu os ombros, tranquilamente, lambendo o *kulfi*¹⁸ gelado remanescente de sua colher. Eu gostava de olhar sua boca, o modo como seus lábios moviam-se, sensuais, deliberados. Mesmo o arranhão e o hematoma inchado só os tornavam mais fascinantes.

Limpei a garganta. — O que você está realmente fazendo com a alma do Nino?

Ele parou por um momento e baixou sua taça, considerando, desviando os olhos. — Se eu dissesse ‘*odium, primordium, terminus, animus*,’ isso significaria alguma coisa para você?

Meu coração parou e eu ri nervosa. Eu conhecia a história, tinha lido as palavras esculpidas em minha pulseira mil vezes. Eu nunca me deixei pensar muito sobre isso. — Isso é um mito.

— É? — Ele olhou para cima, capturando meu olhar com o seu e aquele desejo queimou e aquele arrebatamento despertou gemendo em minha alma. Minha pele corou e formigou e certamente o ar em volta de mim brilhou, mas ele não pareceu notar ou se importar. — Você explorou esta cidade, Jade? Você é tão jovem, eu queria que você pudesse sentir esse ar como eu sinto. É fresco, limpo, novo, há poder misturando no céu como uma tempestade. Mesmo a água cheira a magia. Você não notou o brilho de *fae* mais intenso aqui? A canção *banshees* é mais doce? Vampiros vão mais longe sem sangue? E o arrebatamento... — Ele lambeu os lábios, mexendo-se sobre suas almofadas e riu, um bonito rubor manchando sua pele. — O arrebatamento é como costumava ser,

¹⁸ kulfi: sobremesa congelada muito cremosa, mais pesada e de textura mais densa que o nosso sorvete. Conhecida como “sorvete indiano”.

quando eu era jovem. Leva-me a lugares que eu mal lembro. Certamente você já reparou que tudo é diferente aqui. Esse é o gosto da liberdade. Se ela está em algum lugar, este lugar é aqui.

Suor queimou minha testa, liso, meu pulso inchando. Liberdade. Livrar-me dessa escravidão, deixar Kane e seus jogos de poder sem fim e ir para qualquer lugar do mundo que eu queira, fazer o que eu quiser, estar com quem eu quiser. Morrer em paz, sem o grosseiro sussurro do inferno em minha alma. Certamente, as palavras mágicas eram um mito e liberdade um sonho impossível.

Engoli em seco, minha voz rouca. — Como? Como você faz isso? Diga-me.

Ele inclinou-se para perto de mim, atraente, mas consideração brilhando em seus olhos. — Por quê? — Ele murmurou. — Por que eu deveria? Por que você deveria querer ser livre? Você é gloriosa, inteligente, cativante. Por que não viver por mil anos?

— Para acabar com isso. — As palavras saíram correndo, impensadas e eu peguei minha respiração, hipnotizada pelo potencial e a visão de seus preciosos lábios, apenas alguns centímetros de distância. Não importa que eu esteja pensando exatamente a mesma coisa sobre ele. — Para me livrar de tudo isso. Por que mais?

— Por que mais? — Ele riu de novo, disperso e pegou em minha mão, apertando-a contra seu peito morno onde seu coração batia, forte e rápido. Esplendor animou seu rosto. — Para viver, do jeito que eu pretendia. Uma vida mortal, uma família. Não gastar dez séculos mortos em um ou outro capricho, meu coração não é meu. Estou farto de ver as pessoas morrerem a meu redor.

— Mas... — Eu não conseguia me concentrar, não com minha mão lá, sua carne dura e tensa sob meus dedos. — Mas sem a

pulseira, você vai morrer em breve. Porque não apenas esperar por isso, se você está tão desesperado pela mortalidade?

Ele apertou seu aperto, deslizando os dedos hábeis entre os meus. — No ano de 1615, Kane moldou essas pulseiras. Você vê alguma mancha? Alguma rachadura? O que você acha que acontece após aqueles mil anos?

Engoli em seco. — Kane disse que eu seria livre para morrer.

— E você acreditou nele.

Horror torceu minhas entranhas. Kane sempre pareceu tão pé no chão, muito ingênuo para levar uma mentira tão grande. A verdade é que às vezes eu esqueço que ele é um demônio e em um desses momentos eu tinha acreditado nele.

Minha mão começou a tremer e Rajah segurou-a mais apertado. — Eu não vou perder essa chance, — insistiu. — Eu não tenho nada a perder por tentar. Quatro palavras, quatro almas. Não pode ser pior do que isso.

Nostalgia inchou minha garganta. Parecia tão fácil do jeito que ele disse isso. Mas nada era tão simples. — Você vai destruir quatro pessoas inocentes para ser livre?

Ele roçou seus lábios sobre meus dedos, deixando um rastro quente e úmido. — Você não faria?

Pensei em todas as pessoas que eu já tinha enviado para o inferno. Homens e mulheres, velhos e jovens. Todos dispostos, todos seduzidos pelo arrebatamento, a alma sangrando em seu êxtase mortal final. A maioria deles na lista de merda de Kane por cada erro deles próprios. Mentirosos, assassinos, parasitas gananciosos sem assistência daqueles que os oprimiram para fazer seus caminho e nenhum bom coração a não ser que seja em proveito próprio.

Mais quatro parecia insignificante.

Meu sangue queimou e eu puxei minha mão, deixando minha cabeça cair para frente para esconder a fome certamente visível em minha cara. Meu cabelo roçando seu braço, enrolando sobre a pulseira da escravidão e eu juro que o ouvi recuperar o fôlego. — Diga-me. O que devo fazer? Essas palavras, elas não fazem sentido para mim. Como você sabia que era de Nino que precisava?

— *Odium*. — O sussurro quente de Rajah arrepiou meu couro cabeludo. — Esse foi fácil.

— *Odium*, — eu repeti baixinho, fechando os olhos. — Ódio. Eu não entendo.

— Nem eu entendia até poucas semanas. É o momento, entendeu? Não é apenas a pessoa. Você tem que escolher o momento em que eles realmente te odeiam. Eu provavelmente perdi mil chances em quatrocentos anos. Mas, nesta cidade, você pode ver. Ela brilha ao redor deles, como...

— Como uma aura. — Eu mal podia ouvir minhas próprias palavras com pulso batendo em minha cabeça. Em minha mente eu vi Killian Quinn, rosto deformado, pistola engatilhada em sua mão grossa, seu corpo reluzente com redemoinho cinza claro. Se alguém realmente me odiava com todas as fibras tensionadas de seu corpo, era Quinn. *Odium*. A primeira chave para minha liberdade, a meu alcance.

Magia explodiu dentro de mim, inundando as terminações nervosas com a sensação de calor. Eu arfei, meus músculos agitando-se, tensão torcendo dolorosa e profunda, como um orgasmo iminente, que só não iria romper.

— Jade? Você está bem?

Não ousei olhar para seu rosto, seus lábios inchados. Meu cabelo tocando seu braço já era ruim o suficiente, seu aroma picante

grosso e delicioso em minha língua, cada leve movimento de seu corpo tão perto de mim, uma agonia. Mas era por Quinn que eu queimava, Quinn odioso que eu esperava para dominar, esmagar, destruir cada filete sedutor de encantamento que eu pudesse reunir. Eu não me importava que eu detestasse a ideia de tocar Quinn, de deixá-lo me tocar. Eu queria sua alma e minha boca encheu de água.

Os dedos quentes de Rajah roçaram meu queixo, a mais breve das carícias. — Sinto muito. Eu não pensei que isso aconteceria. Venha, eu vou levá-la para casa.

Emoção passou por mim quando ele me tocou, ao longo da pele de meu pescoço e descendo para meus seios, uma promessa de prazer e de libertação. Eu afastei-me e levantei-me, meu rosto quente. — Eu posso encontrá-la, obrigada. Eu não estou perdida.

— Eu sei disso. Mas você não vai sozinha, não depois do que Angelo fez com você. Ele pode estar vigiando você.

Esse era do tipo carinhoso. Senti-me culpada por ter batido nele. Mas eu não queria Rajah em minha casa, não esta noite, não enquanto eu tremia e ansiava. Muito fácil de envergonhar-me. Eu tentei pisar em torno dele. — Eu vou ficar bem.

Ele bloqueou meu caminho, enfiando as mãos nos bolsos com um sorriso desobediente. — Eu posso argumentar até o sol nascer. Se você quiser uma boa noite de sono, você terá que se submeter. — Eu ainda fiquei com o pé atrás e ele fez uma careta. — acredite ou não, eu entendo o que você está passando. Olha, sem as mãos. Um metro de distância em todos os momentos. Eu vou levá-la até a porta e desaparecer. Eu não vou nem dar um beijo de boa noite. Bom o suficiente?

Como se ele fosse gostar de dar-me um beijo de boa noite, se eu deixasse? Eu passei a mão por meu cabelo e suspirei. — Eu sinto muito, ok? É só...

— Eu sei. Você não tem que explicar, lembra? — E ele ficou para trás e segurou a porta para deixar-me sair na frente dele.

Esta parte da Brunswick Street estava fechando tarde em uma noite de domingo, os proprietários dos cafés e restaurantes apagando suas luzes e travando grades de aço fechadas sobre suas janelas. O bar da esquina ainda estava aberto, o cheiro de cerveja à deriva, o som do baixo da banda vibrando pelo caminho. Um *troll* bêbado agachou-se na sarjeta nos semáforos, roncando, sua cabeça chifruda apoiada em um ombro coberto de couro, seus pretos dedos do pé contorcidos agitando-se.

Uma neblina quente cintilava no ar acima da estrada, o trilho de concreto faiscando quando um bonde barulhento passava pela cidade. Eu caminhava, suando e em silêncio, os braços cruzados, meu sangue esfriando lentamente. Meu cabelo grudado em meu pescoço em mechas, coçando e meus dedos picando com a necessidade de tocar em alguém, qualquer um. Outra chuva para mim quando chegar a casa, desta vez gelada.

Um par de gaivotas bicava batatas esmagadas e figos caídos fora do concreto na esquina da Carlton Gardens. Imensas figueiras apareciam na escuridão acima do gramado dourado, morcegos frugívoros circulando luz do poste. Uma fae da água da cor de um girassol enforcada no poste, balançando preguiçosamente em uma mão transparente de dedos longos, pingando gotas prateadas com cheiro doce de suas asas ondulando sobre a calçada. Sua canção suave flutuava no ar ainda, como poeira, solitária. Eu pensei em Nyx e meu coração doeu.

Eu olhei através de Rajah, que mantinha sua palavra, caminhando na borda externa da calçada, sem olhar para mim. Eu percebi que não sabia onde ele morava e perguntei-me o quanto ele estava saindo de seu caminho por mim. O mínimo que eu podia fazer era dizer algo. — Como você faz isso, afinal?

— Como eu faço o quê?

— Desaparecer.

Ele encolheu os ombros, suor brilhando em seus braços. — Essa é fácil. É um truque mortal que eu aprendi com um *jaduwala* em Cabul. Um feiticeiro.

— Você aprendeu magia? — Eu estava intrigada e indignada comigo mesma, medo apertando meu estômago. Eu tinha me interessado por um pouco de feitiçaria, uma vez, quando eu era jovem e estúpida.

— Foi o que me meteu nessa confusão. Eu era irresponsável. Eu desejei mais poder do que eu poderia aguentar e eu fui descuidado. Um de meus alunos... — Os olhos de Rajah irritaram-se brevemente, escuros. — Ele viu-me, eu deixei-o chegar muito perto. Ele roubou tudo que eu tinha, meu poder, minha razão, minha dignidade. Ele negociou-me com Kane, em troca de alguns truques. — Ele balançou a cabeça, cabelos úmidos e pretos grudando em sua bochecha. — Eu nunca quis a imortalidade. É engraçado como as coisas funcionam. E quanto a você?

Nervosismo formigava e eu fingi que não sabia o que ele queria dizer. — E quanto a mim o quê?

— Você sabe. Essas. — Ele gesticulou para minha pulseira, cuidando para não me tocar.

Minhas bochechas queimaram quando eu pensei sobre o convento infernal onde eu cresci. O fedor de linho encharcado de

mijo, persianas sempre puxadas sobre as janelas. Dias de orações, lições, mais orações, rações que davam fome e uma enorme quantidade de punições por um erro. Mordendo meus lábios feridos quando os hematomas picavam sob o branco pano áspero que escondia meu rosto. Noites sem dormir à espera do terror do frio, segurando as mãos. Na noite em que eu finalmente escapei, estava mancando enquanto engatinhava até o monte de esterco fedorento, observando através de um olho, os caminhos de merda de Londres, o outro olho inchado como uma ervilha presa em sua vagem.

Quinze intermináveis anos de idade, sem amor nem piedade em meu coração. Eu afundei em dias rebeldes de batedora de carteiras e ladra de túmulos, truques de segurança com meu cabelo entulhado sob o boné de um menino ou enrolado em cachos como os de uma dama. Noites de loucuras desvairadas embriagadas por causa do absinto, vestidos de cetim rasgado tingidos de verde com arsênico, colar de diamante em minhas orelhas, todos os homens que eu queria e alguns que não, mas pegava de qualquer jeito porque eu podia. Eu tive doenças e eu as tratei com vinagre ou uísque ou qualquer outro veneno. Eu nunca fiquei grávida; as freiras e suas surras com varas retorcidas tinham se cuidado com isso. Eu amaldiçoei a Igreja como ela amaldiçoou-me e engatinhei rindo na margem de um mundo de sombras, onde os altares eram escuros, as cruzes de cabeça para baixo, os rituais misturados com sangue e orgasmo. O Continente, Paris, Amsterdã, Constantinopla, todo o lugar onde a escura palavra espalhava-se.

E então Vorenius Luna, o homem mais bonito que eu já vi. O rosto de um anjo, o corpo de um deus e não um magro deus choroso pregado na cruz, mas um glorioso ídolo viril da sorte que claramente brilhava com poder. *Venha comigo, Jade, beije-me mais uma vez e*

eu mostrar-te-ei a verdadeira mágica, não apenas foder em um altar para irritar algum senhor imbecil ausente. Receba-me do jeito que eu quero e eu vou fazê-la imortal.

Agora eu tinha diamantes de verdade, vestidos de seda bordados com fios de ouro, uma carruagem com cavalos e todo o homem que eu queria, pois eu só queria um. Ele treinou-me em cada prazer seu, moldando-me a sua imagem sensual e eu dediquei-me inteiramente a isso. Jogamos todos os jogos, contornamos cada dificuldade, não deixamos de experimentar nenhum vício. Nossa biblioteca estava escondida em um quarto fechado, livros antigos encapados com pele humana, grimórios, receitas de veneno, a caligrafia do diabo em sangue no papel preto chamuscado. O poder de Luna provou-se indescritível, difícil, sempre além de meu alcance.

E um dia ele cansou de mim e deixou-me acorrentada em uma parede no subsolo, visitando-me de vez em quando para fazer-me comer e humilhar-me com coisas que eu já não queria fazer, pelo menos não com ele. Meu vestido de seda gasto, fino e untado com sujeira, os cachos caindo de meu cabelo. Amaldiçoei Luna como eu tinha amaldiçoado a Deus, mas um mentiroso não precisa de fé para prosperar e eu não conhecia nenhum poder que pudesse machucá-lo. Ele tinha se certificado disso.

Dois meses depois, ele perdeu-me para Kane num jogo de cartas. Fim da história.

Eu não tinha pensado em Luna por um longo tempo e eu não gosto de falar sobre isso. Eu quis a imortalidade uma vez, apesar daquele deus magro que insistiu que eu deveria morrer como ele. Eu tenho mudado desde então.

Agora olhei para Rajah, este estranhamente animado, perturbadoramente atraente estranho que desejava escapar da escravidão de Kane para que ele pudesse viver, não para que pudesse morrer e em um lugar vazio no fundo de meu coração sentia saudades. Eu queria que ele me entendesse e não apenas porque um *incubus* era provavelmente o único homem que podia, mas porque por algum motivo iludido eu pensei que Rajah pudesse realmente se importar. Eu queria que ele se importasse. Eu queria que ele me conhecesse por mim mesma, não como uma bagunceira desesperada encharcada de arrebatamento ou uma princesinha assustada que é espancada por seu namorado vampiro ciumento.

Eu respirei fundo e contei-lhe a coisa toda.

Ele caminhou em silêncio por um minuto depois de eu ter terminado, as mãos ainda enfiadas em seus bolsos. — Nossas histórias são semelhantes, — ele disse finalmente e olhou para mim com uma escura sugestão de sorriso. — Nós procuramos nos lugares errados. Não há vergonha nisso.

Nós dobramos a esquina em minha rua e eu não pude deixar de sorrir de volta, seu olhar firme e quente no meu, até que depois de um tempo sua sinceridade incomodava-me e eu desviei o olhar.

Ele inspecionou minha porta, espremida embaixo da escada como um buraco de coelho e riu. — Você vai percorrer um longo caminho para fazer seu ponto, eu vou dar-te isso. Você sabe que Kane iria colocá-la em uma mansão no sul de Yarra se você pedisse.

— Eu nunca vou pedir a ele por isso. — Eu movi-me desajeitada e levantei minha mão. — Obrigada.

Depois de um momento ele a pegou. — Não se preocupe. Se Ange incomodar você, ligue-me.

Eu corei por lembrar que ele me levou pra casa para Ange não me bater novamente. Não é porque ele realmente queria conversar comigo, nem nada. — Eu não quis dizer isso. Eu quis dizer obrigada pelo jantar. E... E por desperdiçar sua noite comigo, eu acho.

— Não foi um desperdício. Eu... Humm... Tive uma boa noite.

Ele não deixou cair minha mão e minha pele queimava ainda mais quente. Ele estava brincando com meu pulso com o dedo, vestindo um olhar tragicamente inocente no rosto. Um arrepio sussurrou em meu braço, delicado, verdadeiro, não um brilho artificial do arrebatamento, mas o desejo honesto. Pensei em meu apartamento, úmido e escuro, com aquele cheiro azedo e azul. Eu não queria sentir o cheiro de Nyx. Eu mantive Nyx em meu coração, onde era o lugar dele, não manchado em meu chão como excremento. Eu queria sentir o cheiro de *josh rogan*, o doce suave do *lassi* e o escuro, fresco aroma do suor de Rajah.

Engoli em seco. — Rajah?

— Sim. — Ele deslizou os dedos sobre os meus, tracejando-os um por um, observando, paralisado.

Eu não afastei. — Você ainda está aqui.

— Então, eu estou. — Ele trouxe minha mão para seus lindos lábios e sua engenhosa língua cintilou latejante por cima de meu dedo.

Eu não pude ajudar, ofeguei na pressa do desejo que me inundou, queimando todo o caminho para meus mamilos endurecidos, minhas coxas tremendo, a dor desesperada entre as pernas. Eu queria deslizar o dedo em sua boca quente para que ele pudesse chupar. — Você não disse alguma coisa sobre desaparecer?

Ele deu um meio sorriso sensual e mordiscou a ponta do dedo novamente, desta vez arranhando-o com os dentes. Droga, sua boca travessa excitou-me. — Você quer que eu desapareça?

Deus não. Eu queria que ele me despisse, arrastasse sua boca sobre mim, adorasse-me, mergulhasse sua língua entre minhas pernas e bebesse-me até que eu gritasse. Eu movi-me para mais perto e eu podia sentir o início da escorregadia umidade lá embaixo, onde aquela dor estava piorando, minha carne inchada por ele, sangue pulsando. — Você mencionou dar-me um beijo de boa noite, também.

Ele guiou minha mão em seu cabelo preto acetinado, suave, mas insistente. — Eu acho que mencionei não te dar um beijo de boa noite, na verdade.

— Então como é que isso está indo? — Eu peguei um punhado de cabelos escuros carinhosamente em meu pulso, minhas unhas arranhando sua pele.

— Nada bem. Continue fazendo isso e eu diria que é impossível. — Ele jogou a cabeça para trás, suspirando de prazer.

A ação trouxe-me para mais perto e meus mamilos apertados raspavam seu tórax através de meu vestido de linho cru. Prazer moveu-se rapidamente direto para meu sexo, tão imediato que eu gemi. Ele deve ter sentido, também, porque ele esmagou-me contra seu corpo rígido, sua mão largando a minha para cobrir minha cintura, os dedos fortes segurando-me, apoiando-me.

Eu puxei sua cabeça para a minha, meus dedos apertaram-se em seu cabelo e seus olhos brilhavam de antecipação. Eu estava hipnotizada. Eu inalei, meus lábios abrindo-se, provando-o em antecipação, aquele sabor de gengibre fazendo coisas selvagens para meu pulso. Ele gemeu e inclinou os lábios tentadores aos meus.

O beijo queimou meus lábios, chocante. O sangue pulsava em meu clitóris e eu cambaleei fraca. Rajah apertou-me mais perto, mantendo-me de pé, acariciando meus lábios tão bem, deslizando sobre minha boca quente, levando-me exatamente onde eu desejava ir. Minha boca brilhava, viva com sua energia, não comestível e nutritiva como a de Kane, mas sexo puro, atravessando através de mim, enchendo meu interior, fazendo com que minha carne chorasse de desejo.

Ele dançou a língua levemente sobre a minha, brincando, provocando-me até que eu soluzei, implorando por mais dele. Em seguida, sua língua mergulhou em mim, levando-me como pôde com seu pênis, longas e suaves pancadas que me fizeram arfar e travar os braços em volta de seu pescoço, apertando contra ele para sentir sua esticada ereção.

O sabor dele deixou-me bêbada e irresponsável. Deus, eu queria-o enchendo-me. Um homem que se importava com o que eu pensava, que realmente dava a mínima para o que eu queria. E não era como se isso pudesse arruinar a nossa amizade. Nada para destruir. Só porque eu contei a ele meu segredo mais humilhante e ele não só simpatizava, mas realmente entendia, não significava que eu me importava, certo? E isso certamente não significava que ele se importava.

Mas eu sabia que da forma como nós nos beijamos, o modo como seu corpo respondeu, que ele me desejava também, queria tomar-me com força, com seu pênis, sua língua, seus dedos ágeis, tudo. Meus peitos doíam contra ele, queimando por ele sugá-los e meu clitóris inchado exigia o mesmo. Eu não tinha desejado assim por uma era. Minhas pálpebras incharam, as lágrimas traiçoeiras frescas em meu rosto quente.

Ele suavizou o beijo, sua boca deixando a minha para roçar as lágrimas, seus lábios delicados e macios em meu rosto. — Boa noite, Jade.

Urgência atravessou minhas veias. Ele provavelmente não gostava de mim, realmente não. Só gostava de virar-me, gostava de meu corpo e da ideia de me foder, outra maneira que ele poderia conseguir uma ascensão com Kane. Mas eu não me importei. Torci os dedos em seus cabelos, ansiando por ele.

— Fique. — Inferno, isso parecia desesperado. Eu estava desesperada. Por ele.

Ele prendeu a respiração, fechando os olhos por um momento. — Não. Por favor. Você está chateada, você realmente não... Eu não posso. — Ele suspirou, relutante e, delicadamente, mas firmemente, afastou-me dele.

— Eu estou bem. Sério. Eu só... — Mas eu não conseguia parar as lágrimas caindo. Foi tão fácil para ele pegar ou largar. Ele realmente não se importava o quanto eu queria. Apenas alguns restos mortais de sua consciência, impedindo-o de esmagar uma mulher em lágrimas.

Ele mordeu os lábios e ergueu a mão até meu rosto, mas parou antes de tocar-me. Ao invés disso, ele estendeu a mão para traçar seu dedo no vidro empoeirado em minha porta. Números. Seu número de telefone. — Só me ligue se precisar de alguma coisa, ok?

E antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele tinha desaparecido, mas seu delicioso perfume persistia.

7



Rajahni Seth espreitou-se pela rua escura, sua sombra longa e negra como uma matiz infernal. Ele está fervendo, as palmas queimando e o desejo tremulando em seu sangue rugidor. Essa Jade. Gosto dela. Quero-a. Maldita.

Tão delicada, quase translúcida em sua beleza, ainda selvagem e apaixonada, suspirando nele como se ela pretendesse isso, o cheiro ácido de seu sexo molhado – molhado por ele – infiltrando-se por ela para inundá-lo. Seu pau doía para preenchê-la, para fazê-la ter orgasmos, fazê-la gritar. Sua boca salivou ao pensamento de passar a língua em seus pequenos e rígidos mamilos, suave barriga plana, as dobras aromáticas do alto de suas coxas. Envolvendo os lábios ao redor de sua carne secreta, sentindo-a florescer e entrar em sua boca, sem nenhum pensamento de interceptação de almas ou nutrição ou servidão, somente seu prazer e o dele, repetidamente...

Ele chuta um seixo, enviando-o pulando para a sarjeta. Ele a quer, tão calorosa e fortemente, seu desejo quase borra o choque tórrido das palavras dele alguns minutos atrás.

Mas não tanto.

Vorenius Luna. Ouvir o nome nos lábios de jade quase o derrubou. Os rostos flutuam em sua mente, a memória de quase quatrocentos anos passados, mas ainda fresca, sangrando.

Ódio arrebatado o preenche, misturando-se sedutoramente com seu desejo. Luna. Vigarista, ladrão, artista confiante, escoava aptidão latente como escoava sex appeal. Um predador magnífico. Eles foram inimigos, competidores ferozes, relutantes, mas colegas forçados, atraídos por algum magnetismo cruel de danos. Eles sussurraram com demônios em escuras grutas de oceanos, fizeram amor com fadas ladras de almas sob paredes de pedra à luz de velas, arrastaram fantasmas gritando de seu descanso para exigir respostas para a própria morte, apenas pelo simples inferno disso tudo.

Até que Luna decidiu que ele queria o poder mais do que queria a diversão e traiu Rajah com Kane em troca de imortalidade.

Luna está aqui. Em Melbourne. Os ecos perdidos do poder de Rajah gritam para ele, no sussurro do vento à meia-noite e o zumbido elétrico do neon. Mas ele pode sentir Luna em seu sangue, também, nas mesmas células que brilham de deleite ao doce potencial afiando o ar primitivo desta cidade infante. Luna terá sentido isso também, com uma percepção sussurrando afiadamente, ambas roubadas e congênicas e, se há uma coisa que nosso Luna nunca perderá, é uma festa.

Suor enrolava-se em volta das bordas do bracelete de Rajah, correndo pelas palavras mágicas gravadas lá. *Odium* – ódio – que ele já completou. A próxima que vem *Primordium* – a origem – e *primordium* tem Vorenius Luna escrito por ela toda. A origem de sua escravidão. Ele somente sabe que quando encontrar Luna – que era o que ele pretendia ao ver Angelo Valenti esta noite, antes de ser distraído por um esplêndido punhado sexy e intoxicante de mulher – quando ele encontrar Luna, aquela aura irá saltar como um raio de sol perverso.

Ele imagina quanto tempo antes que jade percebesse a mesma coisa.

Ele não sabe o que *odium* significa para ela. Poderia ser qualquer um. Mas de coração – a estória deturpada que contou esta noite, Luna e *primordium* são um e o mesmo.

Ambos não podem beber a alma de Luna. Se eles não beberem a alma de Luna, eles não conseguem se libertar. Frustração arranha seu coração e ele quase deseja que a tivesse deixado sangrando no caminho da casa do Valentino. Por que tinha que ser ela? Por que agora?

Por quatrocentos anos, Rajah teria enviado qualquer alma da terra para o inferno para se libertar. Mas Jade o prende como nenhuma outra em todos esses séculos. Esqueça, esta noite ele não podia tirar os olhos da suave forma convidativa de seus quadris, seus seios dignos de serem beijados, aquela minúscula boca como um botão que ele queria reivindicar repetidas vezes. Seu coração sentia a angústia chamar por ele, fazê-lo esquecer da escravidão, liberdade e séculos de servidão. Ele quer protegê-la de sua tristeza, entusiasma-la, provar a ela que com juízo e humor e pura alegria de viver que a morte não é a única resposta para a escravidão.

A noite mais quente de sexo selvagem que ela já teve poderia ajudar também.

Ele cerrou os dentes, dolorido, e em sua agitação ele treme, luz para dentro e fora de vista como uma sombra ilegítima, o ar cintilando e flutuando a seu redor. Ele está pensando com sua ereção e ele sabe disso. Seu coração é seu mesmo. Não é para ser possuído ou algemado, não importa o quão sedutoras sejam as correntes. Se ele tiver de usar toda sua artimanha para roubar Luna debaixo do

fofo nariz de Jade, ele fará isso. Permitir que ela o odiasse para sempre. Ele estará livre. Isso é tudo que importa.

Mas por alguma razão seu coração dói e seus pensamentos agitaram-se tão sombrios e amargos que ele não percebeu onde estava indo, não até os globos de luz amarelos do teatro brilharem em seus olhos e uma multidão acotovelar-se em sua volta. O espetáculo da noite de Lloyd Webber no Princess está terminando e fãs tagarelas de musical espalharam-se na calçada embaixo da marquise brilhante. Ele faz-se passar, dedos tensos a seu lado e desliza pelo lado da rua para a escuridão.

Uma arranhadura atrás dele – um passo? – o faz parar, olhando por sobre o ombro para ouvir. Nada. Uma sombra. Mas até mesmo sombras seguem, às vezes. Ele ouve por um tempo mais longo, farejando o ar como uma raposa e continuou caminhando.

Tentáculos gelados enrolaram-se na parte de trás de seu pescoço.

Ele saltou contra a parede escura de tijolos, o coração estrondando, sílabas de proteção pinicando na língua.

Dedos frígidos fictícios traçaram sua clavícula, olhos amarelos cintilando pela luz da rua refletida. — Um momento, *incubus*. Por favor.

Ele engole uma retórica furiosa quando vê seu rosto, pálido e torcido, cristais de gelo obstruindo os cílios. — Cuidado com quem você surpreende assim, querida. Você não me conhece.

O espírito do fogo sorri, mas a pele em volta de sua boca larga racha-se, descamando-se para despedaçar-se no chão como vidro. Gelo forma-se na cicatriz, manchando com um mole sangue âmbar, cristais rapidamente se multiplicando. — Gostaria de conhecer você, — ela descasca, mas nenhuma faísca bonita voa de sua respiração,

nenhuma chama enrola-se em seu cabelo branco quebradiço ou salta de suas unhas geladas e quebradas quando toca seus lábios. — Você é tão quente. Beije-me.

— Você não quer isso. — Mas a pele de Rajah queima, os dedos pinicam. O corpo que ele deseja é delgado, delicado, feminino, lembrando-o de Jade. Seu pau enrijece-se, rápido demais, doloroso. Êxtase contorce-se quente em seu sangue mesmo quando ele registra que ela está doente, desintegrando-se com um frio anormal, a chama apagando. Talvez o que ele ouviu a respeito do veneno de fada passar de um para outro seja verdade.

Ela desliza uma mão estreita entre as pernas dele, sexy apesar do frio que radiava bem debaixo de sua pele de mármore. As asas de vidro sacudiram-se, cacos âmbar estilhaçando-se sobre ele como pétalas frias e ela envolve a perna alta e magra ao redor dele, impossivelmente flexível, a articulação rachando doentamente. Compelido, ele deslizou uma das mão por baixo dela, apertando-a mais forte. Seu pau esticava-se contra seu calor debilitado, onde deveria haver um calor abrasador, e ele arfa quando o êxtase aumenta a pressão para compensar, endurecendo-o para explodir.

— Dói, — ela arfa, a voz cansada e áspera de dor. — Tão frio, tão profundo. Dizem que você pode sugar a alma de uma garota. Faça um favor para uma garota?

Gelo crepita em seus lábios, de sua respiração e ele os lambe, raiva e desejo por Jade colocados em lugar errado aquecendo sua pele. Há algo perverso nisso, ele não deveria estar morrendo para foder com essa pobre garota, mas ele estava, talvez ele possa fazê-la inundar com seu calor antes que a vida seja drenada dela.

Ela estica-se para mais perto e ele tenta empurrar, enjoado, compaixão dando fortes cabeçadas contra seu desejo insensível. —

Não, não... — mas sua boca gélida aperta-se sobre a dele, seu gosto fosfórico contaminado pelo sal.

Derrotado, ele introduz a língua em sua boca, beijando-a forte, fechando os olhos para a repentina luz difundindo êxtase no ar. Um suspiro de seu frio envenenado o ensopa junto com sua energia e ela geme quebradamente, os lábios rachando sobre a pressão. Urgente agora, ele enrosca a mão embaixo do vestido dela, buscando pelo último remanescente de calor. Ela está molhada, mas está fresca e os dedos dele estão queimando. Ele encontra seu pequeno nodoso clitóris e o pressiona, fazendo minúsculos círculos. Ela arfa em sua boca, movendo-se contra ele, a pele frágil desfazendo-se contra seu pulso e depois de somente alguns segundos ela grita, estremecendo. Uma massa escura de acre líquido flui na boca de Rajah, descendo frio pela garganta e ela cai sobre ele, parada.

O arrebatamento chiou em triunfo e Rajah engasgou, seu pulso palpitante. Ele a empurrou de lado, tentando levantá-la suavemente para o chão, mas seus ossos quebraram, sua pele rompeu como gelo fino em um lago. Seu corpo quebrado afundou no chão, sua cabeça pendendo, suas asas de âmbar desmoronando em pó.

Um soco de dor impulsionou em suas entranhas. Ele dobrou-se e ácido negro jorrou, queimando sua garganta. Ele tossiu e cuspiu, sua boca queimando. A envenenada alma contorceu-se em uma poça no chão poeirento, encolhendo, endurecida em uma crosta crocante preta.

Rajah atingiu cegamente a parede, o tijolo esfolando a palma da mão e uma fria risada masculina esfregou-se em seus ouvidos. Ofegante, ele olhou para cima, para vazios olhos azuis.

— Então é verdade o que dizem. Há realmente um assassino-fae. Eu acredito que estou excitado. — Suor brilhava em sua fronte pálida, gotas brilhavam no cabelo encaracolado. Suave jeans azul, cinto de fivela de prata, camisa branca salpicada com algumas gotas de sangue.

Rajah cuspiu, deliberadamente perto dos sapatos do homem. Tenho um nervo do caralho, jogando ao redor da palavra assassino como se ele não ligasse. — Ela já estava doente, DiLuca. Foda-se.

Dante apoiou o ombro contra a parede, casual, seu sorriso fresco não revelou nada. — Eu ouvi que você estava perguntando sobre mim. Não, eu disse, não pode ser verdade. Ele finalmente perdeu seus sentidos.

— Não fique muito esperançoso. Eu estou apenas procurando por um cara que você deve conhecer. — Rajah endireitou-se, recuperando o fôlego. Luna vai cercar-se com uma falsa e brilhante multidão de mentirosos, trapaceiros e belezas vazias para provar o quão superior ele é. O tipo de pessoa que Dante deleita-se em persuadir. Ele achava que valia a pena tentar.

E elegantes sobrancelhas escuras elevaram-se. — Eu acredito que suas últimas palavras foram para mim uma obscenidade que envolve minha mãe e algo sobre um dia frio no inferno. — Dante inclina-se mais perto e Rajah pode sentir o cheiro dele, salgado e forte com o sangue. — Bem, é quente no inferno, Rajahni. Quente e excruciante. Eu estive lá. Eu não vou voltar. Se você quiser minha ajuda, você vai ganhar isso.

Amarga culpa roía a coragem de Rajah, seguido pelo medo que Dante estivesse seguindo-o, o tivesse visto com Jade. Ele sempre pensou que iria fazer alguma coisa, dar alguma coisa. Qualquer alma na Terra. Qualquer negócio manchado de sangue. Qualquer coisa,

menos a pulseira. Mas, imaginando sua doce Jade nas mãos de Dante, ele contorcia-se de raiva e tristeza.

Sua Jade. Parecia uma boa ideia. — Eu disse-lhe antes, eu não vou jogar seus jogos.

— Mesmo para poupar sua deliciosa e pequena puta namorada? — Dante mostrou seus dentes finalmente, afiados e brilhantes na luz da rua. — Foder ou comer, essa sempre é a questão.

Fúria inflamou, cintilando como estática ao longo dos já tensos nervos de Rajah. Vermes de irritação moviam-se em sua pele, como sempre Dante soube exatamente como insultá-lo, mas Rajah não pode deixar de mentir. Ele dá um passo mais perto, suas sombras misturando como tinta em um concreto quebrado. — Ouça-me, seu doente estúpido. Eu não quero seu sangue, eu não quero ferrar sua vida, eu com certeza não te quero. E se você alguma vez ameaçá-la de novo...

— Você vai o quê? — Dante cheirou, testando o ar, inalando o perfume de Rajah e lambendo os finos lábios escarlates. — Foder outra fada até ela morrer?

O Temperamento de Rajah explodiu, derretendo seu senso comum e ele bateu em Dante de volta para a parede com um vingativo soco de seu antebraço. Dante assobiou, cuspiu o vermelho correndo em seus dentes. Sua forma escura borrada como uma sombra rancorosa e a próxima coisa que Rajah soube, é que ele estava vomitando de quatro, suas entranhas em cólicas e cascalho afiado cavando em suas mãos.

Dedos de Ferro puxaram seus cabelos, arrastando sua cabeça para baixo e uma molhada respiração de vampiro queimava atrás de seu pescoço. Repentino cheiro de sangue, repugnante. — Não me

provoque, menino vagabundo. Eu vou romper você no meio e banhar-me na bagunça que você fará.

Rajah engasgou, chutando, mas a mão de Dante era rápida. — Ótimo, — ele suspirou, uma lustrosa frieza revestindo seus lábios. — Vou encontrá-lo sozinho. Basta deixá-la sozinha.

— Vamos ver. — A molhada língua de Dante moveu-se para baixo ao longo da garganta de Rajah, provando, e em uma rápida brisa morna ele foi-se, um espaço vazio onde estava sua sombra.

Rajah cuspiu e colocou-se de pé, virando o pescoço com um crack. O cuspe de Dante deslizou em sua pele e ele esfregou isso para longe, estremecendo. Ele mesmo terá que encontrar Luna. Estúpido, em imaginar que Diluca pudesse amenizar ante um pedido decente. E o pensamento de Dante perseguindo Jade com seu distorcido e vingativo apetite agitou uma doentia aversão no estômago de Rajah. Ele queria procurá-la, preveni-la, protegê-la, mantê-la por si mesmo.

Mas ela era uma menina grande. Ela podia cuidar de si mesma e ela nunca pediu a ajuda dele. Por tudo o que soube, ela estava no meio desse tipo de coisa. Nada é de sua conta. Certo?

Ele balança a cabeça, bile brilhante e amarga na boca e andou se afastando rigidamente no escuro.



A fila fora do clube esticava-se através da rua, dentro de uma corda de veludo preto, néon azul brilhando em cima. Morcegos batendo na iluminação pública. Carros cruzavam o caminho, os motoristas pendurando-se para fora da janela para verificar o cenário e não havia muito para verificar.

O Tribunal Unseelie atrai os melhores e mais loucos que Melbourne tinha a oferecer e a linha era uma luminosa floresta de Lycra em uma explosão de peitos, pernas bronzeadas de mulheres com meia arrastão, músculos de homens esfregando-se contra tecidos nas cores do arco-íris, o brilho, o vidro e o encantamento do maravilhoso fae. A ação mais quente, as drogas mais legais, as bebidas mais caras da cidade, o Tribunal tinha tudo isso.

A outra coisa sobre o Tribunal Unseelie é que no papel era um território neutro. Possuído por nenhum dos dois, DiLuca nem Valenti, não estava fora dos limites de qualquer um, então ou todos estavam salvos ou todos estavam jogando limpo, dependendo do jeito que você olhava para isso.

Eu passei por baixo da corda, atraindo alguns olhares invejosos e um sorriso ou dois. Não era realmente verdade que você não poderia entrar ao menos que os seguranças pensassem que você era quente. Mas era um mito muito útil para a gerência promover, e

em qualquer caso, eu tinha uma certa vantagem quando se tratava de primeiras impressões.

Eu espreitei e sorri para o grande troll de camisa preta na porta, acendendo meu encanto com um estalido de estática.

— Eu sou esperada.

Ele corou em verde mais escuro, seu redondo olhar fixou-se em meu peito, a veia pulsando em seu bíceps.

— Claro, querida. Entre.

Eu pisquei. — Obrigada, Garotão.

Ele empurrou a porta de metal aberta, liberando um sopro de ar quente tingido de fumaça e eu avancei pelos degraus e para dentro do Tribunal.

Música latejava, rock artístico sombrio, a batida do ritmo vibrando em meus pulmões. O ar opaco brilhou com lasers coloridos e uma doce fumaça branca. Brilhantes órbitas esfaqueavam o chão brilhante, tirando fotos dos corpos em sinuoso movimento ao ritmo, brilhando músculos oleados, piercings, membros ágeis, asas de fada iridescentes. Ao longo de um lado, o bar brilhava, as meninas nas apertadas camisetas pretas serviam espirituosos, coloridos e brilhantes vinhos encharcados de fae.

Fragrância remanescente de meu arrebatamento virava cabeças enquanto eu me infiltrava e eu não parava ou olhava. Eu pensei que estivesse bonita, em um apertado vestido preto que chegava apenas no meio de minha coxa e um par de sapatos de salto baixo — isto é, se você gosta de magrela, sem seios, quadris ossudos — Mas eu sabia que eles realmente não estavam olhando para mim.

Eu poderia fazer uma correção, depois de mais uma vez chegar tão perto de estragar o cérebro de Rajah ontem a noite — não parecia como se eu tivesse aprendido o não — a lição de Rajah a

qualquer momento em breve, não do jeito que ele me fazia doer, queimar e umedecer — mas minha pulseira de ouro zumbia, o insistente sussurro de Kane rastejando em meu coração. Eu queria arranhar-me toda, a pestilenta coceira da pulseira enlouquecendo-me. Isso só iria piorar até que eu encontrasse Dante Diluca e fizesse como Kane ordenou-me. Eu ansiava por caçar o detetive Quinn, também, sugar sua alma cheia de ódio em minha armadilha e começar o horrível ritual de liberdade, mas como sempre, a pulseira cancelava meu próprio querer. Minha sombria luxúria pela alma de Quinn teria que esperar.

Eu empurrei com os ombros impaciente até o bar de vidro incandescente e brilhante e pedi uma dose de tequila, inclinando os cotovelos sobre a superfície quente. O lugar estava bombando esta noite e como de costume ninguém se importava muito com o que alguém fazia ou o que via. Em um sofá num canto escuro, uma fada de água, pele cor de pêssego, com longas asas afiladas como uma libélula, estava fazendo sexo oral em uma garota mortal gemendo, saia de couro trançado em volta da cintura. Seus tornozelos estavam presos em seu pescoço esguio, sua longa e pontuda língua lambendo o sexo brilhante dela, alimentação. Eu perguntei-me se ela podia ver através de seu encantamento para o que ele realmente se parecia, como se eu pudesse, ou se ela simplesmente achava que estava recebendo isso de um gostoso cara mortal com uma língua acrobática.

Minha bebida veio e eu joguei para baixo, o álcool forte queimando minha garganta. Como devo abordar isso? Quão inteligente este Dante era afinal? Encanto não funciona muito bem em vampiros. Talvez uma aproximação direta fosse evidente demais. Então, novamente, notórios gangsteres vampiros ainda são apenas

homens no final: quando se trata de pensar, é o pau em primeiro, presas em segundo, o cérebro em um distante terceiro lugar.

Pedi outra bebida, relaxando a curva de minhas costas no bar enquanto esperava. Contra a parede no final, um cara semi-nu de cabeça raspada com o corpo de um atleta pegou uma fada de sangue ofegante por trás, bombeando dentro dela com os dedos cerrados em seus quadris estreitos. Suor de sangue escorria sobre as costas nuas da fada, as asas brilhando em carmesim, cabelo escuro molhado caindo no rosto.

— Deixe-me pagar essa.

Eu os observei, abanando-me com minha mão. Droga, estava quente aqui. Eu percebi que alguém havia falado. — Huh?

— Eu disse, deixe-me pagar para nós algumas bebidas para que eu possa conseguir a coragem de flertar com você. — A voz era divertida, calma, um toque de sexy italiano continental.

Eu virei-me e uma curta rejeição morreu em meus lábios. Ele era fofo. Sorriso doce, cabelo escuro encaracolado, arrumado para aniquilar, os olhos azuis anil mais surpreendentes. Roupas caras, camisa escura e calça apertada. Traseiro grande. Uma sugestão de aroma fresco que aqueceu minha barriga. Não, ele era mais fofo. Sexy, em um jeito indiferente de *eu posso não ser Rajah, mas isso não significa que eu não sou quente*.

Acho que meu arrebatamento ainda deve estar à mostra. Eu suspirei, arrependimento ferroando. — Olha, você não entende. Eu não sou realmente... Isto não é realmente comigo, ok? Você ficaria desapontado.

A bargirl entregou-me minha dose. Engoli em seco, o fogo fluindo em meu sangue e ele fez um gesto para outro. — Eu não

penso assim. Eu tenho uma boa ideia do que esperar e eu realmente ainda quero conversar com você, Jade.

De repente eu percebi que minha pulseira já não clamava tão alto e eu corei, meus nervos torceram-se. Jesus. Será que eu tenho que estragar tudo?

Ele só estendeu a mão, anéis brilhando. — Dante.

Aceitei-a, esperando que pudesse reparar meu erro. Ele beijou minha mão, apenas passando brevemente os lábios quentes, antes que soltasse e um fraco calor inundou meu rosto. De qualquer outro cara, a coisa de beijar a mão seria um pouco forçado. Este Dante fez isso como se não estivesse pensando, como se eu simplesmente merecesse. Suave.

Afiados dentes brilhavam nos cantos de sua boca e eu sorri de volta, inquieta. Pelo menos ele tinha boas maneiras. — Já ouvi falar de você.

— Sério? O que você ouviu? — Ele inclinou-se para mim, seu braço na barra de vidro e então ele sorriu, acanhado, e baixou o olhar por um momento. — Não, risque isso. Vamos falar sobre você. O que trás uma garota como você para mim?

Eu ri. Estavam todos na mesma merda, mesmo os mais encantadores como este. — Sim, eu aposto que você conhece um monte de 'meninas como eu', certo?

— Você quer dizer, tocada com tristeza, desperdiçadas, não realizadas? — Seus olhos azuis não vacilaram e por um instante meu interior balançou como se eu estivesse caindo e afogando-me em um quente e azul êxtase.

Eu tremi satisfeita e joguei minha cabeça com um sorriso indiferente. — Uau. Você trabalha rápido, Dante DiLuca.

— Só quando não há tempo a perder.

— Realmente. Então, qual é a pressa neste momento?

A bargirl trouxe as bebidas, só que não era tequila, mas sim vinho dourado de fadas, a névoa perfumada flutuava dos altoscálices de vidro. Dante deslizou um em minha mão, aproximando-se para tilintar seu copo contra o meu. — Para conhecê-la, antes de você ficar toda cuidadosa comigo e voltar para Angelo.

Sua proximidade aqueceu-me, fez-me sentir bem. Não desafiada, ou assustada, ou ameaçada sexualmente. Agradável. Fascinante. Viciante. O copo de gelo picou meus lábios enquanto eu bebia, vertiginosa essência fae saía do vinho para minha língua, derretendo como neve. Eu lembrava vagamente que eu deveria estar fingindo rebeldia. — O que faz você pensar que obrigação não significa nada para mim?

Ele deu de ombros, a percepção de seu movimento passando por mim em uma onda de arrepios. — Pelo que além de sua tristeza?

Meu coração inchou. Jesus. Ele sabia todas as coisas certas para dizer. Eu senti mais interesse genuíno dele em dois minutos do que eu tinha sentido de Ange em um mês. E ele cheirava a algo fantástico, algo que eu não podia dizer, grãos ou frutas ou. . . alguma coisa.

Concentre-se, Jade. Esse cara é perigoso. Você é que deveria estar recebendo informações dele, não olhando nos olhos do bonito vampiro. Faça com que ele se esforce mais, revele-se, deixe escapar alguma coisa.

Dei de ombros, leve e inebriante. — Talvez eu tivera um péssimo dia e esteja apenas procurando diversão.

Dante riu, um lampejo de fascinante brilho daqueles olhos maravilhosos. — Cinco pessoas mortas à noite passada em uma briga

de rua é sua ideia de diversão, Jade? Tal encantador caos. Eu sabia que ia gostar de você.

A guerra tinha começado, então. Eu não tinha ouvido falar sobre qualquer briga na noite passada, mas Ange certamente não estava de bom humor quando o deixei. Eu balancei minha cabeça e ri, como se isso fosse tudo muito complicado para a velha em mim. — Não me culpe pelas besteiras de gangue.

Dante inclinou-se, confidencial. — Por que não? Não fui eu que acusei Angelo de ter um pinto pequeno. Bela jogada, por sinal. É verdade?

Então, ele ouviu minha tranquila conversa com Ange. Ótimo. Eu bebi de novo, tentando parecer desinteressada e gentilmente minha mente oscilava e vagava solta. — Você está me dando muito crédito. Os meninos estão inquietos, isso é tudo. Se eles não rasgarem algumas armas de Diluca de vez em quando, eles ficam entediados e começam a quebrar as coisas. Nada a ver comigo.

— Não me chateie com modéstia. As ações têm conseqüências. Se você quer jogar, você tem que estar preparada para perder.

Uma sensação agradável derivou em minha cabeça, se a partir do vinho ou de Dante, eu não poderia dizer. Ele estava certo. Eu disse meu destino e peguei minhas chances. Merda, se Ange queria hormônios, quanto mais melhor. Eu bebia e engolia, equilibrando-me contra a barra. Senti-me quente, flexível, agradável e através de um nevoeiro distante de meu desinteresse, ocorreu-me que talvez Dante tenha colocado algo em minha bebida.

Ele enfiou a mão em minha cintura e tilintou a borda de seu copo contra meu novamente. — Então você quer jogar, Jade? Ou você é apenas um espectador?

Por um momento eu quis protestar, para dizer, *Que porra é essa? Como você se atreve?* Mas a verdade é que eu não me importava. Ele fez-me sentir segura, querida, protegida. Esse fundo azul inundou meu olhar, seus dedos inofensivos em minha cintura e gratidão encheram meus pensamentos, impressionante. — Umm. . . O que você tem em mente?

Ele colocou seu copo de lado para pegar meu queixo, gentil, mas inexorável, como se ele precisasse me fazer olhar para ele do jeito que eu estava encarando. — Seja minha, Jade. — Seu sussurro era reconfortante, quente e doce como o mel, hipnótico. — Esqueça Angelo. Esqueça Seth Rajahni. Dê a si mesma para mim. Você sabe que você quer.

Meus lábios tremiam. Eu queria. Eu juro que queria. Algum aviso distante de maldade clamava no fundo de meu crânio e minha pulseira de escrava aqueceu, urgente, mas isso parecia enfraquecer. Inconseqüente. Eu ignorei.

Dante deu um leve sorriso e colocou um dedo sobre os lábios, como se para me silenciar. Eu assisti, fascinada. Agora, sangue brilhava em seu dedo, o rico sangue escuro com uma essência acobreada que me fez levemente doente. Horror agarrou-me subitamente, garras queimando quando ele trouxe a sujeira em meus lábios, mas era tarde demais. Eu não podia me mover.

Quente sangue de vampiro corria em minha boca, minha língua revestiu-se de sal e ferrugem. Minha vontade dissolveu e o reflexo escuro da primeira relação sexual brilhavam em seus olhos. — Venha, Jade, — ele sussurrou, andando para trás, longe da luz, — diga-me tudo.

Dante alimentou-a, apenas uma única ardente gota na ponta de seu dedo e ela chupou avidamente, seus olhos vidrados, sua língua lambendo e procurando.

— Mais. — O sussurro dela era rouco e articulado e Dante sorriu suavemente enquanto andava de costas para a escuridão. Este é apenas o início de seu vício. Ela vai precisar de mais, desejar isso, suplicar a ele por isso. Mas não agora. Há muito a fazer, com seu corpo inerte e disposto em suas mãos. Ela não era realmente seu tipo — muito magra, muitos ossos — mas para tomar o que pertencia a Kane e de Seth Rajahni fazia seus dentes doerem e seu pênis dobrar e tensionar.

Ele não pode evitar, mas pressionou seu corpo contra o dela, aproveitando a pressão de seus pequenos seios, a curva dos quadris. Não importava mais o negócio dela e Ângelo, tão dolorosamente transparente, isso fez sua cabeça doer. Ela é tão carente no interior, tão vazia. Todos seus poderes — e ele pode senti-los, esforçando-se dentro dela como um animal faminto, ela é apenas uma solitária, não uma amada garotinha. Presa fácil para um sussurro dissimulado de charme, um piscar de sugestão hipnótica. E então uma única gota de sangue banhada com luxúria transformou o espião de Kane na fraqueza de Kane. É tudo tão fácil.

Ele cheirou sua boca, provocando-se com o gosto do hálito dela manchado de sangue. — Diga-me o que Kane quer.

— Fae Envenenada, — murmurou, distraída, com os olhos rolando. — Ele quer saber por que você o matou.

Ironia ardeu na garganta de Dante, azeda diversão picando como bile. Ele riu e beliscou seu queixo, pegando-o nos dentes e sacudindo delicadamente. — Fodidos demônios e seus jogos. Bem, isso não importa. Vamos conhecer um ao outro?

Rapidamente ele a dobrou em um branco sofá macio, seus membros ainda fortes, mas flexíveis, persuadindo. Sua cabeça caiu para trás contra a parede, indiferente, cabelos castanho-floresta flutuantes sobre seus ombros. — Mais, — ela implorou de novo, sem fôlego, seus lábios brilhantes.

O desejo de pegá-la pulsava em suas veias. Tome-a. Experimente-a. Pele rompendo-se, carne quebrando-se em sua boca. Agitar sua garganta em seus dentes até os tendões rasgarem e o quente sangue correr vermelho...

Mas ainda não. Há muito a ganhar com a espera. Com o sangue já se infiltrando o veneno em sua inteligência, Jade vai dizer a Kane exatamente o que Dante quer que ela diga. E — o sal no molho da festa — esta ingênua e graciosa é de confiança de Rajahni. Rajahni está planejando algo. Planos podem ser estragados. O sangue de Jade vai falar com Dante, lhe dizer a verdade que ela não ousaria nem sussurrar.

Dante rosnou, quente saliva fluindo sobre os dentes, escorrendo. O suor atenuando a pele quente. Sua carcaça era dele. Ele irá sugar o sangue de sua garganta, seu tornozelo, na palma de sua mão, o centro de seu escorregadio sexo, rasgar sua pele aberta, onde quer que lhe agrade e ela vai implorar por mais, enquanto grita.

Mas ainda não.

Ele puxou sua saia para tirar sua mente de seu sangue, puxando as pernas abertas e puxando sua preta calcinha para longe. O sexo dela cheirava fresco, salgado, limpo, sangue pulsando suavemente na veia dentro de sua fenda. Ele rosnou e arrastou a língua sobre ela, o fluído quente era a próxima melhor coisa. Ela

apertou contra ele, murmurando, oferecendo-se, e ele mergulhou sua língua, buscando, degustando, desejando aquele pulso tentador.

Ela contorceu-se, murmurou profundos gemidos. Seu clitóris endureceu sob seu afago, sua carne inchada. Ele queima por perfurá-la, torcê-la, sentir o orgasmo cheio de sangue espirrando no fundo da garganta. Seu pênis inchou em simpatia, pedindo-lhe para não parar, para ter tudo, mesmo que seja apenas para ofender Rajahni. Mas se ela gozar, se ele morder aquela pequena tensão, senti-lo pulsar em sua garganta, ele nunca iria parar até que a consumisse.

Ele arrastou-se para longe, dolorido, os dentes afiados com antecipação frustrada. Ele a limpou, limpando sua umidade e puxando a saia para baixo antes dele a levar para esconder-se na escuridão, perseguindo-a com olhos famintos.

— Que diabos foi isso? — Seu magro primo Joey deslizou até ele, chapéu preto inclinado sobre um dos olhos que não piscava.

Dante sorriu. — Isso, Joseph, é uma oportunidade.

As estreitas mãos de Joey transformaram-se em negras barbatanas escamosas e suas garras curvaram juntas como se ele ainda estivesse pegando o sangue de Valenti com eles. — Não subestime Kane.

— Kane subestima-me. Foda-se ele.

— Eu lhe disse que aquela rainha demônio foi atrás de você depois. Devemos fazer o negócio, levá-la para o nosso lado antes.

— Eu já disse que não. — Dante flexionou os dentes, seu próprio sangue, picando a língua. Deixe Angelo bajular o tribunal demônio, se ele quiser. Nenhuma rainha demônio será dona de DiLucas, não enquanto Dante viver. Ele busca na multidão por Jade e afasta-se para segui-la.

Joey apertou seu braço com mantas de pele de cobra, o cheiro podre de couro aumentando. — Aquele veneno, Dante. Você está cruzando a linha. Por que você não me deixa tratá-la?

O ciúme queimou o sangue de Dante e ele deslizou as presas doloridas para uma polegada do negro nariz de Joey. — Não. Ela é minha.

Joey contorceu-se para trás, alongando o pescoço rapidamente como o de uma serpente. — Tudo bem, cara. Tudo o que você disser. Só não diga que eu não avisei.

Dante limpou a boca pegajosa. — Você sempre me avisa, Joseph. Isso nunca me impediu antes. — E ele sorriu por cima do ombro enquanto andava para longe.

9



Sentei-me de uma vez, piscando. O Tribunal Unseelie entrando em vista, lotado e esfumaçado, luzes brilhando, música pulsando. Meus dedos encontraram um estofado de camurça suave embaixo de mim, minha saia curta ainda no lugar, minha bolsa misericordiosamente sem ser roubada. Eu não me lembro de ter me sentado. Aquelas tequilas devem realmente ter ido para minha cabeça. Eu vaguei fora por um minuto. A meu lado no sofá pálido, duas garotas beijavam-se, cuspe brilhando, a mão de uma firmemente plantada entre as pernas da outra. Parece que eu estava com sorte, ninguém havia pulado em mim enquanto eu estava aqui sentada em um torpor.

Eu engoli, minha boca amarga, e fiquei em pé, minhas pernas um pouco fracas mas não tão instáveis quanto eu temia. Eu não estava usando um relógio, então eu não fazia ideia de que horas eram, mas a boate ainda estava bombando. Eu tinha tempo para fazer o que eu havia vindo aqui para fazer. O detetive Quinn estaria aqui em algum lugar e a alma dele era minha. Minhas entranhas aqueceram-se enquanto eu pensava sobre isso, meu pulso acelerou e o arrebatamento acordou, rosnando dentro de mim como um tigre enjaulado.

Eu movi-me pelos anéis de sofás e encaminhei-me para a pista, através de banshees com os olhos cheios de glitter e fadas com os cabelos com as cores do arco-íris, lutando para silenciar o encantamento que fervilhava para que ninguém me notasse. O Tribunal Unseelie pertencia e era mantido por algum conglomerado corporativo sem rosto, mas os DiLuca andavam por aqui com uma regularidade previsível e Quinn estava a par das atividades desonestas deles. Ele estaria aqui e ele estaria nas sombras, assistindo, esperando por alguma flor simples e sem suspeitas tentá-lo com seu charme ralo e uma boa aparência bruta.

Eu subi os degraus de metal para o mezanino escuro. Fadas e mortais parecidos tropeçavam entre si e riam no chão em uma névoa de alegria química, ou caíam lentamente contra as cadeiras de aço, alucinadas, esticando os dedos para coisas que só eles podiam ver. Uma spriggan negra e gorda gingava entre eles, roubando, seus dedos rastejavam em seus bolsos ou arrancavam correntes e brincos de brilhantes.

Eu aventurei-me mais para dentro da escuridão verde neon. Contra uma parede, um vampiro musculoso vestido de couro aconchegava-se no pênis de um garoto mortal nu que gemia, língua e dentes fazendo uma trilha na pele suave cheia de veias dentro de sua coxa. Aquele pequeno romance estava indo apenas para um lugar.

Acima da porta estreita, para a loja de trás, o quarto de drogas queimava uma única lâmpada fluorescente ultravioleta, banhando fumantes, amantes e viciados em uma estranha luz violeta – e contra a moldura da porta, Killian Quinn estava inclinado, sozinho, tenso e cheio de tiques, um cigarro aceso na mão. Eu só podia esperar que ele não tivesse começado nada já esta noite.

Ele viu-me e seus olhos concentraram-se, sem mover-se. Eu andei para frente, deixando-o observar-me com aquele jeito meio enojado, frio e luxurioso que fazia eu mecontorcer. — Olá, Killian.

Ele olhou-me solenemente, seu olhar viajando em mim de cima a baixo. Ele não parecia muito bêbado e seus olhos castanhos vermelhos cintilavam lentamente com a pira que se acabava. Uma névoa verde quase imperceptível cantarolava em torno dele, com um brilho doentio.

Eu olhei em volta para o brilho roxo fraco. Ninguém nos assistia. Excitação apertou minha pele e eu tentei manter minha respiração normal. Ele sabia o que eu era, claro, então eu teria que ser cuidadosa com esse arrebatamento. Sutil. Eu mexi-me, cruzando um pé na frente do outro, deixando meu cabelo cair sobre meu ombro com um toque não-tão-gentil de persuasão. — Olha, eu queria pedir desculpas sobre a outra noite. Eu não quis dizer o que eu disse. Eu só... — Eu deixei minha cabeça cair, escondendo-me atrás de meus cílios. Um calor real queimava minhas bochechas, mas não era de modéstia. A luxúria pela alma dele contorcia-se dentro de mim, ameaçando escapar e sufocá-lo.

— Você só o quê? — Ele tragou forte o cigarro, a cinza queimando e segurou a fumaça por um momento antes de soltá-la longe de mim.

Eu aproximei-me, girando meus dedos como se eu estivesse com vergonha e eu soltei outro pequeno sopro de arrebatamento no ar. Não mais, ou ele suspeitaria. — Você quer a verdade?

Seu olhar pálido escorregou para meus seios e então de volta para meu rosto e ele engoliu e deu mais uma tragada. — Seria uma novidade.

Vê-lo mover-se era bom, na verdade, agora que ele não estava ameaçando estuprar-me com uma pistola. Ele era um cara grande, tenso, mal se continha. Eu podia ver seus músculos tensionando-se embaixo de sua camisa, suor descendo por sua garganta, a aura escura contorcendo-se como uma segunda pele. Um corpo gostoso, grandemente masculino. Provavelmente tinha um pênis grande. Eu aposto que ele era rápido e áspero na cama, uma boa e dura cavalgada se você conseguisse manter o ritmo com ele.

Pena que ele era um cuzão que odiava mulheres e que o pensamento de fazer o que eu deveria fazer, fazia meu estômago revirar-se, ao mesmo tempo a ânsia pela alma dele fazia-me querê-lo mais.

Eu deslizei minha mão para a parede ao lado dele e movi-me para mais perto. Agora eu podia sentir o cheiro dele, suor fresco e whisky. Eu olhei em seus olhos, deixando meu olhar oscilar para baixo. — A verdade é, eu não sei como comportar-me a seu redor. O que você fez, o jeito que você tocou-me... deixou-me pensando. — Eu lambi meus lábios para tentá-lo. — Eu estive pensando sobre isso todo o final de semana.

Sua aura ondulou, espessando-se como um melado verde escuro. Ele virou-se em minha direção, seu ombro contra a parede, sua respiração profunda e rouca. — Sim?

Eu não me afastei. — A cada momento que fiquei acordada.

Insolentemente ele passou a mão em meu cabelo com a mão que segurava o cigarro, fumaça esvaindo-se. Ele enrolou um cacho ao redor de seu grosso dedo, puxando até que doesse, vendo-me perder o fôlego. — Você está gostosa, com esse vestido apertado envolvendo essa bunda sexy.

Era difícil sorrir com tal elogio odioso. Mas eu sorri e meu arrebatamento preso deixava-me dolorida, faminta agora enquanto eu tracejava um dedo de maneira sedutora embaixo de sua camiseta até a fivela de seu cinto. — Eu vesti-o para você.

— Por quê?

Para fazer-me parecer a vagabunda que ele achava que eu era. Eu movi meu dedo mais para baixo, provocando. — Eu queria que você me quisesse.

— Isso é tudo que você quer? — Sua aura inflamou brilhante e ele jogou o cigarro fora e pegou minha mão, seus olhos cintilando. Por um momento eu pensei que ele me afastaria e meu coração ficou descompassado, mas ao invés disso ele puxou minha mão e a apertou em seu colo, sua respiração entrecortada.

Ah, sim. Ele tinha um pênis grande, com certeza. Grande e duro como uma pedra. Um calor bravo chiava dele e queimava minha palma, seus dedos afundando-se em meu pulso.

— Deus, — eu sussurrei, arregalando meus olhos, — você é tão... Eu nunca pensei que você me deixaria...

Seus olhos brilharam, famintos e sujos de ódio, sua aura tinha um brilho que se contorcia e maldade. Meu pulso retumbou em meus ouvidos, triunfante. Minhas coxas pinicaram e o arrebatamento enfiou suas garras dentro de mim, meu corpo gritando de luxúria. Eu estava molhada, minha carne pulsando com a antecipação. Eu queria isso e eu odiava tanto quanto ele. Se ele metesse aquela coisa quente e massiva dentro de mim, eu gozaria e isso seria muito humilhante.

Então eu escorreguei até ficar de joelhos no piso de ferro, olhando rapidamente para ele, deixando meus lábios se abrirem e

brilharem. Deus, eu estava contente que estava escuro e ninguém podia me ver. — Posso? Por favor, Killian. Deixe-me.

Rapidamente ele abriu as calças, libertando seu pênis, o cheiro almiscarado do suor do macho excitado tomando conta. Ele inclinou-se na parede acima de mim, sua cabeça em seu antebraço, uma mão mexendo em meu cabelo, tão apertado que doía. — Chupe-me, vadia. Se eu vir você usando um daqueles truques de arrebatamento, eu vou quebrar a porra de seu pescoço.

Isso nós veremos. Até que você experimente o arrebatamento, você não entende realmente o quão perdido você está.

Sua aura odiosa encobria-me, pinicando minha pele com prazer e perigo. Eu o peguei com as duas mãos, triunfo e ódio nadando juntos dentro de minhas entranhas. Um pingo do líquido já brilhava de sua ponta, eu o lambi, quente e salgado, fazendo-o suspirar. Eu deslizei a cabeça para minha boca e fechei meus lábios sobre ela, deixando a saliva sair para diluir seu suor, escorregando uma mão para baixo para pegar em suas bolas pesadas. Elas estavam firmes, quentes, as veias pulsando rapidamente. Não demoraria muito até a alma dele ser minha.

Eu deslizei meus lábios ainda mais, arranhando-o com meus dentes, aplicando sucção com minha língua. Ele gemeu e empurrou-se para frente. — Sim. Pegue-o. Pegue tudo, sua vadia excitada.

Deus, que romântico, seu idiota fudido.

Eu engoli-o o tanto que eu pude — ele realmente tinha um pênis enorme — e o tirei novamente, chupando. Ele assistiu-me ardentemente enquanto eu trabalhava nele e eu o assistia de volta, a sensação crescendo enquanto o arrebatamento chiava em cada término nervoso, ferroando para libertar-se. E então ele cometeu seu último erro.

Ele fechou seus olhos.

Eu chupei o mais forte que eu consegui, atordoada com o triunfo e deixei a tensão do arrebatamento brotar.

O ar tremulou, crepitando quente com uma energia sedutora. Sua aura em turbilhão voou como uma nuvem de tempestade, gritando, mas era tarde demais. Ele deu um gemido sem ar e eu juro que o pênis dele, inchou ainda mais enquanto ele enfiava mais profundamente em minha garganta. — Oh, Jesus, Jade, você é boa. Tão quente... — Ele espremeu seu punho em meu cabelo, inclinándose sobre mim, suas coxas pesadas tensas, empurrando mais forte e mais rápido até que ele soltou um grito gutural e esvaziou-se dentro de minha boca. Sua semente quente jorrou dentro de mim, doce e salgada, e com ela veio sua alma, uma massa escura lutando e fervilhando de emoção que fervia por minha garganta como alcatrão quente. Eu engoli e engoli.

A cor foi drenada de seus olhos, seu rosto afrouxou-se e tinha acabado.

Eu larguei-o e movi-me para o lado antes dele cair. Eu desmaiei ofegante contra a parede ao lado de seu corpo sem vida, limpando a boca molhada com as costas de uma mão trêmula. Vitória queimava em meu coração enquanto meu estômago revirava-se com o que ele tinha deixado lá. Eu tinha-o. Ele era meu. Um já foi, faltavam três.

Mas Jesus. Eu havia acabado de chupar Killian Quinn. Isso se qualificava como uma coisa baixa, até para meus padrões.

Náusea apertou minhas entranhas e eu remexi em minha bolsa pela garrafa bronze de interceptação almas, tirando a rolha bem a tempo. Meu estômago elevou-se e a bagunça negra jorrou para fora manchada com espuma branca. Caiu dentro da garrafa,

fazendo barulho como uma sopa negra quente. Lágrimas chamuscaram meus olhos, meu rosto queimando. Minhas entranhas apertaram-se novamente e mais líquido nojento sufocou-me, espirrando em cima de minha mão. Eu limpei meus lábios que pingavam, mas um pouco mais ainda veio e quando eu havia terminado de jorrar, eu havia enchido a garrafa até o topo.

Eu cuspi mais uma vez, fechei a rolha e enfiei a garrafa borbulhante de volta em minha bolsa. Minhas entranhas doíam, minha boca estava amarga e ardia com o ácido. Eu limpei minha boca novamente, manchas pretas de sujeira tiravam o restante de meu brilho labial e eu fiquei de pé. Ninguém me viu no escuro. Ninguém viu nada. Tudo muito intoxicante para importar-me. Até exames laboratoriais não levariam até mim. Eles não tinham meu DNA em arquivo e até se eles tivessem, chupar um cara não é ilegal. Sem o Quinn, os policiais não acreditavam em *sucubus*. E o Quinn era um viciado em anfetamina, um acidente hipertensivo esperando para acontecer. Eu escaparia de tudo. Eu sempre escapava.

Meus joelhos dobraram enquanto eu descia as escadas do mezanino e eu tinha de segurar no corrimão para manter-me em pé. Meu arrebatamento crepitava raivosamente, roubado de seu tesouro, e as glândulas inchadas entre minhas pernas doíam. Isso era de se esperar, mas nem tudo estava bem dentro de mim. Eu podia senti-lo. Parte da energia do Quinn ainda sequestrava dentro de mim, nem morto ou consumido. É uma sensação estranha, a alma de outra pessoa tagarelando em minha cabeça, aterrorizada, batendo contra as grades de sua gaiola nova e eterna.

Ocorreu-me pela primeira que eu havia bebido a coisa toda de novo para ser livre. Assim como outros três, seja quem fossem eles. Eu seria sortuda se eu não me tornasse uma louca varrida.

Eu alcancei o final das escadas e procurei pela fumaça da parte traseira pela a saída. Meu arrebatamento rangia os dentes em frustração, fazendo-me contorcer. Eu não queria alimentá-lo, não agora. Eu queria ir para casa e dormir até passar tudo isso.

— Aí está você. Você está bem? Eu estive procurando por você. — Ele apressou-se até mim, seus olhos azuis escuros enuviados de preocupação.

— O quê? — Por um momento eu não tinha ideia de quem ele era.

Mas ele entrelaçou um braço pelo meu e um contetamento quente flutuou por minha pele, acalmando meu coração cansado. Dante. Eu lembrava-me agora. Eu deveria fingir gostar dele. O negócio era, eu gostava dele. Eu sentia como se conhecesse-o há anos. Nós tivemos uma conversa tão interessante... sobre o que, exatamente? Como exatamente nos conhecemos?

Eu não me lembrava e por um momento confusão agitou meus nervos, fazendo-me desconfortável.

Mas eu sabia que ele havia me conquistado, me intrigado, me tratado como alguém igual ao invés de um objeto. Isso era o bastante.

Ele sorriu, lindo, e meu coração agitou-se. Eu abaixei meu olhar, certa de que estava ficando vermelha como uma menina. — Oh claro. Estou bem.

— Posso te conseguir algo? Você parece quente. — Ele pausou e passou uma mão por seus cachos escuros, envergonhado. — Merda. Ruborizada. Quero dizer que você parece ruborizada. Eu não quis dizer dessa maneira. — Ele tocou-me timidamente embaixo do queixo, seus dedos quentes e seguros.

Eu gostava de como ele falava sem pensar, falava o que estava pensando. Como ele não tentou me tocar sexualmente, mesmo que eu pudesse ver que ele queria. Apesar de agora mesmo eu não me importar se ele tentasse algo. Eu queria esquecer-me de Quinn, livrar-me dessa sombra gordurosa de suas mãos em meu cabelo, seu suor salgado em meus lábios.

Eu agarrei a mão suave de Dante, deslizando meus dedos nos dele. — Eu estou bem. Sério.

— Que tal outra bebida? — Ele movimentou-se como para guiar-me.

— Que tal você vir aqui? — Eu puxei-o de volta, mais perto, de frente para mim e seu corpo encostou-se ao meu, quente. Eu deixei Quinn fazer-me de puta. Dante poderia deixar-me limpa novamente.

Ele sorriu, seu batimento cardíaco acelerando-se contra mim. — Tudo bem. Estou aqui. E agora?

Ele parecia esbelto, musculoso, controlado. Não grande demais e assustador como Quinn. Eu precisava que Dante me tocasse, precisava saber que eu ainda estava aqui e não em alguma terra dos sonhos louca onde eu fazia boquetes em homens que me desprezavam e chorava nos braços dos homens que eu tinha tesão, onde tudo estava de cabeça para baixo, onde era até possível ser livre.

— Bem, geralmente você faz assim. — Eu delizei as mãos dele ao redor de minha cintura. — E assim. — Eu deslizei meus braços pelo pescoço dele, cruzando meus pulsos.

— Humm. — Ele ousou puxar-me para mais perto, um brilho em seus olhos. — Eu estou começando a pegar a ideia.

— Imaginei que você entenderia. — Eu queria olhar para sua boca, tentá-lo a beijar-me, mas eu não conseguia tirar o olhar

daqueles maravilhosos olhos anis profundos. Todos meus segredos pareciam rodar lá, tudo que eu sempre quis que um homem entendesse. Minha cabeça girou, meus pensamentos fundindo-se em encantamento quente e adorador. Eu quis rasgar meu coração e dar para ele. Deitar embaixo dele e sussurrar *eu te amo* enquanto ele acariciava meu rosto, brincava com meus cabelos, fazia amor comigo.

Ele movimentou sua boca para mais perto, seus dentes cintilando. — Isso está bem?

Eu engoli em seco, meus nervos revestidos por um medo gelado enquanto meu coração disparava. Angelo e seus temperamentos horríveis haviam feito eu não gostar do negócio de sexo vampírico. Eu queria tanto que isso fosse diferente. — Humm...

— Não tenha medo. Eu não vou te fazer sangrar a menos que você me peça isso. — Seu sussurro quente roçou meus lábios e desejo envolveu-me como um quente cobertor de veludo.

Trepidação despertou minha necessidade, enquanto eu lembrava que tinha acabado de vomitar e provavelmente não teria um gosto bom, dado seu conteúdo. Mas Dante não pareceu se importar. Ele fechou os olhos, os lábios pairando tão perto dos meus, mas sem tocar, esperando uma atitude minha.

E eu tomei. Sua boca era suave, gentil, quente, com um gosto levemente metálico e confiança cintilava em minhas veias junto com um desejo arrebatador. Ele não era como Angelo, cruel e exigente e sem cuidado com meu prazer. Eu queria dividir-me com ele. Eu tentei abrir seus lábios, traçando minha língua neles, tentando-o, mas ele balançou a cabeça para desvencilhar-se, seus dedos apertando-se em meu quadril. — Você não deveria.

— Eu não ligo. — Eu capturei outro beijo, afundando meus dedos em seus cachos enrolados e ele gemeu e pegou minha língua com a dele, provando-me, deixando-me entrar. Ele apertou-me contra ele, seu pênis endurecendo-se rapidamente apertando-se em minha barriga e arrebatou-me com sua língua, testando cada canto de minha boca. Meu sexo doeu, molhado e quente, não só porque ele excitava-me mas também porque eu confiava nele. Eu queria que ele me tocasse, deslizesse seus dedos dentro de mim, esfregasse-me e fizesse-me gozar. Imprudente, eu passei minha língua ao longo das bordas claras de seus dentes da frente, desafiando-o, desafiando-me. Eu esfreguei a ponta afiada de sua presa, minha língua pinicando. Ele engasgou no beijo e a sensação rasgou-me, sem agonizar ou assustar, mas gloriosamente. Eu apertei a ponta de minha língua mais forte e a pele delicada quebrou-se, a presa dele furando-me como uma doce faca. A mancha de sangue com gosto de cobre ardeu minha língua, mas não por muito tempo.

O corpo de Dante corou, radiando um calor repentino. Seus braços tensionaram-se a meu redor e eu podia senti-lo segurando-se, tentando não me esmagar. Lentamente, delicadamente, ele sugou minha língua, a explosão salgada de sangue quente e gentil, fluindo para ele. A intimidade inundou-me como uma enchente escura e eu desejei estar mais perto. A barreira de roupas entre nós enlouquecia-me. Eu nos imaginei beijando-nos assim, mas nus, minhas coxas agarrando as dele em seu colo, seu pênis sensível de vampiro enterrado profundamente em minha carne.

Tais pensamentos eróticos sobre um homem que eu acabei de conhecer alarmaram-me e eu flexionei minha língua, dando mais para ele. Eu poderia ter liberado meu arrebatamento, provado sua energia, consumido um pouco, mas eu não o fiz. Eu queria estar com

ele, não usá-lo. Se Dante queria meu sangue dessa forma – não uma exigência mas um desejo, não um estupro, mas um prazer compartilhado – ele poderia ter-me.

Dante engoliu, gemendo, e a carne entre minhas pernas inchou, dolorosamente. Com certeza, era assim que uma escravidão acabava. Não em uma agonia ou uma centelha esquelética apodrecida de fome depois de milhares de horríveis anos intermináveis, mas na escura e condenada paixão de um beijo de um vampiro. A vida esvaindo-se em sangue, vermelho e queimando, não perdido no vento, mas saboreado, apreciado, consumido. O melhor dos orgasmos, a morte.

Uma tensão quente pegou-me, minhas coxas trêmulas de vontade e eu resmunguei.

Uma mão diferente, mais quente tocou a parte de trás de meu ombro, surpreendendo-me para fora de meu encanto e eu afastei-me.

— Jade, eu estive... Oh. Merda. Sinto muito. — O toque arrebatado, mas o perfume fino de cardamomo espalhou-se, carregado de memória.

Eu engoli em seco, minha mente transbordando com uma confusão repentina e eu não pude evitar virar a cabeça.

Rajah encarava-me, cabelos negros soltos, um vinco aprofundando entre suas lindas sobrancelhas escuras. Ele estava de dar água na boca, como de costume, em uma camisa branca larga que brilhava nas luzes da boate e um jeans macio que acariciava cada curva firme. Ele mordia aquele lábio inferior luxurioso, seu olhar brilhante vago. Ele parecia intrigado. Magoado. Confuso.

Jesus. O que eu estava fazendo? Minha mão movimentou-se até minha garganta vergonhosamente e eu mudei de posição.

Mas Dante sorriu suavemente, sua língua roçando a ponta de seus dentes. — Sempre atrasado para a festa, Rajahni.

Os olhos salpicados de ouro de Rajah cintilaram de ódio. — Sinto muito pelos modos dele, Jade. Se isso é sobre você e eu, DiLuca, deixe-a fora disso.

Suspeita endureceu-se como uma rocha quente dentro de mim. Eu abri minha boca para perguntar, mas Dante tocou minha mão, fazendo-me olhar para ele, seus olhos ultra-azuis piscando um aviso. Com um estômago enjoado eu lembrei de como o Rajah havia me seduzido, primeiro tirando vantagem de meu arrebatamento e então em uma tentativa horrível de tentar empatia, enganando-me para pensar que ele ligava para mim quando tudo o que ele queria era sexo. Deus, a maneira que eu havia me comportado com ele. Como a vagabunda que ele havia me tratado, igual todo mundo dizia que eu era. Uma lágrima enevoou meu olho e eu pisquei para disfarçá-la.

Dante apertou minha mão e eu não a empurrei. Ele deslizou seu braço em volta de minha cintura, protetor, e olhou friamente para Rajah. — Sempre tão arrogante, presumindo que tudo é sobre você. A Srta. Jade e eu estávamos em uma conversa privada. Eu não lembro de nenhum de nós ter convidado você. Alguma pergunta?

— Só uma. — Rajah concentrou-se em mim, seu olhar obscuro e franco. — Você está certa sobre o que está fazendo?

Rajah era perigoso. Dante era seguro. Eu olhei nos olhos de Rajah, um calor desconfortável enchendo minha barriga. Droga, ele tinha lindos olhos, bastardo. Eu engoli seco. — Mais certa impossível, obrigada.

Dor rodopiou por um momento e então seus olhos ficaram sem emoção, duros. — Ótimo. Desculpe incomodar-te. — Ele foi

embora, mordendo seu lindo lábio. Eu vi-o partir, meus olhos ardendo.

Dante tocou meu queixo, quebrando meu olhar. — Você está bem?

Olhando para ele, eu já me senti melhor. Eu sorri. — Claro. Não é nada. O que há entre você e ele de qualquer forma?

Ele deu de ombros fracamente. — Fixação vampírica, eu acho. Ele quer muito. Ele tem um temperamento difícil. Você deveria tomar cuidado.

Dúvida deslizou um dedo frio ao longo de minha espinha. Rajah mentiu para mim sobre não querer imortalidade, então. — O que você quer dizer? Ele nunca me machucaria.

— Não tenha tanta certeza. — Ele hesitou, como se ele não quisesse falar mais. — Eu vi-o na noite passada, com uma garota fae. Ele matou-a, Jade. Simples assim. Eu tentei ajudá-la, mas...

Náusea turvou tudo. Eu havia visto Rajah noite passada e ele certamente não estava sem energia. Sexo decantava dele em ondas. Ele não precisava consumir nada.

Eu havia rejeitado-o e ele havia descontado sua raiva em outra pobre fada.

— Não deixe ele te incomodar. Ele só está com ciúmes de mim. E ele deveria estar esta noite. — Dante tirou o cabelo de meu ombro, um sorriso em seus lábios. — Que tal uma bebida? Você pode contar-me mais.

— Tudo bem. — Eu sorri em resposta. Eu não conseguia me lembrar o que eu estava contando para ele, mas não importava.

Ele deslizou suas mãos nas minhas e nós fomos até o bar. Ele sussurrou para a garota do bar e ela despejou um vinho cor de rubi

grosso que manchava o fundo do copo. Eu levantei-o até o nariz, um cheiro escuro, almiscarado, de frutas subia.

Os olhos de Dante cintilavam. — Beba.



Jade colocou o copo em seus lábios e Dante assistia avidamente enquanto ela bebia, sangue manchando sua boca. Ela já estava sem sentido, seus olhos distantes e eufóricos como uma viciada fae. Seu pescoço delgado ondula enquanto ela engolia, um gole e então outro. Seu pulso flui mais rápido, antecipação aguça seu paladar.

Tão sedutora, enfeitiçando aquele merda idiota do Quinn. Ela realmente sabe como chupar um cara, também. Ele havia assistido petrificado enquanto ela levava Quinn ao máximo, seu próprio pênis cheio e dolorido em simpatia. Não era de se admirar que Rajahni a quisesse.

Bem, Rajahni não pode tê-la.

Dante pega o copo vazio dos dedos de Jade e desliza seu braço ao redor de sua pequena cintura, levando-a embora. Ele nunca viu nenhum motivo para jogar pelas regras, nunca deu atenção para as tradições centenárias empoeiradas do clã. Seguir as regras, ser ferrado pelas regras. Ele aprendeu com uma força enfática quando menino, o dia que o Mussolini marchou com os Camisa Negras para a Calabria para matar e bater em centenas de pessoas que votaram no fudido para mandar em primeiro lugar. E ele sugou outra dose poderosa quando os Vermelhos enfiaram um maldito gancho no envelhecido Il Duce em Milão. Os espólios vão para o mais forte, não

para os bonzinhos ou cuidadosos. Pare de brigar por um instante e você afundará.

Dante é jovem, delirante em seu poder, não velho e imutável como o Angelo Valenti, ou Sal DiLuca, o predecessor do Dante. Que gritou como um rato amassado enquanto ele sangrava até a morte, muito obrigado, um som que Dante ainda lembrava em seus sonhos sangrentos. Ele sempre jurou que se banharia no sangue do Sal e foi um banho poderoso. Ele teve um orgasmo enquanto ele segurava o velho homem no chão, duro e longo e de tirar o fôlego, sangue fervia e espirrava em sua pele. Ele não tinha medo disso, não fugia daquilo que diziam sobre ele. Infernos, era bom, traga mais. Era para isso que o poder servia.

Foda-se eles se eles não aguentam. E que se fodam os Senhores demônios também. Todos com ciúmes de sua liberdade. Dante não tinha tempo para cortesias inúteis ou merdas antigas do clã sobre território e parceiros adequados. E agora ele estava sozinho no novo mundo, sem anciões encrustrados controlando cada movimento seu.

Então deixe que o mundo se afogue em sangue e caos e todos esses covardes mentirosos que fingem ser tão civilizados vão comer um ao outro vivos para manter-se à tona. Deixe-os afundar mais na brutalidade com cada açoite fatal e Dante e aqueles que ele considera dignos assistirão e rirão. Seu próprio inferno obscuro na terra, muito mais saboroso e mais fascinante do que aquele lá embaixo.

Pena que Jade não gostaria de assistir. Ele preferia curti-la, mesmo se fosse só para irritar Rajahni. Ele ofereceu tudo a Rajah uma vez e Rajah havia rejeitado-o, dizendo que ele não queria viver para sempre. Rindo da ideia. Ninguém ri de Dante DiLuca e fica feliz. Dante garantirá que o bastardo arrogante viva cada momento

excruciante de seus mil anos com Kane. Só de pensar nisso ele ficou duro e pronto.

Ele puxa Jade para o sofá com ele, luzes estroboscópicas distantes tremulavam na fumaça branca que se espalhava. O olhar dela arde enquanto ele diz para ela silenciosamente o que ele quer que ela faça, a conexão de sangue entre eles explodindo no ar mofado. Enquanto ela se estica de costas e desliza seus dedos entre suas pernas para abrir-se para ele, ele sorri. Sangue de vampiro, a droga do estupro do inferno.

Ele tira a calcinha dela, abre sua calça e enfia-se dentro dela. Ela é mais apertada do que ele espera, o revestindo como mel quente e ele tem que empurrar mais forte para entrar nela totalmente. Ela clama, fraca, mas graças ao sangue, seu arrebatamento está aturdido e confuso. Ele aconchega-se em seu seio através do suave vestido enquanto ele empurra, dando um puxão em seu mamilo em forma de flor com seus dentes, saliva escorrendo de sua boca e encharcando-a. Ela geme, seus músculos ondulado através dele e ele sorri, curiosidade causando uma prazerosa palpitação em suas bolas. — Então em quem você está pensando, Jade, agora que eu estou fodendo você?

— Você, — vem a resposta, sem fôlego. — Rajah. Killian.

— Todos os três? Ambiciosa. Mesmo assim, você não se lembrará de nada disso, então vá em frente. — Ele riu, sua respiração acelerada molhando mais ainda o vestido dela. — Agora me diga o que você realmente quer de mim.

Ela treme, resistindo, sua cabeça pende de um lado para o outro. — Kane...

— Não Kane. Você. — Ele gosta quando ela luta. — E não me diga que você quer ser amada. Ninguém ama vadias do inferno.

Acredite em mim, eu sei. — Ele captura a boca dela, dirigindo-a para sua boca e deixa a saliva manchada de sangue fluir, outra pequena prova de persuasão. — O que tem aí sem ser amor, Jade? Conte-me.

Ela suspira, sensual, inclinando seu quadril contra ele para deslizá-lo mais profundamente e as palavras que ele está esperando deslizam por fim de seus lábios brilhantes. — Eu quero morrer.

Desejo engrossa seu sangue e um rosnado acumula-se em sua garganta. — Diga isso de novo.

— Mate-me.

Seu pênis incha, dolorosamente. Ele poderia matá-la, também. Sangue de vampiro pode apagar sua frágil imortalidade, lavar tudo como sujeira quer ela saiba disso ou não. Mas ele não vai ceder este desejo a ela, ainda não. Não até que seja do interesse dele e ela implore apropriadamente. Mas ele não podia esperar mais para prová-la e ele arrasta a costura do ombro do vestido para dentro, revelando um seio branco pequeno com um mamilo duro e enrugado.

— Você sabe que isso vai doer. Não grite. — Ele alonga suas presas, rosnando e com um resmungo de desejo faminto ele apressa sua boca sobre o bico e afunda seus dentes profundamente.

Sangue, fervendo e glorioso, inundando sua língua, rico com o cheiro salgado dela. Ela geme e contorce-se. Ele chupa, enchendo a boca. Ele dirige-se profundamente nela enquanto engole, mas o prazer de quase chegar ao orgasmo é muito pouco comparado a isso.

O sangue da vida dela está bombeando nele, sua suave pele trêmula em sua boca, o sujo, arenoso gosto da dor contra a dureza de seu mamilo ansiando por sentir mais. Completa submissão e com isso viriam seus pensamentos, fragmentos de memória, êxtase, medo. Sussurros de perfume e sentimento, milhares de homens

diferentes, o roçar succulento de seus lábios, o gosto de pele lisa e da pressão dos dentes, uma dureza quente preenchendo-a, machucando-a, dando prazer a ela, tudo junto em uma emocionante precipitação da vida. E mais recentemente, a queda luxuriante do cabelo da meia-noite, lábios molhados inchados provocando-a, a fragrância picante apaixonante.

Ciúme queimou Dante como ácido, fazendo entrar em ebulição seu desejo, mas triunfo tirou seu fôlego. Ele pode ver dentro da mente dela. Ele sabe o que Rajahni está aprontando, querendo livrar-se da escravidão de Kane. E ele sabe exatamente como estragar tudo.

Tensão quente aperta suas bolas, explodindo ao longo de seu pênis. Desesperado, ele chupa com mais força e mais tempo, uma última e deliciosa boca cheia e goza com um profundo gemido, gozando dentro dela.

Ele ri enquanto o abalo rouba seu ar. Gozar dentro de uma succubus. Não são muitos homens que fazem isso e vivem. Mas ela não pode roubar a alma de um vampiro, pelo menos não com arrebatamento. Ele lambe o restante do sangue dela e puxa o vestido molhado dela para cobrir a ferida gotejante em seu seio. Ela não gozou e sua carne contrai-se em protesto enquanto ele se retira.

Ele rasteja-se até seu rosto, sua respiração quente e acobreada, molhando sua orelha. — Sinto muito, querida. Talvez da próxima vez. Agora escute atentamente e eu vou te dizer como você pode encontrar Vorenius Luna.

10



Ergui-me sobre meus cotovelos em minha cama suada, olhando o sol da tarde pelas venezianas abertas. Partículas de poeira rodopiavam, brilhando e meu corpo suado e queimado no ar do quarto cozido pelo sol. Jesus. Que horas eram?

O relógio digital na mesinha de cabeceira disse 3:25. Eu gemi e derrubei o lençol úmido de lado.

Eu arrastei-me até o banheiro, uma dor latejante em minhas têmporas. Meu estômago doía. Debrucei-me na parede próxima à privada, tirando o cabelo embolado de meu rosto e esperei pela náusea. Eu estava nua, suor correndo como um riacho sobre mim e eu cheirava como uma destilaria raramente limpa onde alguém tinha morrido. Senti meus pulsos inchados, minha pulseira de escravidão apertada. Eu não tinha ideia de como tinha chegado a casa. Pelo menos a outra metade de minha cama estava vazia.

Meu estômago revirou, finalmente então me inclinei mais pra baixo e deixei o vômito sair para dentro da bacia, fedendo e afinado com cor escarlate. Limpei minha boca com uma mão pegajosa e quente, com gosto de ácido e cobre. Deus sabia o que eu tinha bebido na noite passada.

Eu liguei o chuveiro e tropecei pra baixo, grata pela água fria acalmando minha pele e correndo por meus cabelos, felizmente

gelada em meu pulsante couro cabeludo. Eu lavei o suor de meu corpo, cuidadosamente espalhando espuma em todo lugar. Eu esfreguei distraidamente uma contusão macia em meu peito que eu não me lembro de ter sofrido. Não só eu não me lembro de ter chegado a casa, como também eu não lembro de muita coisa, além de ir de trem para o Tribunal Unseelie, algumas tequilas, ver Killian Quinn...

Arrepios contraíram minha pele e eu bati na parede, o sabonete escorregando de meus dedos para bater contra os azulejos quebrados. Quinn. Jesus.

Corri para a sala de estar, sem me preocupar com uma toalha. Água borrifava de meu cabelo molhado enquanto eu pegava minha bolsa e vasculhava dentro. Meu coração parou quando eu não senti nada, mas depois meus dedos fecharam-se em torno do gargalo de bronze frio da garrafa e eu puxei para fora, minha pulsação martelando. Eu segurei-a diante de meus olhos, água pingando e algo pesado dentro mexeu, como se não estivesse feliz de estar lá. Se eu escutasse direito, eu poderia ouvir um sussurro sibilante de fúria.

O toque de mensagem em meu celular guinchou e automaticamente o pesquei para fora, a garrafa de interceptação de almas ainda fervendo em minha outra mão. Um número de celular que eu não reconheci. Eu apertei visualizar.

Não esqueça essa noite na torre eureka. Vejo você às 9. xx Dante.

Lembranças agradáveis rodopiaram. Ele tinha me convidado para ir com ele a uma festa, ele corou quando eu perguntei se era um encontro.

Dante DiLuca, o homem mais temido em Melbourne corando para mim.

Eu queria que fosse um encontro. Nós mal nos beijamos – eu lembrei disso agora, seus desconcertantes olhos azuis, o jeito que ele tinha saboreado meu gosto e minha espinha arrepiou, agradável – mas eu senti que ele me conhecia melhor do que quase qualquer um que já conheci. Eu queria deleitar-me em sua atenção, mesmo se isso só durasse por um tempo, até ele descobrir que eu era espiã de Kane e mastigar minha garganta fora. Era tão errado assim?

Rajah certamente pensava assim. Lembrei-me do olhar distante em seus olhos salpicados de dourado quando ele viu Dante e eu, as linhas apertadas ao redor de sua boca perfeita. Ferido. Confuso. Nauseado. Como se eu tivesse-o traído.

Bem, eu não o traí.

Meu coração deu cambalhotas e eu engoli com firmeza a culpa e o arrependimento. Não havia nada para trair. Rajah não era meu dono. Ele não tinha direito de controlar-me, só porque nós nos beijamos. Só porque nós tínhamos queimado um pelo outro, ofegantes e doloridos de desejo. Só porque se eu pensasse sobre isso eu ainda podia sentir Rajah contra mim agora. Seu perfume glorioso envolvendo-me, preenchendo meus sentidos, fazendo-me desejar seu sorriso, sua risada insolente, a sensação de calor de sua mão na minha.

A campainha ressoou, irregular.

Distraidamente eu coloquei o telefone e o interceptador de almas sobre a mesa e torci o ferrolho morto antes que eu me lembrasse que eu tinha acabado de sair do chuveiro.

Merda.

Minha pele queimou toda de novo. Eu coloquei minha cabeça pingando na abertura, tentando manter a porta tão fechada quanto possível e desejando muito que não fosse ninguém que eu

conhecesse. A porta prendeu em meus seios molhados, desconfortavelmente.

Um adolescente de boné azul olhou pra mim, seu cabelo loiro de fora. — Jade?

— Sim. O que é? — Só então notei o que ele estava carregando e minha respiração ofegou.

— Isso é pra você. — Ele entregou-me a cesta, o perfume inebriante de rosas rolando sobre mim como uma onda.

Duas dúzias de flores vermelhas, pétalas enroladas ainda pontilhadas com gotas de água, folhagem verde brilhante. Ninguém tinha me mandado flores por pelo menos cem anos. Além das correntes de margaridas de Nyx, se você os considerasse. Eu inalei, tonta e arranquei a nota, ainda desajeitada tendo a porta como meu escudo.

Ainda trabalhando na coragem. D.

Um nó idiota cresceu em minha garganta e meus olhos trapacearam. Deus, eu sou tão patética. Um pouco de romance e eu sou de qualquer um.

— Está tudo bem, senhorita? — O olhar do menino de entregas disparou para meu ombro nu e além algumas vezes.

Engoli em seco e sorri apesar de minha dor de cabeça. — Sim. Está tudo bem. Obrigada.

Eu empurrei a porta e coloquei as flores na mesa, enterrando meu rosto nas pétalas aveludadas. Meu nariz vibrou com a doce fragrância. Glorioso. Um homem que não acha que eu fui fácil. Que pensou que teria que trabalhar por mim. Alguém deveria engarrifar esse cara... Ok, piada de mau gosto.

Eu ri, mas meu olhar continuou sendo levado ao interceptador de almas e o prazer azedou um pouco. O que

aconteceria se eu ganhasse minha liberdade? Perderia minha imortalidade? Logo quando as coisas estavam começando a melhorar.

Olhei para o número do telefone de Rajah, ainda rabiscado na poeira espessa do outro lado do vidro. *Primordius*. Pela primeira vez, dez anos da Bíblia enfiada em minha garganta vieram a calhar. A origem, o começo. Mas origem de quem? O começo de quê? Fiquei ainda mais perplexa com os outros, *terminus* e *animus*. O último especialmente tinha um péssimo sinal. Alma. Quero dizer, duh. E *terminus*, a linha divisória. Quem isso deveria significar?

E mesmo se eu descobrisse, o que eu deveria fazer? Beber a alma de Quinn agora? Ou esperar até eu ter apanhado todos os quatro e empanturrar-me deles todos de uma vez? Eu estava me sentindo drenada, esticada, cansada, mesmo além de minha ressaca. Será que é importante eu alimentar-me de outras almas no meio? E se Kane descobrisse? Rajah tinha ganhado um lábio cortado, mas ele manteve a alma de Nino. Como ele fez isso?

Frustração e constrangimento provocaram um coquetel espinhoso em meu estômago enjoado. Havia muita coisa que eu não sabia e eu só tinha uma chance. Eu não podia deixar meu orgulho estragar tudo.

Meus dedos estranhamente desajeitados, eu peguei o telefone, digitei os números, e pressionei Ligar.

Tocou três vezes, quatro, cinco. Abençoado alívio tomou conta de mim. Ia passar para o correio de voz e eu não teria que falar com ele.

Mas então ele atendeu e meu abdômen delicado apertou. Eu ouvi uma batida abafada enquanto ele trocava o telefone de uma mão para a outra. — Sim. Rajah.

Sua voz fez-me pensar em rogan josh, apimentada e dando água na boca. Ótimo. Eu estava falando com ele pelada. Engoli, minha boca seca. — Hum... Sou eu. Oi

— Jade? Está tudo bem com você?

A animada preocupação em seu tom fez meus pelos eriçarem-se. — É claro. Por que não estaria?

— Nenhuma razão. Só que depois da noite passada, eu pensei...

— Bem, não pense ok? Eu estou bem. — Irritação com sua possessividade espalhou-se em minha pele nua e eu espreitei-me para dentro do quarto, raspando o cabelo úmido de meu rosto.

— Ei, você ligou-me. Se você não tem nada a...

— Ok, desculpe-me, tudo bem? — Eu percebi que agora ele tinha meu número e praguejei por eu não ter pensado em ligar de um telefone público. — Escuta, eu preciso falar com você. Sobre essa... coisa que você me falou. Você sabe.

— Claro. — Ele hesitou, como se tivesse engolido ou mordido os lábios. Ou passado a língua sobre eles. Fazendo-os ficarem úmidos. Jesus, não pense em seus lábios. — Eu estou em casa. Você quer vir pra cá?

— O que, agora? — Mais arrepios tremeram minha pele. Meus mamilos descobertos apertados. Mas não era uma ideia tão idiota. Eu provavelmente estaria a salvo de minha fixação lasciva com ele hoje. Entre a dor de estômago, a dor de cabeça e a fadiga – o tipo físico – eu nunca me senti com menos condições de fazer sexo.

— Ok. Onde é?



O endereço dele era no último andar de um prédio remodelado no final do casino da Spencer Street, onde as árvores lisas sopravam preguiçosamente à brisa do verão e o som distante dos trens retumbava. Eu saí do bonde aproximadamente às cinco, o sol quente virando dourado e as ruas começando a encher com pedestres cansados e suados vestidos com ternos sociais muito quentes para o clima, casacos jogados por cima do ombro e marcas de suor aparecendo em suas camisetas e blusas.

A porta de vidro de segurança estava destrancada. Uma fonte lustrosa escorria no saguão de mármore e o elevador silencioso brilhava dentro com cromos e espelhos. Eu apertei o botão no cinco, tentando não olhar para meu reflexo. Eu havia colocado uma saia branca de algodão fino e uma blusinha sem manga e deixado meu cabelo secar naturalmente. Ele havia se enrolado em meus ombros, selvagem. Eu desejei ter trazido algo para prendê-lo, ou pelo menos uma escova, mas eu não pude encontrar nenhum deles em minha bolsa. Eu penteiei-o com meus dedos inutilmente, só fazendo mais nós.

Mas por que eu me importava de qualquer forma? Certo? Eu tinha um encontro com o Dante esta noite. Eu vestiria-me para matar para isso. Para alguém que ligasse.

A luz do dia brilhava em uma clarabóia ampla no átrio do piso superior, cintilando no piso de ardósia e paredes de barro pálido. O ar condicionado cantarolava baixinho, o ar fresco e refrescante. Era uma mudança de minha casa, onde o sol de verão cozinhava tudo à ebulição em cinco minutos. Especialmente se você ficava desmaiada até às três da tarde e não fechava as cortinas.

Quando ele abriu a porta, ele estava usando aquele mesmo jeans da noite que eu havia-o conhecido, tão suave como a pele de um bebê rato e tão tocável quanto. Não havia muito para imaginar ali. O botão de cima estava solto. Um vislumbre de quadris marrons suaves. Eu aposto que não estava usando roupa íntima.

Eu fiquei vermelha, meu interior quente. Honestamente. Uma garota só consegue aguentar até um tanto. Pelo menos ele estava com uma camiseta dessa vez.

— Entre. — Ele virou-se imediatamente. Ele estava evitando olhar para mim? Talvez eu tenha o envergonhado ao ficar encarando. Eu com certeza envergonhei-me de mim mesma.

Eu segui-o até um corredor curto acarpetado dentro de uma sala, onde o sol filtrava-se através de mini-venezianas semi-fechadas em cima de largas janelas. Um odor doce e enfumaçado espalhava-se, como incenso ou queimador de óleo. Livros estavam empilhados em dezenas em sua mesa baixa de jantar e acima havia um bordado do deus Hindu Shiva, braços múltiplos gesticulando. O sofá estava em frente a uma TV de plasma e um vídeo game estava na pausa, algum jogo de tiro em primeira pessoa em um pântano, meleca verde pingando dentro da água cinza que rodopiava com corpos de alienígenas. Parecia que ele estava detonando. Eu sorri. — Ocupado, hein.

Ele deu de ombros, sem emoção, tirando as revistas do sofá.
— Não posso trabalhar o tempo todo. Humm... Posso te pegar uma bebida?

Eu queria fazer algo com minhas mãos, mas eu não sabia o que pedir. Eu não havia visto ele beber álcool. Eu olhei para sua ilha de mármore e notei uma abertura para gelo na porta de sua geladeira inox. — Água?

— Claro. Sente-se.

Eu sentei nas frias almofadas, o veludo fofo embaixo de meus dedos. Ele voltou com dois copos de água gelada e entregou-me um, seu olhar afastando-se quando ele percebeu que teria que sentar a meu lado. Ele acomodou-se, finalmente, a alguns metros de distância, em silêncio.

Eu tomei um gole, a água gelada pinicando minha língua, consciente de que estávamos evitando os olhares um do outro. Isso era ridículo. Eu coloquei meu copo de lado. — Eu queria...

— Jade, eu...

Nós falamos ao mesmo tempo e ele sorriu, envergonhado. — Você primeiro.

Eu lambi meus lábios, secos apesar da água. — Eu queria desculpar-me por ter estourado com você ontem à noite. Eu não me lembro realmente, mas...

— Você não tem nada para desculpar-se. Foi totalmente minha culpa. — Ele deu um longo gole em sua água, sua longa mão tensa e pálida no vidro, as pontas dos dedos escorregando.

Eu tentei de novo. — Não, sério. Eu fui rude, você surpreendeu-me, eu não queria...

— Você queria sim e eu mereci. Minha pergunta foi totalmente inapropriada. Não é de minha conta o que você faz e eu que deveria pedir desculpas.

Bem, que merda. Ele estava tão obviamente mentindo, o modo que seus dedos balançavam e estavam brancos, seu olhar desviando para todos os lugares menos para mim, o tremor tão leve de tensão nas coxas. Então, obviamente, repetindo o que ele pensava que eu iria querer que ele dissesse.

Ele provavelmente pensava que eu tinha dormido com Dante. Pesar e raiva apertaram minha mandíbula enquanto eu me lembrava de como eu pensava que Rajah me entendia, o quanto ele queria conhecer-me. Jesus. Eu havia sido tão estúpida. Ele pode ser um *incubus* no encalço, mas ele ainda era um homem como todo o resto, concentrado em sua própria necessidade e não dando a mínima para o resto. Por que ele não dizia logo, *Você é uma provocadora vadia de pintos, Jade* e acabava logo com isso?

Eu forcei um sorriso, certa de que eu parecia tão falsa quanto ele. — Claro. Ótimo. Esqueça.

Ele engoliu o último gole de água, gelo tilintando e colocou seu copo na mesa com força. — Ótimo. Então sobre o que você queria conversar?

Mal-estar fez um comichão em minha espinha e eu não pude evitar olhar sobre meu ombro. Eu sabia que o Kane não me ouviria, mas eu baixei minha voz para um sussurro do mesmo jeito. — Eu tenho um *Odium*.

Eu escutei Rajah prender a respiração e ele olhou para mim apesar de si mesmo, um pequeno sorriso virando seus lábios. — Não acredito. Já? — Ele inclinou-se para mais perto no sofá, alegremente conspiratório. — Quando? Quem era?

Eu engoli em seco. — Ontem à noite. Antes de você... Antes de eu ver você. É um cara que eu conheço, um policial. Ele sempre me odiou.

— Você não quer dizer o nosso amigo charmoso Quinn? — Uma admiração abafada iluminou seus olhos castanho-dourados e a ponta de sua língua tocou seus dentes, delicadamente. — Bem. Eu estou impressionado.

Pelo quê? Minha audácia? Minha técnica? Minha boa-vontade de humilhar-me com um homem que eu desprezo? — Está em casa. Eu não sabia o que fazer agora. Fica comigo, ou o quê?

Ele acenou, animado. — Eu acho que sim. Quer dizer, eu não faço ideia, mas faz sentido, certo? Lembra o dia que você conseguiu estes? — Ele roçou seu dedo por minha pulseira escrava, só por um momento antes de afastar-se, apertando os lábios.

Eu senti-o por debaixo de minha pele, mesmo que ele não tivesse me tocado e eu me contorci. Talvez eu estivesse errada sobre a ressaca.

Mas eu lembrava-me do dia que eu fui feita escrava. Um terror doentio, flutuando sobre mim como uma lama negra sufocante, tentáculos dourados pregando meus pulsos contra o chão, pedras quentes e brutas embaixo de minhas costas nuas. Sangue fervente de demônio, grudento em meus lábios, chamuscando minha língua. A boca doce de Kane na minha, quente, faminto, chamadas distantes crepitavam, sol escarlate brilhando em meus olhos, o nítido cheiro de cinza do inferno. Minha alma gritava, rasgando de mim em um arco-íris ácido grosso como vômito, inundando-o.

Por um momento, eu morri, agonizando. E então bateu de volta dentro de mim, contorcendo-se nas garras de uma torção, uma coisa rangia e rasgou-me e estraçalhou seu caminho em meu

coração, afundando-se profundamente. Um fragmento de Kane, dentro de mim para sempre. As correntes arrebataram-se libertando-me e as pulseiras de ouro diminuíram em meus pulsos, imóveis. E então um Kane sem fôlego balbuciava *obrigado*, o hesitante roçar de seus dedos em meu cabelo.

Eu acenei lentamente. Para quebrar a escravidão – para consumir aquele odioso parasita sussurrante do Kane para sempre – uma alma de cada vez nunca seria suficiente. As quatro de uma vez... Bem, isso poderia ser um começo. Excitação preencheu minhas veias, quente. — E então agora? O que *primordium* quer dizer?

— Quer dizer ‘origem’.

— Eu sei disso. Quero dizer, que origem? A origem de quem?

— Eu pensei sobre isso. *Primordium*, ‘origem’. *Terminus*, ‘a linha que separa’. Onde você começa, onde você termina. É sua origem, Jade. Aquele que fez você ser quem você é.

— Kane? — Minha visão embaçou por um momento, transbordada com confusão. — Kane não tem uma alma. Como isso funciona?

— Não o Kane. Kane faz o que ele faz. Você não pode culpá-lo. Compreensão chocou-se em meu peito, tirando meu ar.

Vorenus Luna, meu deus de cabelos dourados. Um feiticeiro imortal, ligado ao Kane com sangue. Meu sangue.

Eu imaginei isso. A alma ilegítima do Luna com poder e graça, livre do estorvo da consciência. E o ódio vil de Quinn, debulhando e cuspidando vitríolo. Misturado, furioso, atacando. Talvez eu tivesse uma chance contra o pequeno câncer que era o Kane.

Arrebatamento cintilou em minha carne só de pensar nisso e eu arfei, a energia crepitando todo o caminho até a ponta de meus dedos. Tanto por tentar não pensar em sexo. A energia parecia mais

fria que o normal, fraca e crepitante com minha fadiga, mas isso não me parou. Imediatamente eu estava hiperconsciente de Rajah, a apenas um metro de distância, seu corpo esbelto e quente, o som de sua respiração passando em seus lábios, o perfume maravilhoso que flutuava de sua pele. O jeito que seu cabelo roçava em seus ombros, suave e liso. Os músculos fortes de suas coxas movendo-se embaixo daqueles jeans segunda-pele. — Mas... Ele está... Ele poderia estar em qualquer lugar. Eu não posso...

O olhar de Rajah escorregou e ele enfiou as mãos embaixo de suas coxas, mexendo-se. — Você poderia ficar surpresa. As coisas acontecem quando acontecem por uma razão. Por que você acha que estas auras estão queimando agora?

Meus nervos contraíram-se. Eu queria contorcer-me, mas eu não queria deixar uma bagunça no sofá dele. Eu queria agarrar aquele cabelo de seda e arrastar sua boca na minha e não era somente o arrebatamento que atraía meu olhar para seus lábios. Eu tossi, lutando para manter minha mente onde deveria estar. — Você não quer dizer que é porque eles estão todos aqui?

— Precisamente. — Seu olhar encontrou o meu, obscuro e obstinado, e eu não consegui evitar encará-lo, capturada em mais do que uma maneira. Meu pulso retumbou, minha carne dolorida e grossa, mas meu coração doía também e por um momento eu desejei que não houvesse nada disso entre nós. Nenhuma escravidão, nenhum arrebatamento, nem Dante, nem a procura vingativa pelas almas corruptas e odiosas para beber. Só um homem e uma mulher que gostavam um do outro. Ele havia dito que queria uma vida mortal. Era isso que ele tinha em mente?

E então ele deixou sua linda cabeça cair para trás no sofá e riu. — Oh, Jade. Está tão perto. É só uma questão de procurar. Perguntar por aí. Nós os encontraremos, nós dois.

Eu ri também, grata pela liberação da tensão, apesar de meu corpo ainda gritar para eu agir, mexer-me, tocar, pegar. — Perguntar por aí? Você é tão fofo. Você pode ter perdido, Rajah, mas este é o século vinte e um. Já ouviu falar da Internet? É bem popular.

Ele deu de ombros, envergonhado. — Eu não sou bom com computadores.

— Você tem um Xbox e a maior TV do mundo, mas não tem net? Que vergonha.

— Eu tenho. Eu compro coisas nela. Eu só não entendo o resto. O que eu vou fazer, um blog sobre escravidão e atrair almas para o inferno? Isso seria um sucesso. — Ele ajoelhou-se para resgatar seu notebook debaixo da pilha de livros no chão e entregou-o para mim. — Fique a vontade.

Eu peguei-o, cuidadosamente para não deixar seus dedos encostar nos meus.

Ele sentou novamente, mais perto para que ele pudesse ver a tela, descansando seu braço no sofá atrás de mim para que quase — mas não totalmente — tocasse meus ombros. — Você importa-se?

Oh, eu importava-me. Que ele estivesse muito perto. Que ele não estivesse muito perto, em cima de mim, a meu redor. Que ele não fosse Dante. Que eu não queria que ele fosse.

— Claro que não. — Eu puxei minha saia para ajeitá-la, ficando vermelha e abri o notebook branco lustroso. O papel de parede mostrava o Taj Mahal, mármore branco cintilando o dourado do por do sol e o desktop estava cheio de e-books.

Se eu sabia algo sobre Vorenus Luna, era que ele ansiava ser o centro das atenções. Ele usava sua vaidade como um prêmio. Se ele estivesse na cidade, todo mundo que era alguém saberia sobre isso.

Rajah moveu-se para perto de mim, com cuidado. — Você realmente acha que pode encontrá-lo nessa coisa?

— Veja e chore. — Eu abri o navegador e digitei *[<http://www.myspace.com>]*

Em cinco minutos, eu tinha-o.

Eu encarei as fotos, meu estômago contorcendo-se. Ele estava chamando-se Luna, só uma palavra como Beyoncé ou Madonna, mas ele não havia mudado nada. Cabelo dourado maravilhosamente leve, rosto exótico como um modelo de passarela, o corpo copiado de Michelangelo. Vestido como uma estrela do rock S&M, veludo negro, couro e renda, botões e diamantes e aço lustroso. Namorando estrelas do cinema, modelos, celebridades. Aqui estava ele de smoking em alguma cerimônia horrorosa de premiação da televisão, mostrando seu sorriso arrebatador para a câmera, uma estrela jovem pendurada em seu braço.

Ele ele estava vivendo em Melbourne nesses últimos meses, na cobertura de uma torre arranha-céu da cidade. Seu rosto perfeito sem dúvidas espalhado por aquelas polidas revistas de fofoca que Kane adorava tanto. Só queria provar que eu não saía o suficiente.

Meu arrebatamento havia evaporado, mas meu sangue pulsava, doente e quente, revitalizando minha dor de cabeça que estava sumindo. Ele era... decorativo. Estonteante. Espetacular. Eu queria socar meu punho pela tela, quebrá-lo em pequeninos cacos. A ideia de tocá-lo fazia eu querer arrancar minha pele para livrar-me da sujeira dele. Sugar sua alma seria pior do que qualquer coisa que eu havia feito com o Quinn. Qualquer que fosse suas falhas

grotescas, pelo menos Killian era honesto. Luna era um fervilhante ninho de vespa de mentiras com o rosto bonito. Eu vomitaria baldes antes de ter terminado com ele.

Isso não seria fácil.

Descendo a página, eu vi os comentários insossos que ele estava atirando na festa. Na casa dele, hoje à noite. Somente convidados, mas meu arrebatamento cuidaria disso, sem problemas.

Eu olhei para o endereço. Torre Eureka, Riverside Quay.

Meu coração titubeou enquanto eu me lembrava da mensagem de Dante. Eu não teria que usar um encanto para poder entrar. Eu já tinha sido convidada. Coincidência?

Eu desviei o olhar, desconforto passando dentro de mim e eu percebi que eu não havia feito à pergunta óbvia ao Rajah. — Então você encontrou seu?

Ele encarava a tela, mastigando seu lábio inferior distraído. — Perdão, o quê?

— *Primordium*. Você o encontrou?

Ele fez uma careta e ficou de pé, enfiando suas longas mãos dentro dos bolsos e afastando-se de mim, virando-se somente quando ele alcançou a janela. — Eu tenho uma confissão a fazer.

Sua expressão obscura mandou um arrepio de apreensão ao longo de minha pele e eu sorri desconfortável, tentando livrar-me do sentimento com uma piada. — Que você está em uma fumaça quente de luxúria por mim? Sim, olhe, eu já tinha percebido... Droga, Rajah, você está me assustando. O que foi?

Ele riu, perdido, balançando a cabeça. — Isso é tão injusto. Lembra-se do estudante sobre quem eu te contei? Aquele que me vendeu para o Kane?

Uma consternação negra enrijeceu-me. Eu percebi que eu sabia o que ele iria dizer e horror arranhou minha garganta, quase me engasgando. — Você está brincando.

— Sinto que não. — Seu olhar desviou para a tela em meu colo, onde Luna brilhava em mim, lindo e horrível.

Eu engoli seco, minha boca seca. — Faz quanto tempo que você sabe?

Ele não olhou para mim. — Desde a outra noite. Quando você me contou como você tinha acabado tornando-se uma escrava.

Raiva explodiu em meu sangue, chiando com o arrebatamento para fazer uma massa efervescente de fúria. Eu empurrei o computador para o lado e levantei-me, meus nervos agitados. — E quando você iria contar-me? Quando você já tivesse roubado a alma dele por minhas costas?

— Eu estou te contando agora, não estou? Desculpe-me. Eu não sabia o que fazer. — Ele aproximou-se, esticando uma mão hesitante.

Eu rechacei-o. Decepção aumentou minha raiva e eu censurei-me por minha estúpida esperança. Tudo o que Dante havia me contado sobre ele era verdade. — Não me toque. Eu não posso acreditar que você mentiu para mim desse jeito.

Ele franziu as sobrancelhas, sua boca apertada. — Eu nunca menti para você...

— Você omitiu, então. Que seja, ok? É a mesma merda.

Seus olhos castanho-dourados aumentaram, obscuros. — Bem, porra, Jade, você estava bem preocupada da última vez que eu te vi, com sua língua enfiada na garganta de Dante e tudo. Não era como se eu tivesse tido uma chance de falar alguma coisa.

A fúria fez-me rir, de maneira curta e seca. — Oh, então chegamos ao ponto. Você está com ciúmes.

Mágoa encobriu seu rosto. — Claro que eu estou com ciúmes. Ele é um cuzão banhado a ouro. Eu pensei que você fosse mais inteligente.

Calor queimou meu corpo, abrasando minhas bochechas. — Não, você pensou que eu era mais fácil. Bem, eu não sou fácil, tá bom?

— Eu nunca pensei isso. Mas aposto que ele pensa.

Eu quase bati nele. Meu punho fechou-se, indignação queimando meus ossos e eu dei um passo em direção a ele. — Que porra isso quer dizer?

Ele não se afastou, só me encarou com aquele olhar intimidante. — Você não acha que é estranho, como você está agindo perto dele? O que você bebeu ontem à noite? Você ao menos se lembra?

Intranqüilidade contorceu-se dentro de mim, um lampejo de memória inquietante, mas eu ri disso. — Meu deus, você tem um ego. Só porque eu estou com um cara não quer dizer que eu estou até as orelhas em ‘boa noite cinderela’¹⁹.

— Ah, então você está ‘com’ ele agora? — Ele arrastou uma mão frustrada pelo cabelo, cachos negros derramando-se tão perto, que eu poderia tocá-los. — Engraçado. Eu podia jurar que eu me lembro de você implorando por mim.

Minha pele arrepiou-se com embaraço e a memória, mesmo eu irritando-me com sua arrogância. Eu ainda podia sentir aquele surpreendente beijo, a maneira como ele tentou-me, deu-me prazer.

¹⁹ O boa noite cinderela, também conhecido por “rape drugs” (drogas de estupro), é o nome dado a um golpe no qual um sujeito – geralmente simpático e de boa aparência - coloca, juntamente à bebida de outro, um coquetel de drogas capaz de deixar este vulnerável o suficiente para ser roubado e/ou violentado sexualmente.

— Olha quem está falando. Descontando sua frustração nas fadas agora?

— É isso que Dante te contou? — Ele riu, sem humor. — Eu não posso acreditar que estou tendo essa conversa. Aquela fada estava doente. Ela queria que eu a matasse. Ela veio pedir-me ajuda, Jade, e eu não deveria, mas eu ajudei. Você nunca fez algo que se arrependeu depois?

Eu lembrei-me de Nyx derretendo em meus braços e a culpa apunhalou-me. Mas eu não queria escutar as explicações de Rajah, não importa o quão razoáveis fossem. Ele havia me enganado. — Ah, sim. Eu estou me arrependendo cada vez mais de quase ter transado com você a cada minuto.

— Sério. — Ele aproximou-se e seus olhos relampejaram, desafiando-me.

Apesar de minha fúria, minha boca encheu de água. Deus, ele tinha um cheiro incrível. Limpo, quente, cheio de pecado. Eu levantei meu queixo, desafio apertou meu queixo enquanto eu tremia. — Sério.

Ele deslizou a língua por seu lábio inferior, só porque ele sabia que me deixava louca. — Então você não está tentada agora.

Meu olhar grudou-se em seus lábios lustrosos, a centímetros dos meus e o calor rastejou por minha carne. Os nervos afloraram e formigaram entre minhas pernas, deixando-me molhada. Eu deveria ter me afastado, dado um tapa em sua mão, mas o sabor intoxicante de sua proximidade deixava-me louca além da razão ou da raiva. Eu não podia respirar. Eu não podia pensar. Como ele fazia isso? Somente este homem havia conseguido excitar-me com um olhar, fazia meu sexo chorar e doer por uma lambida de seus lábios. Bem,

somente este homem e o Luna. Mas eu não queria pensar no Luna agora.

Rajah roçou seus lábios flamejantes por minha orelha. — Nem um pouco?

— Nem um pouco. — Minha respiração ficou ofegante quando ele passou sua língua quente em volta de minha orelha, lenta e torturante, provocando arrepios deliciosos que começavam em meu pescoço e arrepiavam todo o caminho para baixo. Quando ele me mordiscou, eu quase gemi. Eu queria apertar meus seios contra ele, sentir sua boca em meus mamilos, suas mãos em minhas coxas enquanto ele as abria e deleitava-se em mim. E não havia um pingo de arrebatamento nadando no ar. Isso era uma necessidade pura, honesta. Atordoada e perdida, eu inclinei-me na direção dele, em chamas pelo beijo dele, aceitando sua vitória.

Mas ele afastou-se, seus lábios contorcendo-se em um sorriso. — Eu também não.

Constrangimento cauterizava minha pele até o topo de meu couro cabeludo e eu arrebatei-me, fazendo um giro completo para enfrentá-lo. Minha saia agarrada a minhas pernas úmidas, puxando apertado. — Você é um bastardo.

Ele olhou-me de forma quente, o peito arfando ligeiramente com respirações curtas. O que eu podia ver de sua pele acima dos botões de sua camisa brilhava com um suor perfumado, mesmo no ar frio. Aquele jeans escuro e macio revelava a evidência clara de seu desejo, envolvendo em torno de seu pênis inchado e mostrando cada tremor. — Diga-me agora que você quer estar com outra pessoa. Que você poderia suportar estar com outra pessoa. Ele está enganando você, Jade. Pense.

Eu tentei não deixar meu olhar deslizar para baixo de seu rosto. Meus olhos ardiam com lágrimas não derramadas, minha garganta doendo como o resto de mim. — Eu não quero ouvir isso.

— Eu aposto que não. Sentindo-se um pouco cansada, certo? Você vomitou esta manhã? Era vermelho?

— Só não diga mais nada, ok? — Eu arranquei o cabelo de meu rosto em chamas e fui embora, meus nervos fervendo e meu corpo ainda flamejando com desejo e frustração. — Te vejo no Luna. Ou não. Eu já tenho um convite do Dante. Talvez você consiga foder alguém para entrar.

12



Do octagésimo sétimo andar da Torre Eureka, pude ver toda Melbourne em uma visão panorâmica de 270 graus, vidro escurecido brilhando do chão de mármore até o teto. Luzes douradas brilhavam tão longe quanto eu podia ver, quebrando em meus pés pela serpente escura do rio listrado com pontes. Luzes azuis e verdes corriam o centro de artes para cima e para baixo numa espiral como uma fonte de tinta iridescente e numa área distante o brilho dos refletores do campo de críquete ofuscou as estrelas. Os prédios altos enfeitados com publicidade em neon sobressaíam abaixo de nós, pequeninos, e para o norte e o oeste, rodovias de tráfego brilhantes cortavam de vermelho e branco através de subúrbios salpicados de luzes, o arco lento da ponte Westgate iluminado gritantemente por luzes de fundo laranja.

Engoli em seco, a tontura rodando suavemente em minha cabeça à medida que eu saía do elevador de vidro. Fadiga ainda me abatendo e um vazio quem esticou meu estômago como se eu não tivesse comido o dia inteiro, o que eu não tinha mesmo. Eu tinha ido direto da casa de Rajah, abalada demais para querer qualquer coisa.

Meu reflexo brilhava vagamente no vidro em tom de sépia, mostrando meu cabelo enrolado em minha cabeça com algumas mechas pendendo soltas, brilhos escuros ao redor de meus olhos.

Meu vestido escarlate de seda lisa empurrou meus seios para cima e roçou minhas coxas enquanto eu me movia. Eu queria destacar-me e fazer Luna olhar. Não havia nenhum sentido em esconder-me, ou esperar que ele não se lembrasse de mim. Eu precisarei de todos meus poderes de sedução hoje.

Minha pele levemente queimada e meu hálito aquecendo minha garganta, como se eu tivesse febre. Talvez eu estivesse ficando gripada, ou só precisasse de um conserto. Uma vez que eu tivesse acabado com Luna, eu pegaria algum pobre rapaz que nunca entenderia porque ele se sentia doente, cambaleando, desmaiando...

Um pouco cansada, não está? Lembrei das palavras de Rajah e uma carranca tensionou minha testa. Ele não sabia de nada. Apenas fervendo com ciúme e um ego ferigo.

Você vomitou essa manhã? Estava vermelho?

Dante agarrou minha mão, quente, inclinando-se para roçar seus lábios contra minha bochecha. — Não se preocupe. Você está linda. — Ele certamente soou como se falasse sério, todo ofegante e intenso.

— Obrigada. — Eu sorri, o melhor que pude, endireitando a fina corrente dourada que segurava minha bolsa sobre meu ombro. Ele não parecia tão surrado também, vestindo ordenadamente algum estilista, como de costume, agradável loção pós-barba, cachos escuros roçando seu colarinho branco aberto. Algo me confortava sobre um vampiro que usava branco. Como se ele não esperasse fazer uma bagunça hoje. Talvez ele fosse apenas uma pessoa que come cuidadosamente.

Caminhamos até amplas portas de vidro preto e um grande segurança careca com evidente não-senso de humor deu a Dante

um aceno com seu pescoço grosso. Eu ri por dentro, satisfeita. Rajah precisaria de toda sua imaginação para passar por esse cara.

À medida que atravessamos o limite do carpete, meu queixo caiu.

As paredes, o teto distante abobadado e metade do piso eram totalmente de vidro brilhante. O céu noturno brilhava como névoa acima de jóias espalhadas e onde o pálido tapete exuberante terminava, o arranha-céu desaparecia e a cidade estendia-se abaixo, cintilante. Lacunas no vidro deixavam entrar a brisa, cheiro do vento e água e a decadência da cidade. O salão amplo esticado em distâncias estelares, repleto de sofás, almofadas e cadeiras na altura do caro estilo expansivo moderno. Atrás de onde nós havíamos entrado projetavam-se outras salas atrás do vidro escurecido – presumivelmente aonde Luna iria quando ele se cansasse de ofuscar o brilho das estrelas – e um comprido bar preto, servindo drinques banhados com *fae*, o pó branco brilhante em pedaços de espelho e colírios de vidro colorido de merda que a maioria das pessoas não poderia pagar. Escondido em algum lugar, um sistema de som caro como diamante tocava alguma coisa andrógina com guitarras afiadas e efeitos de eco, talvez Placebo ou My Chemical Romance.

Os convidados – uma mistura de *fae* e mortais – pareciam a nata atualizada, uma bela multidão no Tribunal Unseelie, só os vestidos que eram mais caros, os diamantes reais e vistosos, drinques em copos de cristal ao invés de vidro grosso e ninguém estava transando sobre as espreguiçadeiras de veludo vinho, pelo menos não ainda. Algumas dessas mulheres eram louras, altas, perfeitas e com seios grandes como supermodelos em cetim

brilhante ou seda transparente esvoaçante e os homens não estavam muito atrás.

Eu vi atores, os criminosos da cultura pop, músicos, estrelas do esporte e espalhados entre eles todas as asas prateadas de borboleta, membros ágeis e cabelo arco-íris selvagem de fae. Eu ainda não conseguia ver Luna. Não conhecia ninguém pessoalmente...

Merda. Encostado na janela. Corpo marrom esguio num terno preto, cabelo preto eriçado como arame, um pedacinho da bifurcada língua azul sobre os dentes irregulares. Eu deixei meu olhar à deriva, mas tarde demais. Ele tinha me visto. Tony LaFaro, primo louco nascido fae de Ange.

Descuido feliz aqueceu-me. Que diabos. Eu não estava mais com Ange. Tony podia encarar até seus estranhos olhos de lagarto queimarem.

— Esse lugar não é fantástico? — O murmúrio de Dante aqueceu minha orelha, íntimo. — Eu queria ver-te dentro dele.

Eu ri vertiginosamente, ainda amedrontada. Como a lua ao meio dia, eu estava totalmente ofuscada. — Sorte que você ainda consegue me ver de algum jeito.

Ele pegou minha cintura e virou-me, seus olhos índigo brilhando e intensos conforme ele deu uma risada, seu rosto estava próximo ao meu. — Eu não vejo muita coisa hoje, doce Jade. Você enfeitiçou-me.

Minha pele esquentou. Maldição. Eu estava corando? Eu deslizei meus pulsos em volta de seu pescoço, convidando-o a pressionar seu corpo contra o meu. Eu não ligo para o que Rajah pensa. Dante realmente gostava de mim. Eu podia sentir em seu

olhar, atento e amável. — Não é verdade. Tudo ainda está na lata, eu juro.

Eu senti-o rindo de mim, leve e fácil, e eu ri também. Seus elogios arrebatadores ainda me atordoaram, trazendo de volta o delicioso cheiro de suas rosas. Ele fez-me sentir interessante, que valho a pena, especial. Fiquei imaginando como seria tocar alguém que me faz sentir assim, deixá-lo tocar-me. Fazê-lo querer-me, deslizá-lo para dentro de mim, fazer amor com ele.

Ele inclinou-se ainda mais, provocando com seus lábios sobre os meus, deslizando as mãos quentes sobre minha cintura. Um pedaço frio de medo perfurou minha pele, inquietante, mas atormentante. — Eu sonhei com você, — ele sussurrou, — você sabia disso?

— Não sabia que vampiros sonhavam. — Eu roubei um beijo, sugando seu lábio inferior entre os dentes e uma imagem relampejou queimando, com vapor, encharcada de sensações, de Dante dentro de mim, profundo e duro, minha cabeça jogada para trás em sua camurça pálida, sua boca sugando meu mamilo para uma dureza dolorosa. Engoli em seco e afastei minha cabeça um pouco, minhas coxas quentes e formigando e meus mamilos raspando meu vestido em solidariedade. Jesus. Aquilo foi muito real. Eu realmente preciso de uma correção.

Dante sorriu, sua língua para fora na minha. Como antes, ele tinha gosto de cobre, metálico. Eu queria engolir, arrastar aquela essência salgada para dentro de mim. — Só quando queremos. Quer saber sobre o que são meus sonhos?

— Adoraria. — Eu falei sério. Eu poderia ouvir seus elogios a noite toda e se fosse um sonho sexual que pudesse colocá-lo com disposição, muito melhor.

— Nós dançamos. Nós bebemos. Nós jantamos em algum restaurante e você me puxou por baixo da toalha da mesa e deixou-me ir para baixo de você.

Outro vislumbre sexual fez-me ofegar. A cabeça de Dante em meu colo, minhas pernas afastadas e meu vestido preto amassado em meus quadris, sua língua deslizando em cima de mim, dentro de mim, aticando meu clitóris ao êxtase.

Eu fechei meus olhos numa tontura dolorosa. Deus, parecia tão real, quase como uma memória, aquela camurça creme sob minhas coxas, o cheiro da fumaça de cigarro...

Não. Não podia ser. Podia? Tribunal Unseelie?

Você vomitou? Era vermelho?

Uma trilha gelada de nojo correu por minhas costas como neve derretida. Ele não tinha. Tinha?

Sua coxa pressionada contra a minha, duramente. — Eu sei, Eu deveria ser tão sortudo. Mas fica melhor. Você agarrou meus cabelos e puxou-me para dentro de você e adivinhe? — Ele traçou um dedo quente sobre meu quadril, sugestivo, e baixou sua voz para um sussurro. — Você estava sangrando. Seu gosto era tão delicioso, tão molhado e quente. Eu deslizei minha língua em você e suguei-te e você gozou, mas você não podia gritar porque todo mundo estava assistindo. Isso foi o que eu sonhei.

Imagens de sangue quente espirrando lavaram minha mente como ondas em alguma praia desfigurada como o inferno. Eu podia provar, grosso e visceral, revestindo minha boca, escorrendo por minhas amígdalas. Meus dedos fecharam-se atrás de sua cabeça e eu desejava afastar-me e esbofeteá-lo. Mas minha pulseira da escravidão queimava, abrasadora e insistentemente em minha pele irritada e eu não me podia mover.

Nunca. O parasita do arrebatamento de Kane cuspiu o ácido da negação em meu coração. *Nunca me desafie.*

Eu tive que engolir para que minha voz não tremesse. — Isso é... consideravelmente avançado, Dante. Não tem medo que eu me ofenda?

Ele retrocedeu, erguendo suas sobrancelhas. — De jeito nenhum. Eu quero que você saiba que eu te quero, mesmo que você mereça ser tratada como uma deusa. Você é uma mulher linda, sensual, não uma boneca Barbie.

Meu olhar travou nas pontas de seus dentes, apenas visíveis do outro lado de seu lábio inferior. Saliva quente explodiu dentro de minha boca e umidade infiltrou entre minhas pernas em solidariedade. Meus seios doeram, meus mamilos endureceram e formigaram. Minha língua deslizou por meus lábios úmidos. Eu não conseguia desviar o olhar. Tudo o que eu conseguia pensar era seu beijo, seus dentes finos perfurando minha pele e deslizando para dentro, o sangue jorrando, sempre o sangue. Horror espalhando-se em minhas veias, misturando-se com ardente desejo.

Dante viu-me e sorriu, seus dentes brilhando. — Hora de conhecer o nosso anfitrião. Você vai amá-lo. Todo mundo ama. — Ele deslizou sua mão na minha e levou-me.

Eu quase balancei em meus saltos, minhas pernas bambas e sem vontade, mas complacentes. O desejo de sangue ainda enfurecido em minhas veias, gritando, meu corpo tremendo com a excitação macabra, presa sem nenhum lugar para ir. Eu ferroei meu êxtase com um jorro desajeitado de energia, mas eu não iria pegar fogo e o cansaço ancorou minha cabeça pesada para baixo. O perfume delicado de Dante ainda preencheu minhas narinas,

roubando minha atenção, seus dedos aquecidos e possessivos nos meus.

Consternação arrancou minha espinha. Eu não poderia conhecer Luna assim. Eu precisava de toda minha inteligência. Eu desfoquei meus olhos, tentando clarear minha mente de Dante e qualquer feitiço assustador que ele tenha forçado, tentando pensar em alguém em algum lugar que nunca tenha dado a mínima para mim. Eu trouxe à mente Nyx, uma tarde chuvosa caçando antiguidades em Fitzroy, seus longos dedos verdes ágeis sobre teclas de piano empoeiradas. Assistindo *Ídolos Australianos* abaixo de focos suaves de luz no sofá de Kane, sua cabeça dourada descansando fácil em meu colo enquanto mastigávamos pipoca. Beijar Rajah na quente escuridão em minha porta, seus lábios selvagens reivindicando os meus, meu corpo desejando o dele, meu coração esculpido aberto e sangrando, desejando seu amor.

Um entusiasmo dourado chamuscou a vida profundamente dentro de mim, estáticas invisíveis faiscaram no ar. O mundo nadou de volta ao foco afiado, minha pele viva com a consciência, o fedor de sangue desvanecendo. Eu senti-me revitalizada, como se meu espírito tivesse arrastado sua cabeça cansada da poeira. A fadiga ainda me arrastava, mas eu podia lidar com isso. Eu apertei a mão de Dante, respirando seu aroma de novo, mas desta vez doce, alimentando minha alma com sua força. Eu firmei minha bolsa mais perto com a outra mão, sentindo o inchaço rígido do interceptador de almas vazio escondido ali. Eu poderia lidar com isso.

Aproximamo-nos do bar e procurei-o com uma rápida olhada, os nervos formigando as pontas de meus dedos. Um par

de banshees bêbados divertindo-se conforme eles balançavam seus excrementos. Um fae da terra com pele de pedra, oscilando seus quadris nus marrons em transe com a música. E uma mulher com curvas com cabelo longo e dourado, ligeiramente brilhante, a aura doce malva.

Eu encarei, tremendo, quando ele se virou. Alto, ombros largos, lindo como um sonho retocado. Os olhos afiados âmbar-verdes, profundos e com sábia experiência. Um longo casaco de seda chinês escovando suas coxas, preto brilhante, seu alto colarinho aberto chamando atenção para sua estrutura óssea, bochechas e queixo perfeitamente rígidos. Camisa pálida por baixo, quase translúcida, mostrando seu corpo impressionante.

Eu não costumo odiar. Nem Kane, nem Quinn, nem mesmo Angelo. Mas eu odiava Luna pelo que ele tinha feito a mim e uma repugnância negra encheu-me como piche, pegajosa e vil.

— Ainda bem que você conseguiu vir, meu amigo. — Luna beijou Dante no canto da boca, os dedos tocando-se brevemente. Sua voz soou agradavelmente, sem vestígios de problema de linguagem ou sotaque estrangeiro. Luna adaptou-se rápido, sempre o fazia. Ele mudou seu olhar para mim, voraz. — E com uma mulher tão bonita, também.

Eu coleí um doce sorriso nos lábios enquanto eu segurava minha mão. —Olá, Vorenius.

Ele olhou-me especulativamente conforme levava meus dedos a seus lábios, suas perfeitas sobrancelhas loiras contrastando um milímetro ou dois, dedos de aura violeta cintilando sobre sua pele impecável.

Eu lutei contra um rubor, minha pele rastejante. Ele não tinha ideia de quem eu era. Ele nem sequer se lembra de mim.

E então, seus lábios abriram-se em um sorriso perfeito, seus olhos iluminando-se com prazer. — Jade! Meu Deus. Você enganou-me por um minuto. Dante, meu amigo, você é um azarão.

Eu fixei meu sorriso no lugar. — Você não mudou.

— Ah, vá em frente. Faz tanto tempo. Mas você! Você está fantástica. Caramba, você sempre foi fantástica. — Ele agarrou minhas mãos, rindo e puxou-me para um abraço.

Uma mancha preta pressionou contra minha bochecha, quente. Os contornos de seu corpo trouxeram um banho de memória vil, suas mãos excruciantes em meu cabelo. Seu aroma escuro sobrenatural preencheu meu nariz e eu engoli, engasgando.

— Ainda perseguindo os perigosos, hmm? — Sua respiração sussurrou em meu rosto, sua proximidade nauseante, mas antes que eu pudesse reagir, ele soltou-me. — Então, como as coisas funcionaram com Kane? Eu posso jurar que aquele bastardo enganou-me aquela noite. Não posso dizer que o culpo. — Ele piscou para mim, bonito.

Eu forcei um risinho. Inacreditável. Ele não tinha nenhuma ideia de que eu o odiava. Nenhum indício do porquê eu poderia ressentir-me dele mesmo um pouquinho.

— Eu não acho que você pode trapacear no faro²⁰.

— Um absurdo. Se você esforçar-se o bastante, você pode trapacear em qualquer coisa. — Ele acendeu um olhar inescrutável para Dante. — Talvez tenhamos um jogo, ver quem ganha o prêmio.

²⁰ Jogo de cartas

Sua arrogância fez meu estômago contorcer-se. Mas a confiança poderia ser sua fraqueza. Deixei-o pensar que eu não ligava, que tinha esquecido daquela masmorra fria, úmida, o ferro enferrujado fazendo escoriações em meu pulso. Eu respirei um pequeno brilho de êxtase sobre ele, tentando-o a olhar, aproximar-se, tocar.

O sorriso de Luna congelou e minhas garras quentes de encantamento bateram duras em uma parede fria. A estática deu um choque em meus braços, atacando minha pele com dor e o entusiasmo perfumado evaporou como chuva de verão. Eu segurei minha respiração, meus olhos arregalados. Jesus. Ele tinha me visto chegar a uma milha de distância.

Ele jogou a ponta da língua sobre os dentes, os lábios curvados em diversão, seu olhar em um arrogante desafio. — Bem, bem. Você deveria manter sua gata selvagem presa, Dante. Eu acho que ela morde. — Ele arrastou seus dedos elegantes sob meu queixo, provocando. — Nós conversaremos mais tarde, ok? Divirtam-se.

Luna afastou-se para cumprimentar os outros convidados em um turbilhão perfumado de seda e Dante riu e levou-me até o bar, seus braços atirados casualmente ao redor de meu ombro. Eu fui, ainda atordoada, minha mente correndo. Luna tinha deixado meu encantamento de lado como se eu fosse um inseto irritante. Como eu poderia chegar perto dele?

Dante pediu vinho, apoiando o cotovelo no bar preto brilhante. — Então, quando você conheceu Luna?

Dei de ombros, tentando manter o estilo casual. Eu não tinha visto Rajah aqui ainda, mas eu não poderia imaginar que ele teria mais sucesso do que eu. Isso não me fez sentir melhor. — Foi

há muito tempo. Estou surpresa que ele tenha se lembrado de mim.

— Quem poderia esquecer-te, meu amor? — Ele deslizou uma taça de haste longa pra mim, o grosso vinho rubi brilhando.

Estremeci e empurrei de volta, ecos do mal-estar de cobre físgando meu nariz. — Eu vou querer branco, obrigada.

Ele segurou minha mão, extraordinariamente rápido e levou minha mão a seus lábios, acendendo-me. — Você tem certeza?

Minha visão rodou e escureceu. Eu inalei agudamente, tontura, meu estômago balançando, o sangue correndo para longe de minha cabeça. Cegamente eu segurei o vidro do bar, náusea espumando em minhas entranhas. Eu senti-me estranha. Essa noite inteira estava estranha.

— Jade, você está bem? — A voz de Dante foi trazida até mim e o mundo brilhou novamente em foco, um vislumbre do carpete pálido, o bar de vidro preto perto de meu rosto cheirando doentiamente a desinfetante de limão. Por quanto tempo eu desmaiei? Alguns segundos? Um minuto?

Tirei as mechas úmidas de meu rosto, minha pele queimando. Eu precisava de espaço, ar limpo e fresco onde eu pudesse respirar. Eu precisava concentrar-me, para chegar a um plano e Dante não estava ajudando. — Eu só preciso ir ao toalete. Estarei de volta em um minuto.

Ele sorriu, doce e perigoso, e tomou um gole de seu vinho, os longos dentes brilhando muito. — Não demore muito.

Sombreado na luz das estrelas banhadas em sépia, Tony LaFaro observa Jade através do interior das pálpebras

transparentes conforme ela se entrelaça para dentro do banheiro das damas, oscilando em seus saltos altos, seus peitinhos quase caindo fora dessa pequena desculpa para um vestido. Putinha vulgar, experimentando todos os sabores, antes de comprar. Não importam as pulseiras, se ele fosse Ange, ele foderia algum maldito juízo nela.

A esbelta moça fae amarela ao lado de Tony sorri e joga seus cabelos brilhantes em seu ombro, alcançando com sua longa língua sua bochecha. Sua taça de cristal corrompida de gim e champagne apoiava-se meio vazia em sua mão. Agora, essa bonita dama não é prostituta. Não teria que ter reforçado sua bebida se ela fosse uma prostituta. Disse a ele para cair fora, ela disse. Ela não vai mais fazer isso.

Tony limpa os restos do *banshee* azul brilhante de seu nariz achatado e desliza sua mão escamosa em torno de sua cintura, arrancando um suspiro e outra lambida enlouquecida em sua bochecha. Com sua outra mão, ele desliza seu telefone para fora e liga para Ange. — Ei, sou eu. Sim, nada demais. Ouça, eu tenho uma coisa para você. Adivinha que puta usando uma pulseira de escravidão eu acabei de ver com Dante DiLuca?

Ele sorri, deslizando sua língua bifurcada e afasta o telefone de sua orelha para abafar as blasfêmias de Ange. — Sim, parceiro, ele com certeza fez... Eu não sei, ela parecia feliz o suficiente sobre isso para mim... Como diabos eu ia saber que ele está fodendo-a? Eu não tenho minha mão ao redor de seu pênis, eu só estou te dizendo o que eu vi.

Ele afasta o telefone de sua orelha de novo e mordisca os lábios doces da garota, provando de seu beijo sonolento enquanto ele espera que Ange cale a boca. — Você vai acalmar-se, calar a

porra da boca e escutar-me? Estou tentando dizer-te que isso poderia ser uma coisa para nós. Kane poderia estar tramando alguma coisa. Quero dizer, eu teria chutado sua bunda gordurosa de prostituta com presas, mas ela não pode simplesmente... Ok, então agora seu cérebro real está funcionando. O que você quer que eu faça?... Bem, eu deixaria isso correr, ver o que podemos pegar... É, ok. Eu avisar-te-ei.

Ele debate em falar para Ange o que mais que ele ouviu – que tem um certo *incubus* mastigador de curry levantando a saia de Jade, também – mas decide que vai guardar isso e arruinar a noite de Ange novamente em uma outra hora. Vampiros. Sem senso de humor.

A garota amarela chupa seu pontudo lóbulo da orelha, seu pequeno corpo caindo contra o seu. Ele estica seus dedos membranosos para apertar seu peitinho atrevido e desliga na cara dele no meio de uma frase. — Sim, parceiro. Tanto faz. Tenho que ir.

Eu agarrei minha bolsa em minha frente e andei até o final do bar, onde uma porta aberta levava a um banheiro aceso com luz de velas, as paredes espelhadas saltavam com as chamas refletidas. Meu ombro coçou acima de minha clavícula e eu cocei irritadamente. Eu inclinei minha testa no espelho frio acima da pia de porcelana cor de creme e fechei meus olhos. Lágrimas apertaram-se atrás de minhas pálpebras, ardendo. Eu senti-me despreparada, sozinha, perdida.

Um suspiro asfíxiado fez-me levantar a cabeça. Uma garota fae estava encolhida em um canto, braços pálidos azuis agarrados ao redor de sua barriga magricela. Eu limpei meus olhos. Ela vomitou novamente, um suspiro seco que a fez perder o ar, água azul jorrava de seus olhos prateados, cabelos emaranhados longos brancos derramavam-se por cima de seu rosto.

Eu limpei meu nariz. — Você está bem?

Ela começou a mandar-me embora, mas ela engasgou novamente, seu rosto contorcendo-se de dor. Desta vez ela vomitou, jatos de uma bagunça fedorenta escura com sangue. Eu segurei o cabelo dela enquanto saía tudo, seu corpo trêmulo fino embaixo de meu braço, o longo vestido prata que estava vestindo manchado de vômito e saliva azul. — Eu não consigo manter lá dentro, — ela

perdeu o fôlego, bolhas de sangue espumando de seu nariz pontudo.
— Alguns o cheiram com açúcar. Vivem para sempre. Explodir sua mente, isso vai.

Eu olhei o vômito colorido com suspeita. Brilhoso, grosso, sangue da cor de cereja que coagulava e contorcendo-se como se estivesse vivo. Não de fae. Nem humano.

Sangue de vampiro. Era de Dante? Eu tive um calafrio, ciúmes e nojo ao mesmo tempo. — Você vai matar-se com esse negócio.

— Duvido. Você deve saber. — Corajosamente a fada sorriu para mim e agarrou-se à parede com longos dedos acolchoados como um sapo para puxar-se sua altura total, centímetros acima de mim. Seu lindo rosto brilhava translúcido à luz das velas, a pele de veias azuis brilhando.

Ela passou o dedo estendido sobre minha clavícula e lambeu a ponta, degustando. Seus dedos delicados fluindo para meu queixo, levantando-o para que ela pudesse olhar para mim, pupilas negras bem dilatadas como as íris pratas de um gato. — Você parece perdida. Quer experimentar algo? Que tal esquecimento? Eu posso fazer você esquecer-se de qualquer coisa. De algum abandono recente, libertar-se, doce criança. O que você me diz? — Ela cheirou minha boca, lascivamente, passando sua longa língua bifurcada em cima dos lábios azuis.

Seu aroma de frutas silvestres espalhou-se, levemente podre.
— Não, obrigada.

Seus dedos em meu queixo seguraram-me rapidamente, seus olhos brilhantes implorando. — Tem certeza? Você parece que tem memórias de sobra. Que tal uma dose de curiosidade? É meu mais popular. Expanda seus horizontes.

Seu corpo radiava calor, seus curvados ossos do quadril destacando-se como bicos, algodão prateado fluindo ao redor de seus pés magros descalços. Eu balancei minha cabeça e virei-me para ir embora, mas eu hesitei, pensando em Luna, desafio cintilando em seus olhos de tigre. — Que tal confiança? Você pode dar-me uma garrafa disso?

As veias de seu rosto pulsaram azuis. — Ah, sim. Garantia que fará você ficar irresponsável em face da morte. Um frasco, uma dose. Mas vale meu preço. — Ela lambeu os lábios novamente, astuta. — Eu preciso de uma memória. Algo corajoso e galante.

Uma dose de imprudência poderia ser exatamente o que Luna precisava. — Deleite-se. Mas só uma.

Eu fechei meus olhos, pensando na noite quente de primavera no Bósforo quando eu o conheci, lanternas brilhando sobre a água por cima das barcaças carregadas, o perfume de romãs doces na brisa oriental picante. Nós dançamos, cachecóis de seda flutuando de meu cabelo, nossos corpos juntos apertados, seus dedos insistentes nos meus, seu desejo por mim já empurrando seu pênis duro e pronto contra minha barriga.

A fada riu e cheirou meu rosto, sua respiração quente pinicando-me. — Humm. Mais, por favor.

Eu queria-o naquela noite como eu nunca quis outro. Nós tropeçamos pela entrada de pedra obscura, nossos lábios grudados, a língua dele massacrando a minha, minhas mãos já famintas dentro de suas roupas. Seu corpo era uma revelação, suave, musculoso, forte. Eu empurrei-o contra a parede e tomei-o ali, primeiro com minha boca e então quando ele não podia aguentar mais eu subi em cima dele e ele fez-me gozar com sua última investida frenética. Nós gozamos juntos naquela primeira vez e mais tarde naquela noite

quando ele amarrou-me em sua cama com aqueles cachecóis de seda e torturou-me com doce desejo, eu pensei que eu havia encontrado a vida.

— Sim. Aquela. — A fada deslizou seus lábios pelos meus, salgados, abrindo meus lábios com sua língua escamosa e deslizando-a para dentro. Minha garganta ficou apertada enquanto a língua dela sondava e contorcia-se como uma cobra molhada e eu cambaleei com a energia arrastada por cima de minha amígdalas, forçando de mim. Eu engasguei, saliva fluindo.

— Humm. O que eu precisava. Comida para a memória. — Ela recolheu-se, seus olhos cintilando e tirou um pequeno tubo de vidro brilhante. Ela sussurrou uma lufada de ar na abertura, embaçando o vidro. Uma pequena nuvem de brilhos dourados espalhou-se como pó de fada, descendo pelo tubo. Ela fechou a rolha e entregou o tubo para mim entre dois dedos azuis esqueléticos. — Cuide-se, criança solitária.

Peguei-o, colocando-o nas costas de minha mão sobre minha boca doente e murmurei um obrigado indistinto enquanto a fada deslizava-se para longe, com a saúde renovada graças à energia que eu tinha perdido.

Éter de ouro brilhou no frasco, convidativo. Pensei mais uma vez sobre a noite que eu conheci Luna, mas eu não conseguia lembrar de coisa alguma e um fraco sorriso estendeu-se em meus lábios, apesar de minha náusea. Agora, eu estava armada e perigosa. Mas Luna não era estúpido. Ele tinha muito cuidado com qualquer coisa que eu lhe oferecesse, até mesmo a pontuação de fadas limpa e quente como isto.

Eu tirei e deixei-a de lado e cheirei, com precaução, cuidando para não trazer a coisa brilhante muito perto. Um frescor gelado

brilhava embaixo de meu nariz, cítrico e ardido como a cocaína, formigando meu paladar enquanto descia. Meu pulso reforçou-se, fortemente apesar de minha fadiga. Claro, eu iria fazer com que ele tomasse. Por que não?

Eu deslizei o tubo com a rolha dentro de minha bolsa e saí do banheiro, tentando alimentar-me daquela mágica confiança. Mas elas eram minhas memórias que ela havia criado, minha essência que ela prendeu e torturou e eu sabia que era um barato falso. Eu joguei a cabeça para trás, no jogo, mas por alguma razão meu tornozelo e minhas pernas moles não me seguraram. Meu ombro bateu na parede brilhante enquanto eu cambaleava, dor perfurando minhas entranhas. Jesus. O que eu havia comido?

Tonta, eu segurei meu estômago com as duas mãos e dobrei-me. Ondas vermelhas brilharam na frente de meus olhos, deixando-me enjoada.



Rajah pula para cima sob degraus de pedra e pelas portas de vidro automáticas na Torre Eureka. Ar fresco agradável passa por sua pele depois do calor de fora e ele tira o cabelo úmido de suor do pescoço. O foyer brilha com luzes amarelas refletindo sobre o mármore cor de barro quente. Ele enrola por algum tempo, esperando por sua chance, mas seus nervos vacilam e não tem nada a ver com os truques de arrebatamento que ele está prestes a utilizar. Ele só espera que Jade e DiLuca já estejam lá dentro. Ele não quer vê-la com Dante, vê-la sorrir para ele, tocá-lo, olhá-lo daquela maneira.

As palavras frias que eles trocaram ainda raspavam a pele de Rajah como gelo quebrado e o calor chocante do quase-beijo deles apenas aumentava a dor. Ele não se seguraria se conseguisse aquela oportunidade novamente, mas a chance disso é pequena. Talvez ele estivesse apenas encantado por ela. Talvez ela quisesse mais o Dante. Inferno, ela provavelmente já está trocando mais fluidos com ele do que somente sangue.

Ciúmes queimou em sua garganta como bÍlis, mas pesar manchou sua boca, também, tanto doce como amargo. Merda. O que importa para ele, certo? Não importará uma vez que ele consiga a alma venenosa de Luna presa em uma garrafa.

As pessoas entram e saem, residentes, visitantes e turistas, mas ele está interessado apenas naqueles que estão entrando. Três garotas e seus namorados, franjas douradas com glitter, delineador e seda. Muitos, muito difícil. Dois caras de mãos dadas, lindos em camisas delicadas caras, barba desenhada, brincos de diamante. Muito chamativo. Duas jovens, enforcadores de diamantes em suas gargantas, cabelos loiros compridos cuidadosamente secos com secador. Vestidos de festa de cetim, um amarelo pálido e outro roxo e salto fino de faixa para mostrar as longas pernas bronzeadas. Elas riem juntas enquanto entram no elevador de vidro.

Agora é isso que Rajah estava esperando. Ele desliza para o elevador com elas, oferecendo um sorriso. O perfume delas espalha-se, doce e sexy. — Oitenta-e-sete?

— Claro. — Elas olham-no de cima a baixo, cílios pintados. Uma sussurra no ouvido de sua amiga e elas riem.

A luz difusa acaricia as meninas, passando sobre seus membros, rastejando pela pele lisa delas. A do vestido amarelo inspira, um punhado apressado levanta-se a seu nariz como um

perfume delicioso e ela fica vermelha, mordendo o lábio enquanto ela olha para ele com olhos ardentes. A segunda garota é mais cuidadosa, suas pálpebras geladas estreitando-se, mas o olhar dela, também está atraído, sua respiração mais curta enquanto ela muda em seus pés, contorcendo-se.

Ele prende suas mãos atrás de si enquanto a porta do elevador fecha-se, suas pulseiras batendo contra o vidro escuro e dá a garota de amarelo um olhar convidativo, coberto de um encantamento não tão sutil.

Ela praticamente ronrona, seu corpo esticando-se luxuriosamente. Seu olhar segue a delicada linha de seu pescoço, para baixo até seu decote inchado. Seus mamilos duros embaixo da seda amarela fina, pequenos bicos perfurando, implorando para serem tocados.

O sangue de Rajah esquenta, arrebatamento pinicando embaixo de sua pele, mas o enjôo leve deixa sua boca amarga também e ele pergunta-se por quê. Isso é só trabalho, só um trabalho que precisa ser feito. Não há razão para sentir-se culpado. Não é como se ele tivesse prometido algo para ela.

Seus músculos contraem-se desconfortáveis. Droga. Quando Jade se tornou *ela*?

Ele joga para longe seu desconforto e concentra-se em sua tarefa, deixando o arrebatamento flutuar pela garota de amarelo, acariciando-a, lambendo seus mamilos, traçando com dedos invisíveis suas coxas, inundando seus sentidos com o querer. Ela agita-se, lábios entreabertos, peito arfante.

Ele bate seus dedos suavemente no vidro, tenso, enquanto o elevador ascende-se com um chiado. — Querem juntar-se a mim?

— Não se importe mais eu quero. — A garota de amarelo não consegue ficar parada de pé mais um momento. Ela espreita-se para mais perto e planta seus lábios com brilho labial nos lábios dele desesperadamente, um beijo umedecido pelo arrebatamento, suas mãos já estão se enfiando em suas roupas. Ela tem gosto de vodka e um amargo azedo de cocaína barata.

Arrebatamento sussurra luxúria em seu sangue, avisando suas coxas, preenchendo seu pênis. Ele a deixa saboreá-lo, abrindo seus olhos no meio do beijo para atingir sua amiga com uma lança escura de encantamento. A menina de roxo perde o ar, seus músculos contraindo e ele passa sua mão livre ao longe de sua mandíbula e puxa-a para mais perto, deslizando seu dedão dentro do calor de sua boca ansiosa.

Até a hora do elevador parar e a porta abrir em um sussurro, eles estão enrolados em um abraço triplo, sem ter certeza de quem está beijando quem e quem quer quem mais.

— Vamos para dentro. — A garota de amarelo provoca os lábios de Rajah com seus dentes, pinicando-o. Ele pode sentir o cheiro de seu suco, quente e salgado, o sexo dela doído e choroso com a vontade repentina e seu arrebatamento lança dentes urgentes, querendo. Ele alcança-a para apertar o traseiro da garota de roxo, puxando ambas para mais perto.

A garota de roxo contorce-se e arrasta mãos famintas pelos seios de sua amiga por detrás, brincando com seus mamilos inchados, sua respiração deixando marcas molhadas no ombro da garota de amarelo. — E que tal nós fodermos aqui mesmo?

O pênis de Rajah pula de ansiedade e ele engole um sorriso. — Dentro, — ele sussurra e eles caem dentro do foyer da cobertura, membros embaralhados. A garota de amarelo dá um sorriso amarelo

para o segurança, enfiando a mão em sua bolsa para pegar seu convite, a outra mão ocupada deslizando entre as coxas de sua amiga, enquanto Rajah bate os dentes com a garota de roxo, seu beijo bruto e desesperado, dedos trêmulos arrancando seu cabelo.

— Aham. — O grandalhão careca olha desconfiadamente para o convite de borda dourada. — E quanto a ele?

— Ele está conosco. — Ambas disseram de uma vez, sem ar.

Rajah pisca para ele e o segurança faz uma carranca em retorno. — Metade sorte dele. Não faça bagunça. — Ele sacode a cabeça bruscamente para a porta de vidro preto e eles ficam de pé tempo suficiente apenas para passar.

A cobertura é incrível, um vasto espaço espelhado suspenso sob um estrelado nada, o mar de impressionantes homens e mulheres brilhando como jóias, mas Rajah mal teve tempo de olhar antes das garotas atirarem-no para o suave sofá em um canto escuro, uma pilha de membros maleáveis, seios, seda, suaves cabelos loiros. O perfume misturado com o suor do sexo e a doce mistura de seus gemidos esquentam seu sangue, suas bolas apertadas e seu pênis faminto por contato. Seu arrebatamento quebra-se, pura luxúria endurecendo dentro dele e é um esforço arrastar-se para longe. Ele retira-se, deslizando uma das mãos das garotas dentro do corpo da outra, a boca de uma delas no pescoço da outra. — Aproveitem. Tenho que ir.

A garota de amarelo reclama descontente, mas a garota de roxo corta o desapontamento dela com um grunhido sensual, puxando o top dela e arrastando sua boca molhada para baixo, ondas loiras debatendo-se.

Rajah faz uma careta e anda para longe, forçando o ar para dentro de seus pulmões para deixar seu pulso mais lento. Seu

arrebatamento rosna frustrado, um calor amargo pica sua pele e um brilho furioso incha o ar a seu redor. Ao lado dele, uma fada magra de sangue de veludo branco desvia o olhar de sua bebida, as pupilas escarlates dilatam com o desejo e Rajah xinga e tremula para fora de vista antes que ele espalhe seu maldito arrebatamento em todo o caralho do lugar.

Música vítrea fratura o ar, uma musiquinha feliz sobre morrer do tratamento de câncer. Ainda invisível, Rajah vai em direção ao bar, pisando cuidadosamente ao redor das pessoas que não podem vê-lo. Ele vasculha a multidão em busca de Jade, mas ele não consegue vê-la na massa de cor e beleza. Seu estômago aperta-se com desapontamento e ele percebe que ele sente falta dela. Os nervos apertam-se em sua espinha, desconfortáveis. Se ele vir Dante tocando-a, ele pode não ser capaz de conter-se em seu atual humor. Deve haver uma maneira que ele consiga que ela consiga entender, ao invés de só ver outro macho egoísta que pensa ser o dono dela.

A verdade é, ele ferve por tê-la. Seu sangue acelera-se novamente, doloroso em seu já dolorido pênis e culpa apenas o faz querer ainda mais. Ser o único com permissão para tocá-la, beijá-la, penetrar seu doce corpo e obcecar sua mente. Ser aquele que a provoca a dar risadas, coloca aquele maravilhoso sorriso em seu lindo rosto, faz com que suas pálpebras agitem-se fechadas com prazer. Não é o que ela pensa, não é só ciúmes possessivo. É mais como... Bem, ele não queria pensar sobre o que realmente é.

Um casal mortal para de falar abruptamente enquanto ele passa e começam a beijar-se e ele aperta seus dentes e diminui ainda mais seu arrebatamento. O ar fresco eventualmente acalma sua pele irritada, seu arrebatamento amado enrolado em um nó de frustração. A ondulação forte escurece seu sangue, seu pulso

desacelera-se e a luz difusa quente no ar retrocede para um relampejo sujo ocasional. Quando ele aparece de volta à vista no bar de vidro preto e pede limão, lima e amargos, ele recebe apenas um olhar de mormaço e uma lambida de lábios brilhantes da menina de olhos brilhantes do bar.

Ele bebe um gole, a efervescência cítrica arrefece sua garganta e uma escura presciência formiga a parte de trás de seu pescoço.

Ele vira-se, seus nervos repuxando-se, mas ele não vê nada, ninguém que se destaque na multidão. Ele respira fundo, acalmado-se. Provavelmente o DiLuca, mostrando-se.

Ou talvez Luna. Rajah engole sua bebida, gelo e tudo. Se Luna o vir primeiro e perceber sua intenção, está tudo acabado. Ele não tem ideia de como roubar a alma de Luna. O arrabamento manifesto não fará nenhum bem para ele. Luna é inteligente demais para deixá-lo chegar tão perto novamente. Ele precisará de sua mentira mais ardilosa para entrar no mesmo cômodo.

Desafio obscuro esquenta a pele de Rajah novamente e ele tem que morder seu lábio para parar seu sorriso maldoso. Desânimo fá-lo suspirar, mas não pode extinguir a antiga faísca imprudente. Prender Luna não deveria ser impossível. Sua maior fraqueza era sempre seu ego. Talvez um truque de confiança, uma farsa inteligente. Rajah não tem nada a perder.

Exceto Jade.

Uma sensação fria perfura suas entranhas. Sua espinha arrepiava-se e ele percebe que está com medo.

Ele engole, tentando superar. Seu desejo por ela corta profundamente, a dor mais aguda do que ele possa ignorar ou explicar de alguma forma. Mas sua liberdade exige o sacrifício dela. Ele não pode ter os dois.

Bem, por que diabos não? O que é mais importante – viver livre? Ou viver apaixonado?

A ideia corta seu ar. A liberdade dela, a escravidão dele, o amor dela. Tudo o que ele quis... Bem, quase tudo. Ele nunca poderia dar uma criança a ela, não enquanto escravo, mesmo se ela pudesse engravidar. Ela perdoaria-o por isso?

Merda. Ele acabou de pensar nisso mesmo? Ele fica vermelho, a realidade amargando sua boca e ele balança a cabeça perante sua própria imbecilidade. Ela nunca vai amá-lo. A maneira como ele agia, todo ciumento, possessivo e luxurioso, ele é tudo o que ela despreza sobre os homens. Ela preferiria ficar com um perverso vampiro faminto por sangue do que estar com ele. E se ela for livre, só uma mulher normal, por quanto tempo ela conseguiria suportar um amante que transasse com outras mulheres para sobreviver?

Ele bate o copo de volta no bar, deslizando para fora dele, frustrado. Sua paixão por ela passaria. Sempre passou antes, tal impulso avarento e ocioso. Teria que passar.

Ao lado dele, uma fada alta de água em um vestido fino prata pisca para ele, cabelo branco fluindo até os ombros retos azuis. Seus olhos de diamante cintilam enquanto ela cheira o ar, asas molhadas brilhando. — O que é isso que eu cheiro *incubus*? Arrependimento?

Uma risada relutante retorce seus lábios. — Tristeza, mas verdade.

Ela desliza para mais perto, remanescentes de uma canção esquecida sendo cantarolados em sua garganta. Ela tem o cheiro do rio no verão, quente e putrefato. — Você não vai ter nenhum pesar de mim, apostado.

Ele olha para ela, curiosidade esquentando suas mãos. Ela parece familiar. Talvez ele tenha-a fodido. Algo sobre seus lábios em forma de arco ou a linha pálida de seu queixo fá-lo lembrar-se da Praia de St. Kilda à meia-noite, uma brisa salgada de verão, ondas batendo, a aspereza da areia quente em sua pele. Ela tinha o gosto de sal do mar, não suor, e água corria debaixo da pele dela em riachos, quente como o sangue, mas azul.

— A ficha cai. — Um sorriso astuto, dentes pontudos azuis brilhando.

Ele não pode evitar outra risada pesarosa. — Sinto muito, querida. Minha mente está em outro lugar.

Ela dirige a ponta de seu dedo estendido ao redor da borda do copo vazio e desliza-a em sua boca. As bifurcações de sua língua escamosa cintilam, lascivamente. — Quer algo mais forte, bonito? Um borrifo de doce esquecimento? Você não se arrependerá de nada, então.

Esquecer Jade seria um doce alívio. A tentação escorrega os dedos astutos sobre suas coxas e ele está prestes a acariciar o queixo da fada e perguntar que favor sórdido ela quer em troca, quando um lampejo de cetim escarlate chama sua atenção. Ombros esguios, suaves mechas marrons, um respingo vicioso de...

Urgência faz pressão em seu sangue acelerado e ele nem se incomoda em desculpar-se.



Eu cambaleei contra a parede de vidro e um vulto escuro materializou-se, mãos quentes em meu pungente ombro.

— Traga-o para cima. Venha. — Sua voz era suave, atraente e, apesar de minha agonia, eu cheirava um familiar sussurro de especiarias orientais.

— Rajah... — Alívio sufocou-me e outro espasmo torceu minhas entranhas. — Eu não me sinto tão bem. — Debrucei-me contra ele, tremendo, e ele colocou seu braço sobre meu ombro, suave, mas insistentemente me forçando de volta para o banheiro. Eu fui, tropeçando, meu tornozelo torcendo. Minha pulseira de escravidão assobiou e provocou, o metal quente apertou dolorosamente em meus braços, mas eu não me importei. Eu queria desmaiar, dormir para sempre. Luz de velas regozijou em espelhos escuros, o fedor metálico de vômito de fada ainda azedando o ar fresco.

Rajah agarrou meus ombros. — Olhe para mim. Jade. Olhe para mim, por favor.

Com um esforço de vontade eu arrastei minha nublada cabeça e ele colocou as mãos em volta de meu rosto, seus dedos acariciando meu rosto. — Você tem que trazer isso à tona. Está fazendo você doente.

— O quê? — Meus lábios atropalharam-se, desajeitados. — O que você quer dizer?

Ele virou-me para encarar o espelho, inclinando-se para pressionar a cabeça contra minha, suas mãos segurando minha cintura, forçando-me a olhar. Lá estava eu, linhas de fadiga desenhadas em torno de minha boca, rímel borrado em meus cílios, meu vestido vermelho de cetim torcido onde ele segurava-me, meus ombros nus brilhando dourados na luz bruxuleante. Ele havia aparecido em sua glória, em uma camisa sem mangas preta e jeans, mostrando os brilhantes músculos e equilíbrio perfeito. Seus cabelos escuros misturados com os meus, seus belos lábios tensos e apertados em minha orelha. Um brilho fraco de seu arrebatamento correndo sobre mim, quente, provavelmente os restos do que seja que fez para chegar aqui.

Eu não podia sentir o encantamento, é claro, mas eu queria desmaiar mesmo assim. Seu corpo movia-se contra minhas costas enquanto ele respirava, rápido e curto, mas não parecia preocupado com o arrebatamento. Seu olhar dourado refletia aborrecido sobre mim, implacável. — Olhe, — ele insistiu, áspero. — Você não consegue ver o que ele fez em você? Você não pode sentir isso?

Pisquei, endireitei minha balançante cabeça, tentando filtrar minha gritante visão. Meu reflexo olhou-me assustada, muda. Eu virei meu pescoço. Meu ombro doendo. Eu esfreguei-o, estremecendo, e minha mão saiu úmida e quente.

Olhei para baixo. Para dedos manchados com o pegajoso sangue.

Horror esmagou meu coração como um punho de gelo. Loucamente eu olhava para o espelho, meu pulso galopante. Vermelho transmitindo em cima de meu ombro, reunindo no buraco

em cima de minha clavícula, pingando, manchando minha roupa. A contusão já enegrecida na carne macia entre meu pescoço e ombro, um corte irregular vermelho recém-rasgados por presas vorazes. O sangue jorrou dos buracos, pingos, fragmentos de crosta já duros.

Quando, *porra*, ele fez isso? Lembrei-me de meu ataque de vertigem pelo bar, que por alguns segundos eu apaguei.

Eu queria gritar, mas nenhum som poderia escapar de minha garganta ressecada. Meu corpo tremia, desamparada, murchando meu estômago. Dante tinha mentido para mim. Eu tinha sido uma idiota em acreditar nele por um instante, imaginar por um momento que um homem que tinha tudo poderia estar um pouco interessado em mim. E Rajah... Eu não quero pensar sobre as coisas que eu disse a Rajah. Deus, que merda.

Rajah agarrou-me com força, seu calor envolvendo-me. — Está tudo bem. Eu tenho você. Você engoliu um pouco?

Eu balancei minha cabeça, minha boca seca de terror.

— Você quis engolir? — Rajah repetiu, sacudindo-me ligeiramente para chamar minha atenção, com as mãos tensas e quentes.

— Eu não sei! — Eu expulsei no último momento. — Talvez. Eu não me lembro. — Mas as lembranças contorceram-se para a superfície, como vermes, do corpo de Dante em meu, levando dentro de mim, seu calor acobreado formigando quente em minha boca, para baixo em minha garganta. Ele alimentou-me. Hipnotizando-me com seu sangue. Lambeu meu clitóris, fez-me gostar dele. Fodeu-me. Provavelmente gozou dentro de mim e eu não sabia nada sobre isso. E todo o tempo eu acreditava que ele queria mais do que isso.

Deus, eu sou tão burra.

O sangue correu para meu rosto, queimando. Garras de náuseas cortavam minhas entranhas e meu estômago soltou-se. Mexi-me para o banheiro, pendurando minha cabeça sobre a bacia e uma nauseante bile escarlate irrompeu na porcelana, queimando minha garganta. Dor perfurando meu abdômen, meu corpo em espasmos, mais e mais até que nada restou.

Eu arrastei de volta os úmidos fios de cabelo, meus olhos brilhavam. Sombrio sangue de vampiro evaporava da porcelana, espesso e coagulado. Nojento. Limpei minha boca, manchas de sangue na palma de minha mão. A torrente de água fez-me virar. Rajah virou a torneira e entregou-me um copo de água, sem palavras, seus olhos escuros e impenetráveis.

Eu peguei, meu olhar esvaindo-se. Constrangimento rastejando em minha pele. Ele deve achar-me tão ingênua. Eu coloquei a água fria em minha boca e cuspi na impecável pia de porcelana. Torções de catarro com sangue agitando pelo cano abaixo. Estremeci e lavei a boca e outra vez até que meu cuspe corria claro e o mau gosto fora-se, mas ainda não me sentia limpa.

Eu toquei meu ombro dolorido cautelosamente, tentando não flexioná-lo e reabrir a ferida. Meu próprio sangue manchou minha pele, formando crostas escuras sobre o cetim vermelho, listrado com nojento cuspe de vampiro. Meus dedos tremeram desesperados. Eu queria que ele se fosse. Atrapalhei-me com as toalhas de papel, frenética, manchando minha pele enquanto eu tentava limpar a bagunça. As mãos quentes de Rajah agarraram as minhas quando ele chegou por trás para firmar-me, com o corpo quente e firme em minhas costas. — Cuidado. Deixe-me.

Relutante, cedi. Ele tirou o papel sangrento de meus dedos e pegou um pouco mais, molhando-o sob a torneira de água quente e

pressionando-o suavemente em minha pele suja. Seus dedos estavam delicados, macios, suaves, o tecido quente fresco e limpo. Fechei os olhos, relaxando, deixando que ele tomasse conta de mim. Ele tirou uma mexa de meu pescoço, fazendo o papel molhar para cima, esfregando delicadamente. Quente formigamento espalhando por minhas costas, subindo por meu pescoço e eu tremi, deixando minha cabeça cair para o lado para que ele pudesse tocar-me.

Eu podia sentir a respiração tensa dele em minhas costas e eu percebi que seu arrebatamento provavelmente, não estava ajudando na situação. Abri os olhos. — Você não precisa.

— E se eu quiser? — Ele jogou a bagnetta no lixo e molhou um pedaço de toalha fresca, movendo-se sobre minha clavícula, onde os coágulos formados ainda estavam pegajosos. Gotas de calor deslizaram até meu peito, ensopando o decote macio baixo de meu vestido. Eu imaginei a ponta dos dedos seguindo-as, deslizando o tecido de lado, traçando a forma de meu peito, provocando meu mamilo com dureza. Eu não queria que ele parasse. Sua gentileza deixava-me nervosa, fazia-me ansiar por mais.

Ele tocou de leve na beirada manchada do vestido, hesitante, os dedos roçando em cima de meu seio. — Eu não posso tirar isso.

— Está tudo bem. — Seu toque inundou minhas entranhas com uma sensação de formigamento. Meu mamilo tenso contra o cetim molhado e lutei para manter minha respiração lenta e regular. Ele notou? Ele deve ter notado.

Senti que ele engolia e lentamente a ponta do dedo escorregou sobre meu seio, traçando um círculo deliberado em volta de meu pico apertado. Eu tremia, meus lábios separando-se. Seu polegar juntou-se e ele beliscou meu mamilo, um prazer delicado lançando-se dentro de mim. Fechei os olhos. — Rajah...

— Hum? — Ele curvou os lábios em meu pescoço, sua língua agitando-se para agradar-me com uma longa e lenta lambida na direção de minha orelha, seus dedos fazendo uma maldade deliciosa em meu seio, enrolando e puxando até meus mamilos incharem, apertado como seixos, ansiando por suas mãos, sua boca, seus dentes.

Seu pênis pressionado na curva de minhas costas, longo e duro e eu tremia, o ar transbordando com sua energia como uma tempestade iminente. Ele estava certo. Eu não queria ficar com mais ninguém. Nem Dante, nem Luna, nem ninguém a não ser meu lindo Rajah, que se importava com quem machucava-me e como. Eu não me importava se sua excitação era apenas encantamento desta vez. Pela primeira vez, eu levaria o que eu queria.

— Beije-me, — eu sussurrei, virando a cabeça em sua direção.

Ele arrastou os lábios sobre minha garganta e queixo, afundando quentes trilhas de desejo em minha pele. Eu peguei sua boca com a minha e sua língua afundou em mim, traçando meus dentes, buscando minha própria língua e acariciando-a até que eu gemi. Sua energia misturada com a minha, pura e excitante. Ele pegou meu seio, escondendo o mamilo através do cetim molhado, o atrito delicioso. Eu inclinei-me para ele, encontrando um lugar para seu pênis na cavidade de meu traseiro, deslizando-o contra mim. Meu sexo inchado e umedecido em simpatia, doendo. Eu queria seu comprimento introduzindo em mim, pressionando contra meu limite, esticando-me até que eu estivesse cheia dele.

Ele puxou-me de volta para ele, os dedos fortes segurando meu quadril, a boca deslizando relutantemente saindo da minha. Sua voz rouca, quente em minha bochecha e grossa com a

necessidade, seu toque ainda vivo em meu seio inchado. — Isso é impossível.

Eu inclinei minha cabeça em seu ombro, enterrando meu nariz em seus cabelos escuros e perfumados, meu corpo em chamas em seus braços. Eu queria fazer trilha de beijos em sua garganta, em seu peito, morder seus mamilos marrons e macios. Como eu poderia mantê-lo à distância? Ele era sedutor demais, maravilhoso demais. — Eu sei. O que vamos fazer?

— Bem, há isso. — Ele brincou com os dedos por baixo do cetim, puxando meu mamilo nu e dolorido. Arfei pela sensação pura, meus dentes arranhando sua garganta. Ele arrastou a outra mão debaixo de minha saia, arrancando um arrepio do interior quente de minha coxa. — E isso.

Eu desejei seu toque para cima, mudando minha postura para deixá-lo entrar — Eu quis dizer sobre... Oh, Deus. — Ele enfiou os dedos dentro de minha calcinha, encontrando a quente umidade. Uma faísca de feroz necessidade subiu em mim, meu clitóris inchando para ele. Ele provocou minha entrada, deslizando suavemente sobre mim, enlouquecendo e eu pensei que eu ia explodir com o desejo ebulindo, o calor vertendo de mim em ondas. Sua unha roçou meu clitóris sensível e eu choraminguei, os nervos inflamados por todo meu corpo. Eu levantei os braços para esmagar seus cabelos, agarrando-o firmemente, puxando seus lábios de volta em meu pescoço. Isso era pior do que arrebatamento. Isto era o céu.

— Faça. — As palavras saíram de meus lábios, tensos com a luxúria. Eu estava implorando, antes que ele sequer tivesse me despido e eu não me importei. — Por favor, faça isso. — Enfiou um dedo longo e liso todo o caminho adentro. Eu gemia de puro deleite, minha carne trêmula e apertada. Ele enterrou seu rosto em meu

pescoço, sua boca suave, mas voraz e arrastou a outra mão para baixo para massagear-me, dois dedos inteligentes deslizando em volta de meu clitóris, esfregando, enquanto ele empurrava dentro de mim. A tensão tomou conta de mim, construindo o prazer rapidamente. Mas o medo coloria minha sensação de nervosismo com agudeza. Eu não estava muito preparada, Rajah era esmagador demais. — Não, — eu ofegava, — é demais. Pare.

— Devo? — Sua respiração queimava minha pele, pesada. — Eu quero sentir você gozar.

— Eu não posso. Há ainda Luna... Não. Pare com isso. — Agarrei seus pulsos e arrastei-o para longe de mim, minha carne choramingando em protesto. Eu precisaria de toda a energia que pudesse reunir para seduzir Luna. Eu não me podia dar ao luxo de desperdiçá-la agora, não importa o quanto eu quisesse.

Sim, está bem. Eu não o tinha feito parar porque ele me assustou, nem nada. Não porque quando ele me tocou eu esqueci quem eu era. Não porque ele me fez sentir como uma mulher em vez de uma máquina e eu não sabia o que fazer.

Ele recostou sua testa úmida em meu ombro, fechando os braços em volta de mim e deu um profundo suspiro trêmulo. — Sinto muito. Eu não quis... Oh, Jade. O que vamos fazer com Luna?

Eu contorci-me para longe, sua proximidade era demais para suportar. — Eu não sei. Eu tentei o arrebatamento e ele simplesmente ignorou.

Ele olhou-me sombriamente. — Não é isso que eu quero dizer.

Engoli em seco, a parede espelhada fria contra meu ombro. Luna era uma coisa que não podíamos compartilhar. Mas eu não queria que brigássemos, não agora.

— Bem... Ele não é bom para nenhum de nós ainda vivo, não é?

Um sorriso minúsculo virou os lábios de Rajah. — É justo. Primeiro armar para interceptar a alma?

— E brigar sobre isso mais tarde?

— Eu estou nessa se você estiver.

— Ok.

— O que você tem em mente? — Ele lambeu os dedos delicadamente brilhantes e eu corei quando me lembrei que eles ainda estavam molhados de estar dentro de mim.

— Eu tenho isso. — Eu procurei em minha bolsa a droga cintilante de fada. — Confiança. Ele não tem medo de mim. Podemos usar isso.

— Pode precisar de nós dois para quebrar suas defesas. Eu não o vejo permitir que nós o peguemos sozinho.

— Nós dois? Sem chance. — Achei difícil, tentar ignorar a dor que ainda estava queimando dentro de mim e uma ideia brilhou. — Mas ele não tem que ver nós dois, tem?

Rajah sorriu lentamente, uma pitada de malícia centenária iluminando seus olhos. — Eu gosto da maneira como você pensa.

Minha mente acelerou. — Dê a droga para ele. Faça-o pensar que eu o quero. Pegue-o sozinho... — Medo pinicou minha pele com agulhas de gelo. Eu nunca queria ficar sozinha com Luna novamente. A forma como ele espalhou meu arrebatamento no ar assustou-me. Eu nunca percebi que contava muito com meu encantamento para a autoconfiança. Era assim que eu parecia como uma mortal? Indefesa, frágil, desamparada? Eu mordi meu lábio. Droga.

— Só que você não estará sozinha. Eu não vou deixá-lo machucar-te, Jade.

Fechei os olhos brevemente, tremendo, deixando minha cabeça cair para trás contra o espelho fresco. — Eu não posso. Ele é poderoso demais. Ele vai saber...

— Não, ele não vai. Você é boa. Um momento de fraqueza é tudo que precisa e ele é nosso. — Rajah apertou minha mão, deslizando seus dedos úmidos entre os meus. — Então, um orgasmo, ele está morto, está acabado. Improvise. Você vai ficar bem. Eu vou falar com você durante isso.

— Como? Se você fizer um som, ele saberá que você está lá.

Confie em mim.

Sua voz ecoou em minha cabeça, acariciando-me como uma pluma quente. Seus lábios não se moveram. Eu olhei.

— Como você...?

Ele sorriu, descarado. É mágica. O que mais? Outra das poucas coisas que ele não pode roubar de mim. Ele roçou minha bochecha com os nós dos dedos, com ternura. — Você está pronta?

Meu sexo ainda estava escorregadio de sua carícia e eu considerei ir ao banheiro para limpar-me. Mas eu poderia precisar dessa umidade mais tarde, para convencer Luna, minha pele não estava se arrepiando ao pensamento dele tocar-me. Eu puxei minha calcinha úmida por meus calcanhares e atirei-a no lixo e soltei a respiração. — Tudo bem... Oh. Espere um segundo.

Eu enfiei a rolha no frasco e inclinei para limpar meu dedo no vaso sanitário manchado, franzindo o nariz para o fedor metálico e ácido. Uma gota do sangue de Dante tremeu em minha unha, ainda quente. Bati meu dedo na borda do vidro e uma única gota escarlate caiu, dissolvendo-se em centelhas douradas. Enfiei a rolha de volta

apertada, apertei o botão de descarga e limpei meu dedo manchado em uma toalha de papel enquanto a água jorrava na bacia, espumando e afastando o fedor. — Um pouco de persuasão. Apenas no caso.

Rajah observava-me, sorrindo. — Você tem um verdadeiro talento para isso, sabe.

Sorri de volta, apesar de mim mesma. — Não fique muito feliz com isso. É em meu interceptador que sua alma vai entrar.

Seu sorriso contorceu-se. — Veremos. — Ele piscou como uma lâmpada estourando, suas reflexões sumindo. *Você ainda pode me ouvir?*

— Claro. — Sua voz desencarnada deixava-me nervosa, mas saber que ele estaria lá me manteve aquecida por dentro. Eu coloquei o frasco de sangue contaminado de volta em minha bolsa, endireitei os ombros e sai do banheiro.

Meu coração disparou, o sangue quente pulsando em minhas veias.

Dante sorriu para mim, encostado na parede espelhada com os braços cruzados, seu reflexo copiado em infinitos corredores em ambos os lados.

Engoli em seco, ruborizando, imaginando o quanto ele tinha ouvido. — Merda. Você assustou-me.

— Fiquei preocupado com você. Demorou tanto tempo e tudo. — Ele endireitou-se e chegou até mim, à mão quente e suave, mas de alguma forma inabalável na curva de meu braço. Seus olhos azuis brilhavam intensamente, vertiginosos.

Eu queria desviar o olhar, quebrar seu olhar, mas meu olhar deslizou inexoravelmente de volta ao seu. Meu juízo goleou lento. Bastardo. Como eu não tinha percebido isso antes?

— Você parece cansada querida. Posso arranjar-lhe uma bebida? — Seu suave sussurro chocou-se direto em minha pele, calafrios ondularam. Minha pulseira de escravidão vibrou, distante, mas definida, meus pulsos tremiam.

Não, Jade. Lembre-se. A voz de Rajah deslizou em minha cabeça, gentil, mas insistente, o cheiro de sua pele ainda quente em minhas narinas.

— Não. — Meus lábios arrastaram-se e eu tinha de forçar as palavras. — Não, obrigada.

Os dedos de Dante deslizaram delicadamente, sobre a pele escarlate, os duplos dentes em meu ombro onde Rajah tinha limpado a bagunça e ele enfiou o dedo em sua boca, degustando. —

Meu, meu. Desafio. Isso não tem um gosto bom. Alguém andou sussurrando veneno em seu ouvido, meu doce? Talvez você precise de outra provada de meu antídoto.

Escuridão manchou no ar, batendo Dante de volta contra o espelho. Rajah materializou, seus dedos apertando a garganta de Dante, os músculos ondulando e corpos masculinos esmagando-se juntos quando Rajah o forçou contra o vidro. — Tire seus dedos sujos de cima dela.

Dante assobiou, cuspiu algo rosa e soltou-se, seu movimento um borrão. Sem esforço ele jogou Rajah contra o espelho oposto, rangendo o vidro sob o impacto. Ele descobriu brilhantes presas molhadas uma polegada do rosto de Rajah. — Cuidado onde você mijá, filhote de cachorro. Isso pode levá-lo para uma luta.

— Vá em frente, então. — Rajah rangeu os dentes, mas não recuou, o desafio apareceu em seus brilhantes olhos. — Faça isso, na frente de todos. Eu vou morrer em uma confusão barulhenta que eles não podem perder. Você realmente quer isso?

Um louco prazer girou no ultro azul olhar de Dante. — É melhor você ter certeza que não dou à mínima.

Apreensão arrancou minhas já doloridas entranhas mais uma vez e eu forcei uma risada. — Estabilizem os hormônios, meninos. Não na frente de uma senhora, hein?

Rajah encarou Dante, levantando uma desafiadora sobranceira, suor escorrendo de sua perfeita têmpora.

Dante o empurrou de lado, engolindo um grunhido em um esforço para manter sua dignidade. — Eu não vou fazer exigências sobre você, Jade. Faça o que quiser. Eu só pedi para você confiar. — Virou os profundos olhos azuis para mim, magoado e distante. — Só me importo com você. Só eu te entendo. Volte para mim quando

você perceber isso. — E ele foi-se, o ar correndo para preencher o súbito espaço.

Deixei escapar uma respiração reprimida, piscando para esvaziar minha mente daqueles horríveis, olhos hipnóticos. Minha pulseira de escravidão rugiu e picou irritada como insetos. Ignorei-a. Eu estava bem por livrar-me dele. Eu só tenho que encontrar outra maneira para satisfazer a demanda de Kane. O escarlate fedor de vômito de fada deriva mais uma vez em minhas narinas e eu suspeitava que soubesse a resposta a algumas das perguntas de Kane. Dante estava envenenando fadas com seu próprio sangue. Mas eu ainda não sabia o porquê.

Rajah estalou o pescoço, esfregando os arranhões escarlates em sua garganta e suspirou. — Sim, então eu lidei com isso tão bem. — Ele raspou a tensa mão através de seu cabelo, a fúria ainda apertava seus músculos e me deu um sorriso torto. — Desculpe. Não consegui evitar.

Sua tímida bravura brilhou em meu coração como o sol e eu queria beijá-lo. — É uma maravilha que você tenha vivido todo esse tempo, Rajahni Seth. Pulando para a defesa das meninas como isso.

— Não meninas. Só você. — Ele piscou e desapareceu. *Não se preocupe. Se Luna tentar alguma coisa, eu vou ficar invisível enquanto eu o esgano.*

Arrumei minha bolsa em meu ombro, um escamoso terror enrolou-se em minhas entranhas. — É melhor você estar brincando.

Seus lábios invisíveis escovaram os meus, queimando, e sua língua sacudiu meus dentes, a sensação inesperada chocando-se através de meu núcleo. *Nós estamos juntos nessa. Eu vou te ajudar o quanto eu puder.*

Eu balancei a cabeça, ansiedade ainda crua em minha pele como uma erupção e sai do corredor, tentando fazer minhas pernas parecerem como se não estivessem tremendo. Eu poderia confiar nele, certo? Ele nunca faria nada com Luna sozinho. Então ele mantivera sua palavra e ajudara-me. Não é?

A brilhante festa ainda se misturava e ria, o bar ainda decorado com fadas bêbadas e improváveis mortais perfeitos. Em seu final, um jogador de futebol musculoso que eu reconhecia batia um papo com uma menina fada de pele dourada, tentando aliviar sua mão na frente do vestido dela, enquanto ela ria e cheirava uma linha de brilhante pó azul para fora da barra de vidro do bar, cabelo espetado voando verde. Em uma pilha de almofadas brancas, um par idêntico de loiros meninos fada compartilhavam de uma menina vampira com olhos sonolentos, membros finos prateados entrelaçados, a língua estalando juntos enquanto a beijava, seus longos cabelos negros esvoaçantes sobre o tapete claro.

Eu caminhei até o bar e pedi conhaque e absinto no gelo, duas. Olhei ao redor, enquanto a menina misturava minhas bebidas. Eu não podia ver Dante e eu esperava que ele não tivesse saído sem mim. Mas lá estava Luna na janela enorme, cabelo dourado fluindo sobre seus ombros, vestido de seda em uma névoa de aura lilás. Falando em seu telefone. Sozinho. Perfeito.

Nauseante. Você realmente vai beber essas coisas? O sussurro divertido de Rajah escorregou suavemente em minha cabeça como uma carícia, mas eu não conseguia senti-lo perto de mim e queria saber o alcance desses pequenos e sexys truques da mente. Eu resisti um sorriso nervoso e a moça olhou-me estranho, quando peguei os dois copos de coquetel.

Meu salto clicava suavemente sobre o piso de vidro escuro, minha barriga deu uma guinada ante a altura, a cidade impossivelmente distante abaixo. Aproximei-me dele, as hastes aquecendo-se em meus dedos trêmulos, e meus nervos torciam quando ele se virou. Se ele tivesse me ouvido chegando? Será que ele sentia o calor de meu corpo? Sentia-me? Eu tinha meu arrebatamento sob controle, eu não estava emanando nada. Inferno, talvez ele tenha me cheirado. Eu não iria passar por ele. Eu podia sentir meu cheiro, quente e salgado, o fluído quente ainda me cobrindo do toque de Rajah. Minhas bochechas aquecidas, meu pulso inchado em minhas têmporas.

Luna olhou-me de cima a baixo com penetrantes olhos verde-amarelo, ainda falando em seu telefone prata. — Sim, bem, eu disse-lhe cento e cinqüenta ou ele pode ir para o inferno. Sem trocadilhos. Ouça, eu realmente tenho que ir. — Ele fechou o telefone e isso desapareceu com um rodopio de dedos longos.

Eu engoli e ofereci-lhe uma taça, tilintar de gelo em vapor verde nublado. — Pelos velhos tempos?

Ele estudou-me, frio, antes de dar-me seu sorriso quebrado e tomando a bebida de mim, seus dedos duros chocaram-se com os meus com estática. Eu lutava para não vacilar. Foi uma provocação, ou um aviso?

Ele bateu seu copo contra o meu e tomou um gole, revirando os olhos em uma caricatura de prazer enquanto saboreava e engolia. — Porra, isso é bom. Você sabe do que eu gosto. Mas eu vou beber aos novos tempos e que se foda os velhos.

— Isso é justo. — Bebi, o álcool ardendo em minha língua, a fumaça dissipando. Eu precisava disso, engolir seu charme.

— Eminentemente. Enfim, estamos realmente tão distantes, eu e você?

— O suficiente. Você não tem medo que eu vá envenenar você?

Ele sorriu, piscando os bonitos olhos. — Você não cheira a veneno, gata selvagem.

— Realmente. O que eu cheiro, então?

Ele virou os olhos, fingindo considerar, mas arruinou o efeito com uma levantada atrevida no canto da boca. — Eu diria... Lamento. Frustração. Angústia, merdas como essas, você sabe. Mas o veneno é a arma de um covarde e você nunca teve medo. Além disso, você tem algo melhor agora. Essa pulseira "*sexy*". — Ele deixou seu olhar viajar em cima de mim, frio.

Meus nervos picaram em um aviso. — Não que eu alguma vez precisei de uma coisa assim com você.

Ele riu, deixando cair o braço sobre meu ombro e apontando para a janela com o copo meio vazio. — Deus, eu nunca me cansarei disso. Nunca. Lembra daquelas noites em Sultanahmet, as balsas com luzes de tochas na baía? Nós nadamos nus no oceano morno e juramos que iríamos viver para sempre. E aqui estamos nós. — Um riso ressoou de seu peito, sua aura lilás sussurrando quente e faminta em minha pele. — Não é totalmente o que você tinha em mente, eu acho, mas ainda assim.

Intencional ou não, sua farpa espetou meu coração. Bastardo. Eu tinha esquecido seu descuido, sua temerária desconsideração para com os sentimentos. Não é à toa que ele e Kane começaram tão bem.

Seu cheiro de flor de laranja e cravo derivou, muito perto, desagradavelmente a desarmando. Quentes músculos de dedos

pressionaram na parte de trás de meu pescoço, tentador, mas sua familiaridade deixava-me doente. Tentei concentrar-me nas sensações, esquecendo a nossa história, ignorando o gritante impulso de passar minhas unhas por seu rosto, sufocá-lo, bater a cabeça no vidro até que sangrasse. Apenas um homem. Um homem bonito e poderoso, um banquete de doces para os olhos e um deus felino na cama, mas apenas um homem. Eu tinha centenas. Eu poderia certamente ter esse.

Seus dedos estavam descansando contra meu braço, casual, como se tivesse nenhuma intenção de deixá-los dispersos em outros lugares. Nós veríamos sobre isso. Eu inclinei para fora, deslizando minha mão em minha bolsa. — Eu trouxe um presente.

— Oh, você não deveria ter... — O tom mudou quando ele viu o frasco, suas pupilas dilataram e quando eu coloquei isso em suas mãos, ele engoliu, glitter dourado refletindo em seus olhos quando ele segurou-a contra a luz. — Mas eu estou tão feliz que você tenha trazido. O que é isso? Não, não me diga. Deixe-me adivinhar.

Ele colocou a bebida de lado na janela de metal e soltou a cortiça, traçando seu dedo em torno da borda do frasco para recolher uma gota espumante. Quando ele encostou em seus lábios, o ar brilhou a seu redor, tão leve, pensei ter imaginado isso e meu estômago apertou-se em antecipação. Arrebatamento, enquanto eu distraía os sentidos de Luna com a droga. Minha admiração por Rajah deslizou até outro nível. Essa foi boa. Isso foi muito bom.

Os olhos de Luna brilharam e ele chupou seu dedo com satisfação. — Não tenho certeza se estou lisonjeado ou desapontado. Você desistiu da noite que nos conhecemos por isso?

Eu molhei meus lábios delicados e o brilho reluziu novamente. — Eu queria que você tivesse. Ela pediu alguma coisa... feroz.

Seu olhar fixo no meu, em transe. — Deixa pra lá, então. Fizemos muitos como esse, hein?

Eu segurei seu olhar, desafiando-o. — Centenas.

Ele observou-me e eletricidade picou minha pele quando ele procurou, desconfiado.

Eu não deixei meu olhar deslizar. O arrebatamento era todo de Rajah. Ele não ia encontrar nada.

Finalmente ele deu uma risada suave e tirou a rolha, levando o frasco ao nariz. Glitter dourado rodou quando ele respirou profundamente, saboreando a fresca essência fae. Seu rosto colorido, seus olhos verdes vidrados e ele soltou a respiração em uma corrida. — Bom Deus.

Mais, murmurou Rajah, e a aura de Luna contorceu-se, ondulada sob a carícia lenta do arrebatamento.

Eu sorri, cuidadosamente. — Como é?

— Eu amo isso. — Luna inalou, ingerindo e ofereceu-me o frasco meio vazio, seus cílios cintilantes. — Experimente um pouco.

Meu coração bateu, meus dedos cerrados sobre a haste quente de meu copo. Eu não tinha previsto que ele desejaria compartilhar. A última coisa que eu precisava, com ele por perto, era uma cabeça cheia de merda de fadas imprudentes.

Pegue. O sussurro de Rajah era urgente, tenso. *Eu estou observando. Você vai ficar bem*.

Ele estava certo. Eu não podia voltar atrás agora. Peguei o frasco, ordenando meus dedos para não tremer e cheirei.

Limão e fogo explodiram em minha cabeça. Meu pulso pulou para uma corrida. Minha visão nublou, ensopada de estrelas cadentes e eu oscilava, água ardendo meus olhos. Puta merda.

Luna riu, apertando meu ombro para que eu não tropeçasse.

Firmei-me, ácido cítrico queimando meu paladar, o ar fresco e frio em meu nariz. Meu corpo aqueceu enquanto a droga corria em meu sangue, o suor escorrendo em minha pele. Sentia-me um pé mais alta, mais forte, meus quadris curvaram-se, meus seios aumentaram. Arrebatamento acendeu profundo dentro de meu ventre e eu apertei-o firmemente para que ele não pudesse escapar. Ainda não.

Seu olhar deslizou para o meu e ficou lá, seus dedos suaves agora em meu ombro. — Agora vale a pena uma memória antiga, né? Cravos picavam minha língua, seduzindo, minhas sensações intensificadas pela droga. Eu não tinha percebido que ele estava tão perto. Enfiei o tubo vazio que estava em minhas mãos em minha bolsa e ele bateu contra o interceptador de almas, certamente audível. Engoli em seco, meus lábios separando-se. — Quer fazer uma nova?

Ele ergueu as sobrancelhas finas, divertido, mas seus lábios brilhavam molhados e ele deslizou os dedos quentes até meu rosto, afastando um cacho solto. — Bem, bem. Se eu não conhecesse você, gata selvagem, eu acharia que você é uma trapaceira.

Eu esfreguei minha face contra a palma da mão, deixando minhas pálpebras vibrar como se eu estivesse me perdendo. A bainha de seda de sua camisa escovava minha clavícula, quente. — Você sabe todos meus truques, — eu sussurrei. — Você gostou deles uma vez.

— Mais de uma vez, se me lembro bem. — Ele traçou seu polegar sobre meu lábio inferior, especulativo.

Excelente. Jade, você é um gênio. O fraco arrebatamento de Rajah brilhava sobre nós como flocos de neve.

O olhar de Luna escurecido, escaldante. Ele tirou meu copo de meus dedos, drenando a bebida em um único gole e deixou-o cair. Ele quebrou aos nossos pés, manchas verdes espalhavam-se como fragmentos. — Vamos ver se você aprendeu alguma novidade.

Ele deslizou seu pulso perfumado em volta de meu pescoço, puxando-me em direção a ele. Os lábios dele desceram fortes nos meus, inclinando a cabeça para trás, enchendo minha boca com seu sabor forte. Engoli em seco, o triunfo e a memória sedutora queimando buracos profundos em minha compostura. Ele forçou minha boca aberta e a cabeça inclinada para por sua língua mais profundo e por um instante assustador lembrei-me de como eu amava-o. Ele tinha me quebrado, queimado minha vida em cinzas sem fim, com um encolher de ombros descuidado, me humilhado e me machucado como ninguém jamais fez. Mas eu amava-o. Meu corpo cantou com isso, meus sentidos drenando isso. Eu sussurrei em seu ouvido, gritando isso para o mundo, engasgada em sua boca, com minhas pernas em volta de seu quadril e seu comprimento quente enterrado dentro de mim.

Meu coração doía com a perda. Estendi minha língua mais fundo em seu calor, à procura de qualquer coisa que restou do que tínhamos tido. Seus longos cabelos perfumados correram sobre minha mão, seda crua em minhas mãos enquanto eu deslizava-os pela espinha acima.

Meus dentes da frente roçaram os seus e o choque arrastou-me de volta à realidade. Ele disse que me amava também e eu acabei

presa a uma parede suja em seu calabouço. Dedos de náuseas enrolaram em meu estômago, que eu tivesse gostado de tocá-lo novamente, mesmo por um momento. Talvez Luna tivesse magias de arrebatamento de sua autoria.

Ele sorriu, os lábios curvando-se em nosso beijo. — Não achou que eu deixaria isso ao acaso, não é?

Minha garganta inchou em alarme, mas ele virou-me, forçando-me contra a janela, prendendo meus pulsos contra o vidro, seu corpo firme contra minhas costas. Meus seios achatados na janela, meus mamilos tensos em compressão. Ele estava quente, sua pulsação forte e rápida, pressionando seu pênis duro na base de minha espinha. Ele arrastou os lábios vorazes em toda a curva entre o pescoço e o ombro, a língua saboreando as marcas pegajosas de presas. — Mmm. Você ainda tem um gosto bom.

Ele soltou uma de minhas mãos para esmagar minha saia na mão, puxando-a por cima de minha coxa, os dedos agarrando minha pele. A cidade brilhante apareceu abaixo, estonteante, e eu apertei meu rosto contra o vidro frio, minha respiração quente em uma nuvem de bruma úmida sobre minha mão. Ele tomar-me-ia aqui, na frente de todos. Meu coração batia forte, a droga dilatando meus nervos. Eu nunca fodi oitenta e sete andares acima do nada.

Dobrei minha cabeça contra seu ombro, ofegante e contorcendo-me por mais razões do que a náusea. — Não aqui. Leve-me para a cama.

Ele forçou minhas coxas distantes com uma de suas mãos e seus dedos urgentes traçaram a curva de minha bunda nua, tentadora. — Nunca tão tímida em Constantinopla, gata selvagem.

Eu resisti ao impulso de pressionar-me de volta para ele, buscá-lo dentro de mim de qualquer maneira que eu pudesse acabar

com isso antes que ele pudesse pirar com minha mente. — Não havia câmeras de celulares em Constantinopla.

— Verdade. — Ele soltou-me e deslizou a mão na minha, puxando-me em direção a uma porta escura ao lado do bar.

Um divertido e lascivo formigamento ao longo de minha coluna fez-me pular. *Piedade*, sussurrou Rajah. *Eu estava ficando quente em assistir aquilo.*

Eu engoli um sorriso. Então Rajah gostava de assistir, não é? Bem, ele pegaria um olhar cheio muito em breve. Meu interior aqueceu com o pensamento dele nos assistindo, aqueles olhos de ouro derretido salpicados com luxúria.

Luna arrastou-me para o corredor escuro, a música elétrica sumindo e meus nervos contorcendo-se, sacudindo minha leviandade. A droga de fadas aguçou minha visão e colocou um balanço em meus quadris enquanto eu andava, mas um mal-estar profundo ainda me arrastou para baixo. Luna era perigoso. Sem dizer que poderia machucar-me.

Sáimos em um amplo espaço de pinheiros, alto teto de vidro e distantes estrelas salpicando, tapetes pálidos brilhando sob holofotes macios. Em uma mesa baixa ao lado da janela uma antiquada lâmpada bronze a óleo brilhava ao lado de figuras torturadas de vidro fundido em preto e vermelho. Artes bizarras decoravam as paredes, rabiscos escuros e brilhantes barras pintadas de cor, fotografias da natureza deslumbrante do pôr do sol e cachoeiras deformadas e manchadas que pareciam cenas do inferno. Ladrilhos de ardósia de estilo alcova cobriam um canto de um banheiro, com chuveiro, uma larga banheira branca e um espelho sobre a pia.

Luna beliscou minha orelha com os lábios molhados, sua língua deslizando sedutoramente. — Sinta-se em casa, — ele sussurrou e empurrou-me para trás.

16



Eu tropecei, atirando os braços para equilibrar e bati na brancura macia. Minha bolsa caiu de meu ombro, caindo ao chão e ele estava sobre mim, esmagando seus lábios nos meus, sua coxa dura insistente entre minhas pernas. Eu tremia debaixo dele, apreensão gélida e desejo quente perseguindo um ao outro sobre minha pele. Ele já tinha me tido em sua cama. Luna não era para se brincar, especialmente não com o arrebatamento sussurrando pensamentos luxuriosos dentro de sua cabeça. Vitória formigava minhas coxas, aumentando meu agradável desconforto e eu contorcia-me, apertando-me em cima dele. Eu poderia fazer isso. Um orgasmo, ele estará morto e isso acabaria. Certo?

Ele sentou-se montado em mim e lutou por meus pulsos, prendendo-me no colchão, a longa túnica de seda esvoaçante sobre minhas pernas nuas. Reflexivamente eu lutei e ele segurou-me mais apertado, os olhos brilhando. Seu bonito cabelo dourado balançando sobre seus ombros largos, um sorriso perturbador rastejando sobre seus lábios.

Ele soltou um de meus pulsos e sem sequer um lampejo de seus quentes olhos verdes, ele conjurou uma massa de seda brilhante em sua mão, a liberação de energia contaminando o ar

com ozônio. Envolveu meu pulso com força e amarrou-o rapidamente no trilho no topo de sua cama. O lenço apertou em meu pulso, fazendo-o pulsar e rapidamente fez o mesmo com o outro pulso, esticando os braços sobre minha cabeça.

—Não quero que você se contorça para longe.

Eu juro que ouvi Rajah recuperar o fôlego. *Oh, agora isso é demais. Você tem alguma ideia de como é difícil ficar atrás e assistir?*

Meus mamilos apertaram e eu contorcia-me, gostando do peso de Luna pressionando-me tanto quanto eu apreciava a ideia de Rajah assistir. Tenho que admitir, a coisa de amarrar ainda me excitou. Despertando meu sexo, a agradável dor crescendo, nova umidade. Se eu tivesse que deixá-lo foder-me, eu poderia muito bem gozar.

Agora que eu estava imóvel, Luna tirou o casaco e jogou-o fora. Sua camisa de seda ultrafina nem sequer fingia esconder as formas brutalmente masculinas do peito, o caminho de sua cintura estreitando-se apertado, o piercing de aço em seu mamilo. Que era novo. Ele sempre teve os mamilos sensíveis, um gatilho para sua excitação. Eu imaginei minha língua sacudindo o afiado anel, provocando o pico duro de carne, chupando-o. Isso o deixaria louco. Se eu pudesse alcançar, o que eu não podia.

Quando ele desabotoou a camisa e deixou isso escapar, eu tive uma visão ainda melhor, sua pele pálida esticada sobre os músculos tonificados naturalmente, a sexy tatuagem de serpente curvando em torno de seu bíceps, cicatrizes sortidas no peito ainda se mostrando após todo esse tempo. Algumas dessas eram provavelmente de meus dentes e lembrei-me do gosto cítrico de sua pele, a pedra de seda de seu pênis em minha língua.

Ele inclinou-se sobre mim, os suaves cabelos dourados escovando meus seios e arrastou sua boca molhada até o interior de meu antebraço preso com a seda, deixando uma trilha de calor em seu caminho. Seu perfume encheu minha boca, provocando memórias agridoces. Lembrei dos jogos que joguei, como ele brincava comigo, até o desejo ameaçar ferver meu sangue, até que eu choramingava e pedia para ele foder-me. Meu estômago cerrou, mesmo quando ele dava prazer. Será que ele me faria implorar?

Engasguei, puxando desesperadamente a seda. Luna inclinou-se sobre um cotovelo e traçou a faca no osso sensível, deixando um rastro ardente, o calor escoava lentamente assim como meu sangue escorria. Eu chutei, mas ele prendeu minhas pernas com sua coxa, pesado, forte e impossível de mover-me. Seu pau estava duro contra mim e meu contorcimento só o fez ficar mais duro. Ele prensou-se contra mim com um suspiro lento de desejo.

Meu batimento cardíaco acelerou e eu tentei engolir, o medo segurando minha garganta como um punho apertado. Eu o tinha visto torturando meninas, cortando-as, queimando seus mamilos com ferro em brasa, provocando-as com sua língua e seu pau nos lugares mais sensíveis enquanto elas soluçavam. Sua imaginação era impressionante, sua paciência sem fim. Isso tinha me divertido, antes quando eu odiava o mundo e todos nós, exceto ele. Mas ele nunca havia feito isso para mim.

— Que merda...

Ele fechou a outra mão delicadamente sobre minha boca e estalou a língua.

—Você realmente acha que eu havia esquecido as maldições que você cuspiu em mim? Eu nunca ouvi tal sujeira saindo de sua doce boca.

Ele trilhou a morna ponta da faca no oco de minha garganta e pressionou suavemente, seu olhar fixo no meu.

O local doeu, meu pulso latejou e pavor deixou minha boca seca. Os dedos invisíveis de Rajah escovavam meu cabelo, reconfortando. *Está tudo bem, eu não vou deixar que ele te machuque. Ele ainda está extasiado. Basta fazer o que ele quer e esperar o nosso momento.*

Eu sabia que Rajah estava certo. O rosto de Luna ainda brilhava quente das drogas da fada, os olhos vidrados de arrebatamento não natural e carregados de sensualidade. Ele ainda era nosso. Contanto que eu pudesse suportar isso.

Deus, eu esperava que não fosse apenas a droga correndo em volta de minha própria cabeça falando.

Luna ficou me olhando, com os lábios trêmulos e separados.

— Você tem que ser cuidadosa sobre quem você amaldiçoa para o inferno para sempre da próxima vez. Ele pode voltar e morder sua bunda bonita. Nós ainda podemos ser amigos, Jade. Eu posso perdoá-la. Mas não até que você se arrependa de seus erros.

A larga lâmina da faca brilhava e por um momento ele admirou a luz nas bordas afiadas. Então ele deslizou o aço frio sob a alça de cetim de meu vestido. A lâmina cortou o fino tecido escarlate, como se ela nunca tivesse estado lá, apenas um assobio minúsculo de atrito. Ele cortou o outro também, e soltou o zíper lateral de meu vestido para que ele pudesse arrastá-lo para baixo. Ele deslizou o cetim liso por minha bunda, por minhas trementes coxas, até meus tornozelos e fora, deslizando sobre as tiras de meus sapatos, sobre meus calcanhares, então estava fora, também.

Seu olhar estuprou-me com fome, varrendo por cima de meu corpo, como mãos ásperas. Eu nunca me senti tão nua. Eu tremia, os

lenços cortando meus pulsos, impotência desolada lavava minha confiança.

Você é tão bonita. O Sussurro de Rajah pareceu cheio de tesão em meu ouvido e por um instante algo molhado e ardente escovou meu mamilo. Uma ponta de dedo invisível, molhada com sua saliva.

Desejo inundou-me, quente e rápido, penetrando sob minha pele. Meu clitóris doía, despertando muito rapidamente, uma corrida de sangue tão feroz, eu gritei. *Jesus. Não faça isso. Ele vai ver.*

Mas Luna apenas sorriu, distraído. Ele despiu-se, luzes brilhando sobre as formas perfeitas de suas coxas, a curva doce de sua bunda, o brilho acetinado de seu magnífico pau. Sua aura brilhava violeta, ondulando, como uma estranha segunda pele. Um belo homem com o coração frio de um demônio. Não que eu quisesse insultar os demônios. Pelo menos, Kane, eventualmente, descobriu que ele machucava você, mesmo que ele não entendesse o porquê.

Ele arrastou-se de volta para cima de mim, os músculos suados brilhando na luz. Delicadamente, ele balançou sua língua para fora para meu mamilo, saboreando-o, acrescentando ao calor de Rajah.

— Boa menina. Já tão pronta.

Ele inverteu a faca na mão e lambeu a ponta afiada, molhando e aquecendo-a. Uma gota de sua saliva brilhante na perversa ponta e delicadamente ele abaixou-a para meu tenso mamilo.

Uma ferroadada quente rasgou em meu peito e solavancos estouraram em minha pele. Engoli em seco, forçando minhas coxas

por baixo dele. Ter dor onde eu sentia queimar o prazer era intenso e horrível. Ele torceu seu pulso, cavando o ponto mais forte.

Ele moveu a faca e cutucou-me forte entre as pernas com seu pau. Eu contorcia minhas coxas separadas, esperando que o desgraçado apenas fosse em frente. Mas ele sorriu, cruel.

— Então, você ainda pode lidar com um pouco de dor? Vamos ver como você lida com prazer.

Ele deslizou para baixo, por meu corpo, abriu-me com dedos ágeis e prendeu sua língua quente sobre meu clitóris. Traíçoeiro prazer imundou meu núcleo como uma bala, forte e dolorosa. Minha respiração acelerou, o suco quente inundando meu ventre para ensopar o lençol e meu arrebatamento inflamou em uma explosão de chamas, enchendo-me com trêmula energia reprimida.

O gemido de Rajah inflamou-me mais. *Você está me matando. Vem, meu amor. Deixe que ele faça você gozar. Finja isso se você tiver que fazer e enquanto ele estiver distraído, vamos tê-lo.*

Finja? Ele tinha que estar brincando. A língua de Luna trabalhou forte, girando sobre meu ponto mais tenso, queimando tensão através de meu abdômen. Eu engasguei, as lágrimas traidoras brotando em meus olhos. Tinha tanto tempo desde que alguém se preocupou em ir para baixo de mim — eu certamente não contava com Dante violar-me com a língua enquanto eu estava esparramada em um sangrento estupor — que eu tinha esquecido como é bom sentir. Tão quente, tão perfeito. Meus músculos interiores ondularam, prenunciando minha libertação e metal picou minha carne inchada lá, frio e assustador.

Jesus. Ele tinha a faca lá. Milímetros de meu interior macio, então eu não me podia mover, a não ser se eu quisesse ser espetada.

O doente filho da puta. Náuseas e repulsa rastream os dedos frios sobre mim, estragando meu prazer e eu estava feliz.

— Uh-uh, — Luna murmurou e eu senti-o sorrir. — Não se mexa. — Ele chupou-me, delicado, colocando meu clitóris inchado mais profundo em sua boca e a crua sensação agarrou-me, mas todo meu prazer no ato tinha fugido. Eu não poderia gozar assim, não com o aço afiado ameaçando cortar-me e o ar pingando com o fôlego malicioso de Luna. Acho que eu teria que fingir depois de tudo e é melhor eu fazê-lo bem.

Fechei os olhos, querendo que meu corpo ficasse parado e pensei em Rajah, fingindo que ele estava fazendo o que Luna estava fazendo, passando a língua suavemente, então forte, provocando minha carne em espasmos, seu lindo cabelo escuro como água quente derramado sobre minhas coxas enquanto eu trancava meus tornozelos em seu pescoço. Pensei em como eu reagiria e gemi, jogando minha cabeça para trás. Imaginei sua língua deslizando dentro, fodendo-me, bebendo meu fluido quente direto da fonte e eu lutava para permanecer imóvel. Minha respiração acelerou, minhas coxas trêmulas, esticando. Meu Rajah imaginário substituiu sua língua com o dedo, mais dedos, afundando-os ainda mais, mexendo, estimulando esse ponto mágico. Eu gemia, meus mamilos endurecendo novamente sem qualquer ajuda.

— Oh, Deus, isso é bom.

— Mmm. — Luna afastou um pouco, suavizando sua língua. — Boa menina. Você pode gozar sem se mover? Aposto que você não pode.

Você está indo muito bem. Não o deixe ver isso. Dedos invisíveis pousaram em meus pulsos, afrouxando os lenços. Seda sussurrou em meu antebraço e eu estava livre. Eu gritei, sem fôlego

para que Luna não notasse, enrolando meus dedos e fazendo meus músculos da coxa saltarem como se eu não pudesse aguentar mais. — Não, por favor, não.

As palmas das mãos quentes de Rajah deslizaram sobre a minha e eu segurei suas mãos invisíveis tão forte que meus dedos doíam. Eu queria pegar o cabelo de Luna e arrastá-lo de cima de mim, colocar minhas unhas em seus olhos e rasgá-los. Eu queria pegar Rajah e tomá-lo, mergulhá-lo em mim e nunca deixá-lo ir. Arrebatamento rodou em meu abdômen, como uma bola de fogo dançando, ameaçando explodir.

Minha boca encheu de água, dolorosa, e eu engoli. Ok, chega de pensar em Rajah fodendo-me. O ponto era fazer Luna foder-me, para fazê-lo gozar, não eu.

Eu fiz meu corpo tremer, ofegante. — Por favor, não me faça. Eu quero gozar com você dentro de mim. Por favor... Oh, deus, não. — clamei, cavando meus saltos no lençol, pressionando-me contra a horrível carícia da boca de Luna, tentando não estremecer quando a lâmina de faca escovava minha pele, picando. Eu contorcei minhas coxas, deixando meus músculos tremerem. Luna gemeu, cobrindo-me com a língua, os dedos cavando em minhas coxas.

Yeah. Agora dê o seu melhor. Rajah soltou minhas mãos e suas escuras ondulações cintilantes bateram sobre nós, embebendo o ar como uma névoa de calor desenfreado. Eu cerrei os dentes em antecipação e deixei meu próprio arrebatamento entrar em erupção.

Alívio agonizante explodiu em minhas entranhas, como meu próprio tipo de orgasmo e meu corpo queimou com a mágica energia sexual. Faíscas arquearam em meu cabelo, estalando, o cheiro de ozônio espalhando-se.

Luna estremeceu entre minhas pernas, os pesados músculos dos ombros tremeram. Ele chicoteou a lâmina para longe e atirou-a para o chão, mergulhou em mim e puxou minha coxa em torno de seus quadris com uma mão quente e forte. Seu pau afundou em meu osso púbico, dolorosamente forte.

— Gata selvagem, você é uma coisa linda, eu não posso fingir. Eu quero tanto você, — ele respirou e bateu-se em minha carne inchada em um único poderoso golpe.

Meu arrebatamento ferveu. Rajah riu sombriamente em minha cabeça, e eu senti vontade de rir também. Fechei minhas pernas em volta dos quadris de Luna e envolvi minhas mãos em seus cabelos, arrastando a cabeça para baixo para mim. Eu tinha o bastardo exatamente onde eu queria. Eu flexionei, segurando seu pênis com os músculos praticados e ele cerrou os dentes, empurrando mais profundo, uma e outra vez. Senti-me bem. Mas não tão bem, eu podia desfrutar de sua impotência. Frios punhos agarraram, esmagando, buscando meu encantamento, mas já era tarde demais. O arrebatamento era muito forte, fluindo sobre nós como um vulcão em faíscas.

Absurdamente, um sorriso sem fôlego entreabriu seus lábios.

— Merda. Você é boa. Eu não percebi que isso viria. Eu não vi absolutamente nada. — Empurrou em mim novamente, indefeso, gemendo, sua aura brilhante malva lambendo por cima de mim. Ele sabia o que estava acontecendo. Ele simplesmente não poderia fazer nada sobre isso.

Vitória inundou-me e eu apertei minhas coxas, pedindo-lhe por ele continuar.

— Confiança em um frasco, Vorenius. Você deve ser mais cuidadoso com o que você respira.

— Acho que sim. Ainda assim, foi bom, não foi? — Seus movimentos aceleraram, o suor surgindo na linda testa. Sua respiração era curta, os lábios brilhantes. — Oh, foda-se. De jeito nenhum. Você não vai me conseguir assim. — Ele afastou, tríceps focando-se, forçando as pernas para baixo e longe de seus quadris, tentando tirar de mim antes de ele gozar. Lutei, o desespero apertando os dedos mortos em minhas entranhas. Ele era muito forte. Eu não podia segurá-lo.

— Não, você fodidamente não. — Uma sombra escura cintilou acima de nós. Olhos castanhos salpicados de dourado brilharam na vista sobre o ombro de Luna, o cabelo preto selvagem, pele marrom brilhando.

Luna engasgou e bateu de volta para mim, esmagando-me, um suspiro doloroso escapou de minha boca aberta. Ele lutou para pressionar para cima os cotovelos, ofegante, e com um esforço farejou o ar como um gato.

— Rajah, — ele suspirou, puxando um sorriso em seus lábios. — Há dois de vocês. Não se preocupe. Olha, nós podemos falar sobre isso...

— Nenhuma conversa. Não para você. — Rajah olhou para mim, latente e estendeu a mão para agarrar minha mão, preparando a si mesmo. Seu antebraço tensionou quando sua pulseira de escravidão brilhou, seus longos dedos cerrados na minha. Ele deslizou a outra mão por baixo dele e eu senti seus dedos deslizarem delicadamente ao redor de onde Luna e eu nos juntamos, coletando a lisa umidade e espalhando-a. — Quanto tempo, Luna. Tenho certeza que você não se importa.

Luna tentou recuperar o fôlego, suor brilhava em seu rosto. — Sua astuta cadela.

— Isso não soa como um não. — Rajah agarrou o quadril de Luna com força, o corpo de Luna estava pressionado em seu flanco e deslocou o quadril, rangendo os dentes, trabalhando seu caminho dentro, Luna engasgou novamente, seu pau inchou dentro de mim.

Eu não podia ver o que Rajah estava fazendo, mas eu tinha uma ideia muito boa. Imagens deliciosas inundaram meu encharcado arrebatamento com sentidos e eu estremei, prazerosamente, com certeza meus olhos estavam vidrados. A noite que eu o conheci, eu tinha imaginado um ménage à trois. Isso não era bem o que eu tinha em mente. Mas meu coração encheu-se de olhar para ele, cabelos úmidos caindo em seu rosto, seus lábios molhados, olhando extasiados para mim enquanto nós dois transavamos com alguém que abominávamos. Ele apertou minha mão, seu polegar provocando meu ardente pulso e seus lábios deliciosos formando um beijo, só para mim.

Arrebatamento lambeu meu corpo, elevando luxuriosos arrepios em minha pele e meus lombos doeram por ele, minha carne queimando com o atrito. Eu sabia que não era Rajah e meus músculos cerraram em torno com saudade. Mas isso não importa. Ele estava aqui, comigo, fazendo amor comigo enquanto nós assassinávamos o nosso inimigo mais antigo e mais merecedor. Meu coração doeu, um caroço inchou em minha garganta e eu lutei contra as lágrimas doces. Foi à coisa mais romântica que alguém já havia feito por mim.

Inclinei meus quadris contra Luna, urgente agora para acabar com isso. Luna gemeu e encheu-me e para minha surpresa uma lágrima brilhava em seus cílios também.

— Bem, — ele respirava com um sorriso gentil, — posso muito bem apreciá-lo enquanto dura. — Ele empurrou para trás, gemendo

de prazer. Rajah impulsionou profundo dentro dele, levando os dois em mim. Minha respiração forçada saiu de meus pulmões, deliciosa sensação ondulando dentro de mim. Nós nos movemos juntos, pele lisa, os músculos esfregando nos músculos, cabelos escuros misturando-se com dourados e todo o tempo o olhar de Rajah nunca deixou meu rosto, desejo ardente em seus olhos, seus dedos esmagando os meus.

A respiração de Luna aprofundou, áspera, com os olhos fechados enquanto tentava adiar o orgasmo, para prolongar o prazer e sua vida. Mas Rajah pressionou novamente e outra vez contra algum lugar profundamente prazeroso dentro dele e eu ordenhava-o, apertando e soltando seu pau até que ele estremeceu, cada respiração um gemido. — Eu não posso, — ele engasgou, um riso indefeso rasgando dele. — Vejo vocês dois no inferno.



Ele empurrou forte em mim uma última vez, esticando os músculos em suas coxas e seu pau deu um solavanco e pulsou, enchendo-me com sua semente e sua alma. Um grito longo e doloroso forçou de sua boca, molhando meu rosto com seu último suspiro e seus belos olhos brilhantes desbotaram em um cinza. Os músculos dos braços vibraram e relaxaram e ele caiu sobre mim, sem vida, seu peso esmagando o que restava de minha respiração.



Eu estava chocada, meus membros rígidos. A alma de Luna apressava-se dentro de mim, rindo loucamente, preenchendo minhas veias com uma alegria ardente. Minha mente distorcida e esticada, beirando à insanidade, uma inteligência alheia. Eu tremi, incontrolavelmente. Luna era louco como um raptor louco por sangue e eu queria gritar, cacarejar como uma doida, deixar a coisa borbulhante borbulhar em minha garganta e engasgar-me.

Rajah arrastou o corpo pesado de Luna de cima de mim. Cabelos dourados caíram no lençol, membros pendurados. Ele pegou-me em seus braços, apertando-me contra seu peito, tirando suavemente o cabelo suado de meu rosto. — Está feito, princesa. Você pegou-o.

O cheiro carnal do nosso sexo agitou meu estômago. A alma do Luna contorcia-se em meu útero, chutando, arranhando minhas paredes com unhas odiosas e meu arrebatamento assobiou e lutou para defender-se. Eu fiz esforço para vomitar, cuspe salpicando, meus olhos enchendo de água, mas nada saía.

Rajah puxou-me para mais perto em seu colo, minhas pernas dobradas em cima de seus joelhos. O ar ainda tremeluzente e turvo ao nosso redor. Seu coração pulsava rapidamente contra mim, seu

pênis molhado ainda apertando duramente minhas coxas, mas ele não estava preocupado com o arrebatamento agora e nem eu, não realmente, não com essa alma maligna ainda me estuprando. Eu tentei vomitar novamente, meu rosto seco e ele afagou minhas costas gentilmente, pequenos círculos da base de minha espinha e para cima. Sua mão tremeu um pouco, queimando para mover-se, mas eu não podia culpá-lo por isso. — Vamos, querida. Não mantenha isso aí dentro.

— Sempre me dizendo para ficar doente, — eu murmurei, náusea pegando-me novamente, a luxúria do arrebatamento insaciado queimando por dentro de mim só fazia ficar pior.

Ele sorriu suavemente, charmoso, e pegou minha bolsa do chão. Ele tirou a interceptação de almas, dobrou meus dedos ao redor de seu pescoço quente e parou de acariciar minhas costas, tentando forçar a coisa grotesca para fora de mim.

E para fora veio. Dor perfurou por minhas veias, fazendo cólicas como um vício. Ácido endureceu por minha garganta e derramou por minha língua, bolhas pinicando meu nariz. Bolhas roxas quentes jorraram para dentro do interceptador de almas. Eu engasguei, cuspiendo o resto daquilo, doce e horrendo em minha boca e quando eu terminei, Rajah enfiou a rolha com força. A garrafa chiou em minha mão, o metal arranhando. Uma risada fanática ecoou fracamente de dentro dela.

Eu deixei-a cair sobre a cama e agarrei-me a ele, meus membros duros e doloridos, fluído grudento pingando entre minhas pernas. Ele dobrou seus braços a meu redor, descansando sua bochecha no topo de minha cabeça. Com seu prêmio negado, meu arrebatamento flamejou, com raiva, esquentando minha pele. Meus sentidos viraram-se para o corpo trêmulo de Rajah, seus músculos

quentes movendo-se contra mim, o comprimento duro de seu pênis pressionando minha perna. Mas o gosto doce e doentio de Luna florescia em minha língua, um resquício sombrio de sua alma ainda ria profundamente em meu coração. Seu suor ainda besuntava minha pele, a saliva dele ainda corria entre minhas pernas, seu sêmen quente ainda cobria meu interior. Sujeira sufocava-me, entupia meu cabelo, minhas unhas, fazia-me feder. Vermes lentos de ódio enrolavam-se em minhas entranhas. Nojenta. Suja. Inútil. Puta.

Eu empurrei Rajah para longe, minhas pernas cortando o lençol molhado. Eu não queria que ele tivesse que me tocar. Por que ele iria querer tocar-me? Eu estou fedida. Eu chorava o refugio. Estremecimentos passaram por mim e eu preendi meus braços ao redor de minhas pernas encolhidas, doente, mesmo que meu arrebatamento gritasse comigo para empurrá-lo para baixo ao lado do corpo que esfriava de Luna e empalasse-me sozinha nele.

A mão quente de Rajah tocou meu ombro, hesitante. — Princesa...

— Não me toque! — Eu cortei-o, furiosa.

Mas ele segurou-me e um momento depois eu senti seu braço deslizar embaixo de meus joelhos dobrados, meu ombro batendo em seu peitoral firme enquanto ele me levantava sem esforço. Eu contorci-me. — O que você está...?

— Quieta. — Ele carregou-me pelo carpete, embalando minha cabeça em seu ombro, seu cheiro quente de cardamomo uma tentação e uma reprimenda mordaz ao mesmo tempo. Seus pés descalços faziam barulho nos ladrilhos duros e eu escutei o jorrar da água corrente. Ele desceu-me, a ardósia fria sob meus pés e empurrou-me debaixo do chuveiro.

Água quente salpicou, correndo por meu rosto, dentro de minha boca, ensopando meu cabelo, inundando meu corpo. O vapor acumulou-se, nublando o ar com o calor. Um frescor escaldante encharcou-me, mas a sujeira continuava agarrada como um fungo. Eu esfreguei-me, freneticamente, minhas pulseiras batendo uma na outra, água irritando meus olhos enquanto eu tentava enxergar. Meus braços, meus seios, minha barriga, entre minhas pernas, o atrito quente de minhas mãos molhadas rasgando minha pele, cavando a sujeira, minhas unhas arranhando.

— Calma. — Rajah pegou meus pulsos e gentilmente os retirou para longe. Água respingava sobre seu corpo bronzeado cintilante, enxaguando o suor e a viscosidade, ele alcançou o sabonete. — Deixe-me limpar-te.

Lágrimas derramaram-se de meus olhos, frias na água quente e minha mão tremeu na dele. Ele estava lendo minha mente agora? Deus, eu já fui estuprada o bastante por uma noite. Mas eu olhei para cima em seus olhos e seu tormento sangrento inundou-me. Ele mordeu o lábio, sua boca apertada e trêmula e seus dedos brancos com a tensão onde ele agarrava o sabonete pálido. Estava tudo bem entre nós, ele não me desprezava. Ele estava angustiado por mim e era tudo dele. Ele não estava lendo minha mente. Ele só sabia.

Meu coração leviano tombou num precipício, caindo para sempre e o tinido de alerta em minha cabeça veio tarde demais.

Mal conseguindo mover-me, eu concordei. Ele tocou meu ombro e virou-me gentilmente e eu senti o sabonete suave em sua mão esfregando-se em mim, pequenos círculos sobre meu ombro e o sabonete com cheiro de pinho fazia espumas que desciam por minhas costas, sobre meus quadris, dentro da fissura de meu traseiro, limpando tudo com a água corrente. Agora ele usou ambas

as mãos, massageando-me, mandando sangue novo para meus músculos cansados e doloridos. Inchaços arrastavam-se por meu couro cabeludo. Eu tive calafrios, flexionando meus ombros machucados e meu arrebatamento ainda insaciado suspirou, incentivando-me a pressionar-me para trás, deslizar seu pênis entre minhas pernas.

Ele dobrou seus braços fortes a meu redor, segurando-me gentilmente contra ele. Minha pele deslizava-se sobre ele, escorregadia, a fricção deliciosa. Eu podia sentir sua ereção pulsando contra meu traseiro, seu calor corporal queimando até mesmo no chuveiro, mas ele não parecia ligar. Suas mãos ensaboadas deslizando sobre minha barriga, minhas costelas, deixando uma sensação fresca de limpeza. Ele lavou a parte debaixo de meus seios, hesitante e eu queria impulsionar-me para frente, esfregar meus mamilos em suas mãos, sentir a protuberância dura do sabonete contra elas.

— Toque-me. — Minha voz áspera em minha garganta, rouca com a necessidade. Eu precisava das mãos de Rajah em mim, para apagar a memória do que nós tínhamos feito, do corpo do Luna no meu, o cheiro de flores de laranjeira, sua boca invadindo-me, a dura investida de seu pênis, seu gemido enquanto ele gozava e morria.

Rajah curvou sua cabeça contra a minha, os cabelos negros pingando água quente em meu rosto e seu gentil toque moveu-se para cima. Meus seios deslizavam como gel em suas mãos, escorredios com o sabonete. Ele enfiou suas mãos entre eles, ao redor deles, em cima até meus ombros e de novo para baixo e uma pressão suave inundou meu corpo, lavando toda a tensão e a sujeira. Ele pegou meus mamilos entre suas juntas e apertou-os gentilmente

e quando seus dedos escorregaram, parafusos de desejo perfuraram profundamente em mim, meus seios ficaram doloridos.

Nesse momento eu pressionei de verdade minhas costas contra ele, esfregando minha cabeça em seu ombro. Água fluiu para baixo, sobre meu rosto, lavando com ondas quentes meus seios, gotejando entre minhas pernas. Eu abri minhas coxas e a água acariciou meu inchado clitóris, provocando, fazendo-me querer mais. Minhas costas escorregadias de sabão deslizavam no peito dele, as protuberâncias gêmeas de seus mamilos arrastando-se sobre mim. Ele suspirou e uma necessidade negligente inflamou em meu coração. Eu flexionei meus quadris. Ele puxou-me para si, seus dedos afundando-se nos ossos de meu quadril, seu pênis queimando na abertura umedecida entre minhas nádegas. Eu estremeci até o núcleo com desejo. Meu corpo queria mais, queria dobrar-se e empurrá-lo dentro de mim, fazer amor com ele, fodê-lo tão forte e rápido até eu explodir. Eu apertei meu traseiro, apertando seu pênis e o pulsar de sua carne e seu suave gemido disseram-me que ele queria o mesmo.

Mas minha mente não conseguia deixar quieto. Fragmentos da alma insana ainda riam dentro de mim, maldosamente. Eu não conseguia esquecer a sensação de outro homem fodendo-me, deixando-me molhada, grudenta, suja com desejo e gozo. E não era somente Luna. Era Dante, Quinn, Angelo, todo homem que eu havia tocado sem emoção, todo homem que me sujou com luxúria. Rajah tocava meu coração e meu prazer de maneira que eram mais profundas do que eu queria admitir. Se eu iria amar, eu queria que fosse especial e não era.

— Eu não posso, — eu sussurrei, mas algo dentro de mim quebrou-se.

— Está tudo bem. Deixe-me cuidar de você. — Ele deslizou o sabonete em direção a minha barriga, nos cachos entre minhas pernas, esfregando-me gentilmente até formar-se uma espuma branca. Facilitando sua mão para ir mais abaixo, ele deslizou o sabonete até os vincos na parte superior de minhas coxas, lavando o resíduo grudento do pelo. Apesar de estar chateada, minha carne doeu e endureceu-se sob seu toque e minhas coxas afastaram-se por vontade própria. Quando o sabonete em sua mão roçou a ponta de meu clitóris, a sensação mandou um choque a meus nervos, enrugando minha pele com prazer.

— Não, — eu perdi o fôlego, mas eu não queria dizer que eu não queria isso. Só que eu não merecia. Ele não deveria me tocar, não dessa forma, enquanto eu ainda cheirava a outros homens.

— Silêncio. — A intenção obscura esquentando o sussurro de Rajah e enviando uma sensação de antecipação a meus trêmulos ossos. O sabonete deslizou de sua mão e caiu no ladrilho. Água borrifando e lavando a espuma, as protuberâncias deslizando em sua mão e para baixo para minhas pernas, mas não importava. Seus dedos deslizaram dentro de mim facilmente, minha entrada quente ensopada por dentro. Eu não pude segurar um gemido. Minha carne doía, irregular com as glândulas sobrecarregadas e inchadas do sexo, mas tê-lo dentro de mim de novo era tão bom.

Ele separou seus dedos gentilmente, remexendo-os, abrindo-me. Meus músculos trabalhavam contra ele, o prazer florescendo. Um calor escorreu por meu canal, o fluído de Luna e o meu próprio escorrendo em cima da mão de Rajah e sendo lavada. Água quente limpa inundou sua mão, lavando-me por dentro, tirando a sujeira de mim.

Ele deslizou seu outro braço ao redor de minha cintura e inclinou sua cabeça em meu ombro. — Eu não ligo, princesa, — ele sussurrou, água pingando de seus lábios para meu pescoço, seu cabelo fazendo trilhas sobre mim. — Não importa para mim o que você fez, com quem você esteve, se foi por causa da escravidão ou pela energia ou porque você queria. Eu não ligo. Eu só quero você. Não apenas seu corpo. Você.

Eu tremi, meu coração ferido e sangrando. Seus dedos ainda acariciavam gentilmente dentro de mim, limpando-me. Mas ele acariciou meu desejo, também, fazendo meus mamilos ansiarem por sua boca, meu corpo ansioso para ser preenchido. Sua empatia rasgou-me, expondo minhas profundas feridas e palavras impossíveis como *amor e para sempre* presas no caroço dolorido de minha garganta.

Eu peguei seu pulso, empurrando-o mais para dentro e seu antebraço endureceu-se com minha pegada, urgente. Nossas pulseiras batiam uma na outra, água espirrando. Ele gemeu e tirou seus dedos e eu gemi, também, em protesto. Mas ele virou-me, fora da água contra a parede molhada de vapor e caiu de joelhos em minha frente, seus olhos fixos na parte escorregadia e brilhosa em minhas coxas. — Eu tenho que te provar. Eu não posso... Ah, Jade. — Ele inclinou-se para frente e penetrou sua língua quente entre minhas dobras.

Minhas palmas bateram na parede de ardósia porque meus joelhos amoleceram-se. Sensações explodiram, ondas de excitação agitando minhas coxas, meu abdômen, todos meus membros. Ele colocou seus braços ao redor de minhas pernas, acariciando ansiosamente meu clitóris ansioso com as sensações mais quentes, doces, mas perfeitas. Meus nervos entraram em erupção, calor

relampejando como relâmpago em cada parte de meu corpo. Energia revirou-se dentro de mim, arrebatamento explodindo de maneira abrasadora. Eu estremeci-me, indefesa, suspirando com prazer.

Eu resisti a deixar minha cabeça cair para trás ou fechar meus olhos para revelar o êxtase insano. Eu queria assistir a Rajah chupar-me. Ver este impossivelmente lindo homem importar-se tanto com meu prazer, dando-me com uma intensidade que eu não havia visto em anos. Talvez nunca.

Seus olhos permaneceram fechados, cílios escuros uma linda bagunça em suas bochechas. Vapor acumulou-se a nosso redor e a água acumulou-se em suas costas, seu cabelo encharcado pingando em seu rosto. Ele mergulhou mais para baixo, trazendo ainda mais umidade e ele estava provavelmente lambendo o Luna tanto quanto a mim, mas ele não dava a mínima. Meu clitóris inchou tanto, cada movimento era uma perfeita agonia. Ele abriu minha carne com seus dedos e eu vi sua língua mover-se sobre mim, revirando, estalando, provando...

Deus do céu. Vê-lo só fazia piorar. Eu gemi, minhas coxas contraindo-se. Tensão pegou-me, apertando-me, mais, mais. Minha mão agarrou seu cabelo, apertando com força. — Eu vou gozar, — eu gaguejei, sem ar, provavelmente o aviso mais desnecessário do mundo.

Ele apenas me chupou, duramente, pincelando minha ponta sensível mais e mais, torturando-me. Eu só tive tempo de ver seus olhos abrirem-se rapidamente, esfumaçados com desejo, antes do prazer abater-se em minhas entranhas. Eu desmontei, o sangue esvaindo-se de minha cabeça enquanto a energia saía de mim, deixando-me desamparada. Ele segurou-me, prolongando um pouco

mais meu prazer com sua língua até que eu caí contra a parede, mole e sem ar, minhas pernas recusando-se a aceitar meu peso.

Ele contorceu-se em cima de mim levantando-se, água quente descendo entre nós e ele beijou-me, suave e docemente, tirando ternamente o cabelo molhado de meu rosto. — Tudo bem, princesa?

Cansaço drenou-me, seus olhos castanhos puxados cintilavam com minha energia, mas eu não ligava. Eu ri, sem fôlego em mim para soar direito. — Você teve quatrocentos anos para praticar isso. Eu diria que está tudo bem.

Ele inclinou-se para outro beijo, desta vez longo e duro com desejo, nossas línguas deslizando juntas. Seu pênis queimava minha barriga, grosso e cheio e o gosto de meus sucos em seus luxuriosos lábios inflamaram-me, fazendo-me querer mais dele.

Eu suguei sua língua e ele deu um pequeno gemido sexy em sua garganta, energia fluindo de volta para mim com sua excitação. Como eu precisava dele agora. Não só para alimentar a energia que ele havia roubado, mas apertá-lo bem profundamente dentro de mim, reclamá-lo, deixá-lo reclamar-me. Para provar que não era só um sonho. Eu deslizei meu pé até seu joelho forte, prendendo meu tornozelo ao redor de sua perna, mas meu outro joelho cedeu e eu cambaleei, caindo nele com uma risadinha. — Ops. Não consigo ficar de pé.

— Então não fique. — Ele pegou em meu traseiro e ergueu-me, minhas costas batendo contra os ladrilhos. A parte de trás de minha cabeça bateu na parede e eu guinchei, prendendo minhas pernas ao redor de seus quadris e minhas mãos sobre seus ombros para que eu não caísse. Seus dedos apertaram-se em mim, desesperados, como se ele não pudesse ter o bastante, seu peito duro brilhando enquanto ele ofegava. — Porra. Desculpa. Doeu?

Eu adorava a maneira como ele precisava de mim, o jeito como ele perdia o controle desse jeito. Eu queria que ele perdesse o controle por minha causa. — Eu não ligo.

Ele gemeu, desamparado e inclinou-se para sugar meu seio dentro de sua boca, a cabeça que seu pênis cutucando dolorosamente minha entrada. Ele prendeu seus dentes em meus mamilos, a picada aterrorizando-me com prazer. A tensão vibrou, apertando meu já devastado mamilo para meu sexo. Minha respiração interrompeu-se, membranas de prazer prontas para explodir em todo meu ser, tudo de novo. Eu nunca estive tão pronta. — Sim, Rajah, faça.

Ele virou sua cabeça para descansar sua bochecha em meu seio molhado, arrepiando-se e empurrando para dentro de mim, longamente, até o fim. — Você é perfeita.

Um choro forçou-se por meus lábios, a sensação mais do que eu esperava, mais do que eu podia aguentar. Ele relaxou e introduziu novamente, desta vez enfiando-se dentro de mim com toda a força, seus dedos apertando meu traseiro. Minha carne inchou, esticando-se, aceitando, envolvendo seu quente comprimento, o atrito além da imaginação. E então ele olhou para meus olhos e eu pensei que tinha morrido.

Ele levantou o queixo, oferecendo sua boca e eu mergulhei, entrando nele com minha língua ao mesmo tempo de suas investidas, enroscando meus dedos em seu cabelo encharcado. Eu tentei mover-me, mas minhas costas estavam presas contra a parede e no final eu apertei-o contra mim e deixei-o tomar-me do jeito que ele quisesse, do jeito que ele sabia que eu queria, duro, lento, tão profundamente quanto ele pudesse ir.

Energia flutuou entre nós, criando um turbilhão em nossas bocas e por minha garganta com o beijo dele, derramando-se em meu interior onde seu pênis preenchia-me várias vezes. O vapor perfumado de Rajah encharcou minhas narinas, seu gosto afogando minha boca, sua pele cheirosa molhada esfregando-se por todo meu corpo. Eu não conseguia me satisfazer. Eu queria que isso durasse para sempre.

Mas não podia, claro. Não com a maneira que meus músculos convulsionavam ao redor dele, ajuntando-se apertadamente, não da maneira que seu pênis inchava-se e ficava ainda mais duro, suas investidas mais poderosas, mais urgentes. Meus nervos mais profundos zumbiam de prazer, minha carne mais secreta vindo à vida com a tensão, apertando ainda mais. Ele arfou, seus lábios deslizando nos meus. — O que você está fazendo comigo, princesa? Eu juro que estou apaixonado.

Foi demais.

Eu estourei, ardendo profundamente, ondas celestiais de pulsação jorrando em nossa união. Ele capturou minha boca na sua e engoliu meu grito, logo alcançado por seu próprio grito sem fôlego enquanto ele gozava, profundamente, pressionando contra o osso dentro de mim. A energia subiu de mim, abrasadora como metal derretido.

Minha pele chiava, o prazer em ascensão como perfume fresco e meu arrebatamento enrolou-se como um gato, com sono e saciado. Ele retirou-se e deixou-me deslizar para ficar de pé, puxando-me de volta para baixo do chuveiro quente. Eu agarrei-me nele, meu coração ainda martelando e os espasmos de prazer ainda torturando meu corpo. Droga, isso foi fantástico. Ele era fantástico.

Eu não sei como ele fazia-me sentir tão bem, mais eu queria mais disso.

Meus nervos cantavam renovados, meus músculos fortes e vivos. Meu espírito crepitava, lançando energia como fogos de artifício. Eu sentia como se pudesse correr a noite inteira, vitalidade correndo por minhas veias. Eu queria correr daqui até a Ponte Princes²¹, subir mão sobre mão até o topo da torre azul neón e gritar para o vento com os morcegos sobrevoando meu cabelo. Eu queria prender Rajah no piso molhado pelo vapor e transar com ele até perder o sentido de novo, alimentá-lo com meu orgasmo, deixá-lo alimentar-se de mim, fazê-lo gozar tão forte, que ele desmaiasse.

Mas eu também queria deitar-me ao lado dele e beijá-lo a noite toda, seus membros quentes envoltos a meu redor, seus dedos gentis em meu cabelo. Acariciar sua pele morena aveludada, provar sua língua, sentir o pulsar de seu coração. Deslizar minha boca no pênis dele e engolir enquanto ele geme. Colocar meu queixo em seu peito e assistir a ele dormir, acordá-lo com um beijo e vê-lo sorrir para mim. Eu queria fazer tudo com ele.

Meu coração inchou, água quente deslizando por meu cabelo, meu corpo trêmulo nos braços de Rajah. Eu já havia transado com um *incubus* antes, uma coisinha jovem e querida que tinha mais arrebatamento do que talento, ainda no tempo que eu era nova na escravidão e ainda tentando fazer Kane notar-me, fodendo tudo o que se movia. Eu curtia a dose de energia naquela época, também. Mas isso era melhor. Melhor de uma maneira de perder de vista, do horizonte, até da órbita. Mais nutritivo do que roubar almas, mais inebriante do que qualquer droga estranha das fadas. Era como...

Como a diferença entre foder e fazer amor.

²¹ Ponte localizada em Melbourne – Austrália
(http://www.theodora.com/wfb/photos/australia/australia_photos_31.html)

Ah, inferno.

Eu fiquei toda vermelha, minha pele em chamas e eu enterrei meu rosto contra o peito molhado de Rajah para que ele não pudesse ver meus olhos. E enquanto eu descansava ali, o erro que tudo isso era perfurou-me. Eu não podia esquecer a alma de Luna, tagarelando como um peru louco em minha armadilha. E eu não podia esquecer que eu e Rajah éramos inimigos, atrás do mesmo prêmio.

Por alguns abençoados momentos, eu havia esquecido tudo exceto este homem extraordinário, compassivo e delicioso. *Por favor, Deus, se você está aí, se você não virou a cara para mim de nojo, deixe isso ser só emoção de um sexo incrível. Deixe isso ser só uma queda como uma garota do convento ingênua. Se isso é sua maneira de vingar-se de mim, você ganhou.*

Rajah tirou o cabelo pingando de meu rosto e apertou sua boca contra a minha. Seus lábios deslizavam nos meus como se ele não suportasse afastar-se, sua língua desesperada para provar-me. — Venha para casa comigo, — ele murmurou entre os beijos, sua respiração tentadora em minha boca. — Diga que você virá. Por favor. Eu preciso de você de novo.

— Deus, sim. — Eu não podia acreditar nas palavras que se derramavam de mim. Eu deveria ir para casa, andar pelas ruas para acalmar-me, ir embora e pegar algum corpo anônimo para tirar de meu sistema este insuportável sentimento de intimidade. Ir para qualquer lugar menos para a cama de Rajah, onde eu sem dúvidas morreria de sobrecarga de orgasmos e um coração partido. Claro, ele disse a palavra *amor*. Justo quando ele estava quase gozando. Eu tinha escutado isso antes.

Mas se ele sentisse ainda que fosse uma sombra do que eu sentia, eu não podia deixar isso passar. Eu procurei sua boca com a minha, agarrando seus cabelos molhados com mãos tensas. — Sim, essa noite, agora, — eu disse.

Antes que tenha que acabar. Antes que nós tenhamos que lembrar que nós condenamos a liberdade um do outro.

Ele desligou o chuveiro, soltando-me relutantemente. Minha pele estava murcha depois de tanto tempo na água e as pontas de meus dedos enrugadas. O repentino ar frio encolheu ainda mais meus mamilos, transformando-os em pontas. Rajah jogou em mim uma toalha branca fofa e um cheiro doce de flor de laranjeira espalhou-se. Desconforto difundiu-se através de mim, uma distante gargalhada ecoando em minha cabeça, mas eu fingi que não a ouvi.

Eu sequei-me, o olhar de Rajah quente sobre minha pele enquanto eu abaixava-me. Ficando vermelha, eu olhei para ele. Ele sorriu, pingando. Eu sorri de volta, quente e arrepiada e uma dor leve cresceu dentro de mim, deixando-me novamente molhada. Droga, eu estava ficando molhada só com o sorriso dele agora. Lá se vai tentar tirá-lo de meu sistema.

Eu joguei a toalha na cabeça dele para fazê-lo parar de encarar-me e a pegou-a com uma risadinha.

Enquanto ele se secava, eu olhei novamente para a cama, envolvendo meus braços ao redor de meus seios. Lá estava Luna morto, sua magnificência desaparecendo, sua pele pálida igual cera, seu glorioso cabelo esparramado-se pelos lençóis amarrotados. Até onde todo mundo iria saber, ele fodeu até a morte, drogado com varios tipo de drogas. Agora que Killian estava morto, ninguém no Departamento de Homicídios do St. Kilda Road iria acreditar em mágica ou demônios ou *sucubus* sugadoras de alma. Eles

procurariam por veneno e eles não encontrariam nada a não ser conhaque, absinto e adrenalina elevada.

Uma risade suave e feminina sussurrou e eu virei-me, meus nervos contraindo-se. Ninguém lá. Só a luz das estrelas, brilhando suavemente sobre as torturadas estatuetas de vidro e brilhando sobre a lâmpada de bronze curva com gravuras iguais a de meu interceptador de almas, desenhos encravados como vinhas torcidas. Eu abracei-me, trêmula. Eu tinha que sair dali.

Meu cintilante vestido vermelho estava torcido em uma pilha ao lado do corpo de Luna, as tiras do ombro cortadas penduradas e eu percebi que não tinha nada para vestir. Eu peguei o casaco de Luna e a seda negra suave acariciou minha pele com fragrância, a memória carregada de estática enquanto eu o colocava e abotoava os botões de tecido. Ele era muito grande, é claro, meus ombros magros, em comparação com os de Luna, mas subiu até o meio de meu joelho após eu ter colocado meus saltos altos. As pessoas poderiam suspeitar que eu havia acabado de sair da cama de Luna, com meu cabelo pingando e tal, mas ninguém saberia com certeza que eu estava nua embaixo do casaco, a não ser Rajah.

Eu tentei não encarar enquanto ele se vestia a meu lado. Droga, o homem era lindo. Lindo, inteligente, compassivo, sexy demais. Eu queria traçar meu dedo nas curvas perfeitas de seu peito, morder seus suaves mamilos morenos, deslizar minha bochecha sobre seu firme abdômen, lambe aqueles luxuriosos quadris, mordiscar a parte interna de suas coxas macias, pegar suas bolas em minha boca e...

Eu desviei o olhar. *Controle-se, Jade.*

Lentamente eu recuperei a interceptação de almas de onde eu havia derrubado-a, a garrafa de bronze viva em minhas mãos. A

alma balançando-se dentro, fervendo, remexendo a garrafa contra a gravidade como se fosse atraída por imãs. A rolha tremia e eu fechei-a com mais força. Eu olhei para a interceptação, o vazio aprofundando-se em meu estômago.

— Não. — Um sussurro atrás de mim enquanto Rajah pegava minha bolsa. Seus braços macios dobraram-se a meu redor e ele retirou a garrafa de minhas mãos e a guardou em minha bolsa, deslizando a alça por meu ombro. — Não pense sobre isso. Não agora.

Eu queria afundar em seus braços, esquecer tudo sobre a escravidão e a liberdade e a morte. — Amanhã.

— Amanhã. Você topa sair andando daqui?

Eu aqueci meus ombros e saí de seu abraço, virando-me para beijá-lo mais uma vez. — Pode apostar. Fique vendo.

Ele beijou-me de volta, experimentando, explorando. Tímido, como se nós não tivéssemos acabado de gozar juntos no chuveiro com o cara morto que nós assassinamos deitado a quinze metros. Emoção acumulou-se dentro de mim, sufocando-me. Ele ainda achava que não devia nada a mim, nem mesmo depois do que fizemos. Espantoso. Humilde. De quebrar o coração.

Tenramente, ele roçou seu dedo por meus lábios, seus olhos dourados cálidos. Sua boca trêmula, palavras prestes a sair, mas então ele mordeu o lábio e sumiu. *Vejo você logo. Eu serei o cara invisível transando com você no elevador.*

— Já que você está falando. É um elevador expresso, lembra. O elevador mais rápido no hemisfério sul.

Lábios invisíveis roçaram em minha orelha, deliciosamente. *Não relaxe muito. Eu posso fazer muito em quarenta segundos.*

Horas mais tarde, eu estremei, tonta, tremores ainda atravessando fundo, aumentando impossivelmente o prazer. — Não, eu não posso. Não outra vez.

— Você pode. — Rajah pressionou seu longo corpo contra minhas costas, sua coxa deslizando junto à minha. Ele deslizou seu pênis para dentro e para fora, massageando o estremeido nó de nervos fundo dentro de mim até a tensão insuportável. Seu braço escorregou para abraçar-me, seus lábios quentes e amorosos em minha bochecha. — Goze, princesa. Goze em meu pênis. Deixe-me sentir você.

E eu fiz, tremendo, sem ar, empurrando meu peito em sua mão quente enquanto eu tinha espasmos insanos de prazer. Lágrimas escorregaram por minha bochecha, deslizando salgadas por minha boca trêmula. Ele foi incrível. As coisas que ele fez com seu pênis foram incríveis. E todo lugar que ele me tocou, toda fenda que ele lambeu, sugou ou acariciou, memórias mudaram, limpando anos de desgosto e contato bruto, sem amor. Nosso suor e fluídos corporais embebidos nos lençóis pálidos, o cheiro inebriante do nosso sexo pesado no ar. Ele compreendeu minha necessidade de limpeza, de usá-lo para apagar minha vergonha e ofereceu-se livremente para tudo o que eu tinha pedido. Nós

fizemos tudo. Ele cobriu-me de beijos, chupou meus mamilos, deslizou sua língua e seus dedos dentro de mim, puxou-me em meus joelhos para morder minha bunda e empurrou sua língua na entrada lá. Eu arrastei minha língua em cada curva dele, provei sua pele com meus dentes, esfreguei o interior de minha boca com ele, engoli seu orgasmo, senti suas coxas ondulando em minhas mãos e seu pau pressionando minha garganta.

Agora, minhas pálpebras piscaram e meu corpo caiu contra ele, minha energia drenada. Um efeito colateral de muitos orgasmos com um *incubus*. Esgotamento nunca foi tão bom. Mas quanto mais energia eu perco, mais ele ganha. Eu já podia sentir ele contorcendo-se como uma aberração de velocidade, forçando seu pênis duro em minha carne pingando, saciado. Se ele não terminasse de novo em breve, ele estaria roendo as unhas e repuxando ao redor, como se tivesse engolido um saco de grãos de café. E tinha uma coisa que ainda não tínhamos feito, um lugar que ele não me tinha feito nova e fresca.

Eu mudei meus quadris cansados, escorregando-o para fora de mim, deixando seu pau molhado deslizar entre as curvas de minha bunda. — Tome.

Seus dedos apertados em meu peito, sua respiração curta. — Você não tem que...

— Eu quero. — Isso era tanto para ele quanto para mim. Ele teve que foder Luna também. Ainda assim, eu não pude evitar, além de ficar tensa. Minha experiência nisso não tinha sido amigável. A maioria dos homens não via isso como um ato de amor.

Mas mesmo antes de senti-lo tocar-me, seus dedos delicados espalhando meu fluído escorregadio, abrindo-me

delicadamente, eu sabia que Rajah ia ser diferente. Ele guiou-se para minha entrada, pressionando facilmente dentro de minha bunda, segurando meu rosto perto do dele, esfregando seu rosto contra o meu. Meus músculos apertados, nervosos. — Calma. — Ele sussurrou, beijando-me e deslizando mais para dentro, tão devagar, tão delicado, eu quase chorei de novo. Sua paixão para mim era intensa, íntima, profundamente erótica. Ele trabalhou-me, gemendo baixinho conforme eu aceitava mais e mais dele, até que ele estivesse totalmente dentro, sua barriga plana e quente contra minha bunda. — Você parece... Oh, que presente, Jade. Obrigado.

Seu braço apertado a meu redor e ele balançou-me contra ele, seu pênis movendo-se em mim tão levemente, despertando nervos que eu nunca soube que tinha. A sensação era incrível, meu corpo inteiro formigando. E então ele deslizou sua mão entre minhas pernas, lentamente, massageando meu corpo molhado e eu gemia. Ele colocou seu pênis para fora um pouco mais longe, dirigiu-o para dentro um pouco mais forte. Meu clitóris pulou sob seus dedos espertos, prazer súbito e intenso. Eu devo ter enrijecido, porque ele gemeu e empurrou mais forte. — Ahh. Tão apertada. Menina linda, perfeita.

Ele apertou meu cerne duro de prazer, moendo-o contra o osso e quando eu gritava com a força de minha libertação iminente, ele chupou minha orelha para dentro de sua boca, seus dedos impiedosos fazendo-me arquear de novo e de novo, ordenhando-o conforme ele perdia o controle. Ele bombeava-me forte, meu corpo acolhendo seu prazer, procurando-o e, quando finalmente ele enterrou-se e gozou com um longo gemido, sua energia fluiu para dentro de mim, sobre mim em uma onda

quente dourada de pura perfeição. Nossos espíritos misturados, fundidos, rolando juntos em um impulso ofegante de amor. Estremeci, superada. Ele era tudo o que eu precisava, tudo o que eu sempre quis.

Ele enterrou seu rosto em meu ombro, envolvendo-me em seu abraço caloroso. — Obrigado, — ele sussurrou de novo. — Por tudo.

Eu fechei meus olhos, lágrimas insistentes, o lençol quente contra minha bochecha. Seu cabelo macio acariciava meu rosto e eu inalei o cheiro picante de seu suor, o gosto de nossos beijos intermináveis em seu hálito, o conforto quente de pertencer. A emoção inundou-me de um jeito que eu não queria analisar. Em vez disso deixei-me à deriva em um sonho confuso de contentamento e, conforme eu estava lá tonta, ocorreu-me que os próximos 850 anos poderiam não ser tão ruins se eu pudesse gastá-los aqui.



Ela está dormindo e Rajah afasta-se dela, cuidadoso para não acordá-la. Sua pele suada desgruda da dela devagar, com relutância, deixando-o frio e desolado. O cabelo dela fica à deriva no travesseiro, acariciando seu rosto doce e é tudo o que ele pode fazer para deixar-se ir. Mas ele deve ir e não é a compulsão de tempo ou fome que o conduz, mas algo por falar demais que queima em seu coração.

Ele anda lentamente para o chuveiro, seus membros fracos e sem vontade, seus pés pegajosos no tapete macio. A energia que eles compartilharam ainda espetando sob sua pele. Sem ela, o

banheiro é frio, vazio. Ele fecha a porta, acende a luz amarela e abre a água em calor intenso e forte. Uma vez que o vapor sobe, ele apóia-se em seu antebraço contra o vidro e permite que o fluxo de água quente corra sobre seu rosto, cegando-o, arrastando seu cabelo liso e plano em suas bochechas, listrando seu corpo, lavando o sabor intoxicante dela de sua pele. Ele não sabe se está desesperado, ou triste por livrar-se disso.

De qualquer forma, a cela áspera de água escaldante só o lembra de amá-la.

Ele não pode tirar as imagens de sua mente. A mágoa dela, o choque e desgosto em seu rosto quando ela finalmente livrou-se dos truques de Dante e viu seu próprio sangue fluindo sobre sua pele. A coragem dela, sua boca trêmula e seus dedos apertando os dele enquanto Luna a torturava do modo mais humilhante. A angústia que rasgava seu olhar enquanto ela tentava desesperadamente limpar-se, esfregando, unhas arranhando como as garras de um animal em cativeiro.

Ele mesmo ansiava por uma boa esfregada depois de ajudá-la a matar Luna, embora não pudesse negar que ter os músculos de Luna espasmando ao redor de seu pênis na agonia da morte tinha sido bom para caralho. Mas a necessidade de jade era mais intensa, a necessidade de uma vida de auto-repugnância e ele queria enfiar seu punho em tijolos, vasculhar a Terra atrás das malditas picas que a tinham usado e rasgar sua pele. Mas a maneira como ela confiou que ele a entenderia, para ajudá-la a limpar-se com seu toque, transbordou seu coração com uma maravilha tão perigosa, ele não a conseguia conter.

Inferno, ele não a teria contido. Ele suspirou a palavra com A, direto dentro de sua boca e conforme ele explodiu com o mais

quente orgasmo que já tinha conhecido por anos, a verdade disso bateu em suas entranhas como um cotovelo vicioso, tão intenso, que ele quase a deixou cair.

Rajah bate a testa no vidro com frustração, seu cabelo molhado fazendo estrias limpas na condensação. Isso não era parte de seu plano. Não até que ele tenha saciado sua necessidade de vingança com as quatro almas mágicas e cortado Kane de seu coração para sempre. Então, quando ele for mortal, terá todo o tempo do mundo para amar. Não antes e certamente não com a mulher que ele deve trair seu sonho solitário e desesperado a fim de ser livre.

Loucura, esta chama em seu coração. Ele quer que isso pulverize para fora, quer dar de ombros, como muitos outros com um suspiro de arrependimento. Mas ele não pode negar o que sente. Sua alma ligada com o inferno ansiava pela dela, o gosto de seu prazer ainda revestindo seus lábios. O instinto queima para mantê-la segura, domina-o, a mesma compulsão cega que o fez tentar a ira de Dante em Luna. O céu sabia o que ele deveria estar pensando. Só um idiota desafia um vampiro e Rajah é geralmente o cara que dá um jeito de sair de brigas com um sorriso e uma pitada lisonjeira de arrebatamento. Mas ver Jade assustada e machucada inflamou seu sangue de ódio e o pensamento de Dante deslizando seus dentes nela – de qualquer outro homem clamando-a – inflamou sua ira além da razão.

A ironia dá reviravoltas em sua garganta. Depois de anos enganando amantes, ele é o que anseia por uma deusa intocável. Ele nunca imaginou que ela estaria interessada em um cara como ele – as palavras fácil e amoral saltando porcamemente em sua mente e ele mastiga-as às pressas para não perder a confiança –

mas alguma coisa na maneira com a qual ela respondeu a seu amor diz-lhe que o coração dela é vulnerável. Será que ele pode fazer um plano? Mudar a mente dela de alguma forma? Comprar algum tempo para dar-se uma chance com ela?

Uma chance de quê? Lutar pela alma de Luna? Afastar-se e assistir enquanto seus sonhos morrem junto com ela?

A alma alegre zumbindo naquela armadilha envenena tudo e a realidade gelada transpassa seu núcleo apesar da água fervente. Sua garganta incha e ele engasga enquanto a clareza brilha, mais brilhante e mais lúcida do que nunca. Ela é seu coração, sua respiração, o gosto do ar em sua língua.

E ele não pode tê-la.

De qualquer maneira, é impossível. Nenhum deles pode suportar ficar sendo prisioneiro. Se ele tomar o interceptador de almas para si mesmo, ela nunca vai perdôá-lo. E ele nunca poderia compensar a miséria pungente que é a prisão dela. Ela nunca vai desistir de sua liberdade, não importa quanto ela ame-o e, uma vez que ela esteja livre, ela vai terminar isso.

Sem ela, mas seis séculos de prisão estendem-se sombrios e solitários. Excruciante. Impensável.

Lágrimas queimam seus olhos e seus músculos tremem miseráveis, mas ele sabe o que deve fazer. O que ele pretendia o tempo todo, antes que seu coração sentimental traísse-o.

Esqueça-a. Pegue o interceptador de alma e desapareça. Encontre as duas últimas almas, roube sua liberdade e nunca mais volte.

Relutante, ele fecha a água, seus nervos gritando. Ele não pode suportar a visão dela. Não agora. Não seu olhar ferido, o tremor de sua boca doce quando ele contar a ela que está indo

embora. Ele fará isso agora, antes que ela acorde. É mais gentil assim.

Ele pisa fora do chuveiro, água pingando nos lisos azulejos marrons.

Um braço frio serpenteia em torno de sua garganta, sufocando-o em silêncio.

O choque triplica seu puls, e instintivamente ele agarra a alavanca para libertar-se. Mas um corpo masculino impossivelmente forte bate sua face na parede úmida, couro molhado rangendo sobre suas costas. Seu maxilar é contundido e seus dentes cravam fendas sangrentas no interior de sua bochecha.

A coxa esmagadora entre as pernas de Rajah chocam seus quadris na parede, moendo contra suas bolas. Um aperto de ferro puxa seu braço para trás das costas, deslocando seu cotovelo até uma cunha fria que rasga agonizante o conjunto à parte. Um sussurro frio espessamente carregado com desvios de cobre sobre sua nuca. — Eu te avisei, cachorrinho.

A fúria inflama o sangue de Rajah, aguçado por uma borda flamejante de medo por Jade e ele empurra a cabeça para trás, na esperança de conectar seu crânio com a testa de Dante. Mas Dante foge, desvia facilmente, e raspa sua presas pontudas por cima do ombro de Rajah, a saliva escorrendo. O assobio quente de sua respiração desliza como óleo. — Você fede a ela. É meu, o cheiro dela. Devolva-me.

Pânico espeta as vísceras de Rajah, sua raiva transbordando com imagens de Jade embebida no abraço sangrento de Dante, mas é tarde demais. Dante é forte demais. Rajah luta, seus pés deslizando no chão molhado, mas não há

nada que ele possa fazer para impedir os dentes de Dante de afundar em seu músculo do ombro.

Agonia flameja, em brasa, e uma tontura cega rasga-o. Os lábios frios de Dante tomam posição e ele enfia suas presas mais forte, balançando sua cabeça como um cachorro. As fibras musculares estouram e as veias rompem com um gole. Sangue espirra, uma bagunça quente escarlate diluindo com a água na parede. Rajah empurra seu braço impotente, mas Dante lida com isso rápido, puxando mais forte para ajudar o sangue a fluir. E então ele suga, forte, sexual e a dor é como o inferno, como nada na Terra.

Dante libera seus dentes com um rosnado e agora seu pênis protubera forte contra a coxa nua de Rajah, água e sangue diluídos no tecido entre eles. — Pensa que pode mantê-la, amante? Um brinquedinho fofo de foder como você? Pense de novo. — Sua língua desliza uma pista quente até o pescoço de Rajah, procurando a veia macia abaixo de sua orelha. — A morte é muito boa para você, Rajahni. Mas você vai desejar que eu o tivesse matado uma vez que eu tenha terminado com ela.

Rajah engasga, sua pele rastejante, e tenta cuspir palavras desafiadoras, mas é tarde demais. O hálito de Dante fede à carne e sua boca fecha em rajah mais uma vez. Presas quentes perversas furam a pele macia de sua garganta com uma horrível picada doce. A veia rompe, explodindo em um surto queimando, sangue e dor. Dante chupa, então engole com um gemido de orgasmo, fazendo sua ereção ficar mais dura.

O sangue jorra sob pressão e a pele de Rajah é rasgada mais funda na língua de Dante. O calor ruboriza o pescoço de Rajah, o

sangue espirrando brilhante na parede. Seus tendões idiotas, inúteis. Ele pode sentir sua pele esfriando, seus vasos sanguíneos contraindo. Ele quer gritar para avisar Jade, mas ele não pode fazer um som. Seus joelhos dobram-se, seus músculos esticando-se inutilmente para segurá-lo de pé e sua visão pisca com luzes coloridas como estrelas antes de enegrecer.

Dante entra em colapso, ofegante, suas costas contra a parede do chuveiro manchada de sangue. O sangue de Rajah ainda corre em seus dentes e ele lambe-o, o escarlata perfumado escorrendo para baixo de seu queixo para manchar sua camisa molhada. Suas veias queimam com sede de sangue, sua pele em chamas. Suas bolas apertam fortes e pesadas, seu pau estourando. Seu olhar é empurrado inexoravelmente para baixo e suas narinas abrem-se, arrastando o intoxicante sabor salgado.

Rajahni desmaiou, seu belo corpo nu esparramado flácido sobre os azulejos. Tufos de vapor acariciam sua pele marrom, cabelo preto grudado em sua bochecha elegante. Água tingida de escarlata escorre para os músculos alongados de seu peito, sobre seu lustroso flanco, em suas coxas bem torneadas, dentro dos pêlos molhados de sua virilha. A ferida selvagem no lado de seu pescoço expõe a carne viva, grossa, escorrendo sangue salgado, concentrado, coagulado...

Dante esmaga a cabeça dele contra a parede de novo para distrair-se, seu crânio arrastando-se. Não era realmente a coisa dele. Ele preferia fodê-la. A não ser que ele pudesse forçar Rajahni e alimentá-lo com sangue, forçar para dentro de sua garganta, sufocá-lo com isso. Entrar nele e drenar sua vida uma vez mais, somente para enchê-lo de novo. Mais e mais, até que não tenha nada além de sangue de vampiro infectado e –

surpresa! – ele tem uma fome irresistível e vida eterna, só que não é tão eterna quando algum sádico lorde demônio já possui sua alma.

Um vampiro *incubus*, ha ha. Tente seu encantamento fodido então. Mas há uma maneira melhor de fazer o bastardo sofrer. Para fazer Rajahni pagar por tomar o que é seu.

As memórias de Rajah assobiaram como um sussurro lunático na mente de Dante e seu pulso palpitou, glorioso. Agora Dante sabe como é amá-la, adorá-la, entregar seu coração para ela.

Bem, dane-se. Ele vai contentar-se com foder e comer. Não necessariamente nessa ordem. Talvez com uma tortura sutil misturada a isso.

Ele limpa o sangue de seu queixo, estabiliza o tremor em suas mãos com algumas respirações tragadas e arrasta-se como uma sombra em direção à porta do banheiro.

Ela abriu sem ranger e lá está ela, flácida e esbelta na cama de Rajah, lençóis pálidos envoltos em seus quadris. Seus cabelos emaranhados no travesseiro, seus dedos repousados em seu rosto. Seus seios pequenos brilham na fresta da luz do banheiro e ele lembra o gosto nítido de seus mamilos, sua carne elástica em sua boca, seu sangue grosso e quente em sua garganta.

Ele inclina-se sobre ela, inalando o doce cheiro de sexo. Ele pode cheirar o que eles fizeram, como ela deixou Rajah tomá-la, como ela tomou-o. A boca de Dante enche de água, lubrificando seus dentes com cuspe escorregadio. Ele quer senti-la vir, gritar, morrer, senti-la rasgar em sua boca e sangrar.

Ele a saboreia, cheirando seu pescoço, seus lábios. Sua respiração sussurra nele, leve e uniforme. Ela está tão cheia de

satisfação e sangue rico em oxigênio. Suas bolas doem com a luxúria. Ele podia tê-la aqui, bebê-la, comê-la, espalhar sua bagunça sobre a cama de Rajahni, engolir seu último batimento cardíaco e deixá-la, estuprada e devastada para Rajahni encontrar.

Ou, ele poderia fazer doer ainda mais.

Ele roça a ponta do dedo em uma presa molhada e pinga uma única gota brilhante em seu lábio inferior úmido. — Jade, — ele sussurra.

Ela agita-se, murmurando. Seus lábios separam-se e sua língua desliza para fora, lambendo o sangue em sua boca. — Humm. — Ela suspira em seu sono, seu corpo estendendo-se em contentamento. — Mais.

Dante sorri. — Ainda não, querida.

19



Abri os olhos e nada aconteceu.

Ar fresco passou sobre minha pele nua. Eu pisquei. Tudo estava negro, no interior de minhas pálpebras. Estava escuro? Inferno, talvez você realmente pudesse ficar cega de tanto transar.

— Rajah? — Minha voz soou plana, perto. Nenhuma resposta.

Eu levantei minha mão e meus dedos encontraram algo rígido. Mas que diabos?

Eu abri meus dedos, um palmo acima de meu rosto. Madeira, plana e áspera. Um medo gelado desceu por minha espinha e eu passei minhas mãos, procurando. Lascas ficaram presas em meus dedos, batendo em meus cotovelos. Uma caixa.

Uma porra de caixa. Meu coração disparou. Eu empurrei para cima e a coisa não se mexia. Eu chutei para cima, de lado, para baixo e encontrei a madeira mais imóvel. Contusões picavam meus joelhos, cotovelos, os ossos de meu tornozelo. A fome fazendo garras em meu estômago, insaciável. Pânico cresceu como fogo em minha garganta e eu sufoquei um grito. Talvez eu tivesse morrido e ido para o inferno e essa era a ideia de Kane de diversão.

Uma gargalhada raspou em meus ouvidos, profunda e dedos maliciosos apertaram meu coração. *E agora você sabe como é.*

Meus nervos arrepiaram-se com aquela voz, sussurrando viscosa. Eu lutei para engolir, dor e medo apertando o fôlego e o peso da palavra *eternidade* sufocou-me. Eu acho que nunca pensei que isso iria acontecer. Não tão cedo. E agora Kane iria sempre me atormentar.

Não Kane, gata selvagem. A gargalhada veio de novo como tentáculos molhados, apertando meu estômago com alegria doente.

Minha cabeça latejava em confusão, a fome atormentando-me. *O quê?*

Comi-o. Bem, eu tentei. Agora ele está se escondendo. Não falando comigo. Porra de demônios.

Lambi os lábios secos, incrédula. *Vorenus, ainda está aqui?*

Espuma doce queimando deslizou para cima e para baixo em minha garganta. *Engasgando. Prendendo. Perdendo. Bem-vinda a meu inferno.*

O Horror frígido endureceu meus membros, minha mente gritava. Minha garganta seca. Eu queria gritar, mas nenhum som saiu. Eu quase preferia Kane do que isso. Como isso aconteceu? Por que meu arrebatamento não mastigara o que restara dele?

O Fragmento de Luna riu, frio. *Rajah é um bom um amante. Você tinha energia de sobra, então eu peguei.*

Estremeci. Eu deveria saber. As pessoas normais não poderiam sobreviver sendo engolidas. Mas Luna não era normal. O feiticeiro tinha poderes que eu só sonhava quando era mortal. Ele havia enganado a morte por todo esse tempo e ele ainda não estava desistindo. Nojo viscoso revestiu minha boca ao pensar nele enrolado dentro de mim enquanto nos amamos, observando, consumindo...

Não mais do que você merecia. Um punho quente de raiva agarrou minhas entranhas, sacudindo-me. Eu vomitei e sua voz sibilou vingança em minha cabeça. *Agora onde está o resto de mim?*

Luz celestial cegou-me, dolorosamente brilhante e metal rangeu quando alguém arrancou a tampa da caixa. Apertei minhas pálpebras fechadas, lágrimas transbordando e Luna serpenteava em uma bobina apertada dentro de mim, tremendo como a cauda de uma víbora da morte.

Eu forcei meus olhos abertos, olhando em primeiro lugar. Lâmpadas deslumbrantes sobre garras de metal, um teto distante de chumbo pressionado. A sombra de um rosto, os cabelos brancos esvoaçantes, com nós em tranças com flores minúsculas. Pele com veias azuis, olhos prateados brilhantes, um lampejo familiar de língua azul bifurcada. — Oh. Olhe aqui. A garrafa de confiança. Você brilhou?

Eu pisquei, minha cabeça ainda está girando. Eu estava no inferno com um traficante de fadas? Lutei para sentar, lutei para falar, minha voz rouca, minha garganta ardendo.

— Onde estou?

— Nós.

— Desculpe-me?

Ela colocou uma mão áspera e azul em meu peito para empurrar-me de volta para baixo, os dedos muito secos em minha pele. Percebi que estava nua e que ela ainda estava doente. Sua pele descascada como queimaduras solares de uma semana, seus lábios azuis pálidos e tostados. — Onde estamos, criança. Há mais do que um de vocês. Vejo um pequeno e enrolado verme. Uma coisa doce, também. Cabelo bonito.

Luna sorriu e desembrulhou-se, ágil como a lixiviação de lodo em meu sangue. — *Bem, obrigada, linda. Dança comigo algum dia.*

A fada da água sorriu. Anil manchando suas gengivas rachadas. — Flores para você. Você cheira bem.

E eu aposto que você tem um bom gosto. Ansiosa por deixar-me tentar?

Admiração relutante azedou minha boca. Ele nunca desistia. Reduzido a um fragmento de alma e ainda puxando movimentos.

Eu empurrei a mão da fada para fora e contorcei meus quadris para sentar, a caixa de madeira fazia escoriações nas costas de minhas coxas. Meus membros pareciam aguados, fracos. Óleo de mobília coçava minhas narinas e eu olhei ao redor, para janelas altas cobertas com cortinas, tapete verde exuberante, uma antiquada suíte antiga de mogno, um salão de veludo pálido.

Meus pulmões cerraram apertados, roubando-me o ar. Que tipo de aberração deixa espaço em sua sala de estar para uma caixa do tamanho de um corpo? — O que estou fazendo aqui? Por que você sequestrou-me?

Ela riu, rouca, e a pele do canto da boca rachou, poeira flutuou para fora de sua arruinada pele. — Eu só estou aqui pelo doce. Por cochilantes crianças perguntando pelo homem doce.

Sua menção de comida regou minha boca e meu estômago voraz rosou. Mas lembrei-me do sujo sangue em seu vômito, contorcendo-se como carne viva. E apreensão espetou em mim, afiado e odioso. De repente, a caixa era um acéfalo. Isso parece com uma aberração vampírica que gosta de torturar as pessoas, talvez? E se eu estava em uma caixa, o que ele tinha feito com Rajah?

Urgência tomou conta de mim, a adrenalina escoando o calor de meu sangue. — Isso é a casa de Dante? Onde ele está?

A fada torceu-lhe o pescoço com uma rachadura, ouvindo algo que eu não podia ouvir e pôs um dedo rasgado nos lábios secos. Ela piscou, sua voz para um sussurro conspiratório. — Segredo criança. Ele não vai gostar.

A sombra sinuosa de Luna debateu e caimbrãs bateram em meu abdômen. *Preste atenção gata selvagem. Você não pode sentir o cheiro dele?*

Brisa quente soprou sobre minha face. Uma mancha escura cortou o ar e solidificou-se em Dante, vestido de preto, gotas de chuva brilhando em cachos escuros, saliva correndo de dentes famintos. Ele puxou o cabelo áspero da fada para trás, forçando o queixo até um centímetro de seu rosto. — Não se intrometa.

Os fios brancos partiram-se em sua mão e ele agarrou mais. Suas asas prateadas bateram inutilmente, suas membranas translúcidas estalando como celofane. Seus lábios esticados, mais poeira desmoronando de seu rosto. — Eu não disse nada. Apenas olhei. Sem falar.

— Espero que não, se você quiser mais. — Ele deslizou os dedos em seu cabelo arruinado, tornando-o uma carícia em vez de uma ameaça e passou sua língua sobre o lábio partido, degustando sua doença. — Diga por favor.

Seu sussurro fê-la estremecer, suas pupilas negras alargadas, a voz embargada. — Por favor

Nojo rastejjou sobre minha pele como uma gorda aranha negra. O ar de repente frio. Sem dúvida, ele fez-me implorar assim e humilhação queimou como gelo em meu coração. Eu queria cobrir meu corpo nu com meus braços, cobrir-me. — Jesus, Dante. Deixe-a em paz.

Ele piscou para mim, diversão maliciosa brilhando. — Sua vez será em breve. Não seja gananciosa.

Eu queria gritar de choque, fazê-la contorcer-se longe de suas garras, mas eu percebi que eu não sabia o nome dela. — Ele está deixando você doente, querida, não vá lá.

Mas ela ignorou-me, fixada nele. Dante raspou malignamente a presa sobre seu próprio lábio, sangue escuro brotando.

— Por favor, Dante. Dê-me. Eu preciso disso. — Seus lábios tremiam e gotas prateadas formavam-se em seus cílios, suas lágrimas grossas e lentas. — Eu quero.

— Bom, o suficiente por agora. — Ele caiu como uma serpente por um beijo, lábios rosados correndo no azul, seu sangue escorrendo pelo queixo. Ela suspirou e dobrou em seus braços, aprofundando o beijo para sugar mais. Ele gemeu e tocou seus peitos, provocando seu mamilo.

Mmm. A Sombra de Luna esticou-se, sensual. Parece que você gosta de trio, Jade. Não desperdice isso.

Desviei o olhar, náuseas deslizando em meu estômago como escamas de um réptil. Eu não queria assistir Dante foder, sangrá-la, fazê-la implorar por mais. Era muito parecido com o que tinha feito comigo.

Mas Dante afastou-a com um sorriso manchado de sangue. — Chega. Deixe-nos sozinhos.

Ela murmurou, em protesto, lambendo os lábios vorazes e meu coração doeu por ela. Ela limpou a boca com a mão de sapo e saiu molhada, não apenas com sangue, mas também com água. Há instantes atrás, seus lábios estavam se desintegrando. Agora, o ferimento foi curado. Ela piscou e umidade fluiu para os olhos de prata. Seu cabelo branco surgiu maçante e brilhante e seu rosto

brilhava azul, úmido e liso. Ela esticou os dedos, as almofadas brilhantes molhadas e seu sorriso brilhou limpo, os dentes brilhantes e afiados.

Olhei, confusão nublando minha cabeça como peças de quebra-cabeças jogadas de volta na caixa. Lembrei-me de Nyx dissolvendo-se em um molhado arco-íris em meus lençóis, da linda fada de fogo de Kane com gelo em seu cabelo. Havia veneno fae por aí, tudo bem, mas não era o sangue de Dante. Ele não estava fazendo a sprite de água doente. Ele estava curando-a, pelo menos por agora. *Alguns cheiram isso com açúcar*, ela disse. Ela vomitou através de Luna e não pelo veneno.

A fada girou, gotas de água brilhavam de seus dedos, o fluido iridescente pulsando fresco em suas asas. — Doce. — Ela sussurrou com uma risadinha e voou longe.

Dante lambeu os limpos lábios e esparramou-se em seu sofá, uma mancha de tinta escura em veludo pálido. Ele olhou-me friamente, seu olhar azul escuro impessoal e entediado. Lembrei-me da maneira que Rajah olhou para mim, quente, como se eu fosse a outra metade de sua alma. O contraste fez-me tremer, minha nudez ainda mais fria agora. Como eu tinha alguma vez pensado compassivamente sobre Dante?

Ele assitiu a eu contorcer-me e entreabriu os lábios, presas cruéis brilhando. — Não olhe para mim assim. Somos parecidos, você e eu.

Eu cruzei os braços, tentando fingir que não me importava que ele podia ver tudo. Meus dedos frio debaixo de meus braços, meus mamilos apertados e desconfortáveis. — Claro, tudo que você disser. Então, qual é o plano, Dante? Eu estou nua em uma caixa. Você só vai olhar para mim? Ou você vai envenenar-me, também?

— Eu não envenenei ninguém. — A boa imitação de dor na testa dele, seus olhos com sombra de decepção sincera.

Sua chatação fazia dedos quentes de remorso acariciarem sobre meu coração e eu odiava. Mas eu tinha visto a fada curar-se com meus próprios olhos. Talvez Dante falara a verdade neste momento. Só porque ele mentiu para mim não significava que ele era culpado de tudo.

Mas eu não podia esquecer como ele invadiu-me, estuprou minha vontade e roubou meu coração secreto.

— Certo. Com certeza. Um público cativo para seu ‘antídoto’. Por que você iria quer isso?

Ele riu, incrédulo, e um rubro despertou minha pele fria. Eu gostava de sua risada, tão fácil e genuína, e isso não tinha mudado. — Escute a si mesma. Por que diabos eu iria querer envenenar fadas? Elas são criaturas de caos. Eu encho esta fodida cidade com fadas e vejo isso desmoronar. Você quer veneno, olhe para seu próprio.

Eu olhei. Vidos estilhaçaram de uma lâmpada fluorescente, o jorro de sangue quente sobre o rosto de Killian Quinn. Chamas brilhando em torno dos dedos de Kane, faíscas iluminando seu cabelo. Nyx, cor drenada do rosto doce, sua pele doente encharcada de suor quando tínhamos tentado fazer amor. A doente realização presa em minhas entranhas e Luna deslizou, rindo. Criaturas de caos. Ninguém amava a ordem mais do que Kane, contanto que seja sua ordem. Pensei que eu tinha drenado a energia de Nyx, só que eu não tinha. Meu arrebatamento tinha. Fragmento de ciúmes de Kane, indignado com o que eu estava fazendo. A única razão que Rajah escapou incólume foi que o arrebatamento não poderia afetá-lo, não enquanto ele usava as pulseiras dele.

O que Kane poderia ser capaz? Seu humor pode chiar o céu com estática, se ele não mantiver sob controle. Kane ficou puto e pessoas morreram. Fadas morreram. Então, por que diabos ele mandou-me para Dante em primeiro lugar?

Nunca confie em um demônio. Luna riu novamente e meu estômago girou com vômito esperando para escapar. Engoli em seco, dolorosamente.

Dante sorriu. — Como eu disse. Somos parecidos, você e eu.

— E como é isso?

— Nós odiamos ser controlados. Eu só tenho a coragem de pegar o que eu quero.

— Sim, isso é tão admirável. Eu sempre quis hipnotizar as pessoas e escravizá-las com meu sangue, mas eu nunca tive coragem. E wow, você só vai em frente e faz. Estou impressionada.

— Não seja boba. O sangue é meu poder. Sexo é o seu. Não me diga que você nunca fodeu alguém só porque você queria.

Pensei em Rajah e corei novamente, apesar do arrebatamento não ter sido um fator. — Isso não é igual.

Os olhos de Dante brilharam. — E condenar almas para o inferno por sua liberdade. Tão altruísta você.

O fato de que eles mereciam isso não me fazia sentir melhor. — Que porra você sabe sobre o altruísmo?

Ele sorriu, bonito. — Não há necessidade de ficar na defensiva. Estou fascinado. Aquela coisa com Luna foi lindo. E a maneira como você usou Rajahni. Ele balançou sua língua sobre os dentes afiados, saliva brilhando. — Engenhoso.

Merda. A armadilha de alma. Eu tinha deixado com Rajah. Mas eu não me importava com isso agora. Lembrei-me do jeito que ele e Dante entraram um confronto na festa de Luna, minha piada

que um dia esse impulso de proteção iria deixar Rajah morto. Medo gelado invadiu minhas costelas como uma faca sem corte. — O que você fez com ele?

Dante sorriu. — Esqueça isso. Vamos falar sobre nós. Venha aqui. — E o desgraçado levantou-se e estendeu a mão para mim, cortês e encantador como se eu não estivesse de joelhos nua em um caixão no chão de seu salão.

Fiquei lá, olhando para ele, desejando por uma ácida picada de abelha, qualquer coisa para causar-lhe dor.

— Você deve estar brincando...

Um peso escuro caiu em mim, batendo o ar de meus pulmões. Engasguei, minhas costas apertadas em calor no sofá, meus membros arremessados para fora antes de mim. Seu antebraço preso em minha garganta e seus lábios tremiam há uma polegada dos meus, mostrando os dentes de navalha.

— Você está nua. Estou com fome. Não tente minha paciência. — Ele soltou-me e jogou-se a meu lado, olhando.

O escovar de sua respiração acobreada fez minha pele arrepiar-se, calor rastejando sobre mim. A memória do sangue encheu minha boca, quente, excitante e eu engoli. Eu não queria jogar seus jogos. Eles eram muito perigosos. — Eu estou entediada. Se você vai morder-mw, vá em frente.

Ele inclinou-se mais perto, descansando sua cabeça em sua mão. — Eu vou. Eu só quero que você peça primeiro.

Eu ri, tentando não olhar para os dentes, a forma como os dentes escovavam seu lábio inferior, delicado. — Nunca.

— Nunca diga nunca. — Seu olhar chamou o meu, hipnótico. — Nós já passamos por isso. Eu posso ajudar-te. Apenas me diga o que você quer.

Meu estômago torceu mesmo enquanto eu olhava, fascinada. Minhas se contorcendo-se e eu tentei levantar, mas minhas pernas não se moviam, os músculos rígidos e inúteis. *Não*, Luna guinchou, *não queira!* Mas eu não podia evitar. Meus lábios esticaram lentamente. — Não vou.

— Você irá. Ele acariciou meu cabelo para trás, acariciando, sua língua fora para limpar os dentes. Sua voz resmungando baixinho, quase num sussurro, mas perfurando direto para meu núcleo e dividiu minha decisão, canalizando profundamente minha mais temida e escondida necessidade.

— Você não quebrou meu poder sobre você, Jade. Você bebeu meu sangue. Agora diga-me outra vez o que você quer e eu vou dar para você.

20



Desembainhe suas garras, gata selvagem, pediu Luna, mas eu quase não o ouvi. O cheiro quente do aroma masculino de cardamom preencheu minhas narinas, tão querido para mim, eu tremia. Lágrimas frias foram derramadas em minhas bochechas e minhas palavras mais secretas foram arrastadas por sobre meus lábios, obrigada. — Amo Rajah. Quero que ele fique comigo.

Dante sorriu suavemente, sacudindo sua cabeça. — Nem eu posso fazer isso acontecer. Ele já te esqueceu.

— Não. — Meu juízo engasgou-se como cola, fria e grossa. — Não vai esquecer.

— acredite em mim. Como você acha que eu te roubei? Ele deixou. O interceptador de almas pela garota. Ele nem mesmo piscou. Você acha que ele desistiria de sua liberdade por uma prostituta como você? — Ele inclinou-se mais perto, acariciando minha têmpora com a sua, confundindo nossos cabelos juntos. Sua bochecha machucou a minha, quente e aquele horrendo e maravilhoso sabor inundou minha boca, apagando todo o resto, sedutor conforme ele sussurrava em minha orelha. — É o que você é, queridinha. Uma prostituta. Não sente isso às vezes?

O gosto de seu sangue quente, vibrante arrepiou minha língua, inebriante e fresco. Ele alimentou-me de novo. Enquanto eu dormia. Horror arrastou-se por minha garganta como vômito,

queimando, mas eu não podia impedir que a verdade fosse derramada para fora. — Sim.

— Você realmente acredita que ele dê a mínima para você?

Sim. Eu queria gritar isso, banir meu medo com imprudência, confiança infundada, mas minha língua congelou quando eu tentei falar. A sílaba não se formava e meus músculos contorceram-se na verdade vil. — Quero acreditar. Disse que ele dava. Leve-me para casa.

— Você não diz. Depois de assistir-lhe foder seu inimigo mais antigo até a morte? Porque você acha que ele daria?

Minha garganta obstruiu-se e eu não podia falar. Talvez, apenas porque ele sentia-se assim. Porque o arrebatamento fez seu pênis duro e eu era a coisa mais próxima. Então ele mimou-me, deixou-me pensar que ele estava me lavando, mentiu para fazer-me sentir especial. Tudo, então eu deixei-o colocar em qualquer lugar que ele quisesse.

Tão fodidamente patético. Alguns orgasmos e estou apaixonada.

Por um homem que ganha a vida fodendo garotas que ele não dá a mínima.

Lágrimas queimaram, encharcando meus cílios, arrastando rios quentes por meu rosto. Meu peito inchou, rápido e agonizantemente, a pele de meu coração cheia de cicatrizes rasgando mais uma vez em pedaços.

Eu nunca quis tanto mentir. Mas o olhar de Dante imobilizou-me, sem remorso, o sangue permitindo nada além da fria e inegável verdade.

Ele traçou minhas lágrimas com os lábios quentes, sugando a umidade para longe. — Está tudo bem, querida. Você não precisa responder isso. Só me conte o quanto dói.

Engasguei com um soluço. — Como a pior coisa de todas.

— Você quer que pare de doer? — Seus lábios deslizavam nos cantos de minha boca, quentes e insistentes.

Eu não ligava. Não importa. Nada importava. Eu deixei ele beijar-me, arrastar sua língua por meu lábio inferior, o tentador gosto metálico invadindo minha boca. — Sim.

— E você acha que vai? Alguma hora? — Seu hálito deslizou para minha garganta, dentes de lâmina quente sussurrando sobre o entalhe onde minha pulsação batia grossa, dolorida e cansada. Meus nervos lentos piscaram em alarme, mas antes que eu pudesse reagir, ele deslizou sua coxa contra a minha, prendendo-me embaixo dele. O calor de seu corpo sobre mim, bem-vindo no frio e minha pele reagiu com um rubor lento. Ele inalou meu perfume através dos lábios entreabertos, provando-me.

Luna lutou dentro de mim, debatendo-se como um réptil no espeto e parte de mim queria lutar, também, mas a miséria inundou-me, sufocando qualquer jeito de lutar para Dante sair. Ele estava certo. Eu tinha deixado Rajah partir meu coração e poderia nunca curar. Após mil anos, quando minha pulseira da escravidão finalmente quebrasse e Kane arrastasse-me para o inferno, eu estaria pensando em Rajah, sua risada insolente, o jeito como eu não me sentia mais sozinha e inútil quando ele me olhava e eu amaldiçoaria-me por ser tão triste, desesperada e vazia que eu não o tinha interessado por mais que algumas horas. Algumas horas de felicidade em um milênio.

Dante puxou minha cabeça para trás pelos cabelos, rosnando baixinho, a saliva correndo em suas presas curvas. Seus olhos azuis resplandeceram brilhantes, acetinados, intoxicados. Seu corpo tremia, firme e enrolado como uma serpente prestes a atacar e sua pele incandescia com a excitação. Deus, ele era lindo, esta criatura da morte.

Eu pensei isso na noite em que o conheci, antes de eu ter visto o animal dentro. Mas a maneira como ele entregou sua besta fez-me encarar, hipnotizada. Inveja corria através de mim, quente e tentadora. Eu queria tocar, aprender, pegar. Era assim que eu ficava quando o arrebatamento roubava minha razão? Em perfeita submissão, sem restrições, livre?

Não. Não era. Dante amava sua compulsão. Eu odiava a minha.

— Responda-me, Jade. Será que a dor nunca vai parar? — Ele raspou a boca sobre minha clavícula e até meu peito, estalando sua língua sinuosa sobre meu mamilo. Minha carne respondeu, endurecendo, e ele mordeu-me, brincalhão como um gatinho, identificando o prazer que inchou em meu peito e deslizou por minhas veias para aquecer meu sexo.

Eu tremi, o desamparo jorrando dentro de mim. Talvez eu pudesse ter batido nele, o empurrado para fora de mim, amassado meu joelho em sua virilha inchada. Mas eu não queria lutar. Eu não queria mais ser forte. Eu só queria que aquilo acabasse. — Não. A dor nunca vai parar.

Ele sugou-me, puxando meu mamilo tenso em sua boca quente, dentes pontudos arranhando meu peito. Ofegante, ele escorregou para o chão em minha frente e arrastou seus lábios sobre minhas costelas. Ele mordeu levemente meu osso do

quadril, seus cachos negros provocando minha barriga. — Então o que você quer de mim?

Eu deixei minha cabeça cair para trás, apertando meus olhos inchados. As palavras que ele queria entupidas em minha boca e minha língua seca, ansiando cuspi-las fora. *Não*, Luna advertiu, garras afiadas de cautela cortando dentro de meu ventre, mas eu ignorei-o.

Pensei em Rajah, como tínhamos nos amado, o lindo atrito entre nós, a maneira como meu coração apertou quando ele me abraçou, beijou-me, deslizou para dentro de mim como se ele pertencesse ali. Por algumas horas preciosas, eu não odiei o que eu era. E agora apenas algumas horas depois, eu estava nua sob outro homem.

Não importava que eu era uma prisioneira, que Dante nunca me deixaria ir até que estivesse satisfeito. Eu ainda estava aqui, consciente, deixando isso tudo acontecer enquanto outro cara tomava posse de mim. Começou com meu corpo como se eu fosse uma boneca sexual. Pincelou-me com volúpia, cuspe e sangue, tocou-me em lugares e de jeitos que eu só queria que Rajah me tocasse de novo.

A realidade de minha prisão caiu em mim como uma torrente de lama fedorenta. Kane assobiava para mim e eu fodia. Era simples assim. Sem o interceptador de alma de Luna, não havia como escapar. Mesmo que eu jogasse com a vulnerável possibilidade de que Rajah fosse sequer falar comigo de novo, como eu poderia olhá-lo naqueles lindos olhos dourados e dizer que eu o amava e só a ele, quando a cada semana eu prostituía-me para algum estranho?

Minhas horríveis pulseiras picavam e as lágrimas cáusticas forçaram em meus olhos. Eu tentei piscá-las para longe, para o caso de Dante pensar que eram por causa dele, mas minha tristeza inchou como um câncer, estrangulando-me. Não era nada bom. Não havia esperança para nós, e agora que eu tinha experimentado o amor, respirado o ar paradisíaco naquele lugar mágico em que eu pensei que Rajah se importasse comigo, os próximos 800 anos sem ele esticaram-se à frente ainda mais e mais insuportáveis. Mesmo se ele tivesse guardado algum resíduo de simpatia por mim, era melhor eu morrer agora do que assistir sua afeição dissolver enquanto eu me prostituía. Cada dia interminável, eu pensaria nele, imaginando seu sorriso perdido, o brilho que faltava em seus olhos. Cada noite que eu fosse para a cama sozinha eu sentiria falta dele, cada corpo descuidado que eu tocasse faria-me desejar por seus carinhos. Cada cara com quem eu fodesse, eu ia chorar por Rajah.

As presas de Dante cortaram meu ventre, delicado, uma picada feroz arrastando-se por sobre minha pele. Ele raspou a língua lentamente sobre o corte, torturante e num flash de memória encharcado de sangue eu lembrei-me dele descendo em mim com justamente esse movimento, uma lenta, deliberada lambida que me deixou sem fôlego. Eu não queria transar com ele agora. Nem com ninguém mais, se eu não pudesse ter Rajah. Mas eu desejava sim a outra coisa que Dante ofereceu.

Seus lábios curvaram-se sobre minha pele em um sorriso. — Diga, Jade. Conte-me o que você quer que eu faça.

Minha alma ligada com o inferno ansiava por ele, meu corpo cansado doía por isso, meu coração torturado sangrava por isso. As palavras gritaram dentro, desesperadas para serem livres.

Eu engoli, seca com o desejo. Eu deixei meus músculos relaxarem, meus membros afrouxarem. Eu abri minha boca e entornei. — Mate-me.

Rajah mexeu-se e cãibras agarraram seu ombro, excruciantes.

Ele gorgoleja através de uma mandíbula travada, querendo gritar, azulejos frios e úmidos sob seus músculos tensos. Gradualmente a tensão insuportável desaparece e a agonia dá lugar a uma dor incômoda. Ele força os olhos colados a abrirem. Vidro. Quadrados de cerâmica de terra, metal polido, o cheiro de água e de sangue.

Seu pulso bate. O banheiro. Dante. Jade.

O choque bate em seus pulmões, forçando-lhe o fôlego. Ele levanta, os pés escorregando na mancha vermelha coagulada e sai para o quarto. Goteiras frias laminam em sua pele. — Jade?

O luar fresco da madrugada arrastava através das venezianas, estriando o quarto com a luz, os lençóis estavam amassados, o cheiro dela em todo lugar. Mas ela não estava lá. Ele coloca a cabeça para fora, na sala de estar, vazia.

Rajah amaldiçoa, tentando conter seu coração velocista. Talvez ela esteja bem. Talvez ela só tenha saído, só não queria vê-lo mais.

Talvez ela tenha percebido que ele ia deixá-la e fez isso antes que ele pudesse.

A culpa brilhante corta como uma lâmina em seu coração, mas ele lembra-se da punhalada fria das presas de Dante, seu desmaio conforme o sangue corria para longe, a maldição fria nos

lábios de Dante. Você vai desejar que eu o tivesse matado uma vez que eu tiver terminado com ela.

Ele procura na mesa de cabeceira por seu telefone e disca com agitação, os dedos sangrando.

Um toque de telefone cristalino surge do chão ao lado de sua cama e ele chuta os lençóis para longe, tropeçando. A bolsa dele, a alça torcida e dourada concentrada no tapete ao lado do casaco de seda brilhante de Luna. Rapidamente alcançou a bolsa, atrapalhando-se com o fecho magnético aberto. Bolsa, chaves, telefone, batom, interceptação de almas. Sua boca seca, encrustada, seus dedos apertando em torno do nítido cetim preto. Ela nunca sairia sem Luna. Ou sem roupas. Ele empurra a porta do guarda roupa, sem ligar para o dano. Nada está faltando.

O interceptador de almas zumbe raivosamente na bolsa e por um momento ele o encara. Ele poderia pegá-lo e esquecê-la.

Ele vê-a em sua mente, seu cabelo doce escovado sua face, seu sabor inundando de felicidade os sentidos dele e ele amaldiçoa-se por ser um idiota.

Esqueça-a. Claro. Poderia esquecer com mais facilidade como respirar.

A resolução aperta-o, quente e incansável como arrebatamento. Hora de ligar para alguns favores, descobrir onde Dante DiLuca está se escondendo. Jade é forte. Ela ainda estaria viva. Ela tem que estar. E se ele tem que renunciar sua liberdade para salvá-la, que assim seja. Dane-se a liberdade. Sem ela, não vale a pena ter.

Ele deixa seu telefone cair na bolsa dela e a fecha e em noventa segundos ele está vestido e fora-se.

21



Dante gemeu, aninhando fortemente no vinco no topo de minha coxa.

— Eu adoro quando você fala sujo. Diga isso novamente.

— Mate-me, Dante. Agora.

Ele mergulhou a cabeça entre minhas pernas, beliscando o interior macio de minha coxa, mas eu não me importei. Fechei os olhos, mas não me incomodei em mover minhas pernas para ele. Deixei ele fazer isso. Deixei-o ter-me de qualquer jeito que ele quisesse. Todos os outros fizeram. Ele curvou meus joelhos e empurrou-os separados, expondo mais a pele e lambeu dentro de minha coxa, onde a veia pulsava, tornando-a lisa e pronta. Os dentes raspavam em minha pele, ardendo, seu cabelo fazendo-me cócegas.

— Você quer isso rápido ou devagar?

Eu queria rápido. Mas o que eu dissesse, ele escolheria o outro. Luna contorceu-se, mas eu ignorei.

— Só faça.

Dante foi devagar, delicadamente. Uma dor miserável apertou minha coxa e eu gritei, desejando que ele fosse em frente. Mas ele retirou-se, as presas deslizando em minha pele. Uma dor cauterizada por sua língua quente enquanto ele lambia as feridas em

provocação, não me levando até ele estar bem e pronto. O Medo agarrando-se a mim, mas eu cerrei os dentes.

— Melhor que eu morresse agora.

O inferno que você vai.

Meus dentes rangeram com raiva alienígena que ferveu meu sangue e sem qualquer faísca de mim, meu arrebatamento inflamou, rosnando. *Eu tenho sua atenção agora?*

A energia rodando em meu ventre, quente e voraz, vazando para molhar-me. Dante murmurou de prazer e deslizou sua língua em minha fenda para coletar alguns, misturando-o com o sangue quente em minha coxa. Ele brincou comigo, perdendo os dentes por cima de minhas dobras, uma dor aguda de dentes raspando meu clitóris. A sensação de queimação subiu meu corpo e eu ofeguei, espremendo os olhos apertados. *Deixe ir, Vorenus. Acabou-se.*

Você não vai extinguir-se e levar-me com você. Um escamoso músculo agarrou minha garganta sufocando-me. Pare de afogar-se em auto-piedade e mostre algum maldito espírito, Jade. Envie este filho da puta para o inferno, onde ele pertence.

Eu balbuciei e um pouco da inércia passada para mim pelo sangue de Dante foi descartada. A ideia acendeu um anseio maldoso em meu coração. Mas era impossível. O arrebatamento não poderia prender a alma de um vampiro. Poderia?

Então beba a porra de seu sangue se isso é o que é preciso. Use um pouco de imaginação. Que porra você acha que Rajah vê em você, afinal?

A ira de Luna borbulhou, agitando e meu arrebatamento sugou-o com um rosnado. Olhei para baixo, para Dante banqueteadando-se com a ferida que ele tinha feito. Sangue manchando os lábios, revestindo os dentes, correndo em sua língua.

Ele lambeu-me, chupou-me, deslizou sua língua sob a pele quebrada para provar mais e um etéreo e escarlate brilho apareceu sobre ele como sangue espectral.

Minha aura. Meu coração pulou, pulando meu pulso e Dante esfregou os lábios no sangue jorrando, deixando-o correr para manchar o sofá. *Terminus*. A linha de divisão. A morte. Mas não do tipo mortal.

Palavras falsas de Luna voltaram para mim com um baque saudável. *Eu comi-o*, ele tinha dito de Kane, *pelo menos eu tentei*.

Meu coração pulou. O que valia a pena tentar. Se eu falhar, eu apenas morreria. Mas se eu conseguisse, eu ainda tinha um fragmento de Luna. E se eu não precisasse da coisa toda para que funcionasse? E se eu ainda pudesse ser livre?

A resolução escoou em minhas veias, espessa com o arrebatamento. *Vorenius, você está com fome?*

Agora você está falando, gata selvagem. A risada áspera tremeu minha pele. *Mas nada é grátis. Eu quero sair. Devolva-me o resto de mim, e eu vou comer todo o bastardo. De acordo?*

De acordo.

Uma mentira, é claro. Mas eu iria me preocupar com isso mais tarde. Eu deixei meu arrebatamento vagar e concentrei-me na boca de Dante, o calor, a dor, a derrapagem de meu sexo. A Confiança de Luna rastejou através de minhas veias, brilhando com vida, dando-me força fresca e perspectiva. Um escuro, prazer encantado deslizou, inchando minha carne e, embora meu coração ainda doesse, algo glorioso e profundamente despertado chamou-me. *Sim*, eu queria gritar, *isso é o que eu sou. Isto é o que eu faço. Sexo e morte são a mesma coisa, este homem vai morrer antes que eu esteja completamente satisfeita e está tudo bem.*

Eu sou eu e fodam-se eles todos se eles não podem aceitá-lo. Dante estava certo. Ele e eu éramos iguais. E se isso significasse que Rajah nunca me iria amar, eu só tenho que aprender a viver com isso, não importa o quanto doesse. Eu amava-o, com cada fragmento de minha alma amaldiçoada. Eu iria amá-lo para sempre e ninguém poderia tirar isso. Eu manteria meu amor seguro, como um diamante, escondido em um lugar quente e escuro, onde ninguém poderia tocá-lo.

E se isso me fizer sorrir apenas uma vez, enquanto eu passar a eternidade gritando no inferno, eu vou ter ganho.

Fodam-se. Todos.

Luna deu uma risadinha, espumando. *Essa é minha menina.*

Dante cravou os dentes uma vez mais, aprofundando a ferida. A Dor veio novamente, comprimindo minhas veias, mas era distante, esquecível. Ele chupou e eu deixei um gemido lascivo bem em meu peito quando mais vida fluiu fora de mim. — Você quer ficar nu enquanto você faz isso?

Ele parou, o sangue correndo de seu sorriso. — Por que, sua garota safada. Você está se rebelando?

— Talvez. — Eu ainda não podia mentir para ele. Não significa que eu não poderia colori-la do jeito que ele queria.

Uma escura luxúria acendeu em seu olhar. — Ok. Como você quer?

Eu agarrei seus cabelos e ele retrucou brincando em meu antebraço, cortando um vermelho e escuro corte. Engoli um estremecimento. — Foda-me. Talvez eu goze quando eu morrer.

Ele levantou-se e tirou a roupa, seus movimentos espasmódicos e quase demasiado rápidos para seguir, revelando seu corpo, tenso, pálido, magro, músculos e tendões torcidos como um

selvagem faminto animal. Ainda tinha uma bunda grande. Meu pulso acelerou e eu engoli. Ele parecia perigoso. *Vorenus, você está pronto?*

Mais do que pronto. Luna estremeceu feliz, fazendo meu estômago doer. *Ele finge que é hetero, você sabe. Nunca cheguei a transar com ele. Deixe-me tê-lo.*

Agora era o Luna que eu me lembrava. Ele fodia com qualquer coisa com um batimento cardíaco.

Bem, eu sou uma succubus. Eu também transaria.

Dante subiu de volta no sofá e puxou-me montada em seu colo. Sangue e saliva de vampiro escorriam de minha coxa e ele deslizou os dedos por eles, manchando-o na bagunça quente e úmida entre minhas pernas. As pontas dos dedos roçaram minha entrada, impiedosos, e minha carne contraiu-se. — Já em seu caminho, eu vejo.

Eu contorcia-me de joelhos para fazê-lo ir em frente. Eu não queria que ele tocasse-me mais do que eu precisava que ele fizesse. — Vamos ver se você pode fazer melhor do que da última vez.

Seus olhos brilharam, maliciosos, e ele agarrou meus quadris e arrastou-me para baixo dele. Seu pau empurrado para dentro, forçando através de minha umidade até que ele pudesse ir mais longe. Suas pupilas dilatadas e antes que eu estivesse pronta ele golpeou.

Ele afundou as presas em minha garganta. Minha pele estalou e o sangue jorrou. A dor agarrou-se a meu pescoço, cavando dentro, cortando por minhas costas e sobre meu peito. Eu não conseguia mexer a cabeça. Eu não conseguia mover-me. Ele enfiou-se mais profundamente, rosnando, sua ereção inchada, ele chupou e engoliu. Minha cabeça estava girando.

Meu pulso derrapou descontroladamente, vibrando como as asas de um pássaro preso. Um frio sussurrou sobre minha pele, chocante ao lado do corpo quente de Dante. Meus músculos soltos, meus membros flácidos e fracos.

Ele retirou os dentes e abrandou, só sugando suavemente, sua língua acariciando minha carne rasgada. Ele deslizou seu polegar sobre meu clitóris, espetando-me com a sensação e o sangue escorria para meu sexo, deixando ainda menos para meu cérebro. Ele manteve a deglutição, sugando minha vida para fora bocado por bocado e ele balançava dentro de mim, acariciando-me, trazendo-me para a borda. — Morra para mim, querida. Vamos lá. Isso é tão bom.

Luna suspirou, tremendo, e eu não podia ajudar, mas gemi, inclinando meus quadris para pressionar contra a mão inteligente de Dante. Isso era bom, esta feliz tontura como algum barato exótico de fada. Eu lutava para formar palavras sussurradas. — Ainda não. Dê-me mais. Deixe-me provar você.

Dante riu e gemeu ao mesmo tempo, empurrando duro e profundo. — Você quer que eu te infecte, é isso? — Ele puxou mais sangue, sua respiração quente e curta em minha garganta. — Desculpe. Não desta vez.

Ele deslizou o polegar e o indicador em volta de meu clitóris e apertou e eu ofeguei, o estímulo muito intenso. — Por favor. Eu só quero um gosto bom. — Forcei um sorriso, minha respiração queimando. — Isso iria foder com Rajah.

Ele puxou sua boca para longe, ofegante em torno de um sorriso sangrento. Um rubor avermelhou o rosto, sua pele roliça e succulenta. — Porra, eu amo uma mulher rancorosa. Se você puder tomá-lo, é seu. Mas tenha cuidado. Eu poderia decidir infectá-la depois de tudo.

Ele não fez nenhum movimento para ajudar-me, para cortar-se ou morder o lábio. Apenas apertou os dedos sobre meu sexo e olhou-me, lábios manchados, vidrados olhos azuis brilhando com a luxúria. Ele queria ver-me humilhar-me para ele, mas não torná-lo especial. Isso o fez tão comum como sujeira e eu estava feliz.

Lambi os lábios secos com a língua mais seca e deixei minha cabeça cair para seu ombro. Sua pele macia em minha bochecha e uma fragrância gloriosa carnuda irradiada, doce e quente. O cheiro de meu sangue. Eu perdi meus lábios sobre sua garganta, agarrando com meus dentes, suor masculino salgado formigou minha língua. Eu encontrei um lugar com um pulso fraco e quente e abri a boca e mordi.

Meus dentes esmagaram na pele grossa, contundindo, e um toque de seu gosto, glorioso e hipnótico deslizou em minha boca. Meu arrebatamento crepitava com a luxúria e eu tremia, minha carne apertou em torno de seu penis, ondulando através de mim. Deus, eu odiava isso.

Dante deu um impulso em mim, em resposta, grunhindo. — Mais forte. Você não me pode machucar.

Veríamos isso. Mas era difícil. Meus dentes não foram feitos para isso. Eu apertei com mais força e sua pele rompeu com uma crise de dentes. O sangue salgado encheu minha boca, quente e fedorento. Meus olhos lacrimejaram, meu estômago revirando e Luna agarrou-me apertado por dentro, impedindo-me de vomitar. *Engula, gata selvagem.*

Eu cerrei os dentes juntos através da carne de Dante e engoli. Sangue revestiu minha garganta, para baixo, repugnante.

Luna estava ganancioso. *Mais.*

Eu chupava. Mais sangue vazou para fora e eu engoli. Luna gargalhou de prazer. Dante puxou sua mão de entre minhas pernas e agarrou meu cabelo para arrancar-me, seu pau inchado apertado dentro de mim. Sua voz áspera, sua respiração queimando minha orelha. — Sim. Beba de mim.

Eu mordi e balancei a cabeça de lado a lado como ele tinha e mais pele rasgou, quebrando vasos sanguíneos. Eu chupava e o calor jorrou, espirrando em minha língua, descendo por minha garganta. Eu engasguei, mas Luna agarrou-se a isso, gritando. Garras de répteis raspadas em minhas entranhas, a energia da alma balançando-se em minha boca e o sangue começou a correr por conta própria.

O arrebatamento floresceu em mim, fluindo de meu ventre, enrolando o pênis de Dante, acariciando-nos tanto com chamadas de prazer. Sua energia deslizando para mim do sexo, nutritivo. Dante engoliu em seco, o peito arfando. — É o suficiente.

Mas Luna estava chateado e com fome e ele não estava deixando ir. Estiquei minhas mandíbulas para separar-me, meus dentes ainda embutidos no pescoço de Dante, puxando a ferida irregular mais aberta. Sangue de vampiro correu para baixo de minha garganta em uma inundação, queimando, antes de atingir meu estômago para sombra voraz de Luna. A coisa bebeu e bebeu e bebeu, insaciável, inchando dentro de mim e eu só parei deixando o sangue fluir.

— Já é suficiente. Pare. Dante tentou arrancar minha cabeça para fora, os dedos agarrados em meu cabelo. Mas eu segurei, meu arrebatamento afundando garras mortais em sua força e arrastando-o mais perto da borda ao mesmo tempo. O punho enfraquecido em meu cabelo, sua essência dentro de nós e seus músculos agitando-se

debaixo de mim enquanto ele lutava. Suas palavras arrastadas quando ele me amaldiçoou. — Cadela. Você não está sozinha.

Ele mergulhou dentro de mim, impotente para impedir sua própria morte e seu pau esfregava sobre minha carne sensível, muito, muito rápido. Meu arrebatamento suspirou e gemeu, enrolando mais apertado. Minhas coxas formigavam, meus músculos trepidavam. Eu ia gozar, mas eu não me importei. Deixe-o sentir enquanto ele morria.

Eu cerrei os dentes e deixei o prazer levar-me, lento e delicioso, rolando através de mim, rastejando ao longo de meus membros, espumantes em meus dedos. Eu gemi. Minhas paredes pélvicas tremendo, abraçando-o e ele fechou os olhos. Uma inundação quente espirrou em meu ansioso ventre, encharcado e vivo com o que restava de sua alma venenosa.

Energia jorrou em mim e meu arrebatamento consumiu, sugando de volta a vida que ele tinha roubado de mim. Minha pele queimava. Meu sangue rejuvenescido correndo.

A sombra de Luna gritava de prazer e um pedaço carnudo é sugado em minha boca quando a última consciência de Dante foi embora. Sua aura escarlate borbulhava em fúria quando ela desapareceu, morrendo. Seus dedos escavaram em meus quadris, empurrando e depois caíram.

O bastardo estava morto. Nós tínhamos matado um vampiro, da única maneira que podia. O filho da puta sangrou até a morte e agora sua alma era minha.

22



Eu o rasguei com minha boca, meus dentes esmagando sua carne mutilada. Eu afastei-me, tirando-o de mim e tropecei no chão, ofegante. Minha respiração machucou meus pulmões, o horrível sabor salgado borbulhando o sangue em minhas entranhas. Líquido manchado de sangue quente escorreu por minhas coxas. Luxúria fervilhava em meu ventre quando meu arrebatamento rosnou, voraz, pronto a consumir o que eu tinha roubado. Meu coração tinha abrandado, mas agora meu pulso saltou, urgente. Se ele consumisse a alma de Dante, foi tudo por nada.

Eu varri meu olhar ao redor da sala e para um vaso de vidro com pescoço de cisne na mesa de café. Eu arrastei-me e agarrei-o, frio e pesado em meus dedos em chamas. *Desista, Vorenius. Deixe-me tê-lo.*

Luna enrolou apertado como uma cobra, possessivo. *Não. Fome.*

Eu assei-o com arrebatamento, minha carne latejava. *Desista, ou você não poderá ter você de volta e você vai ficar aí para sempre. O que você quer?*

Ele ficou de mau humor, fervendo, mas desenrolou e uma raivosa energia de alma estourou em meu estômago, espumando. *Deveria ter pensado melhor antes de negociar com você.*

Eu mal ouvi-o através da lança súbita de agonia em minha

barriga. Ácido bateu até minha garganta, sufocando-me e eu soltei meus dentes contra o lábio do vaso de vidro com pressa. O vômito ondulando quente no vaso, coagulado e repugnante. Calor queimava meu rosto, meus olhos pinicando, mas eu não vacilei até que eu tinha vomitado tudo, cuspiendo para limpar minha boca suja.

A Alma de Dante cuspiu como uma sopa escarlate fervendo e eu agarrei minha mão sobre a boca do vaso para que não escapasse. Ácido queimou minha mão e rapidamente enfiei no pescoço com um punhado de camisa de Dante, o sangue manchando o linho preto. Aguentaria por uma hora ou duas, até que eu poderia colocá-la em uma garrafa de interceptação de alma. Eu arranquei o resto da camisa e cutuquei a entrada mais apertada.

Em seguida, eu caí sobre minhas costas no tapete, exausta. Meu arrebatamento sibilou para mim, desapontado, mas eu não tinha simpatia.

Lambi os lábios doloridos. *Vorenus?*

Luna cheirou, ainda chateado comigo. *O quê?*

Você é um homem muito doente. Mas obrigada.

Então, senti-o sorrir. Relutante, mas o mesmo sorriso lindo que ele tinha enquanto ainda estava vivo. *De nada, gata selvagem. Ele tem um gosto bom, hein?*

Limpei o sangue de minhas pernas, esfregando minha mão no carpete para limpá-lo. Fadiga entorpeceu-me, mesmo que eu tivesse acabado de receber um reparo. Eu deveria ir para casa, esconder esta alma corretamente ao lado de Quinn, ir para a cama para que pudesse acordar e preocupar-me com encontrar *animus*, o que diabos isso significasse. Eu deveria estar triunfante, cheia de esperança e determinação.

Mas eu não estava. Eu não sabia como levantar-me. Eu não

sentia vontade de fazer algo. Sem alguém para compartilhar, toda a emoção foi tirada disso. E eu não quis pensar em meu maldoso ex-amante assassinado.

Preguiçosamente rolei o vaso entre as palmas de minhas mãos, vendo a luta de Dante e sua alma ferver. Teríamos rido juntos, Rajah e eu. Brindando taças pelas nossas interceptações de almas, — vinho para mim e limonada para ele — e nos enchido com frango tikka e paratha aloo²². Caminhar para casa no escuro, de mãos dadas, envolto no perfume e suor um do outro. Cair sem fôlego em sua cama e fazer amor, com as janelas abertas para a suave brisa de verão e o luar entrarem. Dormir nos braços um do outro, compartilhando o calor, a pele, respiração. Lágrimas estúpidas incharam meus olhos e eu deixei-as. Eu não queria ver. Eu não queria me mover. Para quê?

Jade?

Uh-huh.

Você não tem um lugar para ir?

Claro. Em casa, sozinha. Por 800 anos, com você e Kane lutando em minhas entranhas. Mal posso esperar.

Luna cheirou mais uma vez, seu descontentamento azedo em minha língua. *Besteira. Você acabou de encontrar uma razão para viver. Você realmente vai deixá-lo escapar?*

Dor trespassou-me como um ferro quente, ardendo. — Sim, certo, — eu murmurei. — Dê um tempo.

Ah, claro. Fique assim se você quiser. Podia jurar que o ouvi dizer algo sobre o amor.

Eu ri e ele pegou o inchaço em minha garganta, sufocando-me. — Como se ele quisesse dizer isso? O que é simplesmente

²² Comidas indianas

perfeito, vindo de você.

Eu quis dizer isso. Ele parecia distante, machucado. Por um tempo. Quanto tempo você precisa para fazer valer a pena viver, afinal?

Eu abri minha boca para uma resposta afiada, mas murchou e morreu em minha língua. Quanto tempo valia a pena, quando se tratava de amor? Quanta felicidade que eu preciso? Um ano? Um dia? Uma hora?

Acalente os pequenos prazeres, gata selvagem. Só uma coisa que faça a imortalidade valer o esforço. Luna sacudiu a cabeça com um alvito encolher de ombro. Não que você ligue uma merda para o que eu penso, certo?

Se eu pudesse ter apenas mais cinco minutos com Rajah, antes que ele me deixasse, eu teria aceitado? Será que me atreveria a fazer as perguntas que marcavam minha alma? Ou será que eu preferia viver meus miseráveis mil anos e morrer sem nunca saber o que realmente estava em seu coração para aquelas poucas horas preciosas que passamos?

Eu mexi para cima, minhas pernas tremendo. — Vorenius?

Você ainda está aqui?

— Obrigada.



Videira deixava orvalho gotejando no pavimento do dossel na frente de Valentino, brilhando no sol da manhã. O cheiro do asfalto molhado subia, poças d'água refletindo na rua após a chuva e a Rua Lygon agitava-se com os sons dos compradores, tilintar de copos de café, o tráfego.

Tony LaFaro encolheu os ombros magros e deslizou sua língua azul cravada em seu latte, coletando uma uma gota de espuma branca. — Não sei nada.

— Posso ver Angelo, então? Eu só preciso saber se ela...

— Ange não está aqui. Desculpe. — O conjunto de cílios de Tony piscaram, zombando.

Rajah passou os dedos frustrados pelo cabelo úmido. — Olha, eu tentei em todos os lugares. Ela poderia estar em apuros. Se você...

— Não a vi. — Tony desenrolou um jornal, ignorando-o.

Rajah virou afastando-se, antes que pudesse quebrar os dedos no rosto dele. Ele afasta-se, o úmido pavimento estava liso, fúria e preocupação fervendo juntas em suas entranhas como óleo fervente. Ele tentou os clubes, os bares, a totalidade da King Street e Sul-bank, onde DiLucas saía, mas ninguém vai admitir que os viu ou sabe onde se esconde Dante. A fae de DiLuca é só sorrisos, seus olhos vidrados. Ele até entrou na casa em Richmond, onde o velho Sal utilizava para

viver, mas Antonia DiLuca apenas sibilou para ele e disse-lhe para meter-se com seu próprio negócio do caralho, piscando com seus olhos de anil.

Ele atravessou para o outro lado da rua à frente de um carro lento, poucos quarteirões de seu lugar. Improvável que ela esteja em casa, mas Dante é astuto, deliciando-se com o inesperado.

Um gato de rua miou em sua porta, seu corpo magro e cinsa tenso e correu para longe quando ele se aproximou. Remanescentes de suas impressões digitais aparecendo ainda na poeira de chuva no vidro manchado, números desbotados. A porta está trancada, não quebrada, tanto um bom como um mau sinal. Ele colocou sua chave, empurrou a porta aberta e pratos sujos em sua sala de estar, tropeçando em seu caminho.

Um sofá de pelúcia, estantes cheias de poeira, as listas da semana passada da TV dobradas sobre a mesa. Uma geladeira manchada de ferrugem, pratos e recipientes de plástico empilhados em cima da suja pia.

— Princesa? — Mas o cheiro estava todo errado, obsoleto, não fresco como ela era e ele já sabia que ela não estava aqui.

Ele limpa a mão sobre o rosto cansado, com um suspiro triste. Ele não pode pensar em outro lugar para procurar. Só lhe restava uma opção. A luz do sol iluminava a sala, inclinando através das persianas abertas, mas não aliviava seu humor e um calafrio arrastava-se para a ponta dos dedos com a ideia de fazer a ligação. Lentamente, ele puxa seu telefone de sua bolsa e as chaves através do livro de endereços, mas ele não pode suportar a marcação súbita e ele segura-se contra a borda da mesa, angústia amarga inundado em seu coração. Sobre a mesa, rosas vermelhas em uma caixa de prata com flores a crescer crocante nas bordas e ele cheira-as, o

perfume suave e rico, como a pele dela, mas ela não tem cheiro de rosas. Ela tem cheiro de mulher, fresca e natural, como a luz do sol.

Sobre a mesa, sua bolsa move-se, balançando. A alma de Luna está inquieta e Rajah pergunta-se sobre sua outra interceptação de almas, a outra com Killian Quinn. Se Dante coloca as mãos sobre isso...

Rapidamente ele procura, abrindo gavetas, levantando almofadas, lançando para trás as portas do armário na cozinha. Uma linha de latão brilha, garrafas embaixo da pia de aço sem graça, mas elas estão todas vazias. Ele tenta a geladeira. Biscoitos de chocolate, iogurte, um talo de aipo. No quarto dela lençóis estavam jogados em uma pilha no chão, uma mancha azul fraca marcando o colchão. Ele quer pegá-las, deslizar o rosto nelas, sentir o cheiro dela. Em vez disso ele tenta suas gavetas e há uma garrafa de interceptação de almas deslizando entre as camisetas.

Ele arranca-o, cetim deslizando sobre sua mão úmida de suor. Ela oscila, sussurrando maldições e ele desliza-a cuidadosamente em sua bolsa ao lado de Luna. Levá-los para onde ele está indo era um risco. Ele poderia perdê-la para sempre com uma palavra descuidada. Mas não pode suportar deixá-la para Dante. Ele prefere correr o risco.

De volta à sala, ele engole seus nervos. Ele aperta a mão para firmá-la, pega seu telefone e faz a ligação.

Depois de três toques, Kane atende, sua voz leve e agradável.
— Rajah. Como vai você meu doce?

Rajah fecha os olhos, lágrimas quentes escorrem em sua bochecha. — Eu preciso de sua ajuda.

24



Eu tropecei do elevador, suando no ar condicionado. Meu cabelo grudava em torno do colarinho da camisa que eu tinha roubado de Dante e meus dedos molhados cerrados na alça da sacola de compras verde que segurava minha interceptação improvisada. Meus pés descalços presos na chapa, deixando pegadas molhadas, derrapei e virei a esquina em sua porta.

Estava aberta. Entreaberta. Luzes apagadas.

Eu tropecei, pegando-me no batente da porta. — Rajah?

Silêncio. Sol da manhã lanceado nas venezianas abertas, a faixa de tapete branco, piscando em aço inoxidável. Eu saltei para o quarto, sem fôlego. A bagunça que havia feito ainda estava lá, os lençóis amarrotados, o cheiro de suor, sexo e cardamomo, o casaco de Luna era um respingo da meia-noite no chão pálido. Chutei-o de lado, procurando, mas meu pé deslizou pelo tapete vazio.

Meu coração apertou. Eu enfiei a cabeça debaixo da cama, desesperada. Nada.

Minha bolsa tinha desaparecido. A Alma de Luna tinha ido embora.

A interceptação de alma pela menina. Dante ficava insultando repetidamente em minha mente, malicioso. Não só isso,

Rajah tinha tomado minha bolsa. Meu telefone. Então, eu não poderia encontrá-lo.

Não. De jeito nenhum. Ele tinha acabado de tomar a bolsa como custódia. Eu deveria esperar por ele. Ele estaria de volta.

Mas eu não podia esperar aqui. Não aqui, onde as paredes gritavam por ele, o ar pungente com seu cheiro e o meu. Mesmo a frieza fez-me pensar nele, tremendo minha pele. E em meu saco de compras, alma sangrenta de Dante contorcia-se e cuspiu, contorcendo o vidro quente. Eu encravei o tecido tão apertado quanto pude, mas logo a coisa suja iria quebrar o vidro e ia escapar. Eu precisava de uma garrafa de interceptação. Agora.

Corri de volta para a cozinha e tentei os armários, um a um. Pratos brancos, vidros altos, um fabricante de milk-shake inoxidável. Nada feito de latão. Na despensa nada, exceto cereais e enlatados de frutas e dúzias de frascos de especiarias. Tentei debaixo da pia. Pó de lavar louça, torradeira impecável. A lixeira mais limpa do mundo. Eu até olhei na máquina, apenas no caso. Nada de garrafas de interceptação.

Bati a porta, desconforto ondulando por meu pulso. Que tipo de incubus não mantém uma garrafa de interceptação à mão? Olhei para as estantes, sob a TV, por detrás do sofá.

Foda-se.

Puxei o saco em minha mão, a alma de Dante derretida como geléia quente. Eu não podia esperar mais. Eu procurei através da pilha de revistas no chão por uma caneta e papel e foi a maldita carta mais fácil que eu já escrevi.

Rajah,

Eu te amo. Não desista de mim. Estarei de volta em uma hora. Espere por mim. Por favor.

*Sua para sempre,
Jade.*

Eu coloquei um copo sobre ela no balcão de mármore assim não se iria afastar com o ar-condicionado e sai.

O sol queimava enquanto eu esperava no ponto de ônibus, minha pele escaldante na umidade depois da chuva. Um táxi seria mais rápido, mas eu não tinha dinheiro e ninguém no bonde se importaria se você paga ou não. Eu peguei o circular, cidade para rua Swanston e as pessoas em ternos ou roupas de ginástica olharam para mim quando eu enrolei os pés para cima debaixo de mim no banco e embalei minha sacola de compras. Meus nervos rangiam, com preocupação e eu queria ranger meus dentes, rasgar meu cabelo com um grito, *Que porra você está olhando?* Mas eu estava gordurosa e descalça, vestindo camisa e calças de Dante, grande demais para mim e eu não tinha encontrado qualquer calçado que não saísse de meus pés e ostentava uma marca de mordida irregular vermelha em minha garganta. Não admira que eles estivessem um pouco curiosos. Se eles soubessem o que estava em minha bolsa.

Eu troquei o ônibus de cor cinza brilhante para o monólito de Federation Square, observando as mãos rastejando sobre os relógios de Flinders Street Station, pelo que parecia uma eternidade. Até o momento eu pulava fora em Lygon Street, uma dor penetrante de desidratação dividiu meu crânio e senti-me tonta e fraca, como se eu não tivesse comido ou bebido em dias. Eu absorvi alguma energia da morte de Dante, mas Luna tinha comido mais do mesmo e isso não foi suficiente para compensar o sangue que Dante tomou de mim.

Eu queria correr. Mas eu andei com cuidado para casa, apertando meu saco precioso, cruzando a escorregadia pavimentação de pedras azuis e passando por cima de riachos de água que caíam das calhas. Mais de uma vez, meus pés conspiraram para derrubar-me e cambaleando, eu alcancei minha porta com joelhos e um cotovelo sangrento onde eu tinha raspado no chão para manter minha garrafa de interceptação temporária segura.

A porta estava entreaberta, meu anel de chave ainda pendurado na fechadura.

Meu coração despencou. Pelo menos se ele tivesse aqui, olhando para mim. Eu mergulhei dentro, ansiedade e esperança fechavam-se em minha garganta como um monte de areia.

A confusão habitual, pratos sujos, revistas velhas, pilhas de louças que eu não me preocupei em guardar. Rosas de Dante, crocantes e perfumadas sobre a mesa, adoçando o cheiro de desvanecimento de fadas. Luz do sol, inclinando através das persianas, brilhando sobre as portas dos armários abertos, pratos estavam errados, minhas almofadas do sofá esfarrapadas caídas no piso.

Meu saco contraiu-se, murmurando promessas sádicas. Cegamente eu peguei uma garrafa de interceptação de almas vazia do armário aberto e puxei a rolha livre. A camisa encharcada de sangue pulou fora como um tampão cheio e a alma de Dante foi para a armadilha, enchendo-a até a borda. Eu preendi a cortiça tão forte quanto eu pude, meus músculos fracos e sem resposta, e empurrei a armadilha na geladeira. Já vai tarde. Eu não tinha tempo para ele agora.

No quarto, minhas gavetas penduradas abertas, roupas misturadas. Eu olhei através de minhas camisas, suor em minhas

mãos e aquele cheiro amado e picante caindo sobre mim, aquecendo minha pele, mesmo quando meu coração batia gritando com minha coragem.

A garrafa de interceptação tinha ido embora. Rajah tinha tomado Quinn.

Meus pulmões convulsionaram, deflacionaram e eu ofeguei por ar, meu diafragma com cólicas. Minha única esperança de por um fim a esta imundície e ele tinha-a tomado. Mesmo a sombra de Luna não era o suficiente, sem Quinn, eu nunca estaria livre.

Minhas pulseiras chiaram presunçosamente, vitoriosas, e meus joelhos fraquejaram. Eu afundei em minha cama estéril, o cheiro podre de sangue de fadas rastejava em meu nariz. Minha mente falava sem sentido para mim como um rato louco numa gaiola, lutando por outra explicação, qualquer explicação que não significava que eu o tinha perdido. Dante. Poderia ter sido Dante que tomou Quinn enquanto eu ainda estava desmaiada em sua caixa maldita.

Mas eu sabia que não era verdade. Dante teria a alma bêbada de Quinn para si mesmo sobre o tapete diante de meus olhos para que eu pudesse vê-lo definhar e morrer. Ele não teria desperdiçado a chance de insultar-me. Além disso, minhas chaves estavam na porta e todo o lugar abandonado cheirava a Rajah. Ele havia vindo enquanto eu estava em cativeiro e havia roubado Quinn, só para ter certeza que eu nunca ganharia. Para tornar inútil minha luta com ele por Luna.

Então, vá buscá-lo de volta, a sombra de Luna farejou com desdém. Desistir tão cedo?

Eu ignorei-o. Se Rajah tivesse gritado, *Não venha atrás de mim!* em minha cara, a mensagem não poderia ter sido mais clara.

Meus olhos doíam com lágrimas impossíveis. Eu queria gritar, chorar, rastejar debaixo da cama e apodrecer ao pó. Eu queria enroscar-me em mim e morrer.

Eu arrastei a colcha manchada do chão e puxei-a sobre minha cabeça, enterrando-me na escuridão úmida. O cheiro das flores de Dante rastejou sobre mim, encharcando o quarto, e eu contorci-me para fora de suas roupas horríveis e atirei-as para longe. Minhas pernas doíam, como se eu tivesse corrido muito e a doença crescia como dedos frios de miséria em minhas entranhas, mas o desconforto era monótono e agradável em comparação com a dor em meu coração selvagem.

Eu não podia morrer, mas eu com certeza não tinha por que viver. Talvez se eu ficar aqui e nunca mais levantar. Embrulhei o edredon bem apertado, minhas lágrimas derramando-se, finalmente, para absorver a colcha e sufocar-me.

Uma teia de aranha rastejou sobre minha pele, minhas pulseiras vibraram.

Eu apertei meus dentes para baixo sobre a colcha, gemendo. *Não. Vai se foder. Não agora. Estou nadando na auto-piedade. Volte em algumas centenas de anos.*

O metal aqueceu, queimando meus pulsos. Minha pele picando como uma erupção cutânea e eu borbulhava em frustração, chutando minhas pernas em rebelião inútil. Mas era como se uma nuvem de vespas invisíveis atacasse-me e penetrasse cada centímetro de minha pele com suas picadas selvagens e o cheiro de bolhas queimadas em meu antebraço piorou.

Eu bati meus punhos no colchão, mas não adiantava. Resistir era inútil. Se eu tivesse aprendido alguma coisa com essa bagunça, eu aprendi isso.

Arrastei-me para cima da cama, derrotada, e lutei com a primeira coisa que veio à mão, um velho vestido de praia verde. Meu espelho mostrou um cadáver, pálido, círculos negros sob os olhos arregalados, cabelo oleoso e desgarrando-se, uma contusão amarela em minha garganta. Eu não me importava. Forcei um pé na frente do outro e entrei na cozinha para buscar Dante da geladeira, minha pele ainda se contorcendo com veneno. Um presente pode, pelo menos, esfriar o temperamento de Kane. E Dante era inútil para mim, pelo menos agora.

O troll de terno preto já descia as escadas, brancas presas brilhando enroladas sobre o lábio grosso e eu entrei no carro sem dizer uma palavra, agarrando a fria garrafa de bronze em meu colo.



— Você quer que eu faça o quê?

Kane reclina-se em seu sofá branco, chamas azuis calmas enrolam-se em volta de suas juntas, seus olhos negros são como espelhos que não refletem nada. Um brilho suave de luzes reflete sobre a mesa de vidro e as cortinas de linho creme fechadas. Kane não gosta do sol.

Rajah engole. — Ajude-me a encontrá-la. Por favor. Eu não...
— As palavras prendem-se em sua boca, amargas como carne podre e ele as força para fora, humilhação e pesar como garras quentes perfurando seu peito. — Eu não posso fazê-lo sozinho.

Um doce sorriso vermelho desenrola-se nos lábios de Kane, prazer cobrindo seu cabelo dourado com uma cobertura igual a diamantes. — Você sabe o que eu quero.

— Droga, Kane, não há tempo...

— Você sabe o que eu quero, — Kane repete firmemente. As unhas de suas mãos afiam-se e crescem um centímetro, as cores mosqueando.

As mãos de Rajah contorcem-se furiosamente. Ele esperava que Kane fosse insistir, ordená-lo, tirar a responsabilidade dele. Mas Kane é muito particular com seus prazeres para isso. A culpa aperta o coração machucado de Rajah, frio e azedo, mas ele está determinando a não demonstrar. Tão calmamente quanto ele consegue, ele abre a bolsa de Jade e coloca os dois interceptadores de alma na mesa de café.

Os olhos de Kane brilham como flores azuis, um sorriso feliz, pueril, iluminando seu rosto. Ele aconchega-se à borda do sofá e pega a primeira garrafa, manuseando a rolha de lado para cheirar o conteúdo. Seu nariz enruga em aversão e atrás dele um vaso alto e negro de lírios murcham, pétalas quebradiças caem no chão. — Terrível. É dela, ou seu?

Rajah não tem tempo para desperdiçar com as esquisitices de Kane. E nem Jade. Imagens marcam sua mente de novo, dela no abraço nojento de Dante, seu sangue fluindo para fora e o medo obrigando-o mais fortemente do que qualquer outra pulseira escrava. Sua voz veio apertada, quase inaudível. — De Jade.

O cabelo de Kane estica-se com uma estática azul, seu queixo suave contraindo-se. As flores murcham e ficam pretas e ele enfia rolha de volta, com força suficiente para amassar o bronze.

Rajah pisca. Ele conhece aquele olhar. Raiva, indignado. Com ciúmes.

Mas antes que Rajah pudesse perceber mais, Kane abre a segunda armadilha e chamas douradas brilhantes relampejam ao longo de seus dedos, sua expressão sobreposto por um sorriso. — Este já estava a um tempo atrasado. Muito doce de sua parte, Rajah. Você não deveria ter feito isso. Mas sinto que não é o bastante.

Ele inclina-se no sofá, tirando sujeiras imaginárias de suas unhas e Rajah deseja levantar-se e sufocá-lo com as próprias mãos. — Por favor, você tem que me ajudar a encontrar a Jade antes que ele a machuque. Eu te darei o que você quiser.

— Qualquer coisa? — Os olhos de Kane brilhavam com uma centelha verde de malícia.

Humilhação e raiva queimaram como óleo e ácido nos pulmões de Rajah, mas antes ele forçou as palavras para fora. — Qualquer coisa.

Outro sorriso curvou os lábios de Kane, este não tão bondoso. — Feito, — ele disse levemente, sua língua vermelha pincelando os dentes em um prazer delicado. — Mas você não deveria. Ela já está aqui.

Antes que Rajah pudesse xingar ou perguntar-se, as luzes da entrada estalaram atrás dele e a porta da frente abriu-se.



Eu encarei e Rajah encarou de volta.

Vagamente, eu formei a ideia que Kane estava lá, que meus dois interceptadores de almas estavam na mesa. Eu mordeu meu lábio, minha língua seca e inútil.

Rajah parecia que estava tendo o mesmo problema, porque ele teve que engolir duas vezes antes que ele pudesse falar. — Sinto muito.

Eu não sabia o que dizer. Ele sentia muito pelo quê? Que ele havia roubado minhas almas e as havia dado à Kane? Que eu tinha conseguido fugir de Dante viva?

Frustração e desamparo endureceram meus membros e eu andei para frente e bati o interceptador de alma de Dante na mesa ao lado das outras. Rajah fechou os olhos, balançando a cabeça suavemente e eu tive que desviar o olhar. Ele era tão lindo, tão triste. Tão distante. Uma dor maçante espalhou-se por meu peito,

intensificando-se para agonia quando perfurou meu coração. Eu vi-me amortecida. Eu estava errada.

— Oh, olhe. O conjunto. Que legal. — Kane lambeu seus lábios gelados, prazer cintilando em seus olhos e esticou sua mão para mim.

Eu esperei ele falar, ordenar-me a ir até ele. Mas ele não o fez. Ele só ficou lá e, quando eu não me movi, ele encarou, faíscas desvanecendo de seus dedos, uma linha escura vincando sua sobrancelha perfeita. — Você não... Aquele é o Dante DiLuca no frasco, sim?

As palavras dele não faziam sentido. Minha garganta doía e eu mal pude falar. — Você sabia suas respostas o tempo todo. Você matou aqueles fae. Por quê?

Ele fez beicinho, seu olhar deslizando como uma criança emburrada. — Não pude evitar. Não é minha culpa. Eu só... Você entristeceu-me, Jade. O ar tem gosto ruim quando eu estou infeliz.

Eu lembrei-me de Nyx, tremendo e molhado em meus braços e uma abrasadora culpa queimou minha espinha. Se eu tivesse ficado com Kane naquela noite, Nyx poderia ainda estar vivo. Eu não queria que fosse minha culpa. Não era justo ter o ciúme de Kane em meu colo. Mas isso não impediu a vergonha de destroçar meu coração como se eu mesma tivesse matado Nyx. — Então por que você deu-me para Dante? Por que você mandou-me embora?

Os lábios de Kane tremularam. Lágrimas acumularam-se em seus olhos, deslizando, e pequenos diamantes caíram no chão, facetas cintilantes enquanto elas caíam uma a uma. — Porque eu pensei... que se você quisesse, você poderia voltar. Para mim.

Eu encarei. Eu nunca havia visto Kane chorar antes. Meu coração ardeu, pesar fresco em minha língua. Ele estava falando a

verdade. Ele realmente imaginou um mundo onde eu poderia amá-lo, apesar da escravidão e do arrebatamento ou das coisas nojentas que ele havia me feito fazer.

Demônio estranho e iludido. As lágrimas dele cortaram-me, mais ainda porque eu não podia rir dele ou cuspir no rosto dele. Eu não o odiava, não mais do que eu odiava um inseto que me mordida ou um pássaro que cagava em meu ombro. A maior parte do tempo eu sentia pena dele, de uma maneira co-dependente desamparada e até mesmo ser sua amante-escrava tinha suas tonalidades ocasionais de ternura e afeto. Mas amor?

Sem fala, eu balancei a cabeça.

Ele encarou-me de volta, chamas lambendo os lóbulos de sua orelha. Brilho encrostava em seus cílios e por um momento eu pensei que ele iria se dissolver em lágrimas e a culpa arrancou meu coração.

E então sua boca tensionou-se. Seu olhar perdeu o brilho e as unhas de seus dedos inundaram-se com um profundo e perigoso anil. — Rajah, eu acho que você me deve.

Medo picou-me igual uma vespa e eu caí para frente, obrigada. — Não, espere...

Rajah vomitou, agarrando suas entranhas e caiu de joelhos. Espasmos torturando-o, ondulando o corpo como um amendoim. Espontaneamente, meu arrebatamento cintilou para fora, sentindo, e eu senti a energia dele começar a esvaír-se a mando de Kane.

Não. De jeito nenhum. Estes eram meus cinco minutos. Ele não podia morrer agora. Eu não havia tomado coragem de dizer: Eu te amo.

Rajah curvou-se de lado, asfixiando. Líquido cor de mel derramava de seus lábios, espirrando no chão. Sua alma, dourada,

bela e perfeita, exatamente como ele era, manchas desperdiçadas nas tábuas do assoalho no brilho das lágrimas espalhadas de Kane.

Kane assistia, seus olhos negros cintilando de prazer, seus lábios vermelhos brilhando.

— Pare! Kane, por favor. — Eu agarrei o ombro dele, desesperada para virá-lo, distraí-lo, qualquer coisa.

Ele virou-se, furiosas chamas vermelhas explodindo com vida em seu cabelo. Ele arreganhou os dentes irregulares, soltando fumaça para sufocar-me com uma compulsão demoníaca. — Não.

Minhas pulseiras de escrava guincharam apertadas e eu cambaleei para trás, viscosidade entupia minha garganta. Minha espinha rachou na borda da mesa de vidro, inclinando-a quando eu caí. A dor queimava, como uma lança afiada ao longo dos ossos. Minhas pernas estiradas diante de mim, entorpecidas e, em meu colo, caiu um quente interceptador de alma bronze.

Eu nunca havia parado Kane sozinha.

Eu não esperei. Eu não pensei. Eu só arranquei a rolha, trouxe o pescoço enrugado a meus lábios e engoli.



Doença preta, suja como lama, fez-me engasgar e eu lutei para engolir em grão e lodo. Quinn, já louco e puto da vida, seus sentidos fracos pelo que eu tinha feito para ele. Sua alma desceu em minha garganta e a sombra de Luna aderiu-se a ela, com dentes afiados de roedores. Um caos escamoso explodiu em meu estômago, contorcendo-se enquanto as criaturas lutavam até a morte e uma luz psicótica louca acendeu em minha cabeça. Cores, as luzes dolorosamente brilhantes. Meu nariz formigava, gelado e queimando ao mesmo tempo e fúria alienígena cerrando meus dedos até que as palmas das mãos sangraram.

Ótimo. Eu sempre me perguntei como era ser Quinn.

A meu lado, os joelhos de Rajah estavam apertados contra o peito e ele agarrou sua coragem, sua garganta convulsionou enquanto ele lutava para manter sua alma.

Minha cabeça girando. A cortiça disparou em minha palma sob pressão, deixando contusões. Kane guinchou, mas já era tarde demais. Bronze bateu em meus dentes, sacudindo meu crânio e a alma de Luna brilhava em minha boca como suco de fruta doce, delicioso e pecador. Engoli em seco para baixo, desmaiando.

Calor espalhou-se em meu abdômen, correndo para a carne entre minhas pernas. Meus tímpanos sacudiram-se, doendo, afogado

em sons que eu nunca tinha ouvido falar antes, meu pulso, o barulho do respingo de meus dedos molhados sobre o latão, o escorrer de umidade dentro de mim. Meu arrebatamento esticou com um suspiro sensual, juntou-se com sensação dos novos sentidos de Luna, selvagens, agarrando, eufóricos.

O fragmento de Luna gritou de alegria e livrou-se de Quinn, ácido preto deslizando por minhas entranhas. Ele mergulhou em si mesmo como espuma borbulhante derretida e uma gargalhada irresistível subiu até minha garganta. Eu ri alto, louca, de êxtase, superada com alegria, desesperada e estranha.

Rajah arrastou-se até suas mãos e joelhos, cuspidando, lágrimas vazamento em seu rosto quando seu estômago soltou. Ele engoliu em seco, engasgando, tentando mantê-lo, mas catarro de ouro quente respingou de seus lábios para chiar nas tábuas do soalho.

Eu fui para a terceira e última garrafa de interceptação, mas ela estava fora de meu alcance debaixo da mesa. Kane cortou-me com as garras afiadas, de repente, sua pele queimava em escalas de preto, seu cabelo fluindo para sua cintura envolta em chamas. Olhos Amarelos com fúria, seus cílios cobertos de cinzas e o fedor acre do fogo do inferno queimou minhas narinas.

Fui para trás. Eu não poderia passar por ele. Eu queimaria. A Frustração fervilhava, acendendo um nó corrente que explodiu junto de meus nervos.

Debaixo da mesa, a armadilha de alma vibrou com força latente e capotou.

Meu braço sacudiu, vivo com a sensação brilhante de Luna. Meus dedos contrairam-se com a tensão. Dor apareceu até meu antebraço e a garrafa de interceptação de almas caiu rolando, deslizando pelo chão. Kane mergulhou para ela, sibilando fumaça de

suas articulações, mas saiu descontrolada de suas garras e bateu em minha mão.

Eu não hesitei. A cortiça saiu fora, coagulada e fedorenta, e eu levantei a garrafa de interceptação em meus lábios e inclinei. A Sujeira cobre deslizou sobre minha língua, asfixiando, queimando quando caiu. Eu engasguei, uma bagunça escarlate derramando por meu queixo, mas eu forcei minha garganta aberta e engoli mais. Ela bateu em meu estômago, quente e lenta, manchando meu interior, arruinando o doce. Luna estava com nojo do azedo de Dante.

Êxtase cortou em minhas veias, voraz, e eu gritei. Meu sangue ardia em ódio e os nervos de Luna gritaram em meus membros, dando espasmos em meus músculos até que eu tremesse. Desesperadamente, engoli em seco por ar, esmagando meus pulmões. Minhas papilas gustativas incharam com a percepção vampírica de Dante, emoção perdida espirrando no ar como poeira perfumada. Ciúme, como citrus. Um respingo de fúria cianeto em um mar salgado de arrependimento, o sabor quente fresco de chuva de verão que só poderia ser tristeza.

Kane rosnava, cuspiendo cacos, e minhas pulseiras de escravidão apertavam forte. Gritei, translúcida eletricidade queimando sob minha pele e minha visão turvou e enegreceu por um momento. Kane golpeou, mandíbulas estalando. Mas uma parede grossa de força invisível solidificada entre nós e os dentes batiam como pedras em algo metálico, faíscas saltando.

Ele uivou, sua fúria demoníaca frustrada. Estilhaços voaram das rachaduras, batendo em meus tornozelos, mas não parei para assistir. Eu derrapei de joelhos e dedos deslizaram provocando o cabelo molhado e negro de Rajah, erguendo a cabeça para ver seus olhos.

Ele tossiu com a boca fechada, engasgando em outro bocado. Líquido como xarope fez bolhas de seus lábios, manchas com o suor escorrendo por seu rosto.

Angústia cortou sob minha pele, esfolando brutalmente meus nervos e desespero estrangulou meu coração. Eu enterrei meu rosto no cabelo de Rajah, fios pretos furando minhas lágrimas.

— Não, não. Você não pode morrer. — Agarrei suas têmporas entre as mãos tremendo e forcei minha boca para a dele.

Ele tossiu, seu corpo balançando. Eu agarrei-me, tentando alimentá-lo, dar-lhe minha energia, qualquer coisa para impedir sua preciosa alma de esvaír-se. Mas sua força vazou livre, seus músculos trepidaram e seus lábios suavizaram-se, rendendo-se e ficaram levemente abertos. Energia dourada e doce encheu minha boca, ondulando sobre minha pele, afundando-se na luz do sol. Meu arrebatamento gemeu, ganancioso, orgasmático e eu doía de saudade. Um suor sanguíneo embebia-me, manchando meu vestido e impotente cerrei as mãos em seus cabelos e beijei-o mais profundo, deslizando minha língua, bebendo-o.

Sem esforço, sua alma deslizou em mim e eu ofeguei, espasmos de prazer correram ao longo de meus membros. Prazer deslizando ao longo de meus tendões, em meus músculos, através de meus ossos. Eu podia senti-lo abraçando-me, envolvendo-me no calor sem fim. Como se estivéssemos como quando nos amamos, delicioso, íntimo, maravilhoso.

Nós não éramos uma mentira. Ele quis dizer cada palavra.

Meu coração derretia. Eu queria chorar, rir, gritar meu prazer ao mundo. Rajah amava-me. Eu provei sua alma. Eu sabia. Eu poderia provar isso. Eu ansiei tantos anos pela liberdade, para

acabar com minha vida vazia e desolada. Agora eu não estava mais vazia.

Mas seus lábios requintados enrolaram em mim em um último sorriso doce e seu sussurro aqueceu minha boca como uma chama.

— Amo-te, princesa. Sempre.

E então ele suspirou e sua cabeça ficou pesada em minhas mãos. Sua boca escorregou da minha, folgada, e os flocos de ouro em seus olhos desbotaram em um cinza vazio. Pavor cortou como facas envenenadas em minhas entranhas, onde sua essência de alma celestial espumava e lutava com os outros. Minha pele gelada. Não era isso que eu queria fazer.

Eu tentei falar, para dizer seu nome, mas nenhum som saiu e meus nervos traiçoeiros picavam vivos com energia bem-aventurada. Minhas pulseiras de escrava estremeceram e afrouxaram, o cantarolar de metal e, enquanto eu observava, abriu uma pequena rachadura na borda laminada, um alargamento no ouro impecável.

Kane riu, vazio como tambores infernais e cinzas caíram do ar como neve suja.

No canto de meu olho, esplendor dourado brilhava.

Meu olhar magnetizado, atraído de volta para Rajah impotente e meu coração deu cambalhotas. Uma tênue luz dourada brilhou sobre ele, brilhando em sua pele marrom, cintilação fraca através de seu cabelo escuro, acariciando seu rosto perfeito.

Minha aura. Desvanecendo-se. Morrendo.

Respiração apressou-se em meus pulmões esquecidos. Eu nunca descobri o que significava *animus*. Alma. Que tipo de fodida

pista era essa? Eu pensei sobre isso obscura, inútil, irritante. Mas isso não significa apenas a alma de alguém. Isso significava a minha.

E lá ele deitou-se.

Eu lhe dera meu coração e agora era tarde demais para mudar qualquer coisa. Este ritual era um truque malicioso, um jogo que eu não podia ganhar. Eu engoli, minha quarta alma e final. Minhas pulseiras estavam quebrando. Rajah morreria.

Engasguei e cinzas picavam amargas em minha língua, arruinando a doçura. Horror gotejava gélida sujeira por cima de meu êxtase, uma dor cruel mastigando meu coração. Não. Isso não estava certo.

Minha liberdade duramente conquistada era fria e inútil sem ele. Eu prefiro viver meus infindáveis anos escravizada mais uma vez do que vê-lo morrer. Se isso eram os cinco minutos finais, eu não queria.

Eu queria para sempre.

Em meu pulso a rachadura aumentou, guinchando, e com uma pressão horrível a outra pulseira rachou, também, a borda enrolando quando rasgou em pedaços de ouro.

Não.

Eu arrastei a testa de Rajah para a minha e a palidez de sua pele fria provocou um arrepio de medo em meu peito. Beijeí sua têmpora, seu rosto, seus lábios inativos.

— Não me deixe. Por favor. Eu não posso suportar isso sem você. Volte para mim.

Nenhuma respiração formigava minha língua, nenhuma vida agitava. Meu cuspe aqueceu seus lábios e minhas entranhas borbulhavam, quatro diferentes almas misturando-se. Desespero apertou meu peito. Mistura não era bom. Logo, sua essência

morreria e seria tarde demais. Eu precisava que o resto deles desaparecesse. Eu precisava de Rajah de volta, sozinho, vivo antes que meu arrebatamento consumisse sua alma.

Antes que minhas pulseiras separassem-se, porque então eu teria perdido-o para sempre.

Pressa raspou ao longo de minha espinha, como um rato assustado e eu forcei-me a fechar os olhos e ouvir meu arrebatamento, que suspirou em meu ventre como uma leoa saciada. Chamei todos os pedaços de experiência que eu tinha ganho em 140 anos de escravidão e mergulhei profundamente em meus novos sentidos quádruplos em minha alma.

Chamei Quinn, o ódio negro descendo por meu sangue. Ele contorcia-se, cuspiendo maldições, mas eu pressionei minha vontade mais forte e ele rosou um insulto final e deixou ir, rodando com um grito para as profundezas do inferno.

Kane guinchou em uma chuva de faíscas infernal. As rachaduras dividiram ainda mais.

Afaguei uma promessa de carícia sedutora em Luna. Ele agarrou-me com dentes afiados e sorriu. *Disse-te.*

Eu dei-lhe um último e prolongado beijo, — que ele lutou — e rasguei-o livre. Ele lutou por um momento, cuspiendo, e então ele balançou solto com um encolher de ombros e mergulhou descuidadamente de cabeça para o abismo com um grito louco de fodam-se todos.

Dante sibilou, presas rasgando minhas entranhas. Eu raspei, mas ele deslizou para longe, arrastando por minhas garras. Meu arrebatamento de fúria gritou, o engolfando, mas ele ainda resistiu. E então um tentáculo roxo e escamoso contorceu-se das profundezas e em torno dele como uma maldosa python, puxando-o livre. Dante

gritou, mas Luna puxou mais forte, finalmente arrancou, deixando-me ferida e sangrando enquanto eles caíam para o inferno juntos.

Agora só a alma de Rajah permanecia de pé. Minha respiração quente picando meus lábios, minha mente girando como folhas em um tornado. Eu arrastei Rajah mais perto, rebocando meus lábios nos dele, desejando que ele acordasse. Sua alma-de-mel contorcia-se dentro de mim, meu êxtase mordendo-o com os dentes famintos. Eu respirava, degustando seu cheiro, enchendo meus pulmões com ele, tentando sua alma de volta da beira do abismo.

Ele não se mexeu. Urgência mastigava brutalmente meus nervos e desespero frio inundou minhas veias. Eu tentei alcançar meus sentidos, maçante e incolor agora sem Luna. Eu não sabia se Rajah podia ouvir-me, se alguma coisa foi deixada. Eu pressionei meus lábios nos seus, meus dedos doendo em seu cabelo, frenética por um sinal de vida. *Volte para mim, meu príncipe. Não desista. Eu te amo.*

Essência da alma doce surgiu em minha língua, derramando sobre meus lábios e de volta em sua boca. Sua espinha estremeceu, agitando seus membros e estalando os dentes contra os meus. Minha dor na garganta atormentou-me e meu arrebatamento guinchou em fúria, garras vorazes cortando sua presa perdida, mas eu não me importei. Eu apertei meu estômago, fechando minha garganta para que a energia não pudesse escorregar de volta para baixo.

Rajah engasgou, líquido derramando entre nós e o alívio agarrou meu coração, tão desesperado que doeu. Eu agarrei-me, meus olhos apertados e, finalmente, ele engoliu em seco, sugando-a para baixo. Minha boca esvaziada, mas eu não larguei. Eu nunca quis largar.

Ele engasgou, arrastando o ar em seus pulmões, o rosto pálido e liso com suor e manchas de mel. Minhas pulseiras meio quebradas chiaram com malícia e apertaram de volta em meus pulsos e com um ofuscante flash escarlate, o metal emendou.

Fumaça sibilou de meus pulsos urticados e meu nariz queimou no fedor infernal de cinzas e carne. Meu êxtase gemia e debatia-se, desprovido. Eu queimava para lambar os restos de ouro fora da pele bronzeada de Rajah, engoli-lo, roubá-lo novamente, não apenas para saciar meu êxtase, mas também para saborear sua energia de alma rica e quebrar essas pulseiras infernais e amaldiçoadas para sempre.

Mas eu queria que ele vivesse mais. Muito, muito mais.

Eu passei um dedo por sua bochecha, poupando o derramamento e toquei os lábios. Meu dedo formigava.

— Bem-vindo de volta.

Ele forçou os olhos abertos, cílios escuros e úmidos esvoaçaram quando ele apertou os olhos e ficou trêmulo.

Eu olhava para o chão coberto de cinzas, meus nervos aterrorizados. Eu senti sua preciosa alma acariciando a minha, sabia que seu amor não era mentira. Ele ofereceu sua vida para mim. Mas a dúvida ainda refrigerava meu sangue. Eu nos amaldiçoei, para que pudéssemos estar juntos. Ele tinha encontrado a morte. Eu tinha encontrado a liberdade. Poderíamos ambos ter escapado. Agora nenhum de nós jamais o faria.

Ele poderia perdoar-me?

Rajah deslizou cuidadosamente as mãos em torno de minhas costelas e levantou-me a meus pés. Dificilmente encarando, olhei para cima.

Ele lambeu o lábio com ácido queimado, lágrimas brilhando em quentes olhos dourados estilhaçados com dor.

— Por que, Jade? Você poderia ter tido tudo o que você sempre quis.

Emoção crua inundou meu coração, tão nova e preciosa, minha garganta inchou. Não se importava com ele. Só comigo. Meus olhos ardam, mas eu não deixei meu olhar cair e minha voz saiu mais forte do que eu esperava.

— Você é tudo que eu quero.

Ele engoliu em seco e chamou-me mais perto, com as mãos quentes e reverentes sobre meus ombros.

— Mas...

— Eu te amo, Rajahni Seth.

Eu tapei-lhe a boca com meu dedo em seus lábios inchados. Eu já tinha lhe dito, quando eu segurei sua alma dentro de mim. Mas as palavras ainda espalhavam arrepios quentes em cima de mim, o que provocou minha pele viva sob seu toque.

Ele fechou os olhos e escovou seu rosto no meu, com um suspiro suave e incrédulo.

— Obrigado, Jade. Eu nunca vou fazer você se arrepender.

O aroma de cardamomo quente de seu cabelo embriagou-me. Eu corei toda, gloriosa e inclinando meu rosto para seu beijo. Seus lábios acariciaram os meus, minha boca com um traço de sua doce alma-de-mel. Meus membros doloridos enfraquecidos no calor delicioso de seu abraço e pela primeira vez em meus mil longos anos acenavam sinais brilhantes e luminosos, como o deleite piscando em meu coração.

Ar crepitava, mudando e eu arrastei-me para longe. Kane olhou para nós, chamas brancas vacilantes em seu cabelo macio de

ouro, com o rosto liso e branco, impecável mais uma vez. Seus lábios tremiam, como se quisesse dizer alguma coisa e depois ele sentou-se elegantemente no sofá, arrancou o controle remoto e ligou a TV.

Olhei para minha pulseira brilhante, limpa, polida, não uma sugestão de amassado ou de danos. Lágrimas frescas picaram meus olhos, mas a esperança aqueceu meu sangue como luz do sol. Juntos, Rajah e eu faríamos esta amarga escravidão valer a pena. Ele deu-me força. Eu esperava que eu fizesse o mesmo por ele.

Rajah enfiou a mão na minha e apertou. Sua pulseira tilintava contra a minha e eu olhei para ele, seu belo rosto um borrão. Meu coração brilhou com amor. Seus lábios roçaram meu cabelo, suaves como uma gota de chuva e juntos saímos.



Sozinhos no escuro, Kane encarava a televisão, imagens coloridas piscando sem sentido diante de seus olhos. O sofá de couro parecia frio sob seus membros. Ao lado dele, pequenas chamas chiavam sobre o lascado assoalho de madeira, ondas de fumaça preta dançando. Salpicos da essência de Rajah ainda brilhando molhados no chão, espalhando pequenos diamantes como estrelas.

Kane passou por uma dúzia de canais, duas dúzias, através de novelas, cricket, propagandas extravagantes. Agora passava seu desenho animado favorito, o outro com o avestruz roxo e o coiole e ele conseguiu um leve sorriso. O coiole nunca pega o pássaro bip, mas ele nunca desiste.

A fenda de luz solar debaixo das cortinas vermelhas, movia-se, desaparecia. Os desenhos dando lugar ao noticiário. Kane ainda

estava sentado, apertando uma almofada em seu colo, suas unhas ainda pálidas. Ele não queria sair. Ele não queria ficar sozinho. Mas ele não podia pensar em mais nada a fazer.

Ele perguntava-se onde ela estava, o que ela estava fazendo. Ele deixou o olhar perder o foco e seus sentidos estouraram como uma onda de choque invisível, subindo, espalhando-se, procurando os redemoinhos cósmicos que significam que algo curioso está acontecendo.

Sua sombra invisível como morcegos sobre a cidade, andando no vento acima da dispersão selvagem de luzes. Ele inala e um trovão distante burburinha, trazendo o cheiro férreo de chuva. Mergulhou mais perto, uma corrente de ar de verão, trilhas de ouro como estrelas cadentes. A nuvem quente de sua respiração em uma janela, olhando dentro da mansão Albert Park, onde uma mãe ancestral gritava sobre o corpo pálido sem sangue de seu filho vampiro e no canto um vil shifter²³ de cobra com um odor desprezível explode brilhantes barbatanas negras em sua pele e reclama uma gélida vingança.

Açoitar. Bater. Focar. Um restaurante cruzando o rio, onde um assassino nascido fae sorria com os olhos brilhantes de lagarto em comemoração com seu mestre vampiro.

Mergulhou, ao longo de uma rua de pedra preta para um pequeno e encharcado apartamento, escuro e vazio com cheiro de rosas morrendo. Ela não estava lá. Deslizando sobre paralelepípedos, pedras, linhas elétricas e concretos para uma fileira de apartamentos de aço brilhante, onde além do vidro brilhando, sua bela Jade sussurava palavras de amor com brilhantes lábios

²³ Shifter – pessoas que podem se transformar em animais.

molhados, a fragrância de seu corpo perfumado como um fôlego no abraço forte de seu amante.

Na frente de sua televisão, Kane com cílios apertados e sua sombra tensiona os dentes cruéis e mergulha para longe.

Do outro lado do rio, lamparinas queimavam, o rastro brilhante de formigas do casino, uma revista brilhante, onde uma loira magra e ex-garçonete chamada Claire dança o show de sua vida. Ascendendo sobre a essência quente de jasmim perfumado, onde o vento sopra mais fresco e a luz do luar inclina-se na ampla janela de vidro no chão do octagésimo sétimo andar do Eureka Tower. Sombras retangulares esculpindo o tapete claro no quarto de Luna, caindo sobre a cama desfeita, a fita azul listrada da cena do crime, um menino solitário e sonolento em um uniforme azul da polícia e luvas de látex, fechava uma antiga lâmpada bronze a óleo em um saco de celofane. Espectrais risos femininos ecoavam e os olhares do policial vagaram no quarto vazio.

Descendo em queda livre, o vento chicoteando, a rua correndo para cima, o pico azul brilhante no topo do teatro parecia esfaquear como uma lâmina. Postes antigos banhavam de laranja as largas pistas de asfalto da Ponte Princes, onde um barulhento bonde prata passa e duas delgadas figuras brancas despencam do nada para a calçada em um eixo denso de luz.

O pau de Kane está pronto, a curiosidade e o mau pressentimento picando sua espinha.

As gêmeas pálidas ficaram a seus pés em unísono, a sujeira da rua espalhando-se em seus ternos brancos. Idênticos cortes de cabelo branco, pele branqueada, faces afiadas que procuravam uma a outra e sorriam. De mãos dadas, os invasores afastavam-se da torre azul e caminhavam em direção à cidade.

De volta em Toorak, o cabelo de Kane cantou, fumaça torcendo para o teto. Sua sombra aproximou-se, furtiva, cheirando a mel e flores, o cheiro revelador de um inimigo de séculos.

As gêmeas pararam no meio e inspiraram.

Kane foi para cima e empurrou-se de volta para sua fria sala de estar para um filme em preto-e-branco na televisão e o órgão de igreja ondulou em seu telefone.

Ele rouba o fone do gancho e devora o número, ganancioso.

Não é Jade. Picadas amargas de carvão em sua língua, o gosto da perda. A fumaça do chão queimado sussura uma última vez. Ele atende lentamente, seu úmido polegar lambuzando o botão. — Sim.

— Eu tenho o item que discutimos. — Voz fria, xiada e metálica, com um brilho de atitude de fae do mal. Seu ladrão de fadas.

Cansaço doeu os ossos de Kane, mas uma minúscula onda de calor inunda suas unhas verdes. Jade ainda poderia ligar. Entretanto, uma bugiganga brilhante roubada poderia fazê-lo sentir-se melhor.

— O clube, uma hora. — Ele desligou o telefone e deslizou-o em seu bolso. Silenciosamente, ele pressiona OFF no controle remoto e a televisão pisca em preto. Ele coloca o controle remoto de lado, raspa uma crosta úmida de diamantes provenientes de seus cílios e sai.

EPÍLOGO



Saí da cama, lambendo fluído liso de meus lábios e endireitei meu vestido úmido. O cadáver estendido nu, membros contorcidos, úmidos de suor e minha saliva. Meu arrebatamento chia como uma frigideira, saciado, a energia da alma já consumida, mas minha dor nas coxas, meu sexo ainda se debatendo. Eu suspirei. Depois de 140 anos, eu ainda não tinha aprendido a regra número um.

Eu arrumei meu cabelo e corrigi meu batom manchado no espelho do quarto de hotel antes de escorregar meus sapatos de volta e sair pela porta aberta.

Isso voa em minha direção, batendo-me de volta e os punhos de Rajah colocando-me contra a parede, pressionando sua coxa entre as minhas.

Meu coração enche-se de amor. Ele sempre espera por mim. Ele nunca está com ciúmes. Isso apenas faz com que ele me queira mais.

Seus belos lábios formam um sorriso, a centímetros de distância de um beijo.

— Você estava me traindo de novo?

Deus, após todo esse tempo, eu ainda não consigo parar de olhar para sua boca. Eu deslizo meus braços em torno dele, deslizando as mãos sobre sua bunda. Seu corpo encaixa-se contra o meu como se ele fosse feito para estar lá. Inferno, talvez fosse.

— Você pode apostar.

— Ele foi bom? — Ele brincou com os cabelos soltos de meu pescoço, minha pele arrepiava com a necessidade. Eu sorri e puxei-o mais perto, mais duro contra mim.

— Ele era ok. Tinha alguns truques.

— É? — Ele já estava levantando minha saia, espalhando minhas pernas, deslizando os dedos quentes em minha carne molhada. Às vezes eu não estou no clima depois de eu ter engolido uma alma. Mas nunca ele teve que me perguntar. Ele só sabia.

Eu suspirei feliz e pronta para aceitá-lo. Realmente, eu sou a mulher mais sortuda do mundo.

— É. Quer ver? — Ele caiu de joelhos, seu riso suave e quente em minha coxa.

— Mais tarde.

Fim!!

Continua em Shadowfae Chronicles: 02- Shadowglass



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

☪ *All Creatures of the night get together After dark* ☪